

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS

**CONTESTADO FRUTO:  
A POESIA ESQUECIDA DE BEATRIZ BRANDÃO  
(1779-1868)**

CLÁUDIA GOMES DIAS COSTA PEREIRA

Belo Horizonte  
2009

CLÁUDIA GOMES DIAS COSTA PEREIRA

**CONTESTADO FRUTO:  
A POESIA ESQUECIDA DE BEATRIZ BRANDÃO  
(1779-1868)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários – da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras – Estudos Literários, área de Concentração Literatura Brasileira.

Orientadora:  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Constância Lima Duarte

Faculdade de Letras da UFMG  
Belo Horizonte  
2009



Faculdade de  
Letras da UFMG



pós-lit  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

Tese intitulada *Contestado fruto: a poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868)*, de autoria da Doutoranda CLÁUDIA GOMES DIAS COSTA PEREIRA, aprovada pela banca examinadora constituída pelas seguintes professoras:

Prof. Dra. Constância Lima Duarte - FALE/UFMG - Orientadora

Prof. Dra. Ruth Junqueira Silviano Brandão - FALE/UFMG

Prof. Dra. Cláudia Campos Soares - FALE/UFMG

Prof. Dra. Guiomar Maria de Grammont M. A. Souza - UFOP

Prof. Dra. Adeline LaGuardia Resende - UFSJ

Prof. Dr. JULIO JEHA  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 11 de dezembro de 2009.

Universidade Federal de Minas Gerais  
Av. Antônio Carlos, 6.627 - Campus Pampulha - 31270-901 - Belo Horizonte, MG  
Telefone (31) 3409-5112 - Fax (31) 3409-5490 - www.letras.ufmg.br/poslit - e-mail: poslit@letras.ufmg.br

PEREIRA, Cláudia Gomes Dias Costa

2009 Contestado Fruto: a poesia esquecida de Beatriz Brandão  
(1779-1868). Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2009.

500p.

Tese (doutorado) UFMG. FALE

1.Mulher-Alteridade-Poesia I. Título

*A*

*Beatriz Francisca de Assis Brandão,*

*letra viva a ecoar em mim.*

Corajosa lutei, e se o triunfo  
Não consegui completo, ao menos tive  
A glória da firmeza nos desgostos,  
Nas privações, nas mil contrariedades  
Com que atalhar quiseram a carreira  
A que um violento impulso me impelia.  
Eis, da minha constância vos ofereço  
O contestado fruto; pouco vale,  
Mas valor lhe dará vossa indulgência,  
E serão bem aceitos como ofrenda  
De uma patricia, de uma Brasileira.

*Beatriz Francisca de Assis Brandão*

## Agradecimentos

Embora a pesquisa seja ato genuinamente solitário, sua realização depende sempre, muito mais que da ajuda, da solidariedade alheia.

Agradeço, pois, a todos os que me foram solidários, dividindo comigo o prazer de cada nova descoberta. Os que me cercam, com certeza, já sabem tudo sobre a vida e a obra de Beatriz Brandão, e eu lhes devo um agradecimento muito especial por se permitirem participar comigo desta empreitada.

Agradeço especialmente:

À Christina Tárzia, que me apresentou Beatriz; cidade de Ouro Preto, por seus mistérios e a forma encantada de me receber; aos funcionários dos arquivos de Ouro Preto, Mariana, Belo Horizonte, e das Bibliotecas Nacional do Rio de Janeiro e de Lisboa;

Aos funcionários e professores das Universidades Federais de Ouro Preto e Belo Horizonte, sobretudo à Secretaria de Pós-Graduação em Literatura da FALE;

À FAPEMIG, pelo apoio financeiro que viabilizou esta pesquisa;

À Solange, ao Wanderley, Cláudio, Edvaldo Pereira, Edvaldo Pereira Jr. e Gabriel, família querida;

Às famílias Coppoli, Correia, Barros e Amaral, riqueza de Ouro Preto;

Ao Professor Dr. José Américo de Miranda Barros meu orientador de Mestrado;

À Professora Dra. Ruth Silviano Brandão, presença marcante em minha vida;

Aos grupos de pesquisa “Mulheres em Letras”, da UFMG, e “FACES de Eva”, da Universidade Nova de Lisboa;

Aos membros da Banca de Doutorado que se dedicaram à leitura deste trabalho;

E, muito, especialmente à Professora Dra. Constância Lima Duarte, que se destina a promover a inserção das mulheres nos espaços literários que lhe pertencem, seja por meio da própria pesquisa, seja pela maneira contagiante de partilhar seus conhecimentos. Obrigada, Constância, pela firmeza dócil, pela cumplicidade, a competência, o respeito e o companheirismo, imprescindíveis para que eu chegasse até aqui.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	13
INTRODUÇÃO.....	14
<b>I. DELÍCIA DOS MORTAIS E SEU TORMENTO: a condição feminina e o fazer literário no Brasil oitocentista.....</b>	<b>30</b>
<b>II. D. BEATRIZ: a vida, a obra.....</b>	<b>59</b>
1. <i>Esse monte bi-partido: a vida.....</i>	60
2. <i>Meu fiel coração vede em meus versos: a obra.....</i>	90
<b>III. CONTESTADO FRUTO: a obra de Beatriz Brandão.....</b>	<b>135</b>
<b>Apresentação.....</b>	<b>136</b>
<b>1. Texto em <i>Abelha do Itacolomi</i>.....</b>	<b>148</b>
O Deus que na destra.....	148
<b>2. Textos em <i>O Mentor das Brasileiras</i>.....</b>	<b>150</b>
Índice.....	150
Ergue o colo, ó Pátria amada.....	151
Pensamento que foi comunicado pela senhora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão.....	154
Hino Patriótico Mineiro oferecido à Nação pela senhora D.B.F. de A.B, natural de Ouro Preto.....	155
Desponta a aurora enfim, brilhante aurora.....	157
Discurso número 1.....	159
Prólogo à Tragédia de Catão.....	160
<b>3. Textos em <i>Parnaso Brasileiro</i> do Cônego Januário da Cunha Barbosa.....</b>	<b>163</b>
Índice.....	163
Breve notícia sobre a Senhora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, por Januário da Cunha Barbosa.....	164
Estas, que o meu Amor vos oferece. ....	165
Voa, suspiro meu, vai diligente.....	166
Que tens, meu coração? Por que ansioso.....	166
De longo suspirar atenuados.....	167
De violentos contrastes embatido.....	168
Solta embora, ó Fortuna, áurea madeixa.....	168
Meu coração palpita acelerado.....	169
A sábia Ulina se aflige.....	170
Por mão da bela Ulina desenha.....	170

Fulgente estrela influíu.....	171
Vem surgindo a rubra aurora.....	174
Carta de Leandro a Hero.....	177
Carta de Hero a Leandro.....	189
<b>4. Textos em O Guanabara.....</b>	<b>195</b>
Não se calou a lira.....	195
<b>5. Textos em Marmota Fluminense.....</b>	<b>198</b>
Índice.....	198
Abra as asas, Arcanjo glorioso.....	200
De ouro, prata, bronze e ferro.....	201
Navegar em mar turbado.....	202
Torno a ver, cara Elisa, estas montanhas.....	203
“Marília de Dirceu”.....	206
Essa beleza, que imortalizara.....	207
Como a flor matutina, que se expande.....	210
Já cintila no horizonte.....	212
É tão grande o meu prazer.....	214
Arder, morrer, padecer.....	216
Que triste vida, meu bem.....	217
Volte embora o tempo à roda.....	219
Pensei que me livraria.....	220
Minha bela encantadora.....	222
Julguei que era a liberdade.....	223
Rasgou amor o meu peito.....	224
Densos, tristes arvoredos.....	225
O vós, que isentos.....	226
As cadeias que me prendem.....	227
Ausente dos meus amores.....	228
Ó lua, que tão serena.....	230
Desde o dia desgraçado.....	231
Escuta, meu bem amado.....	232
Mancebo, que pressuroso.....	234
Já cintila no horizonte.....	236
Nasceste, Amélia formosa.....	238
Já perante as sacras aras.....	239
De resplandores cingida.....	240
Batendo as asas fulgentes.....	241
Maria, mais branca.....	242
Assoma a aurora risonha.....	243
Brilhou no horizonte.....	244
A sábia Ulina se aflige.....	245
Brilha, botão precioso.....	246
Delfina Benigna.....	247
Saudade! Emblema precioso.....	248
Briosos Baianos, que o jugo nefando.....	249
Torna a raiar, ó Dia luminoso! .....	251

<b>6. Cantos da Mocidade.....</b>	<b>253</b>
Índice.....	253
Meus benévolos leitores.....	255
Aos meus concidadãos.....	256
À Pátria ( <i>Ergue o colo, ó Pátria amada</i> ).....	257
Nesta triste e forçosa soledade.....	259
Fui ao Templo de Guido.....	259
Torna a mim, torna sonora.....	261
Se amor não se explica.....	262
Vai-te, amor, deixa-me em paz.....	263
Caras letras, tesouro inestimável.....	264
O meu terno coração.....	265
Bate, Cupido, as asas.....	266
Voa suspiro meu, vai diligente.....	267
Tu bem podes em segredo. ....	267
Instantes afortunados .....	269
Penosos cuidados.....	270
Ouvi, serranos.....	271
Da terra caí no chão.....	272
De longo suspirar atenuado.....	273
Porque meu peito.....	273
Neste fresco umbroso vale.....	274
Solta teu manto escuro, ó noite amiga.....	276
Cansados suspiros... ..	278
Ah, meu bem, como é doce, como é belo. ....	279
Ninguém nos vê, meu bem.....	279
Amor, perdoa a confiança.....	280
Dizem que amor tem doçura. ....	281
De violentos contrastes embatido... ..	283
Ternos ais em sangue tintos... ..	283
Suspiros do coração... ..	285
Já na celeste abobada cintilam... ..	286
Meu coração palpita acelerado... ..	287
Corre, corre, fonte clara... ..	288
Meu bem, escuta... ..	289
Numa tarde fresca e bela.. ..	290
Vem surgindo a rubra aurora... ..	292
Que fará o meu bem, o meu amado... ..	294
Derrama já, ó Phebe.....	295
Tirse, teus lindos olhos feiticeiros... ..	296
Instantes afortunados.....	297
Vivo, sem: mas como vivo? .....	298
De atrás nuvens os céus turbados vejo.....	299
Amor, ai! Basta amor.....	300
Fulgente estrela influiu.....	301
Que fazes neste retiro.....	305
Vinte vezes a esfera tem dourado.....	306
Penas, cuidados tormentos.....	306

Tu que tens, meu coração? .....	308
Amada solidão! .....	309
Loiro nume, eu te cedo o dom funesto.....	311
Dos meigos olhos teus na azul esfera.....	312
Já rompe a aurora.....	312
Oh noite! Dos mortais consoladora.....	314
Num vergel florido.....	316
Em gruta sombria.....	317
Eulália, caro objeto.....	318
Que o primeiro sorrir de nívea aurora.....	321
A inocência, a beleza, a simpatia.....	321
A noite se avizinha.....	325
Por que a tua lira.....	327
Não se calou a lira.....	329
No instante em que nasci.....	332
Músico dos bosques.....	333
Sonhei que via uma estrela.....	335
Tudo dorme, ai de mim! Tudo ressentido.....	336
Oh ninfa do loiro Tejo! .....	336
Grande Deus! Por que motivo.....	337
Raça infernal de Calvino.....	339
Se consiste o ateísmo.....	340
Com que fina habilidade.....	341
Recebi, terno Belmiro.....	342
Doce lembrança de um amor ausente.....	344
Elmira, a tua censura.....	345
Ora vamos, minha Elmira.....	348
Erguei-vos, portas eternas.....	350
Natureza, não sou contigo ingrata.....	351
Oh sono agradável.....	352
Solta embora, ó Fortuna! Áurea madeixa. ....	353
Já começa a raiar a roxa aurora.....	354
Agora que em silêncio a natureza.....	357
Lousa da morte, que em teu seio encerras.....	358
Essa beleza, que imortalizara.....	360
Crepes sudários, tochas funerárias.....	362
Como o cravo nacarado.....	363
Como a flor matutina, que se expande (à morte de D. M. I. de V. Brandão).....	364
Abre as asas, Arcanjo glorioso (à morte do prezado filho do Exmo. Sr. Marquês de Olinda)...	366
Amor é um prazer.....	367

<b>7. Catão.....</b>	<b>369</b>
----------------------	------------

<b>8. Cartas de Leandro e Hero.....</b>	<b>476</b>
---	------------

<b>9. Saudação a Ilma. e exma. Sra. D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco.....</b>	<b>495</b>
<b>10. Saudação à estátua eqüestre do S.M.I. o Senhor Dom Pedro.....</b>	<b>497</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>500</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>504</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>505</b>
Bibliografia de Beatriz Brandão.....	505
Bibliografia sobre Beatriz Brandão.....	507
Bibliografia Geral.....	509
Microformas.....	517
Documentos.....	518

## RESUMO

Este trabalho visa, sobretudo, à reunião da obra produzida pela poetisa mineira Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868), e, a partir de tão significativo material, suprir a lacuna provocada por sua exclusão do cânone literário nacional e discutir o papel dessa e de outras escritoras, suas contemporâneas, na sociedade brasileira do século XIX.

Palavras-chave: Beatriz Brandão; literatura brasileira; cânone literário; emancipação feminina.

## INTRODUÇÃO

A história da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, ainda é repleta de mitos e mistérios que, com o passar dos anos, por meio de pesquisas diversas, vêm sendo descobertos. Patrimônio Histórico da Humanidade desde 1980, a outrora Vila Rica, desde sua formação é cantada por escritores e artistas, do que resulta um discurso histórico fragmentado, misto de realidade e ficção: retrato das tênues linhas que, muitas das vezes, separam a literatura da história.

Conta a tradição que, no ano de 1694, uma expedição partiu de Taubaté, São Paulo, com a incumbência de capturar escravos entre os índios cataguases que viviam no atual Estado de Minas Gerais. Um dos integrantes, de nome Duarte Lopes, ao descer o Ribeirão do Tripuí para beber água, teria encontrado pequenas pedras negras, que logo foi vender. O comprador, suspeitando do valor do que acabara de adquirir, enviou o lote ao governador do Rio de Janeiro, que confirmou tratar-se de ouro envolto por uma crosta negra.

A notícia da descoberta de ouro espalhou-se e bandeiras de muitos lugares acorreram à região, em busca da formação montanhosa denominada, hoje, de Pico do Itacolomi, marco da cidade exatamente por servir de referência primeira àqueles que, em outras épocas, chegavam à localidade.

Assim, o povoamento iniciou-se imediatamente, e pessoas de muitas partes do país e de Portugal, agrupavam-se às margens dos ribeirões, onde o ouro negro era facilmente encontrado. Casebres e capelas eram erguidos com assustadora rapidez e, já no ano de 1711, o então arraial fora elevado à categoria de vila: Vila Rica.

A obsessão pelo ouro impedia que a comunidade plantasse, e a fome sobreveio, fazendo com que muitos abandonassem a região, mas logo outros

aventureiros chegaram, acelerando o processo de povoamento e acirrando, por conseguinte, a hostilidade entre paulistas e emboabas (denominação pejorativa atribuída aos portugueses recém-chegados a Minas, e a todos os não nascidos em Minas Gerais) que culminou, em 1708, na Guerra dos Emboabas.

A organização administrativa e política da região, por parte das autoridades coloniais, resultou deste combate, e ocorreu o que o professor Washington Albino chamou de “Fenômeno Cultural Mineiro”: diferentemente das colônias espanholas, em que o colonizador dominou culturas indígenas a fim de saquear seu ouro *a Capitania de Minas era um vazio cultural para onde o português, o africano, o índio e os colonos brasileiros tiveram de transplantar e, depois, mesclar, suas crenças, idiomas, costumes, preferências, hábitos e sensibilidades* (Revista Minas Colonial, p.20). Paralelamente à comunidade mineradora crescia uma outra, que abrangia comerciantes, médicos, advogados, barbeiros, clérigos, enfim, pessoas dos mais variados ofícios, e cujo total era cerca de três vezes maior que o dos exploradores auríferos.

O jesuíta André João Antonil, em sua obra *Cultura e opulência do Brasil*, consegue, em 1711, traçar, com bastante clareza, um perfil das comunidades que serviriam de pilares na formação da atual sociedade mineira, mais especificamente da ouropretana:

Das cidades, vilas, recôncavos e sertões do Brasil de pessoas: homens e mulheres; moços e velhos; pobres e ricos; nobres e plebeus; seculares clérigos e religiosos de diversos institutos, muitos dos quais não têm no Brasil, convento nem casa. (ANTONIL:2007, 227)

Durante o século XVIII, Vila Rica teria cerca de cinquenta mil habitantes, período em que as construções toscas deram lugar a imponentes igrejas e moradias. A

ostentação era tamanha, que os proprietários ricos importavam desde móveis a objetos decorativos. Entretanto, contrastando com as excelentes condições de vida desta parcela privilegiada da comunidade, alguns livros relatam ter existido à mesma época, uma quantidade enorme de escravos, na mais absoluta miséria.

Manter sob controle essa massa heterogênea devia ser tarefa difícil para a Coroa Portuguesa, mas isso não a impedia de usurpar – através de aumentos excessivos e constantes de impostos – a comunidade local, o que fazia crescer, no seio desse povo, os sentimentos de inquietação, inconformismo e revolta, sentimentos estes que resultariam na Inconfidência Mineira, revolta que, apesar de fracassar antes mesmo de sua concretização, deixou evidente a influência das revoluções americana e francesa nesse ambiente de opressão e crescente pobreza.

Alguns historiadores consideram ter sido Minas a primeira a quebrar o dualismo campo-cidade, contribuindo assim para a formação de uma civilização eminentemente urbana que, embora modestamente, recriou o modelo das cidades independentes européias.

No ano de 1720, com o desdobramento da Capitania de Minas da de São Paulo, Vila Rica tornou-se o centro administrativo da primeira e, anos depois, sob o governo do General Gomes Freire de Andrade – interessado no progresso da Capitania – artistas notáveis, como Manuel Francisco Lisboa e Francisco Xavier de Brito, passaram a integrar a sociedade local.

Abriu-se, assim, caminho para um intenso movimento artístico que delegou a Ouro Preto a tradição cultural que a caracteriza até a atualidade, e na cidade que viu transitar, por suas íngremes ladeiras, mestres da escultura, pintura e música, como Antônio Francisco Lisboa, Manoel da Costa Ataíde e Emerico Lobo de Mesquita,

floresceu também a poesia de inspiração arcádica<sup>1</sup>, inaugurada, em terras brasileiras, com a publicação de *Obras*, de Cláudio Manoel da Costa.

Muito tempo se passou desde a descoberta do ouro paladiado pelo bandeirante Duarte Lopes, mas tênues linhas entre realidade e ficção continuam a marcar a história de Ouro Preto, o que, talvez, se deva não só ao desconhecimento de documentos capazes de preencher as enormes lacunas que persistem, mas também porque durante a formação da cidade ela acabou por sediar acontecimentos políticos e culturais importantes para a história do Brasil como nação.

Assim, a mesma Inconfidência Mineira<sup>2</sup> que, no século XVIII, representou a luta do Brasil pela Independência da Corte portuguesa, nos anos de 1940 serviu ao Governo de Getúlio Vargas, que associando a imagem de Tiradentes a de Jesus Cristo e promovendo a transferência dos restos mortais dos inconfidentes da África para Ouro Preto, viu a oportunidade de suscitar, no povo brasileiro, o sentimento de nacionalismo que acabaria por abalizar sua gestão como governante.

Assim também, a biografia de um escultor talentoso, Antônio Francisco Lisboa, passou a ocupar um universo mítico muito próximo da ficção, posto que recontada, por anos a fio, e oralmente, de forma a pontuar as deformidades que teriam vitimado o artista. Numa progressão incrível, Antônio passou de escultor talentoso a aleijado, e de aleijado, ao gênio Aleijadinho, a quem, parece, são atribuídas muito mais obras do que ele teria conseguido realizar.

O entrelaçamento entre a história e ficção tem espaço também e, sobretudo, na esfera da produção poética em Ouro Preto, e tamanha é sua força, que a decantada

---

<sup>1</sup> Antonio Candido (1981: 43) identifica três correntes de gosto e pensamento no período referente ao que, convencionalmente, se chama de Arcadismo no Brasil: o Neoclassicismo, a Ilustração e o Arcadismo propriamente. Embora ele reconheça diferenças entre os três, opta por usar Arcadismo para se referir ao conjunto, o que também se adota no presente trabalho.

<sup>2</sup> Embora haja discussões em torno dos nomes Inconfidência e Conjuração, e que, para muitos, o primeiro soe pejorativo, por remeter ao sentido de infidelidade, ambos são considerados aqui, como sinônimos, no sentido de conspiração. Escolheu-se o primeiro apenas por convenção.

musa de Tomás Antônio Gonzaga personificou-se de maneira irreversível: “Marília de Dirceu” saltou da poesia de Gonzaga para grudar-se ao corpo de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, noiva do poeta.

A história de amor entre Gonzaga, um poeta balzaquiano, e a adolescente Dorotéia, também foi acentuada por seu tom trágico. Os dois, às vésperas do casamento, separaram-se porque o poeta, acusado de inconfidente, foi preso e degredado para a África, de onde nunca voltou.

Embora Gonzaga tenha se casado posteriormente, e tido filhos, Dorotéia permaneceu solteira até a sua morte, aos 85 anos. Supondo que a convivência entre os dois tenha durado entre sete e oito anos<sup>3</sup>, espanta que, depois de separar-se do poeta, mesmo tendo vivido sozinha por sessenta e quatro anos, a imagem, e mesmo a vida de Dorotéia estivesse tão atrelada à de “musa de Gonzaga”. Prova factual disso é que, embora em seu testamento, ela manifestasse o desejo de ser enterrada na Igreja de São Francisco de Assis, ele não foi cumprido.

Em 1955, os restos mortais de Dorotéia, que repousavam na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, foram levados para o Museu da Inconfidência, onde, em lápide na qual, abaixo do nome Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, lê-se, “Marília de Dirceu”, se encontram até hoje. Na sala vizinha ao túmulo, fica o Panteão dos Inconfidentes, onde, como a selar definitivamente os laços entre literatura e ficção, jaz Gonzaga.

Mesmo no século XXI, é impossível falar de Ouro Preto, sem pensar na Inconfidência Mineira; e pensar na Inconfidência Mineira, sem lembrar de Gonzaga, Cláudio Manuel e outros poetas inconfidentes; e lembrar de Gonzaga, sem lembrar de Marília, e de Dorotéia. Assim, como a povoar continuamente o imaginário coletivo, a

---

<sup>3</sup> Gonzaga chegou a Ouro Preto no ano de 1782, e, segundo tradição oral, começou a se interessar por Dorotéia no ano seguinte. Há comprovações de que tenham ficado noivos em 1786, e que teriam marcado o casamento para 30 de maio de 1789.

imagem da mesma Dorotéia serve de veículo para que chegue à luz do século XX a poesia de Beatriz Francisca de Assis Brandão, sua prima e maior expressão feminina das Letras em Ouro Preto.

Beatriz Brandão, escritora nascida em 1779, em Ouro Preto, foi professora, musicista, tradutora e uma das primeiras e mais produtivas escritoras brasileiras do século XIX, entretanto, embora a sociedade ouro-pretana de então tenha reconhecido seu talento, sua formação intelectual e suas composições poéticas, no século XX, sua biografia e bibliografia caíram em completo esquecimento, exceto, pelas poucas referências que alguns escritores lhe fazem, citando-a como “a prima de Marília de Dirceu”, ou publicando o poema que dedicou à noiva de Gonzaga.

Diferentemente de Dorotéia e Bárbara Heliodora, cujos nomes são, ainda hoje, presença marcante na história brasileira, graças à relação amorosa que tiveram com inconfidentes e, conseqüentemente, à vinculação de sua imagem à de musas inspiradoras da poesia dos inconfidentes, o nome de Beatriz não figura nem nas linhas que contam a história de Ouro Preto.

Beatriz não foi musa; nenhum vate apaixonado dedilhou a lira em seu louvor; tampouco foi ela vítima de tragédia como a que acometera Aleijadinho. Beatriz foi feliz agente de seu próprio destino. Conquistou espaço na Educação, na Música, e nas Letras. Não se submeteu a casamentos arranjados pela família, nem ao celibato, nem ao marido, com quem escolheu casar, e muito menos se conformou com uma educação voltada apenas para as artes do bordado e da costura.

Aproveitando ao extremo o fato de viver na mesma terra em que Cláudio Manoel e Gonzaga e viviam, Beatriz seguiu-lhes o exemplo tornando-se poetisa e, lendo, às escondidas, tudo o que lhe chegava às mãos, fixou-se também como

intelectual reconhecida na sociedade de Ouro Preto, deixando como legado uma produção poética vasta, densa e, até o momento, inédita.

Invocando os conceitos de “razão”, “natureza”, “verdade”, elementos greco-romanos e paisagens bucólicas, em obediência às características do Arcadismo europeu, os poetas de Vila Rica estabeleceram o caminho das letras em bases sólidas, transformando o que até então não passavam de manifestações estanques, em um sistema literário organizado, dotado de características muito peculiares, que manifestava declarado desejo de construção de uma literatura nacional. Tais homens, afirma Antonio Candido, *foram considerados fundadores pelos que os sucederam, estabelecendo-se deste modo uma tradição contínua de estilos, temas, formas ou preocupações* (CANDIDO: 1981, 25), o que só foi possível porque Cláudio e seus companheiros entenderam a literatura como missão, e empenharam-se na produção de um acervo literário em cujas bases estava o desejo de mostrar que no Brasil, como em Portugal, existia literatura de boa qualidade.

Após a independência, esse sentimento nativista acentuou-se, havendo a atividade literária ajudado na construção de um país livre. Por isso, embora seja difícil datar a gênese da literatura nacional, não se pode negar que os árcades – mesmo não tendo surgido com eles qualquer doutrinação nesse sentido – foram os primeiros a registrar o sentimento de nacionalismo que, muito depois, continuaria a significar independência.

Mesclando pastores, ovelhas, gado e elementos gregos, montanhas, flores e personagens de Vila Rica, Cláudio, Gonzaga, Alvarenga, Beatriz Brandão guardam, em comum, a característica de terem nascido ou vivido em Ouro Preto.

Atualmente, Ouro Preto é considerada a cidade que possui o maior conjunto arquitetônico barroco do país, razão pela qual convém salientar que a profusão de

construções, esculturas e pinturas barrocas que a elevaram a tal categoria foram produzidas em período simultâneo ao da também rica produção literária local. Pensando, com Antonio Candido, em literatura como sistema, difícil desvinculá-la do contexto cultural que serve de pano de fundo para a sua produção. É certo que os escritores sediados na então Vila Rica sofriam as influências européias, mas não parece absurdo dizer que, ainda que adornadas por elementos pastoris à moda européia, as poesias de Gonzaga, Cláudio e seus pares tinham cor-local, decorrência natural de toda a miscigenação típica de uma cidade que começava a desenhar-se não só arquitetônica, mas culturalmente.

Toda a história de formação desta cidade tem, portanto, significativa participação na própria história da Literatura brasileira, e, em especial, naquela produzida por Beatriz Francisca de Assis Brandão, que apesar de representar um dos maiores legados da escrita de autoria feminina do século XIX deste país, é desconhecida. Desvendar as razões de tal esquecimento, portanto, tornou-se imprescindível, o que, por conseguinte, acarretou uma pesquisa sobre a biografia da escritora, que, tal como a obra, jazia esquecida em papéis avulsos espalhados por arquivos de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Lisboa.

Escrever a história de uma vida que há muito se esvaiu tentando remontar um quebra-cabeça que traga respostas a questões que, embora antigas, persistem no horizonte literário contemporâneo; buscar, no presente, o passado e fazer isso sem preencher, com os próprios sentimentos, as lacunas que teimam em se manifestar; além disso, vigiar o “eu” que teima em atar as pontas da vida, em amarrar, com uma lógica impossível, o ontem e o hoje. Eis, então, os principais desafios decorrentes deste trabalho, que resulta de longo e solitário mergulho em papéis amarelados, que escondiam, nas letras manuscritas cheias de volutas, as chaves do que se procurava.

Nos arquivos, talvez a única certeza seja a de que jamais haverá tempo suficiente para descobrir tudo o que se precisa; para saciar o insaciável desejo de encontrar algo, ainda que não se saiba bem o quê. Não há, tampouco, rotina para quem pesquisa. Muitos dias são marcados pela inenarrável alegria da descoberta: uma frase aqui, um recibo ali, um protocolo de audiência acolá. Em outros, porém, só a angústia. Olhos cansados, mãos trêmulas, cheiro de mofo adentrando as narinas e a boca seca, a confirmar aquilo que menos se quer: hora de fechar as portas, e nada se revelara. Entre dias muito produtivos outros inférteis, a supremacia das noites, sempre animadas pela imagem de um enorme mosaico que, aos poucos, bem devagar, vai ganhando forma.

Foram treze anos assim. E o resultado, impactante. Lacunas, ainda há, e isso é bom, mas Beatriz já não é etérea. Personifica-se, mostra-se e reinscreve-se, por meio de sua obra, no universo literário ao qual já pertencera. Os poemas que escreveu não foram poucos, e mesmo que alguns tenham se perdido, muitos restaram a comprovar o talento dessa mulher, cujas linhas revelam sensibilidade poética, conhecimento profundo, engajamento e vanguardismo.

O desejo de mostrar Beatriz conduziu este trabalho, mas os caminhos percorridos foram tantos, que escolher um apenas mostrou-se tarefa quase impossível. Horizontes distintos, amplos, mas intrinsecamente relacionados como História, Literatura, Memória, Biografia, Recepção, Edótica, Alteridade, Versificação foram alguns dos meandros pelos quais o texto que ora se apresenta transitou. Outros mais, entretanto, seriam possíveis, como Recepção e Psicanálise, o que demonstra que as possibilidades de pesquisa são tantas e tão diversificadas quanto às explicações para a ausência de Beatriz e de sua obra nas linhas que contam a história deste país e de sua literatura, mas era preciso fazer uma escolha, e ela sempre foi a mesma: possibilitar, ao leitor atual o acesso à desconhecida obra literária de uma mineira do século XIX que foi

uma das primeiras e mais produtivas escritoras brasileiras; uma mulher que, diferentemente da maioria de sua geração, que permanecia analfabeta, estudou às escondidas, lutou por sua ascensão intelectual e social, escreveu poemas, traduções, fundou escola para moças e sonhou expandir suas conquistas a todas as mulheres de seu tempo.

Mas como falar da obra, sem falar da vida? Como enxergar, de forma dissociada, o contexto em que tal mulher se situava e a influência deste sobre tudo o que ela escreveu? Separar esses aspectos é tão impossível quanto escrever uma biografia linear, completa, factual. Assim, convém lembrar que, por mais que se almeje a fidelidade no ato de escrita biográfica<sup>4</sup>, haverá sempre, e antes, o desejo que motiva tal escrita e que nasce, óbvio, do biógrafo, a quem cabe fazer renascer, no texto, o biografado. A biografia é, portanto, um encontro, ou, talvez, um reencontro. Alguém se dispõe a escrever sobre a vida de outro alguém e, por mais que esta a quem cabe biografar tente, não se pode apagar do processo; por mais que almeje imparcialidade, ela estará sempre lá, no cerne do texto que produz, afinal, como afirma Alberto Dines,

A individualidade é aderente à biografia, dentro da qual se pode procurar conhecer como um ser humano viveu em seu tempo; como uma vida pode influenciar muitas – mesmo a vida do próprio autor, pois nenhum biógrafo respeitável pode permanecer à sombra de seu biografado (vivo ou morto) tanto tempo, pesquisando-o, interpretando-o diariamente, às vezes por vários anos, sem ser tocado por essa experiência. (VILAS BOAS: 2008, 24)

---

<sup>4</sup> Fala-se aqui, certamente, apenas de biografados mortos, como o caso da escritora que tematiza este trabalho.

Beatriz Francisca de Assis Brandão, uma mulher nascida no ventre da Inconfidência Mineira; da ebulição literária que ensaiava os primeiros passos de uma Literatura sistematizada; do nascedouro desejo feminino de sonhar-se igual; do inconsciente e coletivo desejo de liberdade que, aos poucos, começava a se desenhar no horizonte daquela que, pouco mais tarde, seria a nação brasileira.

Ao lado de contemporâneas como Ângela do Amaral, Bárbara Heliodora, Delfina Benigna da Cunha, Violante Atabalipa e Nísia Floresta, viveu Beatriz Francisca de Assis Brandão, que, como as outras, fixou-se como escritora no século XIX, e desapareceu da história da literatura a partir do século XX. Tal fato se pode verificar pelas poucas obras do novecentos em que seu nome aparece, dentre as quais se destacam o *Panorama da Literatura Brasileira*, de Afrânio Peixoto (PEIXOTO: 1940, 5-9), publicado em 1940, onde figura ao lado de apenas outras oito escritoras, em um universo de quatrocentos e dezesseis escritores; algumas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o *Dicionário Literário Brasileiro* (MENEZES: 1978) de Raimundo de Menezes.

Nascida em 1779, em Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, Beatriz Francisca de Assis Brandão foi poetisa, regente de coral, compositora e tradutora de grande número de poesias italianas e francesas, porém, apesar de sua vasta produção literária, sua efetiva participação cultural e social e suas prováveis relações com alguns dos envolvidos na Inconfidência são, até hoje, desconhecidas pelos brasileiros, razão pela qual sua vida e, especialmente, sua obra, constituem o objeto de estudo deste projeto.

Apesar de viver em plena turbulência política que prenunciava a Inconfidência Mineira, Beatriz trilhou caminhos bastante ousados para uma mulher de sua época, passando a destacar-se na sociedade de Vila Rica, onde fundou escola para

meninas, criou um coral, foi professora concursada e, segundo o historiador Augusto de Lima Jr., era “a figura intelectual de mais prestígio em Vila Rica” (LIMA JR.: 1961, 63-73).

Casou-se tarde com homem mais jovem, e, anos depois, separou-se. Acostumada a romper com os paradigmas que a sociedade impunha às mulheres do Oitocentos, após o término oficial de seu casamento, aos sessenta anos, partiu para o Rio de Janeiro, onde freqüentou os meios literários mais conhecidos e publicou em muitos jornais. Em 1867, um ano antes de sua morte, Beatriz teve seu nome reconhecido no verbete a ela dedicado por Inocêncio Francisco Silva em seu *Dicionário Bibliográfico Português*.

Antes de encontrar as obras aqui relacionadas, frente à impossibilidade de ler todos os jornais que circularam no período em que viveu Beatriz Brandão, priorizou-se pesquisar aqueles citados pelos que escreveram sobre a autora e, ainda, outros que primavam pela publicação de textos de autoria feminina. Foram objeto desta pesquisa todos os periódicos *O Mentor das Brasileiras* (1829-1832); *O Guarany*, *O Universal* (1829 a 1838), *Abelha do Itacolomy* (nº 10), *A Marmota na Corte* (nº 01 a 257, de 1849 a 1852), *Marmota Fluminense* (1852 a 1861), *A Marmota* (jan. a abr. de 1864), *O Guanabara* (1850-1852, 1854-1855), *Jornal do Comércio* (1/11/1857), *Manual das Brasileiras e O Belo Sexo*.

Além deles, foram pesquisados também documentos vários, como testamentos, execuções, partilhas e outros, bem como acervos bibliográficos, do que resultou a descoberta do vasto legado com que a autora enriqueceu a literatura brasileira, e que se verá adiante.

A maior parte dos textos de Beatriz aqui transcritos integra os acervos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e Biblioteca Nacional de Lisboa. Todos foram

encontrados aos poucos, durante muitos anos, após o que foram copiados manualmente, digitados, comparados novamente com os microfimes e, por fim, atualizados ortograficamente.

Quanto à biografia, ela foi extraída de documentos variados, encontrados, como avulsos, nos arquivos da Casa do Pilar, Casa dos Contos, e Câmara Municipal, em Ouro Preto; da Câmara Municipal, da Casa Setecentista, e da Academia Marianense de Letras, em Mariana, e do Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte. A procura desses documentos deu-se, muitas vezes, de forma intuitiva, pois não havia ponto de partida, já que jamais escreveram sobre ela mais que algumas poucas linhas. Assim, foi, por exemplo, no inventário de Francisco Sanches Brandão, pai de Beatriz, que se encontrou a maior parte da história de vida da escritora; bem como em outros documentos, como recibos de pagamentos, protocolos de audiência e livros de tomo.

Embora não tenha sido possível encontrar tudo o que a autora produziu, até porque parte de seus textos não chegou ao prelo, esta pesquisa permite concluir que Beatriz Brandão foi uma das mais produtivas escritoras brasileiras do século XIX.

A procura pelas obras de Beatriz teve como ponto de partida as informações de Inocêncio Francisco da Silva, publicadas no *Dicionário Bibliográfico Português*, de 1867, um ano antes de a escritora morrer. O autor relaciona, como obras suas, *Cantos da mocidade*, publicado pela Tipografia Dois de dezembro, de Paula Brito, em 1856; *Cartas de Leandro e Hero*, em 1859; *Romances imitados de Gessner*, sem data, e *Catão*, drama de Metastasio que ela traduziu, em 1860. Todos publicados no Rio de Janeiro, pela Tipografia B.X.P. de Sousa. Inocêncio afirma, ainda, que a autora traduziu, também de Metastasio, as óperas *Alexandre na Índia*, *Semíramis Reconhecida*, *José no Egito*, *Angélica e Medoro*, *Diana e Endimião*, *Sonho de Scipião*, nenhuma delas impressas, tal como outros dois dramas, que foram cantados no teatro, um, à coroação

de S.M. o Senhor D. Pedro I e ao nascimento de D. Pedro II; outro, uma cantata aos anos da imperatriz D. Leopoldina.

Das três obras impressas citadas no *Dicionário* de Silva, duas estão transcritas neste trabalho, a segunda delas, *Romances imitados de Gessner*, não foi encontrada, bem como também não o foram aquelas que ele mesmo afirma não terem sido impressas.

Após Inocêncio Silva, foi Augusto Victorino Sacramento Sacramento Blake, no seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, de 1883, o segundo a se referir à Beatriz. O autor repete as informações dadas por seu antecessor e acrescenta à lista de títulos da poetisa “Lágrimas do Brasil”, poesia em verso hendecassílabo que teria sido impressa, em 1860, em volume intitulado *Mausoléu levantado à memória da excelsa Rainha de Portugal, Dona Estephania*. Esta obra, apesar de não localizada, realmente saiu do prelo, como confirma lista de obras publicadas pela tipografia BXP de Sousa<sup>5</sup>. Era vendida em brochura por 2\$, com o retrato da rainha D. Estefânia ou de D. Pedro V por 3\$, com ambos os retratos por 4\$ ou nitidamente encadernada por 5\$.

Apesar das obras ainda não encontradas, muitos outros textos de Beatriz, desconhecidos pelos dicionaristas, estão reunidos, pela primeira vez, no trabalho que aqui se apresenta, como, por exemplo, o primeiro poema da escritora a ser impresso: um hino, composto de um elogio a Dom Pedro, publicado no periódico *Abelha do Itacolomi*, de Ouro Preto, em 1825. Seguem-se a ele um conjunto de poesias publicadas *Parnaso brasileiro ou coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas*, do cônego Januário da Cunha Barbosa, publicado no Rio de Janeiro, em 1831; as *Cartas de Leandro* e *Cartas de Hero a Leandro*, publicadas, inicialmente, em 1832, em outro volume do *Parnaso* do Cônego Januário da Cunha

---

<sup>5</sup> Esta lista está, curiosamente, encadernada entre as obras *Catão*, de Beatriz Brandão, e *Soror Thereza*, de Luiz Camolette.

Barbosa, e posteriormente, como livro, sob o título de *Cartas de Leandro e Hero*, já mencionado por Inocêncio; uma *Saudação a Ilma, e Exma. Sra. Dona Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco*, publicada em 1859; uma *Saudação à estátua eqüestre de S.M.I. o senhor D. Pedro I, fundador do império do Brasil*, de 1862. Destaque-se ainda a efusiva participação de Beatriz nos periódicos brasileiros, como *O Marmota Fluminense*, *O Guanabara* e *O Mentor das brasileiras*.

O trabalho que segue pretende, pois, trazer ao leitor do século XXI o conhecimento sobre a vida e a obra de Beatriz Brandão, e o faz de forma contextualizada, priorizando, no primeiro capítulo, um panorama sobre as condições em que vivia a mulher do século XIX, especialmente as que integravam a aristocracia, posto que dessa camada social é que se originou a maior parte das escritoras do período, e sua relação com a escrita literária.

No segundo capítulo, aspectos da vida e da obra de Beatriz Brandão. Embora guardada a necessária distância entre realidade e ficção, esse capítulo mostra uma biografia que ainda não havia sido contada. Os dados que a integram, não foram extraídos de nenhum livro, mas de anos de pesquisa em arquivos, durante os quais, entre pilhas imensuráveis de documentos manuscritos, extraía-se uma linha aqui, outra acolá, até que se tornasse possível recompor boa parte da trajetória da escritora, ora apresentada aqui.

O capítulo terceiro reúne, enfim, a obra de Beatriz que foi possível coletar durante os treze anos dedicados a esta pesquisa, da qual resultou um total de dez conjuntos de textos dispostos em mais de quatrocentas páginas de efetiva produção literária, nunca publicada em conjunto.

O trabalho aqui apresentado não se esgotou ainda. A pesquisa que o motivou foi iniciada em 1996, e acabou por desmembrar-se em dois trabalhos: a

dissertação de Mestrado, *Beatriz Brandão: mulher e escritora no Brasil do século XIX*, que foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação da UFMG em 2004, e publicada pela Editora Scortecci em 2001, e a presente tese.

O objeto da dissertação constituiu-se de trinta e oito poemas de Beatriz Brandão publicados no periódico carioca *Marmota Fluminense*, entre os anos de 1852 e 1857. Imaginava-se, àquela altura, que tantos poemas talvez fossem o que havia sobrado da obra de Beatriz, mas persistindo na pesquisa foi possível chegar ao volume espantoso que hoje se apresenta.

Assim, como a persistência é mesmo mola propulsora de todo aquele que se aventura pelos arquivos e bibliotecas, a pesquisa sobre a vida e a obra de Beatriz Brandão continuará, bem como terá início um novo trabalho, voltado para a análise crítica de tão significativo acervo.

O estudo biográfico, as relevantes informações sobre a atuação de D. Beatriz no contexto histórico e literário brasileiros, sua relação com escritores que lhe foram contemporâneos e sua atuação como escritora propiciam um novo olhar sobre a história da Literatura brasileira e, sobretudo, sobre a participação efetiva da mulher na construção desta sociedade, entretanto, é na descoberta dos textos aqui presentes, que há muito subjaziam dentre papéis amarelados de lugares tão distintos, que está a importância maior desta pesquisa, que se pretende instrumento a trazer, ao leitor atual, a poesia – até então esquecida – de Beatriz Francisca de Assis Brandão.

# I

## Delícia dos mortais e seu tormento:

A condição feminina e o fazer literário

no Brasil oitocentista

A palavra homem não nos deve fazer entrar em transe. Nem a essência, nem os fins da história estão ligados à presença desse personagem: elas resultam da ótica escolhida; a história é o que é, e não por causa de algum jeito de ser especial do homem, mas porque escolheu um certo modo de conhecimento. Ou bem os fatos são considerados como individualidades, ou bem, como fenômenos por detrás dos quais procura-se uma constante escondida (...). A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso.

(VEYNE:1930, 13)

Ao afirmar, na epígrafe acima, que a história “é o que é”, Paul Veyne, aponta para o caráter restritivo do reconhecimento das individualidades como objeto da história; entretanto, se à história cabe uma existência autônoma em relação à existência humana, e ao homem cabe apenas o papel de personagem de uma narrativa composta por fatos reais – personagem ao qual não estariam vinculados nem os fins, nem a essência da história, porque esses dependem da ótica a escolher e das perguntas a fazer –, esse “homem-personagem” nada mais é que um leitor, que ocupa seu lugar na cena, de acordo com as leituras que faz do mundo. A partir daí, então, estreitam-se os caminhos entre a literatura e a história, o que Jauss (1979) comprova em uma de suas teses, atribuindo à literatura grande responsabilidade sobre a pré-formação da compreensão de mundo do leitor e, conseqüentemente, sobre os reflexos de tal compreensão na vida social deste.

Se a literatura interfere, de fato, na compreensão de mundo de cada um, está criada, então, uma órbita em que ao homem/leitor destina-se o papel de eixo, em torno do qual a literatura e a história cumprirão movimentos rotativos, iniciando um ciclo onde haverá tantos mundos quantos o leitor for capaz de interpretar. Desloca-se assim, o conceito de uma concepção homogênea de verdade para uma noção relativizada, que vai

privilegiar a variedade dos valores através dos séculos e das nações como um dos grandes temas da sensibilidade ocidental.

Jauss recupera a história como base do conhecimento do texto, trazendo à tona o intérprete/leitor. Sob tal ótica, não se pode mais, portanto, enxergar a literatura como um processo autônomo e dissociado da realidade, do contexto em que se insere, posto que a compreensão do fato literário esteja intrinsecamente relacionada à compreensão dos mundos em que autor, obra e leitor coexistem, e, ainda, que o processo de produção literária é objeto de sociabilização humana. É nesse horizonte que Clio, a deusa da Velha História, abre passagem para uma história nova, que atribui à origem dos fatos, e não mais a eles propriamente, maior importância. Descortina-se, assim, um horizonte avesso ao puramente factual e capaz de permitir interpretações diversas da realidade. Agora, a prova documental, anteriormente objeto incontestável de legitimação, divide com outras fontes o seu caráter de imprescindibilidade, e, ampliando o conceito de documento, a nova história passa a considerar a veracidade de um fato aos olhos da mentalidade da época a qual se relaciona.

Nos tempos atuais são, portanto, cada vez mais sintonizados os olhares de pesquisadores das áreas de Literatura e História; cada vez mais estreitas as relações entre essas e tantas outras esferas das ciências humanas, que se unem em busca de um caminho que leve ao conhecimento, cada vez mais profundo, do homem pelo próprio homem.

É sob este novo olhar, mescla de considerações sobre os fatos, mas, principalmente, sobre a origem deles, que se pretende aqui discutir a ausência das mulheres do cânone literário brasileiro, pois o Brasil, desde a década de 1990, assiste a um constante aumento de pesquisas e obras relacionadas à alteridade, consequência não só dos movimentos feministas e da mudança dos paradigmas da escrita da História, mas

também de uma sociedade que, já senhora de si, caminha em direção a um amadurecimento capaz de permitir-lhe tocar as próprias feridas e remexer passado e presente em busca da gênese de dualismos como negro e branco, centro e margem e, especialmente, mulher e homem.

Assim, compreende-se que os estudos de gênero venham ganhando espaço nas comunidades acadêmicas, visto que, como afirma Maria Izilda Santos de Matos, *a categoria gênero reivindica para si um território específico, em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes para explicar a persistência da desigualdade entre mulheres e homens* (SCHPUN: 1997, 80). Irrefutáveis são as provas da persistência da desigualdade citada por Izilda, sobretudo no que se refere à formação da literatura nacional, com a qual as mulheres contribuíram substancialmente.

Apesar de seus nomes, na maioria, ainda hoje estarem ausentes do cânone, no século XIX muitas escritoras, vencendo obstáculos feros, conseguiram fazer circular seus textos em periódicos e livros, mesmo que apenas no século XX a literatura produzida por mulheres tenha alcançado maior visibilidade.

Argumentos vários há que justifiquem tamanha ausência do sexo feminino na história da literatura brasileira e, dentre eles, o que mais ecoa, certamente diz respeito ao lugar destinado às mulheres na sociedade de então. Que aos homens cabia o domínio dos espaços, sociais, culturais e intelectuais da vida pública e, às mulheres, a limitação aos aposentos privados e a responsabilidade sobre os cuidados com o lar e a família, sabe-se bem, mas trata-se de raciocínio demasiadamente simplista atribuir somente a este aspecto tamanha lacuna. Há de se considerar outras questões: os textos que escreviam não podiam primar pela espontaneidade e liberdade criativa desfrutadas pelos homens, e deve-se somar a isso a mudança nos padrões de gosto do leitor, trazida, sobretudo, pela estética modernista, época em que algumas das escritoras do oitocentos

que ainda figuravam em antologias literárias desapareceram definitivamente; a dificuldade de se publicarem livros nos oitocentos, feito alcançado, na maioria das vezes, por meio de listas de subscrições, nas quais os amigos do escritor (ou escritora) incluíam seus nomes comprometendo-se, antes da publicação prometida, a pagar pela obra a ser publicada. Considere-se, ainda, que inúmeros textos de autoria feminina foram destruídos pelas próprias autoras ou por seus familiares, prática explicada pelo comportamento típico de membros de uma sociedade patriarcal, que abominava qualquer demonstração de intelectualidade por parte das mulheres. Ilustra o que ora se diz a poetisa Beatriz Brandão, no prefácio de seu livro *Cantos da Mocidade*

Oferecendo-vos minhas insignificantes produções, tenho direitos à vossa indulgência. Vós a deveis a uma patriciã que, privada de instrução, e guiada só pela força de sua inclinação, venceu mil tropeços, e dificuldades, mais fáceis de conceber-se do que de explicar-se, para brindar-vos com a exposição dos sentimentos mais íntimos de sua alma. Eu teria, contudo, aproveitado mais alguma coisa de meus estudos solitários, se trabalhos e perseguições inauditos não tivessem perturbado os melhores anos da minha existência; não posso, portanto, apresentar-vos uma oferenda mais digna das vossas luzes e das do século; aceitai esta. (BRANDÃO: 1856, 1)

Tais argumentos merecem destaque porque são significativos no que tange à dificuldade de se encontrar as obras escritas por romancistas e poetisas dos séculos anteriores ao XX. Além disso, foram muitas as escritoras que, como Beatriz, fizeram questão de assinalar os percalços que enfrentaram para publicar seus textos, e em seus relatos não há o tom de lamúria que se poderia esperar; antes, eles parecem integrar um coro harmônico, um discurso organizado, comum a todas, cujo objetivo principal era

avisar à sociedade que estavam prontas para enfrentar e subverter o estado de sujeição a que haviam sido obrigadas até aquele momento. Tudo isso é visível também nos textos Francisca Senhorinha da Motta Diniz, educadora, romancista e precursora do movimento feminista brasileiro, ainda no século XIX.

Senhorinha aproveitou a tipografia de seu marido, editor do jornal *O Monarquista*, para lançar, em 1873, um semanário em quatro páginas intitulado *O Sexo Feminino*, onde passou a veicular suas idéias de emancipação feminina. Em seu jornal, ela conclama as mulheres a se instruírem, a se pronunciarem na imprensa e a perceberem que se equiparavam aos homens em inteligência e capacidade, como se observa neste trecho:

O século XIX, século das luzes, não se findará sem que os homens se convençam de que mais da metade dos males que os oprimem é devido ao descuido que eles tem tido da educação das mulheres, e ao falso suposto de pensarem que a mulher não passa de um traste em casa. (NUNES: 2008, 02)

Outra a denunciar, como Beatriz e Senhorinha, as difíceis relações entre a condição feminina e o fazer literário é Teresa Margarida da Silva e Orta, no prólogo do seu *Aventuras de Diófanos*:

Leitor prudente, bem sei que dirás ser o melhor método não dar satisfações; mas tenho razão particular, que me obriga a dizer-te, que não culpes a confiança de que me revisto, para nele basta que o natural instinto observe os preceitos da razão, para satisfazer ao ardente desejo, com que procuro infundir nos ânimos daqueles, por quem devo responder, o amor da honra, o horror da culpa, a inclinação às ciências, o perdoar a inimigos, a compaixão da pobreza, e a constância nos trabalhos, porque foi só este o fim, que me obrigou a desprezar as vozes, com que

o receio me advertia a própria incapacidade; e como em toda a matéria pertence aos sábios advertir imperfeições, quando reparares em erros, que desfigurem esta obra, lembre-te que é de mulher (...). (ORTA: 2002, 3)

Como a tripudiar sobre a sociedade como um todo, e a literária especificamente, ambas dominadas pelos homens, Teresa dirige-se ao leitor com aparente humildade, antecipando já saber que o tom de lamúria não convém, mas deixando claro que, ainda assim, não abre mão de expor seus objetivos didáticos ao escrever. Depois, assinala também a insistência em perseguir seu objetivo, apesar do receio e das vozes que a advertiam, e, por fim, provoca esse leitor dizendo que reconhece que só aos sábios - os homens- cabem as críticas, que deverão, entretanto, ser brandas, por se referirem a um texto escrito por mulher. A mesma Teresa ousa ainda mais ao afirmar, quase ameaçando:

Para ser sofrível o meu atrevimento, adverte que a morte me há de separar dos meus, e que (só assim) ainda depois de me haver reduzido a alheios desenganos, lhes ficarei advertindo o que lhes convém; e tenho tão disposto o animo para sofrer os inimigos desta obra, que já espero a critica, assim como os valerosos, que têm por maior o trabalho de fugir, que o de esperar, pois me anima o sólido prazer, de que sobre as minhas ignorâncias se formem polidos edifícios com acertadas medidas para se praticarem científicas doutrinas. (ORTA: 2002,3)

Pelos textos de Beatriz, de Teresa, e de quase todas as que lhes foram contemporâneas, percebe-se que a intenção daquelas escritoras não era apenas lutar por um espaço nos jornais e nas editoras a fim de publicarem seus textos; mas de utilizar os espaços disponíveis para demarcar um território que estava sendo conquistado, e que

tirava a mulher da esfera particular da casa e colocava-a, juntamente com o homem, nas esferas sociais, culturais e políticas.

Hoje, apesar de todas as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais pelas quais o Brasil e o mundo passaram, e de a mulher ter conquistado espaços antes impensáveis, ainda é enorme a lacuna sobre sua participação ao longo da história. Daí, tantos pesquisadores (e pesquisadoras) se dedicarem com renovado esforço para descortinarem as razões do apagamento da mulher das letras brasileiras, provocando o surgimento de uma gama expressiva de textos de autoria feminina, jornalísticos, poéticos, narrativos, de ficção ou pedagógicos, até então desconhecidos.

É certo que o processo de formação de uma identidade literária nacional é tema central de discussões que se arrastam há muito, entretanto, se há alguma questão unânime sobre o assunto, com certeza é a exclusão das mulheres desse processo, sobretudo das que viveram nos séculos XVIII e XIX, em que a literatura brasileira começou a sistematizar-se e a tingir-se de certa cor-local.

Sabe-se que, até o século XVIII, nossas mulheres não tinham acesso à educação. Apenas com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, e as inovações por ela trazidas, elas começaram a receber uma instrução acanhada que visava principalmente prepará-las para exercerem com alguma consciência o papel social que lhes cabia: de boas esposas, mães e donas-de-casa. Os patriarcas, que até então delegavam às escravas a criação de seus filhos, perceberam a necessidade de instruir suas mulheres com o objetivo de torná-las aptas a contribuir com os avanços do país, educando melhor os homens.

Assim, mesmo que a Constituição Imperial de 1824 assegurasse a instrução primária e gratuita a todos os cidadãos, foi a Lei de 15 de outubro de 1827 que deu o

primeiro passo em direção à concretização de um processo educativo para mulheres, ao permitir, oficialmente, a abertura de escolas para as meninas.

Tal conquista foi devidamente comemorada pelas poucas mulheres que já haviam superado obstáculos, e conseguido fixar-se como escritoras, através de inúmeros textos que pregavam a necessidade de se educar as mulheres, e de dotá-las de toda sorte de conhecimentos, sobretudo os literários. Tão significativa na história das mulheres foi este fato, que o período em que ele ocorreu é considerado – por Constância Lima Duarte – o momento da primeira onda do feminismo brasileiro. Segundo a ensaísta,

Quando começa o século XIX, as mulheres brasileiras, em sua enorme maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural. Urgia levantar a primeira bandeira, que não podia ser outra senão o direito básico de aprender a ler e a escrever (então reservado ao sexo masculino). A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas com as prendas domésticas. E foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever. (DUARTE: 2009, 03)

A norte-riograndense Nísia Floresta (1810-1885), por exemplo, em seu *Opúsculo humanitário*, publicado em 1853, defende a profunda relação entre a educação feminina e o progresso nacional conclamando: *Enquanto pelo velho mundo*

*vai ressoando o brado – emancipação da mulher -, nossa débil voz se levanta na capital do Império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres!* (MUZART: 1999, 185)

Quase à mesma época, Joana Paula Manso de Noronha funda, no Rio de Janeiro, o *Jornal das Senhoras*, primeiro periódico feminino do Brasil, cujo objetivo maior era *propagar a ilustração e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher* (COELHO: 2001, 2). O periódico, também mantido à custa de assinaturas e da colaboração de suas redatoras, foi publicado até 1855, já sobre a direção de Violante Bivar e Velasco, considerada por muitos como a primeira jornalista brasileira, e fundadora de outro jornal: *O Domingo*, sobre o qual ela assim escreveu: *Pela face literária, a redação tem procurado, no círculo de suas limitadas forças, tornar a Folha tão amena quanto instrutiva, não sendo inferior em quilate ao que se lê em grande parte dos jornais* (COELHO: Idem).

Em 1862 desponta, também no Rio de Janeiro, *O Belo Sexo*. Fundado por Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar e contando com colaboradoras de outras cidades, deixou claro o objetivo de corroborar a crescente campanha em prol da supremacia feminina ao afirmar que veio: *provocar a manifestação feminina na imprensa, a favor do progresso social; dar oportunidade ao desenvolvimento das capacidades exigentes entre as mulheres, olhadas com indiferença pelos homens de letras* (COELHO, idem).

Treze anos depois, e com maior inserção social, surge o já mencionado jornal feminino *O Sexo Feminino*, da mineira Francisca Senhorinha da Motta Diniz, cuja tiragem inicial foi de oitocentos exemplares, vendidos por assinatura. Convidada para ser professora na Corte, Senhorinha deixou a cidade de Campanha e partiu, como Beatriz Brandão e outras, para o Rio de Janeiro, onde mais tarde passou a editar seu jornal com o título *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*.

Mesmo em período anterior já surgia, em Minas Gerais, certo movimento em prol da formação intelectual feminina, como explicita o jornal *O Mentor das*

*Brasileiras* produzido em São João Del Rey, cujo próprio título denuncia a intenção formativa confirmada pelas palavras da poetisa Beatriz Francisca de Assis Brandão:

...amadas patrícias trabalhai para que as vossas filhas saibam conhecer o verdadeiro mérito: dai-lhes bons livros: fazei-as ler, e ate decorar aquele capítulo, em que Fenelon faz falar Telêmaco sobre as qualidades de Antíope, e, se todas beberem esta sábia lição, será realmente belo o nosso sexo. (*O Mentor das Brasileiras*: 12/03/1830, p. 118)

O capítulo ao qual se refere Beatriz integra *As aventuras de Telêmaco*, de Fenelon, segundo Márcia Abre (ABREU: 2003 58), o romance mais presente nas listas de circulação legal de livros em Portugal e no Brasil entre 1769 e 1821. Em uma época que para ler era preciso enviar os nomes dos livros desejados a uma mesa censora, à qual cabia decidir o que podia ou não ser lido, o livro em questão, de 1769 a 1807 esteve em 38 solicitações de leitores enviadas à instituição, número que passou a sessenta e cinco entre 1808 e 1826, o que alçou a obra à categoria de a mais solicitada no Brasil de então.

Alguns estudos atuais sobre as condições da mulher no século XIX e sua postura aparentemente servil creditam o sucesso de *As aventuras de Telêmaco* à intenção moralizante da obra, provavelmente devido ao cunho pedagógico de seus textos, sobretudo na descrição de Antíope a que se refere Beatriz Brandão na página anterior, um exemplo de mulher muito adequado aos padrões vigentes, posto que meiga, singela, trabalhadora, caprichosa, pouco vaidosa e dedicada à família, o que parecia bastante apropriado ao desejo patriarcal de manter as mulheres sob a tutela da subserviência e restritas ao delimitado e privado espaço de seus lares.

Em artigo sobre o jornal mineiro *O Mentor das Brasileiras*, por exemplo, Morais, Calsavara e Silva assim discorrem sobre o conselho de Beatriz Brandão às mães de seu tempo para darem bons livros – como a obra de Fenelon – às filhas, e, por conseguinte, seduzi-las a imitar o modelo de mulher representado por Antíope:

Percebe-se que o modelo de mulher apreciado pela professora Beatriz Brandão correspondia à personagem Antíope em *As aventuras de Telêmaco*: boa filha, discreta, trabalhadora incessante para o bom funcionamento do lar, tem cuidados com sua aparência, sem ser demasiadamente vaidosa. Em poucas palavras: uma filha virtuosa que tornar-se-á uma excelente esposa. Essa era a proposta de educação difundida pelo *Mentor das Brasileiras* e não as atitudes das heroínas ou heróis de romances que poderiam suscitar más impressões no espírito de seus leitores. (MORAIS et al: 1997, 112)

Embora aos olhos da atualidade possa parecer que Beatriz e suas companheiras, ao abraçarem o projeto de educação feminina apregoado pelos patriarcas, estivessem corroborando com o pensamento de que as mulheres ideais continuariam sendo as que se dedicassem ao lar e à família, mas acrescidas, então, de certa dose de cultura útil apenas à complementação de sua tarefa de educar dos filhos, cabem aqui algumas reflexões em outro sentido. Naquele contexto, os periódicos surgiam em profusão, transformando-se nos instrumentos mais hábeis na disseminação de informações entre as províncias brasileiras, o que os converteu em possibilidade de ascensão intelectual feminina, sobretudo nas ricas terras de Minas Gerais, onde, como afirma Jairo Faria Mendes:

As mulheres são responsáveis por duas experiências importantes de jornalismo nas Gerais. É provável que na Província tenham surgido os primeiros jornalistas de saias do Brasil.

Em 30 de novembro de 1829, em São João Del Rei, foi criado o *Mentor das Brasileiras*, um jornal feito por mulheres<sup>i</sup>, com orientação política liberal, tratando de política, literatura e educação. A publicação também defendia uma maior participação feminina na vida pública.

O jornal fez duras críticas a D. Pedro I, e chegou a defender o uso de armas em edições próximas à data da abdicação do imperador. “Minas não cede a qualquer outra em amor pela Liberdade; os mineiros estão dispostos a derramar a última gota de sangue por este objeto” (apud Costa Filho, 1955, p. 48).

Outro jornal mineiro produzido por mulheres, no período oitocentista, foi o *Sexo Feminino*, de Campanha. Ele durou exatamente um ano, de 7 de setembro de 1873 a 7 de setembro de 1874. Era um jornal engajado na defesa feminina, reivindicando, por exemplo, a instrução das mulheres. Em sua 1ª edição dizia: “Em vez dos pais de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, cozinhar, varrer a casa, etc, etc, mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, gramática da língua nacional perfeitamente, e depois economia, medicina doméstica...”

O *Sexo Feminino* era redigido pela professora primária Francisca Senhorinha da Mota Diniz e suas filhas. (MENDES: 2005)

O *Mentor das Brasileiras*, especificamente, integrou uma grande rede de periódicos cujo objetivo maior era empreender uma pedagogia política liberal, em consonância com os demais periódicos que circulavam na Corte. Nas palavras de Wlamir Silva (2008, p.2), *na perspectiva da história política, é no contexto liberal-*

*moderado e provincial que se pode compreender o Mentor. O seu objetivo era a instrução do belo sexo nos padrões da moderação.* O mesmo autor põe em dúvida a existência do público feminino idealizado como leitor pelo jornal, e conclui, por si só, que embora o periódico não trouxesse anúncios de compra e venda de bens ou fuga de escravos, manteve-se por meio de subscrições e sobreviveu por dois anos e meio, período muito superior ao de outros que lhe foram contemporâneos. Não seria, pois, demasiado pensar que Beatriz Brandão e suas companheiras estivessem aproveitando talvez a única oportunidade que teriam de alertar as mulheres para que se instruissem, que lessem, sim, *As aventuras de Telêmaco*, e descobrissem na obra que o mentor de Telêmaco era, na verdade, uma mulher, uma deusa: Minerva, a deusa da sabedoria. Não poderia Beatriz querer dizer que, apesar de os redatores de *o Mentor das Brasileiras* serem homens, elas, as mulheres que nele escreviam, é que estavam enviando as mensagens que queriam às suas companheiras?

Ainda contestando a aura moralizante que alguns estudos vêm tributando ao livro de Fenelon e, conseqüentemente, a todos os discursos que nele se embasaram, não se pode ignorar que sua primeira edição veio à luz anônima, dadas as implícitas, mas ferozes críticas que o autor fazia ao governo de Luiz XIV, o que culminou, na tentativa de proibir-lhe a comercialização, atitude que, ao contrário do esperado, acabou promovendo sua circulação clandestina pela França do Rei-sol. Além das críticas ao governo, a obra aproveita as viagens de Telêmaco para pontuar aspectos de geografia, cultura e religião, inclusive confrontando a religião católica com os costumes religiosos orientais e atribuindo a estes uma pureza genuína, graças à ausência de ritualismos e de padres ou representantes que comprometessem a fé. Por essa ótica, parece até bastante ousada a já mencionada recomendação de Beatriz, cujo modelo de mulher podia mesmo inspirar-se no de Antíope, mas na parte da obra em que Minerva assim a descreve:

(...) Ainda que em tudo s'esmere, e tenha a cargo o emendar, estreitar, poupar (cousas que fazem aborrecidas quase todas as mulheres) dá-se a amar toda a família: é porque nela não se acha, como nas outras mulheres, paixão, contumácia, leveza, nem condição: com um mover d'olhos dá a perceber-se; e todos temem descontentá-la: passa as ordens precisas, manda só o que pode executar-se: repreende com doçura; e repreendendo, anima. Nela descansa o coração de seu pai, como à sombra, sobre tenra grama, repousa o viandante quebrantado da calma. Tem razão, Telêmaco, Antíope é um tesouro digno de investigar-se nas mais longes terras. Seu espírito, como seu corpo, não se arria de vãos ornatos: nem sua imaginação, bem que via, é arrojada: só fala quando a necessidade o pede; e da boca lhe manam a doce persuasão, e as mais singelas graças, ao desprender os lábios. Se fala, todos emudecem; e ela cora: pouco vai que não suprima o que ia dizer apenas nota que tão atentos a escutam. (MORAES et al., 1997, 11-12)

Como a mineira Beatriz Brandão, muitas outras escritoras irmanaram-se na tentativa de fazer circular entre as mulheres a lição de que era preciso instruir-se se quisessem mudar sua posição na sociedade, e dentre elas, a já mencionada Teresa Margarida da Silva e Orta (1712-), que não só mergulhou n'*As Aventuras de Telêmaco*, como se inspirou na obra para escrever o seu *Aventuras de Diófanés*.

Embora nascida em São Paulo, Teresa mudou-se para Portugal bem pequena, mas nem por isso deixou de ser considerada, por parte da crítica, a precursora do romance brasileiro, baseando-se em uma obra que, equivocadamente, foi tomada por muitos como o pilar para a criação de um tratado de moralização da mulher que incluía, dentre outras questões, vedar ao sexo feminino a leitura de romances, considerados

como obras que estimulavam a irracionalidade e a vulnerabilidade emocional.

Assim como em Minas, a vinculação das mulheres aos periódicos seguia pelo país afora, fazendo aumentar também o número de textos de autoria feminina que neles figurava. Por todos os recantos brasileiros floresciam periódicos em sintonia com os que circulavam pela Corte, como uma orquestração harmônica a adivinhar as mudanças que logo viriam a transformar não só a política vigente, mas a própria estrutura patriarcal já tão ameaçada pela nova mulher que se delineava nas entrelinhas da história, com grande auxílio das linhas literárias. Assim, o Rio de Janeiro foi terreno fértil para um sem número desses periódicos, ainda que, mesmo lá, as condições de instrução fossem bastante precárias, como assinala o *Marmota Fluminense* em dura crítica à sociedade brasileira, que prefere destinar seus recursos financeiros à compra de trajes em moda, a dispendê-los com livros.

No Rio de Janeiro há instrução; mas lê-se pouco; publicam-se muitas obras; mas é por subscrição; e um jornal de 500 assinantes é lido por 900 pessoas, porque tudo se pede emprestado!... A idéia que se forma do Rio de Janeiro sobre – instrução literária – é falsa; ninguém ganha dinheiro pelas letras; os autores publicam as obras só pelo gostinho de as ver impressas; não há impressor que se não sacrifique, e não sofra contínuas contrariedades, como, com toda a franqueza dissemos a S. M. no dia 27 de janeiro no seguinte trecho de uma nossa alocução:

O Brasil, Senhor, ainda novo para as artes, obriga a penosos sacrifícios e sujeita a mil, desgostos os Brasileiros que, por gênio ou com vistas de interesse, a tudo se arriscam para levar a efeito suas tentativas, sendo por fim o resultado bem diferente daquele que se obtém na Europa: – ali, a certeza dos ganhos na grande extração, e a satisfação da glória no acolhimento; aqui, o prejuízo

inevitável no limitado consumo, e o desgosto infalível pela indiferença com que são geralmente recebidas todas as coisas do país, ou nele fabricada... (*Marmota Fluminense*, 23/02/1855)

Fundado em setembro de 1849 com o nome de *A Marmota na Corte*, o periódico, publicado às terças e sextas-feiras, recebeu ainda os nomes de *Marmota Fluminense: jornal de modas e variedades* (de maio de 1852 a junho de 1857), e de *A Marmota: folha popular*, voltando a chamar-se *A Marmota*, no ano de 1864. Seu proprietário era o influente jornalista, editor e impressor da Casa Imperial Francisco de Paula Brito.

Paula Brito, apesar de suas estreitas relações com o Imperador Dom Pedro II, era, como a maioria dos seguidores de Sua Majestade, um integrante do movimento em favor da Independência, o que não o impedia de demonstrar, em seu jornal, extremo interesse pela luta contra a discriminação social e racial e pela difusão da cultura nacional e estrangeira, o que transforma o seu *Marmota* em importante documento histórico que relata não só as atividades artísticas e literárias que caracterizaram o século XIX, como permite um esboço da história da leitura e das obras literárias produzidas ou lidas neste período.

São recorrentes no jornal tanto artigos que se dedicam à crítica – quase sempre favorável – dos eventos culturais que aconteceram na Corte, quanto publicações, em capítulos, de romances nacionais e estrangeiros; crítica literária; poesias e artigos em que os autores defendem a igualdade de condições em relação à formação intelectual de mulheres e dos homens.

Os conceitos de leitura, literatura e do próprio "fazer literário" então vigentes também estão explícitos nas linhas desse que foi, sem dúvida, uma fonte de

informações fundamental no Rio de Janeiro Imperial. Através de artigos dos mais variados autores e do editorial, tem-se um nítido retrato de concepções fundamentais para a escrita da história da leitura e da literatura do século passado. No número 432, por exemplo, destaca-se uma conceituação de leitura que muito se aproxima da já propagada por Rousseau. O pensamento, apócrifo, assim ensina:

A leitura é de grandíssima utilidade; mas a coisa não está só no ler; está no saber ler. Quem se quiser aproveitar deste trabalho mental deve seguir duas observações: – não ler muito, de corrido; nem prestar atenção ao que lê. Há gente que lê para matar o tempo, e nisto se engana redondamente porque, sendo assim, em vez de matarem o tempo, matam o espírito. (*Marmota Fluminense*, jan. 1854. n° 432)

Apesar da propriedade com que se lança sobre nossos ombros hoje, o retrato da leitura no século passado deixa transparecer que, apesar das dificuldades na produção e propagação de obras literárias, os jornais exerciam o poder de multiplicar o público leitor, o que só faz reafirmar a importância da legitimação de periódicos como o *Marmota* na formação do leitor e, por conseguinte, do cânone literário brasileiro. Machado de Assis, por exemplo, considerado o maior dos escritores brasileiros, publicou seus primeiros poemas, inclusive o intitulado *Ela* (em 12 de janeiro de 1855), em suas páginas, e aí permaneceu por alguns anos divulgando poemas, artigos e traduções.

A presença feminina é marcante em quase todas as páginas de cada número do jornal *Marmota*. Escrevendo poesias, respondendo charadas, glosando motes, anunciando aulas particulares ou enviando recados, grande número de senhoras do século passado deixou registrado no jornal a sua presença, seja como autora, seja como

leitora, o que talvez se devesse à postura favorável do jornal em relação à participação feminina em suas páginas, que aumentava a cada edição, apontando uma cumplicidade entre o editor e o cada vez mais crescente público de leitoras. Envolvidos nessa atmosfera preconizadora de igualdade de sexos e ainda sob os efeitos ufanistas resultantes da Independência, leitores e colaboradores do periódico pareciam disputar o privilégio de garantir às mulheres brasileiras o direito de participar ativamente da vida cultural na Corte. Evidência de tal disputa aparece claramente em dois artigos sobre a presença de mulheres na inauguração da Sociedade Propagadora das Belas Artes. O primeiro, publicado em 23 de março de 1857 e assinado apenas por Z., inicia-se com uma crítica ao crescimento desmedido das sociedades de baile, em contraposição à morte, por inanição, das sociedades literárias e científicas e segue relatando, com entusiasmo, um acontecimento digno de arquivar-se nos anais da história de nossa civilização, e que não pode passar despercebido: a presença das senhoras na inauguração da Sociedade Propagadora das Belas Artes.

É a segunda vez que infringindo as leis rançosas dos velhos preconceitos, uma sociedade literária sanciona a Inteligência e o gozo do direito de pensar e de saber da porção feminina.

A 1ª aparição foi na inauguração do Instituto Dramático que (seja dito de passagem) ainda não deu mostras de vida; e a Segunda foi a noite de Terça-feira, 20 de janeiro de 1857. – Julgamos que para completar a sua idéia a Sociedade Propagadora das Belas Artes devia conferir o título de sócias às Senhoras que quisessem inscrever os seus nomes no livro da Sociedade. (*Marmota Fluminense*, 23/03/1857)

A linha editorial do jornal, e muitos de seus colaboradores, empenhava-se

na tarefa de fazer circularem artigos que primavam pela exaltação das qualidades intelectuais da mulher e da abertura de espaços tipográficos que abrigassem as produções literárias femininas. Dentre esses, vale ressaltar os intitulados *A Marmota e o Belo Sexo* e *Nós e o belo sexo*, que tratam especificamente das relações entre o jornal, suas leitoras e escritoras.

O “jornal de Paula Brito”, como muitos apelidavam o *Marmota Fluminense*, anunciava romances e novelas anônimas, além de críticas literárias e teatrais e os mais variados e polêmicos artigos sobre política e comportamento. Vislumbrando também atingir, como público alvo, as mulheres, o editor assumia uma postura nada preconceituosa, dedicando parte das matérias do jornal a assuntos de interesse particularmente feminino, contrariando um discurso típico do século XVII, mas ainda recorrente no XIX, que colocava a mulher, quando maternal e delicada como sinônimo de uma força benigna, e, quando envolvida em atividades culturalmente consideradas masculinas, como símbolo do mal. Talvez, por isso, a mulher – especialmente na literatura – fosse bem aceita no papel de musa, mas nunca no de criadora. Dotado de notória sensibilidade, Brito reconhecia tais preconceitos por que as mulheres passavam, e convidava-as a, não apenas ler o seu periódico, mas a nele escrever. Assim, é comum encontrar em o *Marmota*, artigos que, enaltecendo o sexo feminino, discutem as razões do preconceito que leva à exclusão das senhoras da sociedade intelectual.

Em seus doze anos de existência, o periódico, sem dúvida, representou um marco na história da imprensa brasileira, e mais, na história das mulheres que lhe foram contemporâneas, o que talvez justifique que em seu corpo literário figurassem, ao lado de textos de Lord Byron, Joaquim Manoel de Macedo, Basílio da Gama, Casemiro de Abreu, Álvares de Azevedo e Machado de Assis, Anna Flora da Silva Maia, D. Firmina, Joanna de Noronha, Méry, Alcipe, D. Umbelina Gertrudes de Escobar e Aquino, D.

Narciza de Villar e Beatriz Brandão, que entre 1852 e 1857 teve trinta e oito poemas seus nele publicados.

Como se vê, apesar de a instrução feminina, na maior parte do século XIX, ter sido limitada ao aprendizado básico de música, bordado, pintura; de sua educação ser restrita aos conhecimentos necessários à administração de uma casa e educação dos filhos, as mulheres de então leram, e muito. E aproveitaram-se, sobretudo, da aparente trivialidade impressa nas linhas dos jornais femininos, em sua maioria dirigidos por homens, para se comunicar, para cooptar aliadas, concatenando idéias e fortalecendo o ideal de atingir sua liberdade e independência. Quanto aos homens, que julgavam manter sob o seu jugo a porção feminina da humanidade, os poucos que permitiam a leitura no seio da família, tratavam de dirigir a prática de suas filhas e companheiras, limitando-as aos livros religiosos; mesmo intelectuais e grandes escritores achavam que apenas as leituras simples e ingênuas poderiam chegar às mãos femininas. E são de Machado de Assis um dos maiores escritores de todos os tempos, e mestre em delinear personagens femininas complexas em suas obras, as palavras que atestam, uma vez mais, a limitadíssima condição da mulher do Oitocentos:

Aconselho às leitoras que, juntinho ao abade Smith, simples e cândido escritor, levem um livrinho modesto, cândido pela forma e pelo fundo, páginas escritas, reunidas por um talento que alvorece, terno e ingênuo, *O lírio branco* de Luís Guimarães Júnior. (MORAIS: 1998, 2)

É claro que não se pretende, por isso, considerar Machado machista ou de preconceituoso. O pensamento que ele expõe nas palavras acima pode mesmo ser ousado, já que recomenda às mulheres que leiam, além do livro religioso, um romance – ainda que terno e ingênuo. Tal pensamento não era privilégio masculino, pois muitas

eram as mulheres que viam na leitura um perigo eminente para a autocracia que exerciam à frente do comando da casa, das criadas e dos filhos. Segundo Maria Arisnete Moraes, a baiana Ana de Góes Bettencourt, por exemplo, escritora e colaboradora do *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro*, temendo a liberdade imaginativa que os romances proporcionam, precavia o belo sexo contra os perigos da leitura do romance dizendo que ele não devia estar entre as leituras femininas. Entretanto, ela própria aproveitou o sucesso do gênero entre tal público – embora o tenha feito como quem se rende a ele apenas para escrever algo menos maléfico às mulheres – e apregoou:

Muitos falam contra os romances como leitura prejudicial à mocidade e pouco proveitosa como fonte de conhecimento. Porém, apesar de quanto se tem dito, continuam eles a ser lidos ainda pela maior parte daqueles que reconhecem sua pouca importância, e formam quase exclusivamente a biblioteca das senhoras que dedicam algumas horas à leitura, não se contentando em cuidar somente de modas e enfeites. Escrevendo *A filha de Jephte e o anjo do perdão* procurei dar um impulso a este gênero de romance. Faltando-me porém as habilitações e o tempo, faço um apelo às minhas companheiras para que trilhem esta senda honrosa, onde terão a glória de concorrer para o engrandecimento do nosso sexo, ampliando-lhe a instrução e a moralidade, principais motores de sua completa reabilitação. (MORAIS: 1998, 1-8)

A leitura da citação anterior merece algumas observações: parece claro que Anna de Góes, ao mesmo tempo em que condena a leitura de romances, recomenda seu próprio exemplar do gênero; a autora ressalta, ainda que de forma dissimulada, que a leitura é prática necessária às mulheres que desejam mais que modas e enfeites - ou seja,

de mulheres que faziam parte do seletivo grupo de escritoras e leitoras que, aos poucos, se articulava em todo o país, e para o qual a vaidade em excesso constituía um perigo a distanciá-lo da formação intelectual que lhe garantiria independência. Por último, a escritora pede às companheiras que ampliem sua instrução e moralidade, por meio da leitura, a fim de engrandecer o sexo feminino. Seriam, pois, as palavras de Anna um emaranhado de contradições ou a exposição linear de uma ideologia corrente, escondida por frases ambíguas e um aparente moralismo?

Julgar, pois, as mulheres do século XIX à luz da modernidade – sobretudo as educadoras, escritoras e as que se rebelaram de alguma forma contra os desígnios a que estavam sujeitas – desconsiderando a conjuntura social, política e cultural à qual estavam inexoravelmente ligadas, é abrir caminho para uma análise equivocada, preconceituosa e desvinculada dos preceitos da Nova História. Elas exerceram o poder que lhes foi possível exercer, às vezes calando, às vezes sussurrando, às vezes escrevendo, mas sempre dizendo o que era possível, e preciso, dizer, como explicita muito bem Sandra Sacramento:

(...) o lugar do poder não está somente na mão do Estado, mas se espalha no corpo social sem que se possa estabelecer o seu limite, como já dizia Michel Foucault. Nessa dimensão do poder, encontram-se, de forma transversal, as relações entre os sexos, determinadas não somente pelo gênero: “construção sociocultural, produto das relações sociais desenvolvidas no tempo e que se pode, conseqüentemente, desconstruir” (p.264). Michelet exclama: “as mulheres: que força!” Tal o poder difuso e eficaz que elas detêm sobre os costumes. A elas sempre foi atribuído o enigmático: “A Mulher é a Outra, a estrangeira, a sombra, a noite, a armadilha, a inimiga” (p. 265). Assim, o sentimento de alteridade feminina reforça-se no século XIX, principalmente pelo impulso contínuo exercido pela ampliação de seu domínio, sendo

o movimento feminista somente uma consequência de todo um processo, ainda que, em certo sentido, a República promova uma regressão aos direitos femininos já conquistados no Antigo Regime.

É preciso destacar que o "exercício do poder" não ocorre em uma cartografia prévia, pois tanto homens quanto mulheres "negociam" seus limites de ação. (SACRAMENTO: 2006, 02)

Frente às lutas cotidianas das mulheres do século XIX contra toda uma estrutura em cujo ápice estava o homem, e que acabava por ser, de certa forma, arraigada e reforçada por boa parte delas próprias, é compreensível que a produção literária de autoria feminina não somasse tantos exemplares quanto a de autoria masculina. Entretanto, observando toda essa articulação invisível entre escritoras e leitoras, a difundir, em todos os jornais da época – e sob os olhares atentos de seus pais e maridos – a prática da leitura como instrumento capaz de subverter sua condição de submissão, vê-se que aquelas mulheres não só escreveram muito, como fizeram de seus textos munição imprescindível para a guerra que, logo, logo, venceriam, eis que cabe questionar, então, por que razões estariam elas excluídas do cânone literário nacional.

Diversos historiadores já tentaram identificar as etapas do processo de formação de uma identidade literária nacional e, ainda que as discussões prossigam, algumas obras são balizadoras do *status* de nacionalidade, e é nelas que se encontram, catalogados, os textos que legitimamente constituem a Literatura Brasileira. Em contato com essas memoráveis antologias, não é fácil compreender os critérios utilizados por seus autores para a inclusão de uma obra em detrimento de outra; entretanto, uma característica é peculiar a todas elas: a literatura que registram como verde-amarela, foi escrita por uma nação que usava calças, chapéus e bengalas.

Considerando a possibilidade de, nos séculos XVIII e XIX, apenas homens serem considerados aptos a produzir textos dignos de representar a nação, cabe questionar o que se passava com as brasileiras de então. Será que não havia número relevante de senhoras dedicadas a produzir textos poéticos de qualidade? Como deixar permanecer na história um vazio que parece reiterar, a cada dia, a ausência da mulher no contexto histórico, já que a literatura, inegavelmente, possibilita a elucidação da história, na medida em que, apesar de seu caráter ficcional, reflete o cotidiano de uma sociedade. Cabe então, discutir o que significa o cânone; tentar compreender de que maneira foi construído e quais os seus objetivos, o que Flávio R. Kothe explicita muito bem, ao afirmar que

A metamorfose do texto em obra de arte e discurso canônico serve para inibir o desvelamento crítico dos textos, da ideologia e da história. Categorias como ‘arte’, ‘belo’, ‘literatura nacional’ fazem com que, pela auratização, fiquem ofuscados o senso crítico e a percepção do que se passa nas e pelas obras. O cânone é uma ficcional reconstrução a posteriori da história, na qual e pela qual se acaba encontrando no passado exatamente aquilo que nele se quis projetar, mas que se apresenta como se fosse a mais objetiva captação do processo histórico de formação literária, sem a menor participação volitiva do interpretador.

Mais que o caráter documental que um texto possa ter, o que a crítica e a historiografia dizem que nele pretendem buscar é, porém, a qualidade artística que lhe garanta uma perenidade capaz de o tornar um parceiro do presente. Essa ‘parceria’ não se dá, no entanto, como elas alegam, enquanto projeto pretérito a responder questões do presente, mas como uma projeção de forças dominantes do presente, a buscarem, em sua seleção e interpretação de textos do passado, uma legitimação para estruturas ideológicas, sociais, políticas e econômicas atuais que as

favoreçam, a fim de se manterem basicamente intatas no futuro. O que se tem é uma luta pelo poder. A verdade dessa poética é a política; confere-se uma autoridade a certos autores, introduzindo-os e cultivando-os no cânone, para que legitimem as políticas vigentes e as autoridades que as exercem. (KHOTE: 1997, 13-14)

Compreendendo, então, o cânone como uma possibilidade de interpretar a história, torna-se mais esclarecedora a ausência das mulheres nesse contexto de formação literária: se por um lado a literatura permite trazer à luz estratos da vida social em épocas anteriores, por outro, permite ocultar o que não interessava à ideologia dominante revelar. Assim, é possível supor que a inexistência de um número expressivo de mulheres nas letras nacionais tenha origem não na improdutividade destas, mas em um desejo de perpetuar a imagem de uma sociedade comandada por sua parcela masculina, a quem cabia, dentre outras coisas, o direito de determinar até mesmo o que elas deveriam ler, o que deveriam fazer, e, sobretudo, o que jamais deveriam fazer. Escrever estava, certamente, na lista das tarefas proibidas.

Embora Flávio Khote, no mesmo texto, clame para que se faça uma revisão do cânone capaz de separar o que nele ingressou pela necessidade de ocupar um lugar estratégico e o que se nele inscreveu, e resiste, por qualidade literária legitimada pelo leitor, sabe-se da impossibilidade de tal proposta; primeiro, porque o tempo não retrocede, o que torna impossível tal revisão; segundo, porque o conceito de “qualidade literária legitimada pelo leitor” é algo excessivamente abstrato.

Entretanto, é possível um trabalho de releitura, como o feito por Regina Zilberman e Maria Eunice Moreira em *O berço do cânone* (1998), em que as autoras resgatam as origens da história literária brasileira e o projeto que a fundou, atestando a enorme lacuna que, ao revelar a ausência das mulheres no cenário de produção textual,

evidencia o desejo político de manter, nas mãos dos homens, o poder.

Os livros considerados por Regina e Eunice (1998:10) como o material correspondente aos primeiros escritos em que se discutem a nacionalidade, a identidade e o corpus da, na época, nascente literatura brasileira abrangem o período de 1826 a 1864, e são os seguintes: *Parnaso lusitano* (1826), de Almeida Garrett; *Parnaso brasileiro* (1829-1831), do Cônego Januário da Cunha Barbosa; *Modulações poéticas* (1841), de Joaquim Norberto de Sousa Silva; *Parnaso brasileiro* (1843-1848), de João Manuel Pereira da Silva; *Mosaico poético* (1844), de Joaquim Norberto de Sousa Silva e Emílio Adet, *Florilégio da poesia brasileira* (1850), de Francisco Adolfo de Varnhagen; *Harmonias brasileiras* (1859), de Antônio Joaquim de Macedo Soares; *Lírica nacional* (1862), de Quintino Bocaiúva, e *Meandro poético* (1864), de Joaquim Fernandes Pinheiro. Tomando-os por base para a identificação das obras e dos autores que consagraram, nos oitocentos, a Literatura Brasileira, fica muito mais evidente a ausência de mulheres do cenário das letras nacionais, pois, simplificado as informações fornecidas por tais obras, chega-se a um total de trezentos e quarenta e sete escritores, dentre os quais, apenas nove pertencentes ao sexo feminino.

O *Parnaso Lusitano* de Garret não lista apenas escritores brasileiros, mas, ainda assim, traz um total de quarenta e nove homens e uma mulher, a portuguesa D. Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna, a quem Ignez Sabino, em seu *Mulheres Ilustres do Brasil*, compara Beatriz Brandão. Já no *Parnaso Brasileiro* de Januário Barbosa, são duas as mulheres a figurar em um universo de trinta e quatro homens: Beatriz Francisca de Assis Brandão e Delfina Benigna da Cunha. No *Parnaso brasileiro* de João Manuel Pereira da Silva: trinta e dois poetas, todos homens, enquanto as *Modulações poéticas*, de Joaquim Norberto trazem cinquenta e sete escritores, dentre os quais duas mulheres: Delfina Benigna e Beatriz Brandão, e o *Mosaico Poético*, de

Norberto e Emílio Adet, cinquenta e seis autores, dentre os quais três mulheres: Ana da Silva Freire, D. Francisca V.S. e Delfina Benigna da Cunha. Além destes, há ainda o *Florilégio* de Varnhagen, que conta sessenta homens e uma mulher, Ângela de Amaral Rangel.

Nos textos *Harmonias brasileiras*, de Macedo Soares, *Lírica Nacional*, de Quintino Bocaiúva e *Meandro Poético*, de Joaquim Pinheiro, não há referências a mulheres, mas apenas a vinte e um, trinta e quatro e quatorze escritores, respectivamente. Há de se considerar ainda que apenas os três últimos foram publicados após a edição de *Cantos da Mocidade*, primeiro livro de Beatriz, o que, talvez, indique que esses autores ignorassem os textos da poetisa; o mesmo, entretanto, não se pode dizer de Joaquim Norberto, que a cita, deixando claro, porém, tratar-se de um novo talento.

Percorrendo as obras referenciadas em *O Berço do cânone* tem-se o esboço límpido de um enorme vazio que clama por ser preenchido, não com o objetivo impossível de revisar o cânone, mas de provocar novos olhares sobre a produção literária, a fim de não deixar prosperar a equivocada idéia de uma sociedade movida apenas por homens.

O que se discute aqui, portanto, não é a qualidade dos textos produzidos pelas mulheres, mas o fato de eles nem sequer terem sido submetidos à crítica, como se elas tivessem sido alijadas, em rito sumário e sem direito a julgamento. Entende-se, entretanto, que muitos dos textos de autoria feminina produzidos entre os séculos XVII e XIX desapareceram, mas não se pode permitir que, ainda hoje, a produção já reunida continue fora das antologias literárias atuais. No *Panorama da Literatura Brasileira*, de Afrânio Peixoto (1940), por exemplo, constam quatrocentos e dezesseis escritores, dos quais nove são do sexo feminino e, ao contrário do tratamento dispensado aos homens,

esses não têm citados, na referida obra, nenhum excerto de suas produções literárias.

As histórias da Literatura escritas a partir do século XX incluem um número maior de mulheres, mas longe estão de agrupar a significativa e numerosa contribuição do sexo feminino para as letras nacionais, o que demonstra a necessária reflexão não sobre a formação do cânone no passado, mas sobre a manutenção, nos dias atuais, de um modelo ultrapassado.

## II

### D. Beatriz:

A vida, a obra

## 1. *Esse monte bi-partido*<sup>6</sup>: a vida

Sobre a mais alta rocha que encontrava,  
Figurando **esse monte bi-partido**,  
Como em trono Apolíneo me assentava,  
E cheia de ignorância, e entusiasmo,  
Julgando inspiração meu devaneio,  
Discordes improvisos modulava;  
Mas cheios de candura, e sentimento;  
E por estes tão simples tirocínios  
Eu me formava música, e poetisa!  
Beatriz Brandão

(BRANDÃO. Epístola a Elisa. *In*:  
*Marmota Fluminense*: 15/01/1853)

Profunda pesquisa, imparcialidade e, sobretudo, o controle rígido sobre o desejo de completar lacunas, de tentar remendar caminhos e aparar arestas são as tarefas mais difíceis para aquele que pretende escrever sobre a vida de outrem, sobretudo se o biografado é alguém que já morreu há muito tempo, e cuja trajetória tenha ao longo dos anos, desaparecido da história.

Escrever uma biografia de uma escritora do século XIX que rompeu com uma estrutura de subserviência e de conservadorismo político e religioso, casando-se tarde, separando-se, trabalhando fora, lendo, escrevendo e traduzindo poesias na Minas Gerais de 1800, então, é desafio interminável, não só pela escassez de documentos, mas principalmente pela conjuntura histórica, política e social de que resultou tal apagamento, tal ausência de informações. Ainda assim, o texto biográfico que ora segue foi fundamentado em documentos, descobertos durante longa e intensiva pesquisa em

---

<sup>6</sup> O “monte bi-partido” a que se refere à autora é o Pico do Itacolomi, um conjunto de duas pedras (ita): uma grande e uma pequena (curumim), que serviram de guia aos desbravadores que chegaram a Ouro Preto no século XVII, e hoje considerado o marco da cidade. A expressão intitula o capítulo porque alude à influência da vida de Beatriz sobre sua obra.

distintos acervos das cidades de Ouro Preto, Mariana, Belo Horizonte, Niterói, Rio de Janeiro e Lisboa.

Inegável que Beatriz, como muitas outras, utilizava-se de seus textos não apenas para dar vazão ao talento, mas para romper com a estrutura silenciosa e privada à qual estava circunscrita. Assim, fatos relacionados à sua vida pessoal são tema freqüente em suas obras, e suas linhas demonstram não apenas o talento de uma eficiente poetisa, mas também o cotidiano de uma mulher aristocrata do século XIX, vítima de proibições relacionadas à leitura, à produção literária, à relação amorosa, às suas próprias escolhas. Também em Nísia Floresta, outra importante escritora do oitocentos, é comum a trajetória biográfica misturar-se à vida. Como afirma Constância Lima Duarte *ao romper os estreitos limites reservados às mulheres, Nísia parece ter rompido também com o compromisso privado, pois sistematicamente torna público inúmeros episódios de sua vida pessoal.* (DUARTE: 2006, jun.)

Mesmo que não seja esta a postura adotada aqui, ressalte-se que o reconhecimento do texto literário como fonte de pesquisa biográfica, antes condenável, vem ganhando espaço entre os pesquisadores, dado o reconhecimento da riqueza de elementos que tais escritos proporcionam, não só sobre o biografado, mas, no que tange aos costumes de cada época, à história da família, do cotidiano e da vida privada.

Embora seja possível extrair informações biográficas preciosas da obra literária de Beatriz Brandão, entretanto, procurou-se evitar tal estratégia, a fim de garantir, a objetividade dos dados apresentados, ainda que algumas inevitáveis relações sejam apontadas, em sua maioria, feitas em nota de rodapé.

D. Beatriz, como assinava alguns poemas, chamava-se Beatriz Francisca de Assis Brandão. Filha de aristocrática família estabelecida em Vila Rica, terra da Inconfidência Mineira, foi poetisa, educadora, musicista, tradutora de poesias italianas e

francesas. Nasceu na freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto, Minas Gerais, e os dados que dizem respeito à sua biografia, até hoje, não foram coletados de forma precisa, o que gera inúmeras dúvidas, a começar por sua data de nascimento, que alguns escritores registram como 29 de julho de 1779. Como não existia, na época de seu nascimento, certidão que o atestasse, o que se pode afirmar é que, em 12 de agosto de 1779, a poetisa foi batizada na igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, sob as bênçãos dos imponentes padrinhos Dom Antonio de Noronha, sétimo governador de Minas, e sua tia, dona Catharina Leonor da Silva Soteria, filha do general Bernardo da Silva Ferrão, avô de Beatriz.

De acordo com o estudo genealógico de Arthur Rezende (REZENDE e SILVA, 1938, 23), a família Brandão tem origem na Normandia, de onde partiu para Portugal com o Conde D. Henrique e dois irmãos de nome Carlos e Fernão Brandão, onde passaram a viver em um conjunto de casas denominadas, mais tarde, Paço dos Brandões. Como Carlos não deixasse descendentes, os que hoje se chamam Brandão, provavelmente, descendem de Fernão. Acompanhando o grande afluxo de portugueses para o Brasil colonial, os Brandão aqui se estabeleceram, em diferentes regiões, sobretudo em Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Última dos seis filhos do Oficial de Dragões Francisco Sanches Brandão e de Izabel Feliciano Narcisa de Seixas – irmã de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, mãe da homônima noiva do inconfidente Tomás Antônio Gonzaga –, Beatriz descende também do Coronel Garcia D'Ávila, antigo fidalgo proprietário da Casa da Torre, na Bahia – cujas ruínas tornaram-se ponto turístico hoje conhecido como o Castelo de Garcia D'Ávila – e tinha como irmãos D. Anna de Sanches Brandão de Seixas da Silva e Ávila, nascida em 1764 e casada com o General José da Silva Brandão; Francisco Teobaldo Sanches Brandão (coronel de cavalaria de linha); D. Antonia, nascida em

1768; D. Joana Micaela Bárbara de Seixas, nascida em 1769 e casada com o General Manoel Inácio Mesquita Pimentel, e Maria Eufrásia de Seixas<sup>7</sup>.

A família Brandão, especificamente em Vila Rica, tornou-se conhecida por suas estreitas relações com a casa imperial, um dos motivos apontados pelo historiador mineiro Augusto de Lima Júnior para que o alferes Vicente Batista Rodrigues de Alvarenga desejasse contrair matrimônio. É o próprio Lima Júnior quem assim ilustra o suposto oportunismo de Vicente:

Escrevendo poemas patrióticos e líricos, Beatriz Francisca era a figura intelectual de mais prestígio em Vila Rica. Seu marido, figura muito apagada de ‘marido da professora’, só aparece nas folhas de pagamento do regimento. Mais nada. Casou bem para gozar a vida e sendo Alferes, já dera um pulo para Capitão o que seria o resto da vida, por notória incapacidade para o ofício (...). (LIMA JR.: 1961,71)

Em *Mulheres ilustres do Brasil*, Inês Sabino (SABINO:1996,108) afirma que Beatriz, por ser muito jovem, não queria se casar, mas foi obrigada a fazê-lo, desposando um fidalgo amante da lavoura, dos cães e dos cavalos e, dadas as diferenças entre ambos, a união “como era de prever, foi desgraçada”.

Na verdade, em 20 de maio de 1813, às oito horas da manhã, na igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, a poetisa, contando, provavelmente, trinta e três anos de idade, casou-se mesmo com o Alferes Vicente Batista Rodrigues Alvarenga, seis anos mais novo que ela. Considerando a idade dos dois, o enlace matrimonial ocorrido

---

<sup>7</sup> Fato curioso é que em *Genealogia Mineira*<sup>7</sup>, de Arthur Rezende, e *Marília de Dirceu*<sup>7</sup>, de Thomaz Brandão, D. Maria Thereza de Seixas Brandão é citada como irmã de Beatriz; no entanto, em inventário de Francisco Sanches Brandão, pai da poetisa, ele deixa grande soma para a neta, Maria Thereza. A confusão pode ser desfeita observando-se a página 38 do mesmo inventário, que lista como filha de Francisco e, portanto, irmã de Beatriz, Maria Eufrásia.

apenas quatro meses após a morte da mãe da escritora e as intermináveis brigas entre a família de Beatriz e Vicente – originadas, principalmente, da insistência com que este lutava, judicialmente, para obter os bens deixados pelos sogros – é coerente pensar, ao contrário do que Inês Sabino afirma, que, além de Beatriz não ter sido obrigada a desposar Vicente, tal casamento não fosse do agrado de seus familiares.

Ainda assim, Beatriz casou-se com pompa e circunstância, e mesmo após o enlace, não cedeu aos apelos da sociedade devotando-se exclusivamente ao papel de esposa. Mais uma vez, ela contrariou os caminhos previsíveis: não teve filhos, continuou a ler e a escrever poemas, a atuar como regente do coral de moças da Matriz do Pilar e até mesmo fundou uma escola.

O jornal *O Universal*, em 08 de janeiro de 1829, anuncia a intenção da poetisa de abrir um colégio para meninas (externato e internato), no qual as ensinaria a ler, escrever, contar, falar e escrever as línguas italiana e francesa, além de música, tocar piano, dança, desenho, bordado de bastidor, confecção de flores, doces e massas. No ano seguinte, quando do aumento do número de escolas públicas em Ouro Preto, pelo Conselho Provincial, foi designada, por esse mesmo órgão, em 02 de abril de 1830, para ocupar o cargo *de examinadora de candidatos às escolas de primeiras letras, por não existir nesta cidade de Ouro Preto, outra pessoa com a sua competência.* (LIMA JR.: 1961, 68).

Nomeada, junto a Jacinta Carlota de Oliveira Meireles e Policena Tertuliana de Oliveira como uma das três primeiras mestras mineiras a defrontar-se com um exame público para o cargo docente, depois de sancionada a Lei de 15 de outubro de 1827, Beatriz, através da Secretaria do Governo Provincial, passou, em 20 de abril de 1830, a exercer o cargo na Imperial Cidade de Ouro Preto. Em 07 de julho de 1830, *O Universal* publica o seguinte relatório do fiscal de Câmara:

A 4 de maio abriu-se nesta cidade a Escola Pública de meninas que está confiada à direção da Professora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, cuja capacidade e distinto merecimento fazem esperar que o belo sexo aproveitará sobremaneira as suas lição e doutrina. Ela conta já com 14 alunas. (*O Universal*, 07/07/1830)

Ainda no mesmo jornal, em 05 de maio de 1837, a escritora anuncia o exame público de suas alunas e, em 01 de junho de 1838, comunica à sociedade que se tornara professora de instrução primária.

Embora a instrução pública no Brasil do final do século XIX ainda estivesse dando os seus primeiros passos, desde 1854 algumas leis a favor da educação foram elaboradas, o que não conseguia impedir que, na prática, a imensa maioria da população permanecesse analfabeta.

Na Ouro Preto de 1830, ano da fundação da escola de D. Beatriz, havia apenas uma escola mista, que comportava 81 meninos e 11 meninas, e uma escola de meninas, com 15 alunas, na Paróquia do Pilar. Já na freguesia de Antônio Dias, situada no lado esquerdo da Praça Tiradentes, havia três escolas de meninos, uma com trinta e seis, uma com cinquenta e dois e a outra com quatorze alunos, às quais se juntaria a escola de D. Beatriz, primeira na região dedicada ao ensino do belo sexo.

Francisco Sanches Brandão, pai de Beatriz, morreu em 29 de julho de 1811, e, logo após o casamento de Beatriz e Vicente, já se percebe, no documento de inventário de Francisco, o início da briga pelos bens herdados por Beatriz e irmãos. Pouco a pouco, o amor decantado nos poemas da escritora cede lugar a outros sentimentos, pois Vicente passa a demonstrar interesse desmedido pelo patrimônio deixado pelo sogro.

Em 16 de agosto de 1832, como “cabeça de casal” e responsável por sua esposa, entra na justiça com uma execução contra a cunhada, Ana Sanches, acusando-a de estar prejudicando Beatriz na recepção dos bens que ela havia herdado. Na página setenta do inventário de Francisco Sanches Brandão, lê-se parecer sobre um documento que, talvez, – além do adultério que já parecia confirmado no seio da sociedade – tenha sido o motivo principal de Beatriz pedir o divórcio, pois denuncia a ganância e a desonestidade do seu marido. Trata-se de uma execução promovida pelo Capitão Vicente Baptista Rodrigues de Alvarenga, por cabeça de sua mulher, D. Beatriz, contra D. Anna Sanches, irmã mais velha da escritora. Embora o documento propriamente dito não tenha sido encontrado, lê-se, no inventário supracitado, que o escrivão Francisco Peixoto de Sá, ao apreciar a execução impetrada por Vicente, estranhou que, sendo ele representante de mulher, não tenha juntado permissão escrita dela para representá-lo. Assim, escreve que:

Tem corrido incidentes de opposição posta pela Dona herdeira Dona Anna e sendo a expedição de sumo agravo interpondo pela supplicação. Não há na mesma execução procuração da supra citada D. Beatriz talvez por viver fora da companhia de seu marido em razão de seu emprego ou porque ignore que tal execução se faça.  
(Cód. 142, 1786:70)

O documento acima traz importantes informações: primeiro, confirma que Beatriz já não vivia em companhia do marido, embora dissimule quanto às razões de tal separação, esclarecidas, porém, mais adiante, já que três meses após a aparição de tal documento, Beatriz oficializará seu pedido de divórcio. Segundo, sugere certa dúvida quanto à credibilidade de Vicente para representar a esposa, posto que não constasse assinatura dela a fim de provar que ela desejasse, mesmo, brigar na justiça com a

própria irmã.

As dúvidas acima, entretanto, são esclarecidas na mesma página do inventário citado, em trecho intitulado “Forma de Protesto” assinado por Beatriz em 29 de agosto de 1832, ou seja, treze dias depois, e na qual a escritora prova, oficialmente, estar ao lado da irmã, mostrando que Vicente, realmente, não representava seus interesses, como se vê abaixo.

Aos vinte e cinco dias do mês de agosto de mil oitocentos e trinta e dois anos, nesta Imperial Cidade de Ouro Preto, em casa de morada do Capitão Mor Antônio Eulálio da Silva Brandão, fui vindo e sendo presente Dona Beatriz Francisca de Assis Brandão por ela me foi dito que pelo presente termo e melhor via de Direito protestava tomar sobre si qualquer quantia de previsão ou pagamento a que seja obrigada sua mana Dona Anna Sanches da silva Brandão por formal de Partilha dos bens de seus falecidos pais, ficando desde já dispensada então do dito formal e o seu progresso tudo na forma de sua petição e pelas razões nele expressadas e que lá provem comprovado o requerimento como parte inicial do presente termo e de como assim o disse. Abaixo assina perante mim, Francisco Peixoto de Sá, Escrivão das Execuções civis que o Escrevi. (Cód. 142, 1786:70)

Como já se afirmou anteriormente, curioso que, meses após assinar o documento acima, mais precisamente no dia cinco de novembro de 1832, Beatriz Brandão tenha sido oficialmente depositada<sup>8</sup> em poder do Capitão Mor Antônio Eulálio Brandão, seu tio – com quem ela já estava morando, como se viu. Certamente, a poetisa tomara essa medida porque tinha conhecimento dos trâmites legais necessários à decisão corajosa que já havia decidido tomar, e que levou a termo em seguida: em 10 de

---

<sup>8</sup> O depósito da mulher em poder de alguém significava que esse alguém seria, dali em diante, responsável por ela, até que o processo de divórcio terminasse.

novembro do mesmo ano ofereceu o libelo de divórcio contra seu marido, dizendo-se vítima de sevícias por ele praticadas.

O trecho do documento mencionado, que abaixo segue, dá bem a idéia da independência de Beatriz na administração da própria vida, profunda conhecedora que era dos direitos que lhe cabiam:

...segundo o assento 3º de 5 de dezembro de 1770, ninguém é obrigado a viver em comum, ela reconhecendo este direito voluntariamente separou-se da companhia do mesmo marido, e para usar do que é seu sem prejuízo do mesmo, cuja vida não merece o benefício das leis (...). (Cód. 142, 1786: 79)

É preciso, entretanto, atentar para o significado da palavra “sevícia” neste contexto, pois, em pedido de embargo feito por Beatriz, as sevícias às quais se refere parecem sinônimo de difamação e adultério, como se pode observar no trecho do documento citado em que a poetisa pede “(...) *que nenhuma Lei favoreça a dilapidação feita pelo marido, quanto aos bens da herança da mulher, e menos as Sevícias que ele pratica com sua mulher adulterando, e fazendo insultos e injúrias.*” (Cód. 142, 1786: 69)

Ainda que a poesia aqui seja apenas ilustrativa, vale destacar a reincidência do tema traição em boa parte dos poemas em que Beatriz fala de amor, e ainda, o fato de ela sempre adotar o mesmo pseudônimo, Tirse, para o amado, como na lira que segue:

Por que meu peito  
Assim maltratas,  
por que me matas,  
Tirano amor?  
Se do meu nome

Cruel me privas,  
Para que avivas  
Meu terno ardor?

Se em outros braços  
Vive enlaçado,  
E deslebrado,  
Do meu amor,  
A chama extingue  
Que me devora,  
Vai-te em má hora,  
Nume traidor.

Mas, céus! Que digo?  
Tirse perjuro!  
Funesto auguro,  
Mortal temor!  
Deixa meu peito,  
Que a dor desola,  
Tu me consolas  
Ó meigo amor!  
(...)

Tirse adorado  
Torna a meu peito,  
Por ti desfeito  
De acerba dor  
Sei que és constante  
A meu desejo;  
Mas não te vejo,  
Meu doce amor.

(BRANDÃO: 1856, 41)

A aura de desconfiança e “funesto auguro”, como se lê na poesia acima, que parece ter sempre rondado o relacionamento de Beatriz e Vicente, confirma-se em 19 de

janeiro de 1839 quando, após vinte e seis anos de casamento – dos quais sete a poetisa viveu sob a tutela de seu tio Antônio Eulálio – o Reverendo Vigário José da Cunha Melo concedeu o divórcio à escritora. Na sentença, deferida pelo Vigário José da Cunha Melo e copiada e assinada pelo Padre Joaquim Pereira de Magalhães, escrivão do Foro eclesiástico, em dez de novembro de 1832, lê-se o seguinte:

Joaquim Pereira de Magalhães, presbítero Secular, Escrivão do Foro Eclesiástico nesta Imperial Cidade do Ouro Preto, e seu termo por mercê do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Frei José da Santíssima Trindade, Bispo deste Bispado de Mariana.

Certifico que em meu poder e cartório se acham uns Autos de sevícias entre partes Dona Beatriz Francisca de Assis Brandão, Autora, e Réu seu marido o Capitão Vicente Baptista Rodrigues, que são os próprios mencionados na Petição retro, e revendo-os neles a folhas nove ver. 10, e folhas dez se acha a sentença do teor seguinte: *Julgo justificadas as sevícias à vista dos juramentos das testemunhas. Pelo que, atendendo à matéria da Petição da suplicante, mando se proceda ao depósito requerido, e quanto ao de sua precisão em poder do Capitão Mor Antônio Eulálio e se passe o mandado do estilo e a prestação para o libelo feito ao marido da Suplicante, observada a forma da Lei, pagar as custas.* Imperial cidade do Ouro Preto três de novembro de mil oitocentos e trinta e dois. José da Cunha Melo. E assim mais dos mesmos autos conta a folhas onze meio ser a suplicante depositada no dia cinco do mês de novembro do corrente ano de mil oitocentos e trinta e dois, e, no dia dez do mesmo mês e ano ofereceu o libelo para o Divórcio, e o último artigo do dito libelo é do teor seguinte: *Provara que nestes termos conforme os de Direito, se há de julgar procedente a Ação intentada ao Réu, condenado a Divórcio e a uma separação*

*perpétua com divisão de bens por inventário, pagas as custas e a causa, feitas as necessárias pronúncias (...).*  
Cód. 142, auto 1786, p.83-84)

Após o divórcio, Beatriz, então aos sessenta anos de idade, deixou Ouro Preto e partiu para o Rio de Janeiro. A decisão de abandonar a família e a terra natal em idade tão avançada, e partir rumo a uma nova vida na Corte não deve ter sido fácil para Beatriz, cuja significativa atuação intelectual, política e social, era, então, enfim reconhecida pela sociedade ouro-pretana. Augusto de Lima Jr. Destaca a militância política da poetisa, comparando-a ao irmão, Teobaldo, influente militar que exigia, com sua tropa de cavalaria, que D. Manuel de Portugal e Castro cumprisse as ordens de D. João VI, enquanto Beatriz:

organizava as moças, compondo cantos patrióticos, animando os tíbios e comodistas, peso morto dos povos e nações, de que havia tantos exemplares naqueles como nos atuais... Mas os devotos do status-quo, eram tirados de casa e levados para a praça, pelas moças de Vila Rica...

Naquelas multidões agora viam-se os filhos das famílias mais ilustres de Vila Rica. Entre eles, agitando-os, estava Beatriz Francisca de Assis Brandão, já consagrada como figura de primeira grandeza na inteligência e na ação. Quando Dom Pedro, então Príncipe Regente, depois do Fico, veio a Minas desmantelar a Junta Republicana do Dr. Cassiano Esperidião de Melo Matos, que fez do Tenente-Coronel José Maria Pinto Peixoto Brigadeiro graduado e Comandante das Armas, contra a vontade dos Oficiais do Regimento da Cavalaria de Linha, os irmãos de Beatriz e seus primos e amigos, prepararam a derrota de tais pretensões e Dom Pedro acabou levando o Brigadeiro para o Rio e dissolvendo a Junta Republicana. Dom Pedro entrou em Vila Rica escoltado pela Cavalaria

comandada pelo Sargento-mor Francisco Teobaldo Sanches Brandão, irmão de Beatriz.

Beatriz organizou uma recepção estrondosa ao Príncipe Dom Pedro, e nessa ocasião compôs o Hino do Fico e organizou o coro das moças, que receberam o Príncipe Dom Pedro, em Vila Rica, cantando:

‘Já podeis da Pátria, ó filhos,  
Ver contente a mãe querida!  
Já raiou a liberdade  
No horizonte do Brasil. ’.

(LIMA JR.: 1961.,71)

A “recepção estrondosa”, organizada por Beatriz em homenagem a Dom Pedro I, foi marcada pela apresentação de um hino de autoria da escritora e foi assim descrita pelo jornal *Abelha do Itacolomi* (1825:39):

(...) após a participação do imperador nas festividades da Praça Tiradentes, igreja do Pilar e do Palácio dos Governadores, a artilharia anunciou, com 101 tiros, a abertura do Teatro Municipal de Vila Rica para as comemorações finais, local ocupado, então, pelas principais pessoas de Vila Rica e Mariana. Iniciou-se a solenidade final com o descendimento dos retratos do S.S.M.M.I.I. e, logo após, repetiu-se um Elogio composto por uma Senhora Mineira depois do qual o Exmo. Presidente deu os vivas, que foram correspondidos com entusiasmo; e de um dos camarotes entoou a mesma Senhora Mineira<sup>9</sup> o novo Hino de sua composição (...).

---

<sup>9</sup> No rodapé do jornal (*Abelha do Itacolomi*) página 39, antecedido por um asterisco, aparece o nome da “Senhora Mineira” antes mencionada: Beatriz Francisca de Assis e Seixas.

Convém ressaltar que alguns escritores confundiram o nome de Beatriz, atribuindo-lhe o sobrenome Seixas, em lugar de “Brandão”. Este “Seixas”, na verdade, é sobrenome materno. Tal confusão pode ser desfeita sem temores, pois em sua certidão de batismo, inscreve-se Beatriz Francisca de Assis Brandão e em sua certidão de casamento, Beatriz Francisca de Assis. Além disso, nos dois documentos manuscritos

Outro curioso texto acerca de tal cerimônia, apesar de seu evidente aspecto fantasioso é o que segue. Escrito no século XX por autor desconhecido, o dito texto, como sucede com quase todos os escritos do século XX que mencionam Beatriz, relacionam o nome da poetisa ao da prima Maria Dorotéia, mas apesar disso, em breve comparação com a prima famosa, exalta os dons artísticos e a inteligência da escritora, e chega mesmo a insinuar certo encantamento do Imperador por Beatriz, como se vê:

Há entre Maria Dorothea Joaquina de Seixas e Beatriz Francisca de Assis Brandão doze anos de diferença. Aquela, sendo a causa do mais decantado amor, em terras brasileiras; esta, a maior cultura feminina do país, antes da República. Cresceram juntas e amigas, embora com temperamentos contrários. Marília era somente mulher, coração, piedade, amor. A outra, cérebro e entendimento a serviço de sua arte, de sua emoção, de seus foros de dama, das mais requintadas. Ambas ricas e fidalgas, oriundas do bom sangue português, netas do General Bernardo da Silva Ferrão, habilitado em Vila Rica com tesoureiro da Intendência e escrivão da Fazenda. Mas, falemos da mais culta senhora do Brasil de então – Beatriz Francisca, prima de Marília, mais instruída que Bárbara Heliodora. Mas quem foi Beatriz e o que fez na vida do Brasil? Admirável de beleza e cultura, Beatriz casou-se, divorciando-se, vindo a falecer no Rio de Janeiro, depois de ter sido professora pública em Vassouras e colaborado em vários jornais e revistas da época. Mas, e o Brasil? Voltemos para a figura do primeiro Imperador. Foram cheios para D. Pedro aqueles dias em Vila Rica. Mesuras e banquetes, reuniões carreiras tão do agrado do príncipe. As festas, entretanto,

---

e assinados por Beatriz – os únicos encontrados ao longo desta pesquisa – aparece, mais uma vez, o nome registrado na certidão de nascimento: Beatriz Francisca de Assis Brandão.

para ele, culminaram na função de honra em que, no teatro, se prestaram ao regente, as homenagens de estilo. Convidada por D. Pedro para tomar assento no camarote que lhe estava reservado, Dona Beatriz, polidamente escusou-se. Precisava reger a orquestra, pois era de sua autoria o libreto que se ia executar. “Mas, na segunda parte?” lhe pergunta o príncipe. “\_ Na segunda parte vou cantar o solo do hino que para Vossa Alteza, eu escrevi”. E com aquela mesma finura, saia-balão, anquinhas, cabelos empoados ao alto, ei-la que deixa, depois das reverências de praxes, no camarote real, o príncipe. Longo e terno olhar acompanhou aquele vulto esbelto de mulher que, com graça, a passos miúdos, deixou o recinto e, nele, perfume discreto de rosas...

Velhos tempos... um príncipe, uma fidalga e, ao longe, acordes de música. Brasil colônia, depois reino e, mais tarde uma expectativa de libertação. Ele deixou-a partir, aguardando a demonstração de arte que lhe estava reservada. E, musicista notável, o futuro Imperador do Brasil teve, para coroamento de sua impressão sobre a moça mineira, o testemunho ali oferecido, na multidão que o aclamava, saudando a autora de tudo aquilo.

Assim e de maneira insofismável, D. Pedro levou consigo a certeza de que mulher, síntese de cultura, de beleza e de civismo era mesmo Beatriz Francisca de Assis Brandão. E acreditou nela. (*Correio da Manhã*: 1956)

Admirável a criatividade do autor do texto, de quem não há notícia, mas não se pode negar que a comparação entre as duas primas, pelo que se conhece da trajetória delas, deve ser bastante verossímil. O apelo romântico entre o Imperador e Beatriz, entretanto, é pouco provável que tenha existido, pois quando dessa visita, sua esposa o acompanhava, além do que a família Brandão possuía estreitas relações com o Império, tanto que Beatriz foi sustentada, na velhice, por verba determinada “bolsinha do Imperador”, como se verá adiante, além do que deixou seus manuscritos para serem

entregues à Imperatriz Teresa Cristina. Apesar de tudo, parte das informações presentes no trecho procede: Beatriz era mesmo prima de Dorotéia e, como ela, neta do aristocrata Ferrão; a apresentação do hino de sua autoria na Casa da Ópera realmente aconteceu; ela se casou e divorciou e, depois disso, foi morar no Rio de Janeiro, fazendo breve parada em Vassouras. A nostalgia fica por conta do suposto interesse amoroso do Imperador, além, é claro, e do improvável diálogo entre os dois.

De personalidade versátil, mas extremamente coerente, a Beatriz escritora, apaixonada, traída e destemida jamais se dissociou da Beatriz educadora, precursora, talvez, de todas as suas outras facetas, pois em 1825 aparece um poema seu no primeiro jornal de Ouro Preto, o *Abelha do Itacolomi*.

Em 1829, outro jornal local, *O Universal*, anunciava que a intenção da poetisa de abrir um colégio para meninas (externato e internato), no qual as ensinaria a ler, escrever, contar, falar e escrever as línguas italiana e francesa, além de música, tocar piano, dança, desenho, bordado de bastidor, confecção de flores, doces e massas. Assim, aos dezesseis anos de casada Beatriz alçava seu primeiro grande vôo em relação à ascensão intelectual e social. No ano seguinte, em 05 de março, publicou seu primeiro texto no jornal *O Mentor das Brasileiras*, de São João Del Rei, e em 02 de abril, quando o Conselho Provincial decidiu aumentar o número de escolas públicas em Ouro Preto, designou Beatriz para ocupar o cargo de examinadora de candidatos às escolas de primeiras letras, “por não existir nesta cidade de Ouro Preto, outra pessoa com a sua competência” (LIMA JR: 1961, vol. 3, 68).

Paralelamente à carreira de educadora, Beatriz ia se consolidando como escritora, enviando seus textos para outras cidades. Foi assim que, em 1831, seus poemas cruzaram a Estrada Real em direção ao Rio de Janeiro, onde foram publicados no *Parnaso Brasileiro* do Cônego Januário da Cunha Barbosa, em coletânea da qual

participavam, entre vários homens, apenas duas mulheres: ela e Delfina Benigna da Cunha.

A rapidez com que Beatriz se colocou à frente do processo educativo das jovens de Ouro Preto refletia um momento especial na história das mulheres, pois começavam a aparecer em diversos jornais do país textos de autoria feminina, como se houvesse, entre elas, uma orquestração silenciosa motivada por um desejo comum: o de dar às suas semelhantes a oportunidade de, instruindo-se, conquistar autonomia. Mais uma prova disso, é o discurso que Beatriz proferiu na Câmara Municipal de Ouro Preto, quando já em 14 de junho de 1831 apenas um ano e dois meses após a abertura de sua escola, apresentava ao público o resultado de seu trabalho como professora da primeira turma de mulheres de Ouro Preto:

Ilustre e benigno auditório. Tendo a honra de apresentar-vos hoje o resultado dos meus trabalhos, pode ser que ele vos pareça limitado, em consequência das esperanças, que havíeis concebido, mas posso assegurar que tenho empregado todo desvelo em aproveitar as felizes disposições das minhas caras Alunas para satisfazer a Lei, e à pública apreciação.

Glorio-me de não ter entre elas, prescindindo da diferença de talento, uma só que não seja dócil e bem inclinada, quase todas tem mais ou menos conhecimento das importantes doutrinas em que as instruo, e o seu amor à Pátria e às sagradas instituições se manifestam nos seus pueris entretimentos: Tenho-as aplicado à costura, a fazer flores, e outros objetos próprios do nosso sexo, em que não podem aqui ser examinadas, mas o serão se se proporcionarem meios para um tal exame. Devo também lembrar-vos que algumas destas meninas entraram há pouco tempo, e por isso não vos admire que apresentem pouco adiantamento: a diferença que vai de talento a

talento faz também que umas muito mais novas que outras tenham subido à classe superior. Supostas todas estas razões, só me resta pedir-vos a indulgência que merecem umas crianças que vão pela primeira vez falar ao público. (*O Mentor das Brasileiras*: 1º/07/1831),

Embora possa parecer, em primeira leitura, que Beatriz fosse apenas uma dama da alta sociedade pronta a repassar às menininhas de sua classe os afazeres tão peculiares ao sexo feminino, é necessário lembrar que tal postura era a única possível. As atitudes de vanguarda sempre delinearão a trajetória da escritora, e o momento em questão representava sua primeira vitória em relação à supremacia masculina apregoada pela sociedade de então: era chegada a hora de provar, publicamente, sua própria competência, e ainda deveria fazê-lo de forma a assegurar que sua escola, e, subliminarmente, a educação feminina, não representava nenhuma ameaça ao patriarcalismo<sup>10</sup> vigente. Note-se, assim, o requinte de seu discurso, em que a educadora destaca, primeiramente, sua obediência, e de suas alunas, à Lei, e o respeito às instituições. Com a mesma destreza, ela afirma serem dóceis todas as educandas – deixando nas entrelinhas que não há entre elas o menor traço de rebeldia – e, ainda, que as tem ensinado, além das importantes doutrinas, que ela não especifica, diga-se, as tarefas próprias do “nosso” sexo, às quais, mais adiante, ela mesma, como que a desdenhar, classifica como “pueris entretenimentos”.

Em 1832, ao mesmo tempo em que dá entrada em seu pedido de divórcio, publica outra vez no *Parnaso Brasileiro* do Cônego Januário, agora os poemas *Cartas de Leandro a Hero* e *Cartas de Hero a Leandro*, traduzidos, por ela, do Francês, e

---

<sup>10</sup> Apesar de, no Brasil, não ser possível reconhecer o predomínio de um modelo familiar único, cita-se o termo “patriarcalismo”, aqui, como nas ciências sociais, numa referência a uma sociedade em que o homem exercia o poder de liderança sobre a família, deixando à mulher, conseqüentemente, um papel inferior. Sabe-se, porém, que estudos sobre a mulher do oitocentos vêm demonstrando que a submissão feminina ao poder masculino não era absoluta, sobretudo dentre as camadas mais populares onde, na maioria das vezes, era à mulher que cabia a administração da casa, e, muitas vezes, também a financeira.

dedicados à amiga e companheira de *Parnaso*, a poetisa Delfina Benigna. Surpreende, uma vez mais, a determinação da escritora, que, morando em casa do tio, enfrentando um divórcio, procedimento impensável para uma mulher daquela época, e administrando uma escola, ainda conseguia ler em francês, traduzir e compor textos poéticos.

Em 1838, enquanto se fundava no Rio de Janeiro o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao qual ela seria indicada posteriormente, o jornal *O Universal* (1º/06) comunicava à sociedade que Beatriz se tornara professora primária, em mais um notável avanço de sua carreira, mas logo essa mesma sociedade, que a acolhera com todo o seu vanguardismo, se renderia definitivamente ao moralismo extremo.

A escola de Beatriz, que no momento do primeiro exame contava com vinte e sete alunas, manteve-se por alguns anos até que, em 1839, a professora venceu outra batalha: a de, sob a chancela da Lei e da Igreja, ter o direito de separar-se legalmente do marido que a caluniava e traía, e de quem já estava afastada há muito. Embora preconizasse momento ímpar na história das mulheres no Brasil, assim que publicada tal sentença Beatriz partiu para o Rio de Janeiro. Pelo visto, apesar de ter conquistado o respeito e o reconhecimento de seus pares na terra natal, parece que um divórcio, mesmo que avalizado pela Igreja, era modernidade demais para a rica vila mineira.

Beatriz enfrentou, então, uma viagem a cavalo para o Rio de Janeiro que, na época, durava aproximadamente quarenta dias. Acompanhando-a, provavelmente, pesados vestidos, montaria, seus versos manuscritos e a certeza de deixar para trás a sua terra, a sua gente e sessenta anos de uma existência repleta de êxitos conquistados por méritos próprios, mas resultantes também do fato de integrar ela uma família rica e bem relacionada, em uma cidade pequena, onde o sobrenome Brandão já assegurava certa tranquilidade. Era a viagem em direção ao desconhecido, era uma forma de resistir ao

*status quo* e de, mesmo sexagenária, renascer.

No Rio, a autora trabalhou como preceptora de meninas em Niterói, mudando-se logo para a Corte, onde, ao que parece, já contava com alguns amigos, como Januário da Cunha Barbosa, que havia publicado poemas seus.

Em 25 de outubro de 1850, o historiador Joaquim Norberto de Sousa Silva propõe que a escritora seja aceita como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a comissão encarregada de avaliar tal proposta, composta pelos escritores Joaquim Manoel de Macedo e Gonçalves Dias, emite o seguinte parecer, lido na sessão de 05 de dezembro do mesmo ano:

A comissão encarregada de dar um parecer sobre a proposta, que apresenta, para ser admitida na classe dos membros honorários do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a Ilma. Sra. D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, compreendendo também que muito se faz criar [sic] incentivos às nossas patricias, receosas de se dar ao cultivo das letras, muito aplaudiu o generoso pensamento dos ilustres signatários da proposta, e examinando maduramente os estatutos e neles não encontrando disposição alguma relativa à matéria da proposta, tendo em devida atenção o princípio de que a lei tolera pelo menos aquilo que não proíbe, com a mais viva satisfação declara, que não se pode legalmente disputar às senhoras o direito de fazer parte desta importante associação. Conseqüentemente, a comissão seria de parecer que a proposta fosse pelo Instituto aprovada, se outras considerações não a movessem a julgar mais conveniente que, por ora, se não delibere a respeito de sua matéria. Os ilustres proponentes recomendam o nome da Ilma. Sra. D. Beatriz Francisca de Assis Brandão como distinta poetisa brasileira: embora as composições de nossa respeitável patricia não tenha [sic] visto a luz da imprensa

e aos signatários deste parecer não tenham cabido a honra de apreciar mais de uma, duas, de suas composições poéticas, suficiente é o testemunho dos ilustres proponentes, tanto mais que são eles juizes na matéria: no entanto entende a comissão que o Instituto deve basear seus juízos em provas públicas, quando outras não lhe forem especialmente oferecidas: admitindo-se porém que essas provas tenham já sido apresentadas, parecia à comissão mais concludente, que a distinta poetisa fosse recebida como ornamento de uma sociedade literária, cujos fins não estejam limitados à história e à geografia. Respeitando muito, tendo em subido apreço os merecimentos da nossa distinta patrícia, a comissão hesitaria ainda, e apesar das considerações expostas, em oferecer este parecer, se porventura não houvesse no Instituto a idéia da criação de uma Academia Brasileira para a ela remeter a proposta oferecida. (*Revista do IHGB*: 1892, 71)

A leitura da transcrição torna possível perceber a oposição que instituições de fomento intelectual faziam à idéia de aceitar, entre seus membros, pessoas do sexo feminino. Não se pode negar, entretanto, que os pareceristas explicitaram o fato de terem em “subido apreço” o merecimento da escritora.

Apesar da negativa do Instituto Histórico, Beatriz continuou escrevendo em alguns jornais e, em 1856, publicou seu primeiro livro, *Cantos da Mocidade*, cujo lançamento foi anunciado em alguns jornais da época, com destaque para “A Semana” (*A Semana*: 1º/ 11/ 1857), folhetim do *Jornal do Comércio*, cujo editorial, reafirmando, mais uma vez, a singularidade das mulheres que desejavam participar da vida cultural do país, louvava a coragem da poetisa por apresentar ao público seus escritos.

O jornal *O Guanabara* (Fev. 1852) também anuncia a publicação de *Cantos*, primeiro ressaltando o parentesco de Beatriz com Maria Dorotéia Joaquina de Seixas

(que não era tia de Beatriz, como transcrição abaixo, mas prima), depois, fazendo com que os leitores se recordassem de que já conheciam a obra da escritora e, por fim, esboçando uma análise crítica dos escritos da autora.

Estão a sair à luz as poesias de D. Beatriz, sobrinha de Marília de Dirceu, e de que os nossos leitores já tiveram uma amostra, em confrontação com o Sr. Norberto.

A Sra. D. Beatriz pertence à escola itálica: foram sempre seus grandes modelos os poetas italianos, mormente Guarini e Metastásio.

Algumas de suas composições, que vimos manuscritas, têm o grande valor de revelarem a candura de sua alma num estilo fluente, e sem as escabrosidades e afetações de todos esses imitadores que vivem num monólogo sem fim, e enchem um livro com o monótono ‘eu’, que, apesar de todos os artifícios de uma modéstia calculada não deixam de enfastiar o leitor.

O ‘eu’ é tolerável nos grandes poetas, porque nesses se colhe uma harmonia em cada gemido, um diamante em cada lágrima; e por que eles nos conduzem por trilhos variados, novos e circulados de melodias. (*O Guanabara*: Fev. 1852)

Além dos já mencionados, também o jornal *Correio Mercantil* acrescenta informações referentes não à crítica literária, mas ao formato e aos empreendimentos necessários à confecção deste livro.

A escritora publicou também, entre 1852 e 1857, trinta e oito poemas no jornal *Marmota Fluminense*; em 1859, uma Saudação à D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco, além de alguns outros textos que se perderam. Outros poemas e traduções da escritora, entretanto, foram publicados isoladamente, como as *Cartas de Leandro e Hero* (traduzidas do francês e publicadas em forma de livro em 1859) e

*Catão*, drama de Metastásio, que ela traduziu do italiano e publicou em 1860. Tais obras talvez integrassem os volumes segundo e terceiro, acima mencionados. A última a ser publicada foi a saudação à estátua eqüestre de D. Pedro I, em 1862.

Além disso, destaquem-se, ainda alguns dos principais textos que fizeram alguma referência à Beatriz, dentre os quais o *Dicionário Bibliográfico*, de Augusto Vitorino Alves Sacramento Blake (1883), primeiro deles; artigos de Augusto de Lima e Augusto de Lima Jr., os escritores que mais escreveram e pesquisaram sobre Beatriz, publicados nas décadas de 1920 e 1930, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*; *Mulheres ilustres do Brasil* (1889), de Inês Sabino, que relata fatos novos na história de Beatriz e que tem especial valor por ter sido escrito em época bem próxima a da morte de Beatriz.. Há ainda publicações mais recentes que mencionam Beatriz, como os livros *A participação da mulher na história de Minas Gerais* (1986), de Maria Claret Barbosa; *História das mulheres no Brasil* (1997), organizado por Mary Del Priore e *Escritoras brasileiras do século XIX* (1999), organizado por Zahidé Lupinacci Muzart, em que se lê verbete sobre Beatriz assinado por Eliane Vasconcellos, pesquisadora que já escreveu diversos artigos sobre Beatriz e outras escritoras que lhe foram contemporâneas.

Beatriz Brandão deixou divulgadas, pois, cerca quinhentas páginas de inspirada poesia, ainda hoje desconhecida. Desde 1910, é patrona da cadeira nº 38 da Academia Mineira de Letras – por indicação de seu parente Paulo Emílio da Silva Brandão, jurista, professor e escritor, filho do também escritor Tomás da Silva Brandão – embora a instituição tenha pouquíssimas informações sobre ela, e nenhum de seus escritos. Após a pesquisa aqui demonstrada, alguns avanços mais foram conseguidos no sentido de divulgar a obra da escritora, e, atualmente, ela é também patrona da cadeira

nº 08 da Academia de Letras do Brasil, sede Mariana, e dá nome a uma comenda da Câmara Municipal de Ouro Preto.

Criada por meio do projeto de resolução 13/2005, de autoria da vereadora Crovymara Elias Batalha, a Comenda Beatriz Brandão é entregue, a cada dois anos, a cinco pessoas ou instituições que se destaquem nas áreas de Letras, Educação, Artes e Cultura em geral. Tal homenagem acaba por marcar, de certa forma, um regresso da escritora à sua terra; é um reconhecimento da Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade ao importante legado que sua filha Beatriz deixou, seja nas Letras, seja na História do país.

A contribuição de Beatriz Francisca de Assis Brandão para as Letras Brasileiras, como se verá, é inestimável, razão pela qual este trabalho não se esgotará ainda. Dada a vastidão da obra aqui reunida e da premência de estudá-la em profundidade, esmiuçando cada verso, comparando com produção de outros escritores, enfim, analisando a produção desta que, certamente, é uma das mais importantes escritoras brasileiras do Oitocentos. Além disso, cabe considerar que os oitenta e nove anos vividos pela poetisa dividiram-se entre dois séculos, o XVIII e o XIX, e que ela participou intensamente da vida social, cultural e política de Ouro Preto e do Brasil neste período, o que faz de sua biografia também extraordinário material para a história da formação da sociedade brasileira.

Segue-se breve cronologia de Beatriz Brandão, considerando apenas os fatos referentes à sua vida e às suas obras, posto que o contexto em que ela viveu foi explicitado neste trabalho e, dados os inúmeros acontecimentos relevantes que o caracterizam, ocuparia demasiado espaço neste estudo.

## **CRONOLOGIA**

## **Beatriz Francisca de Assis Brandão: vida e obra**

### **1728**

Nasce, em Cabrobó, Pernambuco, Francisco Sanches Brandão, pai de Beatriz. Segundo filho do Capitão Francisco da Rocha Brandão e D. Maria de Ávila e Silva Figueiredo (descendente direta de Dom Luís da Silva Tello de Menezes, 2º Conde de Aveiras, e de Garcia D'Ávila, o senhor da Casa da Torre.)

### **1745**

Nasce, em Ouro Preto, Isabel Feliciano Narcisa de Seixas, mãe de Beatriz. Nona filha do Tenente General Bernardo da Silva Ferrão e D. Francisca de Seixas da Fonseca,

### **1763**

Isabel Feliciano Narcisa de Seixas, aos 18 anos, casa-se com o cel. Francisco Sanches Brandão, natural de Pernambuco e fidalgo da Casa Real, com carta de Brasão e Armas concedida por Dom José I<sup>11</sup>, Rei de Portugal. O enlace tem lugar na Matriz do Pilar, em Ouro Preto, Minas Gerais.

### **1764**

Nasce Anna Sanches Brandão de Seixas da Silva e Ávila, primeira filha do casal Isabel e Francisco.

### **1765**

Nasce Francisco Teobaldo Sanches Brandão (mais tarde tenente-coronel), segundo filho do casal, irmão de Beatriz.

### **1767**

Nasce Antônia, terceira filha do casal Isabel e Francisco, pais de Beatriz.

### **1769**

---

<sup>11</sup> Ver livro 2, folha 48, do Regimento de Brasões e Nobreza de Lisboa.

Nasce Joanna Michela Bárbara de Seixas, quarta filha do casal Isabel e Francisco, pais de Beatriz.

### **1776**

Nasce Maria Thereza de Seixas Brandão, quinta filha do casal Isabel e Francisco, pais de Beatriz.

### **1779**

Nasce, em Ouro Preto, provavelmente em 29 de julho, Beatriz Francisca de Assis Brandão, sexta e última filha do casal Isabel e Francisco. É batizada em 12 de agosto, na Igreja do Pilar.

### **1811**

29/07: Morre Francisco Sanches Brandão pai de Beatriz

### **1813**

18/01: Morre, aos 68 anos, D. Isabel Feliciano Narcisa de Seixas, mãe de Beatriz.

20/05: Beatriz casa-se com Vicente Baptista Rodrigues Alvarenga, na Igreja do Pilar, em Ouro Preto, onde foi batizada.

### **1825**

Primeiro poema publicado de Beatriz. O veículo é o jornal *Abelha do Itacolomi*.

### **1829**

08/01: O jornal *O Universal*, de Vila Rica, publica texto sobre a intenção de Beatriz abrir uma escola

02/04: O Conselho Provincial designa Beatriz para ocupar o cargo de examinadora de candidatos às escolas de primeiras letras, “por não existir nesta cidade de Ouro Preto, outra pessoa com a sua competência”<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> LIMA JR., Augusto de. RIHGMG, vol.8, 1961. p. 68.

### **1830**

05/03: Publicado o primeiro texto de Beatriz no jornal *O Mento das brasileiras*, de São João Del Rei.

20/04: Beatriz passa a exercer, oficialmente, o cargo de professora pública, após concurso (íntegra, com Policena Tertuliana e Jacinta Carlota de Oliveira Meireles, o grupo das primeiras três professoras concursadas de Minas Gerais).

04/05: Beatriz funda, em Ouro Preto, a primeira escola de moças da Freguesia de Antônio Dias, que contava, então, com quatorze alunas.

### **1831**

1º /07: Tem lugar, na Câmara Municipal de Ouro Preto, o primeiro exame público das alunas de Beatriz;

São publicados os primeiros poemas de Beatriz no *Parnaso Brasileiro*, do Cônego Januário da Cunha Barbosa, editado no Rio de Janeiro. São, ao todo, sete sonetos, dois epigramas e um conjunto de quadras.

### **1832**

05/11: Aos cinquenta e três anos, independente, respeitada professora e reconhecida na sociedade de Ouro Preto como intelectual, separa-se oficialmente de seu marido e passa a viver sob tutela de seu tio, Antônio Eulálio da Rocha Brandão<sup>13</sup>.

10/11: Oferece libelo de divórcio contra o marido, Vicente, dizendo-se vítima de sevícias por ele praticadas.

Publicação dos poemas de Beatriz “Carta de Leandro a Hero”, traduzido do francês e dedicado à amiga D. Delfina Benigna, e “Carta de Hero a Leandro”, no *Parnaso*

---

<sup>13</sup> Embora esta data marque a separação oficial, em documento assinado por ela em 17 de agosto de 1832 (ACP, Cód. 142, Auto1786, 1º Of.), Beatriz afirma que vive em separação necessária, sem poder usar dos bens que herdou de seus pais.

*Brasileiro* do Cônego Januário da Cunha Barbosa.

### **1838**

1º/06: Beatriz comunica à sociedade que se tornou Professora de instrução primária.

### **1839** (janeiro)

É publicada, pelo Juízo Eclesiástico, a sentença de divórcio de Beatriz, após o que ela parte para o Rio de Janeiro.

### **1848**

19/01: Morre D. Anna Sanches, irmã mais velha de Beatriz.

### **1850**

13/10: A Revista *O Guanabara* publica um poema de Beatriz dirigido ao historiador Joaquim Norberto da Silva e Sousa, em resposta a um que ele publicou anteriormente, questionando por que a poetisa havia deixado de escrever.

25/10: O historiador Joaquim Norberto propõe o nome de Beatriz para integrar o quadro de sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que não possuía nenhuma mulher dentre seus associados.

05/12: Em sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, lê-se parecer da comissão encarregada de avaliar o ingresso de Beatriz na instituição. No documento, assinado por Joaquim Manoel de Macedo e Gonçalves Dias, os pareceristas ressaltam a consideração que têm pela autora e por sua obra, mas recomendam que ela se candidate à Academia de Letras que logo seria criada.

### **1852**

Aos 73 anos, Beatriz publica seu primeiro poema no jornal *Marmota Fluminense*.

A revista<sup>14</sup> *O Guanabara*, do Rio de Janeiro, anuncia a publicação *Cantos da Mocidade*, primeiro livro de Beatriz.

---

<sup>14</sup> Embora seja comum ver-se a expressão “jornal O Guanabara”, no original lê-se “Revista Mensal artística e literária.

### **1853**

10/01: Morre, em Ouro Preto, Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, prima de Beatriz.

15/03: Beatriz publica, no *Marmota Fluminense*, carta em que fala sobre a prima Maria Dorotéia, seguida por poema em homenagem a ela, sob o título “À morte de D. Maria Dorotéia de Seixas Mairink”.

18/01: O jornal *Marmota Fluminense* publica “Epístola à Elisa”, poema em que Beatriz discorre sobre Ouro Preto, como se estivesse visitando a cidade, e fala de tudo o que perdeu: o amor, seus pais, e Tirséa, que, ao que tudo indica, era a prima Maria Dorotéia.

### **1856**

Sai, enfim, a publicação do primeiro livro de Beatriz, *Cantos da Mocidade*, segundo a autora, escrito quando era bem jovem.

### **1857**

10/05: *O Marmota* publica poema de Beatriz à morte da poetisa Delfina Benigna da Cunha, e em 14 de julho, o Hino oferecido aos Srs. Baianos. Dia 2 de julho de 1857.

1º/11: A Semana, folhetim do *Jornal do Comércio*, anuncia a publicação de *Cantos da Mocidade*.

### **1857**

13/04: Morre, no Rio de Janeiro, a poetisa Delfina Benigna da Cunha.

11/09: Publicação do último poema no jornal *Marmota Fluminense*, com o qual colaborou por quatro anos.

### **1859**

Publicação de segundo livro de Beatriz, *Cartas de Leandro e Hero*. Como já mencionado, em 1832, as cartas que formam esse volume foram publicadas, separadamente, no *Parnaso* do Cônego Januário, e dedicadas à poetisa Delfina Benigna. Aqui, Beatriz as publica em volume único, agora dedicado à outra amiga poetisa, D. Violante Atabalipa.

### **1860**

Publicação do terceiro livro de Beatriz: *Catão*, tradução da obra Metastásio, e de Lágrimas do Brasil, poesia em versos hendecassílabos, no mausoléu levantado à memória da excelsa Rainha de Portugal, Dona Estefânia.

### **1862**

Publicação do poema de Beatriz intitulado *Saudação à estátua eqüestre de D. Pedro I*; fundador do Império do Brasil, pela Tipografia de Paula Brito.

### **1868 (05/03)**

Morre, aos 89 anos, em sua casa, situada na Praça Tiradentes, nº 53, no Centro do Rio de Janeiro. Afirma Augusto de Lima que, pouco antes de morrer, ela pede a uma amiga que pegue o saquinho de cetim que continha seus cadernos de manuscritos e entregue à Imperatriz Teresa Cristina. É enterrada no Cemitério São João Batista, no Catete.

## ***2. Meu fiel coração vede em meus versos: a obra***

Meu fiel coração vede em meus versos:  
Lede, concidadãos; julgai propícios  
Os cantos juvenis de uma patrícia,  
Que sem prévia lição, sem norte ou guia  
Meditou solitária, e sem socorro  
De amiga mão, que os erros lhe emendasse.  
E que mais de uma vez viu consumidos  
Por carvões devorantes os folhetos  
Onde de seus estudos e vigílias  
Os frutos tão queridos conservava!

A estética neoclássica vigente no Brasil do primeiro quartel do século XIX primava, como a europeia, por atenuar os aspectos pesados, ambíguos e sombrios típicos ao paradigma Barroco, do que resultou uma busca pela simplicidade, representada não apenas pela recorrência a imagens pastoris e rústicos pastores enamorados, mas também pela adoção de rimas cuja construção privilegia menos o conteúdo e mais a sonoridade. Alfredo Bosi (1994:55) afirma que é necessário distinguir duas fases cruciais, e justapostas, na literatura do Setecentos, que correspondem, respectivamente, a um momento poético “nascido do encontro entre a natureza e os afetos comuns do homem, refletidos através da tradição clássica e de formas bem definidas, julgadas dignas de imitação (Arcádia)”, e de um momento ideológico denominado Ilustração. Surgido em meados do século, traduziria este a crítica da burguesia culta aos abusos da nobreza e do clero. É Bosi também, na mesma obra, que aponta uma transição do Arcadismo<sup>15</sup> propriamente dito, representado pelos sonetos de Cláudio Manoel da Costa, para o engajamento pombalino de Basílio da Gama e culminando com a sátira política de Tomás Antônio Gonzaga em suas *Cartas Chilenas* e o *Desertor*, de Silva Alvarenga. Tanto os renomados árcades inconfidentes quanto as poucas mulheres que escreveram nesse período esmeraram-se em seguir a lição europeia, enxergando no tropical cenário brasileiro os campos e as ovelhas da Europa, com algumas raras exceções, que dizem respeito, principalmente, aos anseios de liberdade apregoados pelos integrantes da Conjuração Mineira.

Embora a opinião não seja unânime, muitos críticos consideram que Cláudio Manoel da Costa é dos mais cultos e inspirados poetas árcades brasileiros. Antonio

---

<sup>15</sup> Embora alguns teóricos apontem diferenças conceituais entre Arcadismo e Neoclassicismo, aqui, as duas palavras serão utilizadas como sinônimos.

Candido (1981:88), por exemplo, afirma que, de todos os mineiros, Cláudio é o que mais exalta as emoções e os valores da terra, embora reconheça em sua obra a inegável presença européia, portuguesa, mais especificamente, fazendo coexistirem o “bairrista mineiro” e o “afetado coimbrão”.

Divergências à parte, é certo que Cláudio fundou a estética árcade no Brasil, e o fez já rompendo com os padrões europeus, embora, na forma poética, os obedecesse. Inovou, sobretudo, ao fugir do lugar-comum dos cenários bucólicos, ilustrando, em seus versos, não os prados repletos de ovelhas do Velho Continente, mas pintando a natureza montanhosa dos penhascos mineiros e transportando-a, da condição inerte de cenário, para a de personagem, a atuar, na maior parte das vezes, como confidente a consolar os males do sujeito poético.

As poucas notas biográficas existentes sobre Beatriz Brandão classificam-na também como uma escritora vinculada à estética neoclássica, ou, por outras vezes, a um período de transição entre as estéticas neoclássica e romântica.

Afrânio Peixoto (1940:287), por exemplo, embora não teça comentários específicos à obra de Beatriz, enumera-a entre os escritores do quarto século, que classifica como o começo da Corte no Brasil, e em período situado entre o Arcadismo e a Independência de 1822. A característica comum entre os que integram esse rol seria o fato de escreverem de forma a continuar imitando a metrópole, e dentre eles estão, por exemplo, Casemiro de Abreu, Marins Pena, Silva Alvarenga e Tomás Antônio Gonzaga, mas não Cláudio Manoel da Costa, que ocupa lugar no capítulo bem anterior, classificado como Primeiro Século.

Wagner Ribeiro, na *Antologia luso brasileira*, de 1964, não atribui qualquer classificação às obras que apresenta, mas subentende-se que o primeiro capítulo seja destinado aos escritores que fizeram uma descrição da terra, e o segundo, àqueles cujas

obras refletem já um cenário brasileiro propriamente dito. É aqui que ela aloca Beatriz, ao lado de Rocha Pita, Santa Rita Durão, Basílio da Gama, Tomás Antônio Gonzaga e Joaquim Lisboa.

Eliane Vasconcellos (MUZART: 1999. p.82-109), em estudo mais recente, ressalta que nos textos da autora há grande reincidência de imagens como Pedindo, Zéfiro, Perseu, Apolo, Amor, e outros termos, todos com iniciais maiúsculas, além das citações da poética arcádica, em que a natureza aparece sempre idealizada e marcada por elementos bucólicos. Aponta ainda, a pesquisadora, que as imagens bíblicas e a temática religiosa também são observadas na obra de Beatriz, o que a situaria como um exemplo de transição entre as estéticas do Arcadismo e do Romantismo.

É certo que Beatriz realmente transitou pelos dois períodos, mas pode-se dizer que suas linhas testemunham, com clareza, uma atitude inovadora frente aos padrões neoclássicos, denunciando, com firmeza, que nova estética começara a se instalar na Literatura Brasileira. Estudiosa e leitora assídua de escritores clássicos como Camões e Metastasio, Beatriz faz questão de reafirmar, em muitos de seus versos, os conhecimentos decorrentes da leitura de obras desses mestres, mas, por outro lado, deixa à mostra também seu desejo de ir além, inovando não apenas na escolha de assuntos, mas fugindo a regras comuns aos que pertenciam à escola neoclássica.

Embora, inicialmente, Beatriz seguisse os padrões estéticos então vigentes, fundamentais àqueles que ansiassem a carreira literária, fê-lo com ousadia peculiar, o que se traduz, tanto na adoção de temas polêmicos, como o questionamento da existência de um Deus capaz de punir seus seguidores, como se vê no excerto publicado no *Parnaso* do Cônego Januário,

Adoro um Deus infinito,  
Um Deus em bondade imenso;  
Mas acreditar não posso  
Que seja a paixões propenso (...)

(BARBOSA: 1831: 5º cad., p.33)

quanto no uso de um individualismo e um sentimentalismo explícitos, então bastante incomuns. Ressalte-se ainda que, embora alguns de seus textos – bem poucos, aliás –, à moda arcádica, também apresentem pastores, ovelhas, enfim, o bucolismo tão caro aos seus pares da Escola Mineira, o fazem de maneira singular, focalizando a natureza como personagem a interagir com o sujeito poético, nunca como mero cenário, mas de forma muito mais parecida com a que ela assume para os românticos, ou seja, como afirma Candido, “o mundo, o cosmos, a natureza física cheia de graça e imprecisão, frente à qual se antepõe um homem desligado, cujo destino vai de encontro ao seu mistério”. (CANDIDO: 1981, 24)

O que se disse sobre Beatriz bastaria para demonstrar que ela, apesar da verve literária nascida na Vila Rica dos árcades mineiros, trilhara caminho novo, rumo aos promissores horizontes que logo se descortinariam no Romantismo, mas vale considerar ainda outros importantes aspectos, e é de Antonio Candido, mais uma vez, uma assertiva fundamental nesta argumentação: aquela que impõe como característica fundamental do bucolismo comum à Arcádia, a delegação poética, ou seja, *a transferência da iniciativa lírica a um pastor fictício* (CANDIDO: 1981, 63); para ele, o árcade é incapaz de amar com a sua própria personalidade, o que, ao contrário, seria típico ao romântico. E a ele junta-se Alfredo Bosi ao definir que “jogar com as linhas e as cores da paisagem para exprimir os próprios afetos é ser pré-romântico em sentido lato” (BOSI: 1994,79). E é claro que a questão não cabe apenas nesta citação, parte

pequeníssima de uma grande obra sobre a Literatura Brasileira, mas ilustra bem a questão do individualismo, característica fundamental às obras que integram tal período.

Assim, considerando as características acima mencionadas, pode-se observar nos excertos abaixo, autoria de Beatriz Brandão, o quanto a escritora se destaca de seus contemporâneos, mostrando que o individualismo está presente em quase todos os seus textos, onde se pode também observar a presença de uma natureza que não é passiva, estática, cenário, mas expressão viva da alma do sujeito poético. Além disso, o artificialismo o *fugere urbem*, o *locus amenus* e o *carpe diem*, expressões marcantes da estética neoclássica, não encontram lugar na obra da poetisa. Nada há nela que aponte para uma fuga ao campo em oposição à vida urbana. O campo, quando aparece em seus textos, é retratado como parte de sua biografia, de seu estado de alma, como espaço integrante de seu próprio viver, o que se pode observar na pintura que ela faz dos campos de guerra, no poema abaixo, em que o exagero trágico remete se equipara ao estado daquele que vive atormentado pela incerteza.

Navegar em mar turbado,  
Em treva que rasgam lampos;  
Sucumbir em márcios campos  
Em fumo, em sangue alagado (...)

(*Marmota Fluminense*: 15/06/1852)

Os campos acima, pois, em nada se parecem com o *locus ameno neoclássico*, ao contrário, desnudam um cenário que não se ajusta, de maneira alguma, aos preceitos típicos ao neoclassicismo, que apregoavam uma idealização da natureza em estado de perfeição, o que, antes de tudo, significava o desenho artificial de um cenário que beirasse à perfeição. Outros textos há em que Beatriz recorre à imagem campestre de forma mais assemelhada ao culto neoclássico, embora mesmo nesses, o aspecto ameno se revele quando em com o estado de espírito do sujeito poético, ou, ainda, em contraposição à outra imagem perturbadora, como na *Epístola à Elisa*, em

que o elogio à natureza é apenas pretexto para o tema que ela realmente pretende enfatizar: a liberdade.

Ó Elisa, é nos campos, e nos montes  
Que os dons da natureza se apreciam!  
Sob tetos pintados, e entre vidros  
A mente vive presa e subjugada.

(*Marmota Fluminense*:18/01/1853)

O “viver a vida” expresso pelo *carpe diem* também não se manifesta de forma tão simplista em Beatriz, pois que é uma marca temática de sua poesia o aproveitamento máximo do tempo para a formação pessoal, sobretudo intelectual. Pode-se mesmo dizer que a autora condena tal forma despojada de viver. Quando ela escreve algo cujo propósito é incitar o leitor a aproveitar a vida, o faz sempre dentro de um sentido de realidade, normalmente voltado para duas atitudes pelas quais ela própria se pauta: aproveitar os momentos para estudar, e, assim, poder gozar a vida em igualdade e liberdade; e servir a Pátria, não apenas no sentido de ser fiel ao Governo, mas no sentido de dedicar-se à sua independência. O trecho abaixo, dedicado a um jovem, ilustra bem o que se disse:

Mancebo, que pressuroso  
Trilhar julgas, jubiloso  
O caminho deleitoso  
Do gozar e bom viver  
Desconfia da amizade  
Que ao vício se persuade,  
Não creias na lealdade  
De quem te quer perverter.

(*Marmota Fluminense*: 04/05/1855)

No soneto que segue, outro aspecto inovador da obra de Beatriz. Vê-se um tom de poesia retórica, aqui entendida como no dizer de Bosi como “o verso que se propõe abertamente a ensinar, persuadir, moralizar; em suma, incutir um complexo de idéias e sentimentos” (BOSI: 1994,81), aliada ao uso de um eu que, ao contrário do presente nas poesias árcades, é agente, que se assume como autor do seu discurso, e mais que isso, ainda citando Bosi que é “um gênio portador de verdades, cumpridor de missões” (BOSI: 1994,79). Perceba-se, pois, que Beatriz se assume como aquela que escreve não para receber os frutos como escritora, mas para servir de exemplo às outras mulheres.

#### SONETO

*Às suas Patrícias, por D. B. F. A. Brandão  
tendo de idade 18 anos.*

Estas, que o meu Amor vos oferece,  
São tardas produções de fraco engenho,  
Amadas Nacionais, sirvam de empenho  
A talentos, que o vulgo desconhece.

Um exemplo talvez vos aparece,  
Em que brilheis só traços, que desenho:  
De excessivo louvor glória não tenho,  
E se algum merecer de vós comece.

Raros dotes talvez vivem ocultos,  
Que o receio de expor faz ignorados;  
Sirvam de guia meus humildes cultos.

Mandei ao Pinho os vãos elevados,  
E tantos sejam vossos versos cultos,  
Que os meus nas trevas fiquem sepultados.

(BARBOSA: 1831, cad. 5º, p.27)

Quando o tema é amor, evidencia-se mais claramente o vanguardismo de Beatriz, que já desenhava um *eu* pungente, repleto de subjetivismo e sentimentalismo, a despejar nos versos pura expressão psicológica de alguém que, em tom agonizante, sofre intensamente.

Arder, morrer, padecer,  
Suspirar por quem não vem,  
Viver longe do meu bem,  
Que desgraçado viver!  
Se alguém no mundo disser  
Que à saudade se resiste,  
Se esse fenômeno existe  
Duro bronze, ou rocha bruta,  
Venha ver a dor que enluta  
Os dias que passo triste.

(*Marmota Fluminense*: 20/02/1855, p.4.)

Domingos Jorge de Barros é apontado por Antonio Candido como um dos dois homens – o outro é Monte Alverne – que primeiro manifestaram, no Brasil, modos de sentir que traduziriam o prenúncio do vindouro movimento Romântico. E é no primeiro que Candido vislumbra o equilíbrio entre o naturalismo dos árcades e as tendências subjetivistas. O trecho que segue integra o poema *A Flor da Saudade*, descrito por Candido como “um verdadeiro paradigma do que seria uma das notas características do Romantismo brasileiro inicial (...) verdadeiro eixo em torno do qual gira toda uma transformação literária”:

Vem cá, minha companheira,  
Vem, triste e mimosa flor,  
Se tens de saudade o nome,  
Da saudade eu tenho a dor.

(CANDIDO: 1981, 287)

Atestam, uma vez mais, a tendência pré-romântica de Beatriz não apenas o fato de ela, como Domingos, ter abordado o tema da “saudade” de forma intensamente plangente, mas também o de ter a autora glosado o mote acima, como se vê em:

**Mote**<sup>16</sup>

Vem cá, minha companheira,  
Vem, triste e mimosa flor,  
Se tens de saudade o nome,  
De saudade eu tenho a dor.

**Glosa**

Saudade! Emblema precioso

Do mais terno sentimento,  
De prazer, e de tormento,  
Doce-amargo deleitoso!  
Em meu coração saudoso  
Vem pousar triste, e fagueira;  
De uma esperança lisonjeira  
Acalma minha ansiedade;  
Vem a meu peito, saudade,  
Vem cá minha companheira.

Quis a sábia natureza  
Tingir-te de roxa a face,  
Para que em ti se espalhasse  
A imagem da tristeza.  
Tua modesta beleza  
Ornada de santa dor,  
Entre suspiros de amor  
Me faz suave o sentir-te;  
Vem pois a meu peito unir-te,  
Vem, triste e mimosa flor!

*(Marmota Fluminense, 10/ 07/ 1857)*

---

<sup>16</sup> No periódico, o mote aparece sem autoria.

Além de ser autora do maior legado poético deixado por uma mulher do oitocentos no Brasil, Beatriz Francisca de Assis Brandão foi, se não a, uma das precursoras da escola Romântica brasileira, e a qualidade poética e estética das obras de sua autoria, aqui apresentadas, atesta a magnitude de seu talento, embora, como já dito anteriormente, os poucos que escreveram sobre ela a tenham listado entre os árcades ou como escritora de transição entre Arcadismo e Romantismo.

Considerando ter a autora nascido em 1779, e visto florescer seu estro poético na Vila Rica de outro, berço do Arcadismo brasileiro, natural seria mesmo considerá-la como filha do movimento, o que, de certa forma, aconteceu no início de sua carreira, fortemente influenciada por Cláudio Manoel da Costa, aquele a quem cabem os louros de ter escrito *Obras*, o livro que se convencionou chamar de introdutor do Arcadismo em terras brasileiras.

Embora Beatriz vivesse sob o céu ouro-pretano no século XVIII, assim como Gonzaga, Alvarenga, Bárbara e Cláudio Manoel, e que Tomás talvez fosse o poeta inconfidente mais próximo dela, dado o namoro dele com Maria Dorotéia, prima de Beatriz, foi em Cláudio Manoel que a escritora encontrou inspiração para compor seus poemas – embora logo alçasse vôos em novas direções, como se verá posteriormente – tal influência é perceptível em boa parte de sua obra, como em *Epístola à Elisa*, texto no qual Beatriz descreve imagens de sua terra natal transformadas pela sua dor amorosa:

Torno a ver, cara Elisa, estas montanhas  
Estes vales floridos, estas matas  
Este rio tão puro, tão saudoso,  
Que me recordam a risonha, imagem  
Da minha doce e tão ditosa infância!  
(...)  
Ó minha Elisa, é mágica esta cena!  
Nada pode imitá-la!... Mas que importa?

Acaso esta alma minha é inda a mesma?  
Não viu meu coração agonizante  
Nas torturas da dor esvaecidos  
A ventura, o prazer e a esperança?  
Torno a ver, é verdade, estas montanhas,  
E todos os objetos portentosos  
Que tanto meu espírito exaltaram.  
A cena é inda a mesma; mas que importa,  
Se já meu coração desenganado  
O mesmo não é mais? (...)

(*Marmota Fluminense*: 18/01/1853, p.4)

O mesmo fez Cláudio, no soneto “Este é o rio, a montanha é esta” :

Este é o rio, a montanha é esta,  
Estes são os troncos, estes os rochedos;  
São estes inda os mesmo arvoredos;  
Esta é a mesma rústica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,  
Rio, montanha, troncos, e penedos;  
Que de amor nos suavíssimos enredos  
Foi cena alegre, e urna já funesta.

Oh quão lembrado estou de haver subido  
Aquele monte, e às vezes, que baixando  
Deixei do pranto o vale umedecido!

Tudo me está a memória retratando;  
Que da mesma saudade o infame ruído  
Vem as mortas espécies despertando.

(PROENÇA FILHO: 1996,54)

Não se descarta aqui, a influência européia no modelo acima descrito, mas a escrita carregada de uma paisagem nacional, presente também, e, sobretudo, na obra de Cláudio, manifesta-se igualmente no texto de Beatriz, que descreve um cenário

bucólico, como convém ao estilo vigente, mas absolutamente fiel ao que se vê, ainda hoje, em Ouro Preto. Associando realidade e ficção, Beatriz ainda destaca, em nota aposta ao final da epístola, seu próprio percurso literário, ressaltando que a dita Epístola demonstra sua formação, composta de duas lições distintas, uma portuguesa e uma brasileira, como se vê em:

Antecipo a publicação desta Epístola, porque nela se vê que não segui outra lição poética senão a portuguesa, e brasileira, no que fui constante; nenhuma, ou limitadíssima glória resulta disto às duas nações; mas esse mesmo quase nada pertence-lhes, é delas.  
(*Marmota Fluminense*: 18/ 01/ 1853, p.4)

A estranheza frente à mudança da cena ocasionada pela variação dos próprios sentimentos, entretanto, foi cantada por outro expoente da escola mineira, o ouvidor Tomás Antônio Gonzaga, portuense, sabe-se, mas residente em Ouro Preto quando começou a escrever, e representante ímpar da expressão literária das Gerais. Nos versos de Gonzaga, também os sentimentos são o agente de transformação.

Acaso são estes  
os sítios formosos,  
aonde passava  
os anos gostosos?  
São estes os prados,  
Aonde brincava,  
Enquanto pastava  
O manso rebanho  
Que Alceu me deixou?

São estes os sítios?  
São estes; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marília, tu chamas?  
Espera, que eu vou.  
(...)  
Minha alma, que tinha  
Liberta a vontade,  
Agora já sente  
Amor e saudade.  
Os sítios formosos,  
Que já me agradaram,  
Ah! não se mudaram;  
Mudaram-se os olhos,  
De triste que estou.

(PROENÇA FILHO:1996, 582)

São muitas as coincidências entre os três excertos acima, e a principal delas, ainda que se pretenda guardar a distância necessária entre ficção e realidade, é que em ambos o cenário descrito é o de Ouro Preto, terra natal de Beatriz, terra vizinha a de Cláudio, e onde ele morava, e terra distante do Porto de Gonzaga, mas onde ele também vivia quando o escreveu. Inegável, porém, que há diferenças substanciais entre eles. Beatriz exalta montanhas, vales floridos, rio e montanhas como objetos que compuseram a sua própria infância, e que moldaram seu espírito. Fala deles com admiração e assume que continuam os mesmos. A autora não vê o cenário se transformar, como Cláudio, mas, como Gonzaga, assume que foi o ponto de vista que mudou. Ela própria sofreu mudança, e não o cenário. Convém ressaltar ainda, que Beatriz descreve um cenário real, presente em toda a sua infância, e que contribui mesmo para a sua formação.

No texto de Cláudio, percebe-se um tom funesto, um sentimento negativo, e que fazem com que as mesmas montanhas, árvores e o rio decantados por Beatriz parecem, tingir-se de cinza. Cenário e sentimentos fundem-se, tornando-se, ambos, tristes, sem vida. Porém, o sentimento de pertencimento é comum aos dois.

Nas linhas de Beatriz o cenário é descrito como algo que pertence ao autor, que faz parte de sua formação, de sua própria história; os elementos que o compõem são integrantes de sua infância e responsáveis pela formação de seu espírito. Em Cláudio também o cenário pertence ao sujeito, e o faz lembrar atividades de um cotidiano distante, mas complementar à sua formação. Especificamente nos textos citados, a semelhança entre Gonzaga e Beatriz, se dá em um aspecto, posto que, em ambos os escritos, percebe-se que a transformação, diferentemente do que acontece em Cláudio, não está no cenário, mas nos olhos de quem o vê. Há nuances, pois, das influências de Cláudio e Gonzaga nas linhas de Beatriz, mas há também evidências de que ela conseguiu alçar vôo próprio e suas obras nada ficaram a dever aos mestres que, certamente, se orgulhariam da discípula.

É claro que as relações entre os textos de Beatriz e de outros que lhe foram contemporâneos não se limitaram ao horizonte das Minas Gerais, afinal, mulheres e homens de diferentes localidades produziram textos variados e fizeram-nos circular e, embora quase todos seguissem a estética neoclássica, não foram muitos os que deixaram contribuições relevantes do ponto de vista literário, embora, inegavelmente, todos tenham colaborado de alguma forma para estruturar aquela a que, hoje, se chama Literatura Brasileira.

Ângela do Amaral Rangel, por exemplo, nascida no Rio de Janeiro, provavelmente em 1725, já participava, no ano de 1752, da Academia dos Seletos, e parece ter sido a primeira brasileira a publicar seus versos antes de 1822. Como quase

todas as suas colegas, dominava muito bem o próprio idioma, e ainda, o Espanhol. Embora sua produção seja pequena e obediente ao conceptismo em voga, sua atuação nos meios literários foi bastante representativa. Sua obra conhecida hoje se resume a dois sonetos em português sobre Gomes Freire de Andrade e dois romances líricos em espanhol. Segundo Eliane Vasconcellos (MUZART: 1999,51), os esparsos textos que deixou, por sua qualidade, não fazem de Ângela uma poetisa, e, na opinião da ensaísta, pode-se dizer apenas que ela “não produziu uma obra, e sim exercitou dois tipos de versos, o decassílabo e a redondilha maior”, que refletem, péssima retórica academicista, repleta de imagens estereotipadas, ritmos e rimas previsíveis. O verso utilizado como exemplo pela pesquisadora é o que segue abaixo, no qual Ângela explicita sua concordância com a pirâmide ideológica Deus, Monarca, Povo.

Se tudo obrais por alta inteligência,  
De deus a graça tendes adquirida,  
Do Monarca um afeto sem medida,  
E do Povo uma humilde obediência.

(MUZART: 1999,51)

Beatriz Brandão, como Ângela e outros contemporâneos, escreveu também, versos decassílabos e em redondilha maior, mas neles deixou sua marca emancipacionista e de insubmissão aos modelos (literários e políticos) vigentes, que marcaria toda a sua trajetória bio e bibliográfica.

As concepções de Beatriz acerca de Deus, do Monarca e do Povo, se diferenciam muito das de Ângela, pois, enquanto a primeira exaltava a tríade que colocava em primeiro lugar Deus, em segundo, o rei, e em último, o povo, Beatriz demonstra, em toda a sua obra, que é fiel a Deus, mas o põe em condição de semelhante, a quem ela se permite, inclusive, questionar. Quanto à imagem da

monarquia, ela presta reverência a alguns de seus representantes, sobretudo D. Pedro I, D. Pedro II e D. Maria I, como convinha então, mas não se furta de destacar, sempre que sobre eles escreve, que o povo é soberano e agente mais importante das conquistas de liberdade e independência da nação brasileira, fundamentais para ela. Note-se bem como, no conjunto de versos que segue, extraído do hino patriótico que Beatriz ofereceu à nação por ocasião da Independência, Beatriz exalta a figura do monarca, mas destaca, com inteligência e talento poético, que o “Trono” é ofertado pelo povo. O povo é o agente da mudança, enquanto o Monarca apenas acata o desejo da população. Tal imagem de supremacia popular, ou, no mínimo, equivalência, ela reitera no segundo verso da última estrofe, chamando o imperador de filho, irmão, monarca, amigo.

Vive augusto, Vive, Impera;  
O Brasil, a Pátria nossa  
Possa livre, e sempre possas  
Dar ao mundo esta lição.

(...)

Sobe ao Trono, que te oferta  
Grato um Povo liberal;  
Cinge o Louro Imperial,  
Salva a glória da Nação.

A liberdade triunfe,  
Pela Pátria o sangue corra,  
Em liberdade se morra,  
Nunca mais escravidão.

Nossa causa é causa Tua,  
Filho, Irmão, Monarca, Amigo,  
É comum nosso perigo  
E da Pátria a defensam.

*(O Mentor das Brasileiras, 05/ 03/ 1840)*

Quanto à idéia de Deus, em Beatriz ela se compõe de uma veneração contestadora, de uma fé que vê no Senhor um aliado, um ente próximo, amigo, e não abstração inalcançável, como se apreende nos excertos abaixo, em que a autora reafirma sua crença em um ser infinito, não afeito a paixões, e duvida que este exija dos que nele crêem autopunições como jejuns. Nos versos abaixo a poetisa mineira praticamente reconstrói a imagem de Deus então preconizada pela Igreja, naquele momento, das principais aliadas do Governo na manutenção do poder em cujo centro estava o homem. Ressalte-se, ainda, que Beatriz nascera em uma cidade profundamente católica, e em cujos valores apregoados pela Igreja são, ainda hoje, seguidos pela maioria da população.

Suas Leis ele me há dado,  
Dentro de minha alma as tenho;  
Amando-o em meus semelhantes  
Seus preceitos desempenho.

À jejuns e disciplinas,  
Ah! Não posso acomodar-me;  
Deus me dá força e saúde,  
Assim devo conservar-me.

É ir contra seus preceitos  
Suas obras alterar?  
Pra outros fins certamente  
Ele me quis animar.

(BARBOSA, 1831, v.2, cad. 5º, p.27)

Bárbara Heliodora é um caso à parte. Curiosamente, a esposa de Alvarenga Peixoto figura, até hoje, nas principais histórias da literatura brasileiras como escritora, embora haja dúvidas em relação à sua obra, composta, ao que se sabe, de dois poemas que foram atribuídos ora a ela, ora a seu marido: “Amada Filha” e “Conselhos”. Eliane

Vasconcellos (MUZART: 1999, 63) afirma que Januário da Cunha Barbosa, no seu *Parnaso Brasileiro* cita o poema como “Conselho de Alvarenga Peixoto a seus filhos”, e o soneto “Amada filha”, em 1831, no mesmo *Parnaso*, também sob autoria de Alvarenga. Depois, em 1956, Domingos Carvalho da Silva publica as *Obras Poéticas de Alvarenga Peixoto*, de onde exclui os dois poemas esclarecendo que basta a leitura deles para que se prove não serem do inconfidente, o que só pode indicar que sejam de sua esposa Bárbara. De fato, a proposta educativa presente na obra, convém lembrar, é bastante condizente com o discurso feminino então em voga, o que remete a outros textos de igual teor, como o texto *Conselhos a minha filha*, de 1842, de Nísia Floresta. Ainda assim, o fato de Bárbara figurar nas antologias literárias com a desenvoltura sonhada pela maioria de suas contemporâneas parece dever-se, se não a um homem, a um movimento político hegemonicamente masculino, a Inconfidência Mineira.

Bárbara sobreviveu nas linhas da história e da literatura brasileiras como a mulher do inconfidente a encarnar o papel de vítima da tirania monarquista. Diz-se que morreu louca, embora nada o prove, e se assim o foi, antes disso, teria sintetizado, nas entrelinhas dos poemas que supostamente dedicou aos seus filhos, o perigo de seduzir-se pela rebeldia. O trecho de *Conselhos* a ela atribuído, reflete bem o discurso da precaução:

Com Deus e o rei não brincar,  
É servir e obedecer,  
Amar por muito temer,  
Mas temer por muito amar,  
Santo temer de ofender  
A quem se deve adorar!

(MUZART: 1999, 66)

Ainda que Bárbara não tenha escrito os poemas que lhe atribuem, certamente sua atuação política quando da extradição do marido foi bastante significativa para as

mulheres de então, pois, segundo consta, ela teria impedido o marido de denunciar seus companheiros em troca da comutação de sua pena, fato que, segundo Eliane Vasconcellos (MUZART: 1999, 61), foi romanceado por Américo Werneck ao seu *A heroína da Inconfidência*, título, aliás, muito apropriado à construção dos mitos anteriormente mencionada.

Há duas outras importantes escritoras do oitocentos cujas obras, mas também a vida, têm estreitas relações com as de Beatriz. Trata-se de D. Delfina Benigna da Cunha e D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco.

A relação entre as três merece considerações à parte: foram, antes de tudo, mulheres ilustradas, que dedicaram a vida ao estudo sistemático e à composição literária. Não eram apenas senhoras que escreviam verso para passar o tempo, mas amigas que se dedicavam intensamente ao culto do espírito, e que o tinham como projeto de vida. Interessante observar que nos textos que Beatriz dedicou a elas, escreveu-lhes em tom de igualdade, dirigindo-se, pois, não a mulheres etéreas, mas a companheiras que também devotavam a vida aos estudos, à escrita e à publicação de textos, visando estender a todas as mulheres a possibilidade de igualdade e liberdade por meio da ascensão intelectual.

D. Delfina (1791-1857), segundo consta, nasceu no Rio Grande do Sul e, aos 43 anos de idade, órfã, solicitou proteção de D. Pedro I, que lhe concedeu pensão vitalícia em razão dos serviços que seu pai, como capitão-mor, prestara à Coroa. Por isso, durante a revolução Farroupilha, asilou-se na Corte, onde passou a viver a partir de 1835, época em que, provavelmente, conheceu Beatriz. Vítima de varíola, D. Delfina tornou-se cega aos vinte meses de idade, o que não a impediu de receber instrução e tornar-se escritora. Curioso é, entretanto, que a cegueira dessa poetisa tenha provocado mais um equívoco na biografia de Beatriz pois, em seu *Dicionário Literário Brasileiro*

(1978:127), Raimundo de Menezes afirma que Beatriz era cega, informação que talvez provenha da má interpretação do texto em que, se referindo ao início da carreira de Beatriz, Joaquim Norberto afirma:

O passo estava dado, a estrada franca, e a jovem Beatriz estava irremediavelmente fadada para a poesia. A digna irmã das poetisas cegas, Ângela do Amaral e Delfina da Cunha, tinha sido recebida no meio do coro das musas, e um dia o seu nome seria traído pela voz da fama. (SILVA: 1893, 60-61)

Nada na biografia de Beatriz indica que ela fosse cega; aliás, todos os que escreveram sobre ela, inclusive a própria, afirmaram que toda a instrução que recebera, sobretudo em relação às línguas francesa e italiana, fora conquistada às escondidas, de forma autodidata, posto que seus pais, temendo o destino que a sociedade poderia reservar a uma mulher que se pretendesse instruída, limitaram seu aprendizado ao mínimo necessário para garantir-lhe um matrimônio.

Além de Delfina e Beatriz terem abordado, em suas obras, temas como amor, Pátria, natureza, condição feminina e o fazer literário, ambas escreveram em período de transição, do que resultaram algumas poesias marcadas pelo bucolismo e a simplicidade neoclássicos, e muitas prenunciando o individualismo e o lirismo que, mais tarde, traduziriam a escola Romântica, além do que as duas foram as únicas mulheres a ter seus textos publicados no *Parnaso Brasileiro* do Cônego Januário.

No poema abaixo, por exemplo, Delfina deixa transparecer, um sentimentalismo tocante no qual se evidenciam, inclusive, traços autobiográficos. Escreve de maneira espontânea, despojada, desvinculada da obediência às normas neoclássicas, e com um lirismo pungente, que prenunciava uma nova estética.

Em versos não cadentes, ó leitores,  
Vereis os males meus, verei meus danos:  
Da primavera as galas e os verdores  
Nem foram para os meus primeiros anos

Mesmo n'infância experimentei rigores  
De meus fados cruéis sempre inumanos,  
Que só me destinaram dissabores  
Mil males revolvendo em seus arcanos.

Sem auxílio da luz, qu'Apolo envia,  
Versos dignos de vós tecer não posso;  
Desculpai minha ousada fantasia.

Com estes cantos meu, mortais, adoço  
A mágoa que o meu estro só resfria:  
Se mérito lhe dás, é todo vosso.

(MUZART: 1999,121)

O texto em muito se parece com o que está no prólogo de *Cantos da Mocidade* (1856), em que a autora, além de demonstrar despojamento e lirismo, iguala-se à Delfina ao descrever momentos autobiográficos e ao pedir a indulgência dos leitores.

Meu fiel coração vede em meus versos:  
Lede, concidadãos; julgai propícios  
Os cantos juvenis de uma patrícia,

Que sem prévia lição, sem norte ou guia  
Meditou solitária, e sem socorro  
De amiga mão, que os erros lhe emendasse.  
E que mais de uma vez viu consumidos  
Por carvões devorantes os folhetos

Onde de seus estudos e vigílias  
Os frutos tão queridos conservava!  
Por um prejuízo vão, mas arraigado,  
Negava-se instrução ao sexo amável,  
Como se, conhecendo-se o perigo,  
Não se está mais ao alcance de evitá-lo!  
Perseguição sofri tão aturada,  
Que só do gênio a obstinada força  
Vencer podia obstáculo tão fero!  
Corajosa lutei, e se o triunfo  
Não consegui completo, ao menos tive  
A glória da firmeza nos desgostos,  
Nas privações, nas mil contrariedades  
Com que atalhar quiseram a carreira  
A que um violento impulso me impelia.  
Eis, da minha constância vos ofereço  
O contestado fruto; pouco vale,  
Mas valor lhe dará vossa indulgência,  
E serão bem aceitos como ofrenda  
De uma patrícia, de uma Brasileira.

(BRANDÃO: 1856, 1)

As relações entre Beatriz e Delfina parecem ter sido bastante intensas, e ambas, unidas à também escritora Violante Atabalipa, compuseram uma espécie de trio que dialogava entre si, tendo, todas as três um mesmo objetivo, o de alcançar a ascensão intelectual e social por meio da formação e da produção literária, o que torna compreensível que sua primeira edição *Carta de Leandro e Hero*, e *Carta de Hero a Leandro* seja dedicada à Dona Delfina Benigna da Cunha. Curioso é, entretanto, que no *Dicionário Bibliográfico*, de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1883) - primeiro livro a trazer o nome de Beatriz entre os verbetes- conste que tal *Carta* seria dedicada, na verdade, à Dona Violante Atabalipa de Bivar e Velasco, o que chamou a atenção de Eliane Vasconcelos (MUZART, op.cit., p. 84), que em recente texto sobre

Beatriz pergunta: “Teria Beatriz mudado sua dedicatória na segunda edição das cartas?”

A resposta a tal pergunta surpreende, pois demonstra, uma vez mais, grande habilidade por parte da poetisa mineira. As cartas acima mencionadas, após serem publicadas, em separado, no *Parnaso brasileiro* do Cônego Januário (1832, v.22, 7º cad., p.7-28), e dedicadas à Dona Delfina (poetisa amiga de Beatriz), tiveram uma segunda edição na qual se fundiram com o título *Cartas de Leandro e Hero*, publicada pela tipografia de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, em 1859, e, realmente, dedicada não mais à Delfina, mas à D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco, outra amiga de Beatriz.

Interessante observar que a poetisa mudou não apenas o destinatário da dedicatória, mas a própria dedicatória. Ela escreveu dois diferentes textos que, na verdade, resumem, em versos, a história narrada. Comparando-se os dois escritos constata-se que ambos enfatizam, de forma muito particular, duas facetas de Beatriz: a de leitora e a de interlocutora, que escrevia não para um leitor etéreo, desconhecido, mas para duas leitoras específicas, reais, amigas, e parecidas com ela nas escolhas e na formação. Assim, as dedicatórias são quase epistolares, e assumem um tom quase confessional por parte de Beatriz. Mas há também diferenças significativas entre elas. Na primeira, o nome de Delfina aparece no título da dedicatória, mas no texto propriamente dito, ela assume o papel de Lucília, o que, inicialmente, sugere certo distanciamento entre autora e leitora, mas, no entanto, parece dissipar-se no último verso, em que Beatriz convida as almas sensíveis, incluindo Lucília, a chorar com ela; com a tradução que ela fez da história infeliz dos dois amantes.

A dedicatória à Violante, por sua vez, é direta, sem a mediação de pseudônimos, e sugere uma maior intimidade entre ambas, pois Beatriz parte do princípio de que Violante conhece as dores do amor e a convida para partilhar do

sofrimento de Hero e Leandro, quase como que a dizer que há sempre amores mais infelizes do que os que ela possa ter tido. Destaque-se, ainda, que a escolha desta obra para dedicar às duas pode dizer muito mais sobre Beatriz, ela própria vítima de uma amor infeliz sobre o qual, provavelmente, as duas amigas tinham conhecimento.

Carta de Leandro à Hero, traduzida do Francês, e dedicada à Senhora D. Delfina Benigna da Cunha, por D. Beatriz Francisca de Assis Brandão.

#### DEDICATÓRIA

Vê, Lucília, no quadro lastimoso  
Que à tu'alma sensível apresento,  
De amor o fruto amargo, e a pena injusta  
Contra tristes amantes fulminada.  
E haverá coração duro, insensível  
Que a ouvir-lhe o eco não s'egote em sangue?  
Leandro já do mar despojo infausto  
Sobre as queridas margens arrojado,  
Seus desgraçados votos vê cumpridos!  
Tiranos Céus! Sío nisto os escutastes?  
Hero infeliz o vê, e o reconhece,  
E no extremo da dor que alma lhe ocupa  
Um ai, um só suspiro não lhe escapa.  
Perdido o acordo, e a razão perdida,  
Dessa torre fatal se precipita,  
E cingindo a seu peito o caro amante,  
Quanto um resto de vida lhe permite,  
O primeiro suspiro o último exala.  
A Natureza geme, Amor soluça!  
Ó copia desditosa! Exemplo triste  
Da mais viva paixão, que o mundo vira!  
Ao pintar de seu fado o duro extremo,

Quantas vezes no peito intercadente  
Senti faltar-me o alento... assim tremendo  
Cai a pena da mão, que enxuga o pranto

Almas sensíveis, que o prazer e a mágoa  
De Amor sabeis qual é, chorai comigo.  
Dessa cópia fiel a sorte amarga  
Vos arranque um gemido doloroso!  
Chora também, Lucília, chorai troncos,  
Rochas de Abido, e vós praias de Sesto  
Onde repousam, num só ponto, as cinzas,  
Que Amor talvez ainda aquece, e anima.

(BARBOSA, 1832, v. 2, cad. 7º, p. 7-28)

Cartas de Leandro e Hero, extraídas de uma tradução  
francesa por D. Beatriz Francisca de Assis Brandão

À Ilma e Exma. Senhora D. Violante Atabalipa Ximenes  
de Bivar e Vellasco<sup>17</sup>

#### DEDICATÓRIA.

Aos dois Amantes  
De Abido, e Sesto,  
Ardor funesto  
Deu negro fim.

Foram-lhe algozes  
Os seus extremos;  
Mortais, amemos;  
Mas não assim.  
(BOCAGE, CANT. de L. E H.)

Sublime Atabalipa, se em teu peito

---

<sup>17</sup> BRANDÃO, D. Beatriz F. de A. *Cartas de Leandro e Hero*. 2.ed. Rio de Janeiro, Tip. e livraria de B.X.P. de Sousa, 1859. 44p.

Tem dominado amor, se os duros golpes  
Da saudade, da dor, do desespero  
Tem tu'alma sensível ulcerado,  
Escuta a narração lúgubre, infausta,  
Do mais atroz , mais doloroso caso,  
Que inda o eco repete em surdas vozes  
Nessas plagas fatais de Abido, e Sesto!

Vê, lutando o infeliz, mísero Amante,  
Co'os furores do mar, e vento infindo,  
Buscar desanimado a luz propícia,  
Que seus olhos, já baços, não descubrem!  
Ei-lo jogo das vagas agitadas,  
Espirando, e pedindo ao mar em fúria,  
Que leve seu despojo àquela margem  
Onde os braços da sua bem amada  
Pela última vez possam cingi-lo  
Ao terno coração que tanto o amara!  
De todos os seus votos, foi só este  
Que os Deuses despiedosos escutaram!  
De uma calma falaz, Hero iludida,  
Corre a acender o lume benfazejo,  
Que guiar deve o suspirado Amante,  
De tão viva paixão objeto digno.  
Turbam-se de repente os elementos:  
Medonhos escarcéus o mar revolvem:  
Berra a tormenta, e negro torvelinho  
Encobre o céu, e o mar. Corre agitada  
A extinguir o fanal. Era já tarde:  
Leandro o tinha visto, e se expusera;  
E nesse mesmo instante em que a mesquinha  
Aniquilava a luz, ele espirava!

Pondera agora, ilustre Atabalipa,  
Qual a dor, a aflição, a ânsia, o delírio  
Dessa alma apaixonada, e tão sensível,  
Quando viu sobre a área branquejando

Do desgraçado Amante o níveo corpo!  
Amor, que os tinha unido, não consente  
Que laços tão sagrados se desatem.  
Hero se precipita, e vem, morrendo,  
Ligar-se em triste amplexo ao doce amigo.  
E unindo os seus aos lábios já sem vida  
Do mal fadado moço, co'um suspiro  
Lhe diz: - Morremos juntos – e espirando  
Tornou eternos seus amantes votos!  
Vejo sentido pranto, cara amiga,  
Aljôfar tua face; sim, observo  
Agitado teu seio, e sufocado  
Teu terno coração, em mil suspiros  
Brotar a dor. Ah! Sim; só brutas feras  
Podem negar piedade ao caso acerbo  
De tão nefasto amor, tão dura sorte!

Suas cinzas repousam lá unidas  
Entre algosos penedos: Alcione  
Vem ali lamentar sua saudade,  
E as rolas gemedoras, seus arrulhos  
Ali fazem soar continuamente:  
Os ecos dos contornos os repetem;  
Tudo respira dor, saudade e pranto.

(BRANDÃO: 1859, 1)

Quanto à Violante Atabalipa (1816-1875), a quem Beatriz dedica a segunda edição das *Cartas*, trata-se de jornalista, tradutora, diretora *d'O Jornal das Senhoras* e fundadora do jornal *O Domingo*, já citados. Assim como Beatriz e Delfina, Violante nascera em outro Estado – Bahia – mas transferira-se para o Rio de Janeiro, onde sua carreira florescera, lá falecendo, em maio ou junho de 1875.

Como Delfina e Beatriz, Violante terminou seus dias na Corte. Era mais jovem que as duas, pois nasceu em 1817 e, provavelmente, teve mais facilidade que elas

para fazer-se notar por seus escritos, afinal, seu pai, Diogo Soares da Silva Bivar, foi o primeiro presidente do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, o que certamente contribuiu para a divulgação de seus textos, já que, como afirma Eliane Vasconcellos (MUZART:1999, 194), aos oito anos de idade a escritora já declamava seus poemas nos saraus da Corte. Como Beatriz, contava entre seus talentos o canto, o desenho, a música e a tradução. Seu primeiro livro, *Algumas traduções*, foi publicado em 1859, com prefácio da amiga Beatriz Brandão. Tal e qual seus pares, cultivou sonetos, epístolas, quadras, oitavas e décimas, que traduziram igualmente o mesmo momento de transição literária. Foi também eloqüente na defesa da emancipação feminina, e em seus textos em prosa deixa clara sua postura, como quando afirma em “A mulher”, publicado em *O Domingo*, de 15 de março de 1874:

Lançai os olhos ao passado; revolvei essas crônicas feudais, envoltas no pó do esquecimento e do desprezo, e lá vereis provada a nossa asserção.

Que valiam beleza, carinho, virtudes?

Nada.

(...)

A sociedade sem as mulheres não pode ser agradável, antes pelo contrário causa tédio, enfastia. E as mulheres, destituídas de espírito, ou dessa graça de conversação que revela ao mesmo tempo – uma educação distinta e uma superioridade de talento estragam a sociedade em vez de a embelezarem. (MUZART: 1999, 204),

Em outro periódico, *O Mentor das Brasileiras*, anos antes, Beatriz demonstrava profunda sintonia com aquela que, mais tarde, seria sua colega no Rio. Sob o título *O Belo Sexo*, Beatriz preconizava:

Quando se apelida belo o nosso sexo, não se alude esta beleza à regularidade das nossas feições, ou as graças da figura. Nós não devemos este epíteto senão à brandura, ingenuidade e modéstia, que são, ou devem ser, o ornamento do nosso caráter. A beleza física dura bem pouco, e os seus triunfos são caducos como ela mesma. Uma senhora que empregou seus primeiros anos em fazer-se adorar pelos seus encantos, que se esqueceu de cultivar seu espírito, de colher alguma instrução, e, sobretudo, de adquirir o gosto da leitura, e do trabalho, que prazer poderá encontrar em uma sociedade onde já o seu semblante não atrai admiradores? (*O Mentor das Brasileiras*, 12/03/1830)

Joana Paula Manso de Noronha integrava também a casta literária feminina do Rio oitocentista, e foi quem antecedeu D. Violante na direção do *Jornal das Senhoras*. Outra defensora da emancipação feminina, a escritora – considerada também a primeira jornalista brasileira – faz questão de atribuir a Deus o fato de as mulheres, como os homens, terem grande capacidade intelectual. Assim, esclarecendo que a emancipação por ela apregoada está sempre submissa à vontade divina, ela assim responde a carta de um leitor que critica sua posição feminista:

Revoltai-vos contra Deus, senhor, e perguntai-lhe por que deu alma à mulher, por que lhe deu pensamento, por que a fez igual ao homem, por que a fez sua companheira, se os instintos ferinos do homem bruto querem apenas a realização de seus desejos!

Acusai a Deus, não a mim! (*In: MUZART: 1999, 243*)

Em conjunto de quadras de seu primeiro livro, *Cantos da mocidade*, Beatriz, de maneira semelhante à de Joana, define-se como escritora atribuindo também aos

deuses, e a Deus, os seus méritos como mulher inteligente e sua inclinação poética:

Fulgente estrela influiu  
No instante em que tive o ser;  
Apolo e o coro Aôneo  
Presidiram meu nascer.

Na mais tenra puerícia  
Com as musas me entretinha;  
Muitas vezes de seus brincos  
Erato apartar-me vinha.

(...)

Nunca frívola vaidade  
Em meus versos influiu,  
Nem torpe maledicência  
Da minha pena saiu.

(...)

Adoro um Deus infinito,  
Poderoso, eterno, imenso,  
E não posso acreditar  
Que seja a paixões propenso.

Sua Lei ele me há dado,  
Dentro de minh'alma a tenho,  
Amando-o em meus semelhantes,  
Meus deveres desempenho.

(...)

A jejuns, a disciplina,  
Oh! Não posso acomodar-me;  
Deu-me Deus saúde e força,  
Assim devo conservar-me.

(...)

Só o ente que discorre  
É capaz de seus louvores,  
E, se aos brutos é igual:  
Para quem fez Deus as flores?

(...)  
Meu Deus! Meu Pai! Eu sou grata  
De Teus dons conheço o peso;  
Sei que o ente que ilustraste  
Não merece o teu desprezo.  
(...)

(BRANDÃO: 1856, 100)

Ildefonsa Laura César, baiana nascida em 1794, apesar de jamais deixar a terra natal, comungou das idéias e formas poéticas de suas contemporâneas e, como elas, permanece no limbo, à margem dos cânones literários. A autora, que publicou seu primeiro livro, *Ensaio Poéticos*, em 1844, canta em seus versos a saudade da filha, de quem foi apartada e do amado, com o qual não se casara, quebrando mais uma regra rígida de conduta na época, e também as desiguais condições entre homens e mulheres. Vê-se, na quadra a seguir, o amor que aprisiona, também tematizado no texto posterior por Beatriz. Embora a vítima de Eros em Ildefonsa seja o outro:

Prendi amor no meu peito  
Com arco, aljava e farpão:  
Pede-me agora, que o solte;  
Mas eu lhe digo que não.  
Chora triste, por se ver  
Em tão estrita prisão:  
Suas súplicas redobra;  
Mas eu lhe digo que não.  
(MUZART: 1999,158),

e em Beatriz, o próprio sujeito poético, é inequívoca a semelhança:

Rasgou amor o meu peito  
Com desumano destroço;  
Quero fugir-lhe, e não posso

Os meus ferros desatar;  
Devo sentir em segredo  
Arder o meu coração  
Devo ocultar a paixão  
Que me obriga a suspirar.

(*Marmota Fluminense*: 25/ 03/ 1855, p.04)

A norte-rio-grandense Nísia Floresta Brasileira Augusta, nascida em 1810, foi outra a trilhar os caminhos que levavam à Corte, onde em 1838, fundou o Colégio Augusto dedicado à educação de meninas. Presença constante nos principais jornais do país desde 1830, Nísia dividiu-se entre as carreiras de educadora e escritora, mantendo-se firme no ideal de emancipação feminina de que comungavam suas colegas, e em razão de seu primeiro livro, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, que segundo Constância Lima Duarte (MUZART: 1999, 176), foi a primeira obra brasileira a tratar abertamente do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, tornou-se conhecida como a primeira feminista brasileira. Os clamores de Nísia não divergiam dos de Beatriz, Delfina, Joana, Ângela e tantas outras irmanadas no mesmo propósito de alcançar a emancipação feminina por meio da educação, como provam suas palavras (MUZART: 1999, 185) no *Opúsculo Humanitário*, publicado em 1853: “Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado – emancipação da mulher –, nossa débil voz se levanta na capital do Império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres!”.

Seria oportuno ampliar este estudo englobando escritoras de outros países, cujas circunstâncias, especialmente no que tange às dificuldades de ascensão intelectual decorrentes do gênero, não diferem muito dos aqui apresentados, entretanto, matéria de tal ordem mereceria outra tese. Assim, menciona-se apenas uma escritora européia, a portuguesa D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, a Marquesa de Alorna, escolhida não apenas pela semelhança entre sua obra e a de Beatriz, mas também por

dois outros motivos. Primeiro, porque coube à brasileira o título de “Alorna brasileira”, atribuído por Inês Sabino em 1899; e, segundo, porque as escritoras portuguesas, que já escreviam desde os séculos XVI e XIX, também enfrentaram enormes dificuldades, como as que acometeram as brasileiras, decorrência natural de sociedades nas quais à supremacia masculina cabia poder, e também ficaram ausentes do cânone durante alguns séculos. Segundo Vanda Anastácio:

As mulheres que em Portugal se aventuraram à produção e à difusão de textos nesta época tentaram, até certo ponto, esconder a sua actividade dos olhos do público, pelo que se torna difícil ao historiador aperceber-se do papel que desempenharam, não apenas conquanto produtoras mas, também, como mediadoras culturais, como promotoras de determinados repertórios e como agentes de legitimação de indivíduos e de grupos.  
(ANASTÁCIO: acesso em 25 de junho de 2009)

Nascida em 1750, em Lisboa, a Marquesa de Alorna era figura de rara erudição, foi poetisa e tradutora. Neta da Marquesa de Távora, foi encerrada, ainda menina, no Convento de Chelas, posto que seu pai foi acusado de participar de atentado ao rei D. José. Passou, pois, grande parte de sua juventude no recinto eclesiástico, onde se dedicava à música e à poesia e de onde, ao sair, já se tornara dama de formação excepcional e muito bem relacionada nos meios literários. Sua extensa obra perpassa, como a de Beatriz, o Arcadismo e o pré-romantismo, este último acentuado pelo tom de desabafo de mágoas revelado em seus poemas, assim como pela projeção do estado de alma no mundo circundante.

As afinidades entre os textos de Beatriz e Alorna são muitas e, ainda que a portuguesa seja mais vinculada às convenções arcádicas nota-se, na poesia de ambas,

circunstâncias de caráter histórico e político, bem como traços autobiográficos marcantes. Destaquem-se, também, nas duas, a proximidade com o espírito romântico – em Alorna, muito mais presente nas traduções que na obra poética, onde predomina o Classicismo – a dar indícios de um conhecimento da nova estética e de um posicionamento de vanguarda, bem como a opção pelo exercício de alteridade que subjaz à tradução, que as duas executaram com maestria.

Os textos que seguem são alguns, dentre muitos, que evidenciam várias analogias entre a escrita das duas Alornas, a portuguesa e a brasileira.

#### Mote

O tormento da incerteza.

#### GLOSA

Nas ondas do mar irado,  
Nas fúrias do Noto fero  
Uma pintura achar quero  
Do meu acerbo cuidado:

Mas é tão duro o meu fado,  
Tão densa a minha tristeza,  
Que na vasta natureza,  
Por mais que a idéia dilate,  
Nada encontro que retrate  
*O tormento da incerteza.*

Marquesa de Alorna

(ALORNA: 1844-1851, p.366)

No poema citado, Alorna procura, sem conseguir, uma imagem capaz de retratar a angústia de quem vive o tormento da incerteza, e utiliza-se a efígie do mar

irado, bravo, para ilustrar a idéia de tormenta. O texto, entretanto, acentua muito mais a impossibilidade de se conseguir descrever uma sensação de incerteza do que o próprio desconforto causado por tal dúvida.

No texto de Beatriz, glosa do mesmo mote, colocado no plural, talvez, por uma questão de ênfase, também o mar revoltoso é utilizado como metáfora de tormenta, mas a autora brasileira, bem à moda Romântica, exagera nas tintas, acrescentando à cena outros elementos que, juntos, compõem uma verdadeira imagem aterrorizante, que traduz com bastante propriedade o que ela deseja exprimir: que todo o horror é preferível ao tormento da incerteza.

#### Mote

Os tormentos da incerteza

#### GLOSA

Navegar em mar turbado,  
Em treva que rasgam lampos;  
Sucumbir em márcios campos  
Em fumo, em sangue alagado;  
Ser dum antro devorado  
De horrendo tigre a fereza;  
De infame algoz à crueza  
O colo inerte off'recer,  
Antes isso que sofrer  
*Os tormentos da incerteza.*

Beatriz Brandão (*Marmota Fluminense*: 15/06/1852)

No aspecto formal, ambos os poemas encarnam a décima encimada pela palavra glosa, o que faz supor que seu título, na verdade, seja um mote. A glosa é uma décima em versos redondilhos maiores (sete sílabas pelo padrão grave de contagem

silábica) que, entre os cantadores brasileiros, é sempre feita em décimas, cujo verso final repete o mote.

O esquema de rimas adotado pelas duas poetisas é o da décima clássica (abba:accddc), também chamada de espinela, forma poética constituída por uma quadra, que funciona como uma espécie de mote, e uma sextilha em versos redondilhos maiores (de sete sílabas), que corresponderia à glosa. A vinculação entre a quadra e a sextilha faz-se por meio da rima, pois o primeiro verso da sextilha é o único a rimar com dois versos da quadra. Embora a décima de D. Beatriz apresente todos esses requisitos formais, ela não é, em sua estrutura interna, uma espinela, pois a décima de nossa poetisa difere da de Alorna porque não é divisível em quadra e sextilha, mas em oitava.

Assim sendo, pode-se considerar que na, décima mencionada, D. Beatriz demonstre já relevante independência frente aos padrões clássicos europeus, posto que se aproveita do mesmo mote glosado pela portuguesa Alorna e expõe sua versatilidade, glosando-o de acordo com uma já nascente tradição brasileira, posto que tal tipo de glosa já era comum entre os poetas do Brasil do século XVIII.

A prática textual do século XIX não reflete coincidências temáticas apenas, mas também no que tange às formas poéticas que então vigoravam na Europa e nas plagas brasileiras, o que justifica que motes glosados, liras, quadras, poesias de circunstância, epístolas, epigramas e, sobretudo, sonetos formassem o conjunto da obra daquelas que se dedicaram aos textos em verso, o que, obviamente, sucedeu também a Beatriz, razão pela qual vale transcorrer sobre tais estruturas.

Os poemas escritos sob a forma mote/glosa possuem estrutura poética que, na Idade Média, correspondia à do vilancete, poema lírico de origem galego-portuguesa cuja origem encontra-se *Cancioneiro Geral* de Garcia Resende, datado de 1516, e que foi cultivado, no século XVI, por inúmeros escritores, sobretudo por Camões, autor

presente na leitura de muitas escritoras. Entretanto, no século XVII, esse tipo de composição poética foi abandonado, só voltando ao cenário no final do século XVIII, nas obras de autores como Eugênio de Castro e Júlio Dantas e, particularmente, na de Beatriz Brandão. Tais escritos caracterizam-se por conterem uma estrofe, chamada de mote, que correspondia ao tema do poema e era formada, em geral, por três versos, seguida de um número variável de estrofes – formadas por cinco ou oito versos, na maioria das vezes, dispostos em redondilha maior, sete sílabas, chamadas de glosas, em que se desenvolveria a idéia poética inserida no mote. Conforme Massaud Moisés (MOISÉS: 1974), o mote permitia identificar a filiação tradicional do vilancete, e é comum, ainda, encontrar-se os versos do mote repetidos um em cada estrofe do poema ou um mesmo verso em todas as estrofes, conservando-se a mesma palavra da rima ao final de cada estrofe.

Quanto às líras, convém relatar que tal construção poética surgiu em 1534, quando o italiano Bernardo Tasso, no intento de elaborar um tipo de ode cuja estrutura fosse tão flexível quanto à da horaciana, tê-las-ia criado. Proveniente do latim *Lyra* (m) e do grego *Lyra*, o vocábulo designa também um instrumento de cordas, deixando transparecer a estreita relação entre tal instrumento e a composição poética homônima, feita sob uma harmonia melódica que sugeria, em sua apresentação, um acompanhamento musical. Inicialmente constituída por uma quintilha formada de dois versos decassílabos e três hexassílabos, ou dois hexassílabos e três decassílabos, obedecendo ao esquema de rimas aBabB ou aBAaB, no período barroco, também as estrofes de quatro, seis e sete versos passaram a denominar-se lira e, já no século XVIII, no Brasil especificamente, talvez por influência da música popular, a lira adquiriu diferente organização, passando a utilizar o verso redondilho e a estrofe de número variável, tornando-se, assim, *uma canção em que se repete de ordinário um estribilho*

*ao fim de cada estrofe.* (MOISÉS, M.: 1974, 306).

No Arcadismo brasileiro, especialmente com Tomás Antônio Gonzaga, essa forma poética teve seu apogeu, mas no período seguinte, sob os auspícios do movimento Romântico, desapareceu completamente. Sendo D. Beatriz contemporânea e, a princípio, grande seguidora dos padrões literários neoclássicos, natural esperar que compusesse líras, e embora não fossem sua construção poética preferida, ela as escreveu em grande quantidade.

Quanto às epístolas, apenas uma consta da obra da autora, que a dedicou à Elisa, supostamente uma amiga de Ouro Preto. Tal tipo de composição já na Antigüidade se destinava a um amigo ou mecenas. Escrita em linguagem coloquial e versando sobre variados assuntos, já tivera, em épocas mais remotas, características menos informais, posto que designasse os escritos endereçados, pelos apóstolos, bíblicos a um grupo social. Segundo Massaud Moisés (1974:192-193), a epístola voltou à cena com a Renascença, através de escritores como Petrarca, Ariosto, Sá de Miranda e outros. No século XVII, o desenvolvimento dos serviços postais fez com que a epístola literária em prosa fosse utilizada com grande freqüência, tendo como uma de suas maiores cultoras a Madame de Sévigné que, entre 1664 e 1696, redigiu, de Paris, centenas de cartas à sua filha, moradora da Provença. Outros de seus adeptos foram Rousseau, que escrevera 2500 delas, e Voltaire, cuja produção alcançou o número de dez mil.

Consta que este tipo de texto não é característico da Literatura Brasileira, exceto no século XX, quando alguns escritores passaram a utilizá-lo para troca de correspondências entre eles. Ao que parece, *Epístola a Elisa (Marmota Fluminense: 18/01/1953, p. 04)*, de autoria de D. Beatriz, pode constituir-se em raro exemplar brasileiro de uma composição poética desse gênero.

As quadras, também conhecidas por “quadrinhas” ou “trovas”, foram amplamente utilizadas por todas as escritoras do período em foco. Compõem-se de uma estrofe de quatro versos, em que o último desses encerra o pensamento proposto pelos três que o antecedem. Cultivadas desde a Idade Média, são as redondilhas maiores que lhe aparecem como versos mais freqüentes.

Quanto aos sonetos, formas poéticas preferidas por Beatriz, valem observações enriquecedoras. O vocábulo “soneto” origina-se do italiano *sonetto* e designa uma composição poética de quatorze versos, dispostos em dois quartetos e dois tercetos. Sua invenção vem sendo atribuída ao poeta siciliano Pier della Vigna (1197-1249), embora alguns estudiosos, atualmente, considerem Giacomo de Lentino (1180/1190?-1246?), poeta siciliano da corte de Frederico II, seu criador, posto que as composições mais antigas do gênero constituem-se em um conjunto de quinze sonetos de autoria de Lentino, um de autoria de Jacopo Mostacci, um de Pier della Vigna e dois do Abade de Tivoli.

De acordo com Massaud Moisés (MOISÉS: 1974, 482), há duas teorias que explicam a origem do soneto. A primeira, apresentada por Nicolo Tommaseo (“Dei Canti Popolari e dello Studio Critico sui Canti Popolari di Giuseppe Pitrè”, in *Nuove Effemeride Siciliane*, 1869, I, 26), e, posteriormente, por uma série de especialistas que inclui de Leandro Biadene a Pio Rajna e outros, preconiza que o soneto surgira da união de dois “estrambotos” (forma poética italiana antiga, composta de versos decassílabos, distribuídos em oitavas e sextetos) especificamente compostos de uma oitava – que fragmentar-se-ia em quatro dísticos ou em dois quartetos, guardando vestígios da divisão anterior em versos emparelhados – e um sexteto – fragmentado em três dísticos ou em dois tercetos. A discussão exaustiva dessa teoria, iniciada no século XIX, resultou na formulação de uma outra que, apesar de aceitar que a divisão da oitava

introdutória em dois quartetos vincule-se ao estramboto, discorda de tal vinculação no que se refere ao sexteto, posto que o esquema de rimas típico desse último corresponde a “cdcdcd”, o que diverge do soneto, cujas rimas obedecem ao padrão “cdecde”. Dadas as dificuldades de chegar a uma conclusão sobre a gênese dessa composição, passou-se a admitir o soneto como uma invenção artística.

Dentre os mais antigos cultores de tal forma poética, destacam-se Dante e Petrarca, a quem caberia o mérito de dotá-la de uma forma<sup>18</sup> e um conteúdo, modelo que viria a ser imitado pelos poetas que o sucederam.

Muito presente em obras poéticas dos séculos XVI e XVII, o soneto cairia em desuso no século XVIII, dado o pouco apreço que os Românticos lhe dedicaram, período letárgico que, entretanto, logo chegaria ao fim, visto que os parnasianos voltaram a praticá-lo de forma vigorosa.

No soneto a seguir, primeiro texto seu a ser publicado em *Marmota Fluminense*, D. Beatriz utiliza o modelo petrarquiano (dois quartetos e dois tercetos), no que diz respeito à divisão das estrofes, mas não no que se refere ao ritmo, no petrarquiano, marcado pelas rimas abba/abba/cde/cde, e no da poetisa, por abba/abba/cdc/dcd. Entretanto, é ainda Massaud Moisés quem afirma que *a variação da rima torna-se, mesmo, um dos expedientes diletos dos sonetistas mais ciosos da forma, chegando, por vezes, ao soneto de versos brancos, ou sem rima* (MOISÉS: 1974, 483).

O soneto que segue demonstra a destreza da poetisa que, deliberada e habilmente, modulou seus versos em variadas rimas, fugindo ao convencional não apenas neste particular, mas também no que se refere ao metro, que, em poetas mais presos à tradição, prima por versos decassílabos com acento na 4ª, 7ª e 10ª sílabas. É verdade que a autora usa decassílabos neste soneto, mas seus acentos oscilam verso a

---

<sup>18</sup> Não se pretende aqui abordar a complexa discussão entre forma e conteúdo, conceitos, como se sabe, indissociáveis. Entenda-se, portanto, como um reconhecimento de que a plurissignificação da obra poética não se restringe ao conteúdo semântico dos versos.

verso, estrofe a estrofe, demonstrando uma tendência à inventividade, a um fazer poético novo, que busca uma liberdade de expressão que não cabe em paradigmas.

#### Soneto

Oferecido à Ilma e Exma. Sra. Viscondessa de Olinda  
Por ocasião da sentidíssima morte de seu filho

Abra as asas, Arcanjo glorioso,  
Sobre as asas celestes te suspende;  
Demanda a sacra estância onde resplande  
De Jeová o trono luminoso.

Dos Serafins no<sup>19</sup> coro harmonioso  
Com transportes de amor a voz desprende,  
E ao Ser eterno em holocausto rende  
Dos pais aflitos, pranto doloroso.

Hóstia propiciatória, se os clamores  
Se escutam<sup>20</sup> dos mortais, na eternidade,  
Impetra um lenitivo a tantas dores!

Um raio de esperança, e de piedade  
Sustente os peitos seus contra os rigores  
De tão atroz, e perenal saudade!

(*Marmota Fluminense*: 18/01/1853, p.04)

Sobre os epigramas, conceituavam-se, inicialmente, como qualquer tipo de inscrição, fosse em túmulos, monumentos ou medalhas, e sua principal característica consistia na rememoração de um acontecimento ou de uma personalidade. Posteriormente, perpetuou-se como forma literária que, breve e objetiva, versava sobre

---

<sup>19</sup> A autora grafou “em o coro...”, prejudicando a métrica; por isso, atualizou-se para “no”; o que torna o verso decassílabo, como os outros.

<sup>20</sup> Não atualizado para “Escutam-se” em detrimento da métrica.

temas diversificados, como o ódio, o amor, a liberdade e a sátira, este último especialmente cultivado por Marcial, poeta modelar no gênero.

Os textos epigramáticos tiveram pouca expressão na Idade Média, voltando à cena nos séculos XV e XVI, na Europa e, depois, nas Américas, e atingindo seu ápice nos oitocentos. No Brasil, contaram, ainda no período Barroco, com escritores como Gregório de Matos, embora viessem a ocupar posição de destaque entre os árcades, especialmente em Cruz e Silva.

Tradicionalmente, o epigrama apresenta-se em forma de uma quadra dividida em duas seções; a primeira delas, chamada “nó”, teria a função de incitar a curiosidade do leitor e à segunda, o “desenlace”, caberia um desfecho capaz de satisfazê-la; além disso, para Francisco Freire de Carvalho são também indispensáveis ao epigrama, *brevidade, energia, uma simplicidade sem arte, e demais disto uma delicada agudeza, ou alguma singular contraposição de idéias* (MOISÈS: 1974, 55).

Na construção dos epigramas que ora se apresenta, os únicos em toda a obra da autora, Beatriz Brandão não parece ter seccionado seu pensamento em duas etapas – nó e desenlace –, como sugere Lessing; tampouco escreveu-os em quadras; mas é inegável que, com simplicidade e ironia ímpares, abordou, nos versos abaixo, um pensamento delicado e engenhoso, a inveja de Ulina em relação ao sujeito poético, vingada no segundo epigrama, em que a autora desdenha da aptidão artística da outra.

#### Epigrama

A sábia Ulina se aflige  
De me ver metrificar;  
Teme que possa eu chegar  
Por poeta a enlouquecer;  
E eu temo que ela enlouqueça  
Com os desejos de o ser.

## OUTRO

*A um quadro muito mal copiado.*

Por mão da bela Ulina desenha  
Vê-se a prole gentil de Cassiopéia,  
Não já na prima forma delicada  
Mais em *mona* infernal, hirsuta, e feia.  
O jovem semideus, o herói prestante  
(Ó vil metamorfose, ingrata idéia!)  
Transformado em *Lagarto* petulante, (1)  
Sobre um *Cabrito* (2) *alado* um porco caça,  
E com agudo espeto (3) o ameaça.  
Com tudo, errar Ulina eu nunca crera;  
O que julgo daqui é que Perseu  
C’ a maldita cabeça, que trouxera,  
Em vez de converter em rocha a fera,  
Monstrificou-se, e a tudo o que era seu.

N.A.

(1) A armadura parecião ascamas.

(2) O Pégaso.

(3) Perseu devia petrificar a fera, e vencer o resto à espada, mas no quadro a pintora teve a habilidade de apresentar a fera como um porco; e a espada como um espeto.

(BARBOSA: 1831, 31-32)

As “Poesias de Circunstância”, ou “Laudatórias”, geralmente consideradas como textos de menor qualidade poética, destinam-se a homenagear pessoas ou fatos grandiosos, e foram largamente utilizadas nos séculos XVII e XVIII. Muitas vezes feitas por encomenda, tais composições são denominadas são vistas com demérito pela crítica literária, provavelmente pelo cerceamento lírico e a limitação imaginativa típicos de qualquer texto que seja encomendado ou que tenha por objetivo a bajulação. Cruz e

Silva, José Basílio da Gama e Cláudio Manuel da Costa utilizaram bastante esse tipo de composição, e até mesmo Machado de Assis<sup>21</sup> rendeu-se a tal convenção.

Assim como seus contemporâneos, Beatriz Brandão escreveu também poesias de circunstância, e, curiosamente, a primeira e a última composições dela a serem publicadas no *Marmota* enquadram-se nessa classificação: a primeira, “Soneto oferecido à Ilma. Sra. Viscondessa de Olinda, por ocasião da sentidíssima morte de seu filho” – publicada em 08/06/1852 (nº 268:03), e a última, “Saudação ao dia 7 de setembro de 1857, oferecida à Sociedade Ypiranga”, publicada em 11/09/1857 (nº 881:4).

---

<sup>21</sup> Na página 04, no número 578 de *Marmota*, Machado de Assis publica um poema de circunstância intitulado Saudades (Ao Ilmo. Sr. F. G. Braga), escrito em 25/02/1855.

# III

## Contestado fruto:

A obra de Beatriz Francisca de Assis Brandão

*...Corajosa lutei, e se o triunfo  
Não consegui completo, ao menos tive  
A glória da firmeza nos desgostos,  
Nas privações, nas mil contrariedades  
Com que atalhar quiseram a carreira  
A que um violento impulso me impelia.  
Eis, da minha constância vos ofereço  
O contestado fruto...*

(BRANDÃO: 1856, 4)

## **Apresentação**

Estão reunidos aqui, pela primeira vez, os textos escritos por Beatriz Francisca de Assis Brandão, ao longo dos seus oitenta e nove anos de vida. Embora não seja possível afirmar que tudo o que a poetisa escreveu foi encontrado, pois sabe-se que muitos textos se perderam, o conjunto que ora se apresenta supera em muito as expectativas iniciais desta pesquisa, que pretendia apenas encontrar poemas espalhados por obras didáticas voltadas ao ensino de literatura brasileira.

Após os primeiros cinco anos foi possível alcançar um conjunto significativo de poemas da escritora, difundidos dentre mil trezentos e trinta e sete números de jornal, lidos em tela de antigas leitoras de microfilme, após o que foram copiados, um a um, manuscritamente, para, enfim, serem digitados conforme no original, posteriormente, atualizados conforme os critérios já explicitados.

Prosseguindo a busca por novos elementos que ajudassem a compor a obra ou a vida de Beatriz, arquivos e bibliotecas de Ouro Preto, Mariana, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Lisboa foram, por oito anos mais, lugares freqüentados assiduamente, guardiões que são da memória do país. A pesquisa então tomou caminhos diferentes, por vezes intuitivos, pois não havia uma lista de documentos ou de obras que apontasse direções. O sobrenome Brandão foi, então, a grande chave para a pesquisa biográfica, mas para a bibliográfica, era preciso muito mais. Assim, uma leitura minuciosa dos principais jornais que circularam nas cidades de Minas Gerais (especialmente Ouro Preto, Mariana e São João Del Rei) e Rio de Janeiro demandou boa parte do tempo deste trabalho.

Cruzando, então, dados biográficos com notícias de jornal, passou-se à confecção de uma espécie de diário imaginário, onde a história de Beatriz e um panorama de sua obra iam, aos poucos, se transformando em realidade. O resultado da investigação iniciada em 1996 traz, hoje, um conjunto de aproximadamente quatrocentas páginas de poesia, composta sobre variados temas, em diversos metros e estilos, traduzindo o estilo eloqüente, versátil, culto e inovador da pena de Beatriz Brandão.

As obras que se seguem estão organizadas de acordo com sua data de publicação e, quando necessário, são acompanhadas por notas explicativas dispostas no rodapé. O primeiro texto de Beatriz a ser publicado foi um hino, editado no jornal

*Abelha do Itacolomi* de 1825, primeiro jornal mineiro, impresso na Tipografia Patrícia Barbosa, em Ouro Preto.

Em seguida, vêm os textos presentes no jornal *O Mentor das Brasileiras*, importante periódico mineiro de São João Del Rei. O periódico é dedicado à formação intelectual das mulheres, e tem como temas principais a educação feminina, história geral, história do Brasil e política (sem críticas ao Império). São comuns em suas páginas, também, citações de textos de outros jornais e de livros, seguidas, quase sempre, de comentários. Há ainda anedotas, alguns poemas (poucos) e notícias sobre o Rio, Minas e outros estados, além de freqüentes notícias sobre a abertura de outros jornais dedicados ao sexo feminino. Na edição inaugural, de 30 de novembro de 1829, há notícia sobre abertura da primeira escola de moças em S. J. Del Rey, a cargo da prof. Policena Tertuliana, que, com Beatriz e Jacinta Carlota de Oliveira Meireles formou o trio das primeiras mestras de instrução pública de Minas Gerais.

O *Parnaso Brasileiro* do Cônego Januário da Cunha Barbosa, publicado em 1831, contém algumas poesias de Beatriz, que juntamente com Delfina Benigna da Cunha, forma a única dupla feminina a ter seus textos ali impressos. No mesmo Parnaso, no ano seguinte, saem as *Cartas de Leandro a Hero e de Hero a Leandro*.

O *Parnaso brasileiro*, ou “Coleção das melhores poesias do Brasil, tanto inéditas como já impressas” compõem-se de dois tomos, cada um com quatro cadernos. O primeiro deles, foi publicado entre 1829 e 1830; o segundo, que contém poemas de Beatriz, em 1831, ambos pela Tipografia Imperial e Nacional. Essa obra, embora organizada de forma pouco criteriosa, misturando, muitas vezes, autores de diferentes períodos repetidas vezes, alguns contando com biografia, outros não, é lembrado em quase todos os livros que abordam a história da Literatura brasileira, pois traz significativa contribuição para as Letras nacionais, sobretudo do século XX, posto que, além de relacionar os já reconhecidos escritores brasileiros do período, menciona também nomes e obras desconhecidos pelo público atual, como a própria Beatriz Brandão.

A seguir, os textos de Beatriz são publicados em *O Guanabara*, conhecido como jornal, mas em cuja capa lê-se “Revista Mensal Artística, Científica e Literária”, redigida por uma Associação de Literatos e dirigida por Manoel de Araújo Porto alegre, Antônio Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo, que se utilizavam do veículo para publicar os seus textos.

Editado por Paula Brito, o mesmo editor de *Marmota Fluminense*, seu primeiro número foi publicado em 1º de dezembro de 1849. Abordando matérias sobre Matemática, Botânica e Zoologia, não eram comuns em suas páginas os textos poéticos, embora os romances, aparecessem com freqüência, dentre as quais vale destacar *Cobé*, drama em 5 atos de J.M. de Macedo (p. 57-88); *A freira de Marienburg*, tragédia em 5 atos, por Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa; *A fidelidade paulistana*, por Joaquim Norberto e Vicentina, de J.M.de Macedo. Também Gonçalves Dias, Porto Alegre, e José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu, foram presenças constantes nas páginas do periódico.

Quanto às mulheres, apenas Beatriz Brandão e D. Maria Josepha Barreto, moradora de Porto Alegre, figuram naquele seletto universo masculino, publicando, cada uma delas, apenas um texto. Apesar de aparição única de Beatriz naquela folha, vê-se na página 140 da edição de 1852, a seguinte notícia:

Estão a sair à luz as poesias da Sra. D. Beatriz, sobrinha da Marília de Dirceu, e de que os nossos leitores já tiveram uma amostra em confrontação com o Sr. Norberto. O grande número de assinaturas assegura um êxito feliz à respeitável autora desses cantos, que as mais das vezes tem uma valentia varonil.

A Sra. D. Beatriz pertence à escola itálica: foram sempre seus grandes modelos os poetas italianos, mormente Guarini e Metastásio. Algumas de suas composições, que vimos manuscritas, têm o grande valor de revelarem a candura de sua alma num estilo fluente, e sem as escabrosidades e afetações de todos esses imitadores que vivem num monólogo sem fim, e enchem um livro com o monótono eu, que, apesar de todos os artifícios de uma modéstia calculada, não deixam de enfasiar o leitor. O eu é tolerável nos grandes poetas, porque desses se colhe uma harmonia em cada gemido, um diamante em cada lágrima; e porque eles nos conduzem por trilhos variados, novos e circulados de melodias. (*O Guanabara*: 1852, 140)

A confrontação entre Beatriz e Norberto de que trata *O Guanabara* na citação anterior diz respeito a uma espécie de “conversa poética” entre os dois, provocada pelo poema que segue, em que Norberto questiona a poetisa sobre as razões que a fizeram parar de escrever, ao que ela responde, em forma de soneto, no mesmo número de *O Guanabara* (1850, 355), curiosamente, em página imediatamente posterior à que contém o poema dele. Considerando que os dois poemas foram publicados no mesmo número do jornal, há que se pensar como os poetas tiveram acesso aos textos um do outro, antes de tal publicação<sup>22</sup>.

Após *O Guanabara*, os textos de Beatriz continuam a ganhar as páginas de outros periódicos, como o *Marmota Fluminense*, cujos espaços eram disputados pelos mais conhecidos escritores brasileiros, como, por exemplo, Machado de Assis, que publicou ali seu primeiro poema. Este foi o periódico que publicou o maior número de poemas de Beatriz, ao todo trinta e oito, ao longo de cinco anos, entre 1852 e 1857.

Com as publicações em *Marmota*, Beatriz parece, enfim, ter conseguido o alcance literário necessário à publicação de seus livros. O primeiro deles, *Cantos da Mocidade*, foi publicado pela Tipografia de Paula Brito, que dirigia o *Marmota*. Embora a autora afirme tê-lo escrito na adolescência, consta que tenha sido publicado em 1856, mas ao final do volume aparece o ano de 1857. Embora alguns jornais anunciassem a publicação da obra em três volumes, tudo indica que só o primeiro veio a público, e na última página dele lê-se “fim do primeiro volume”, o que confirma a existência de, ao menos, um outro, ainda que não tenha sido publicado.

Um mistério parece rondar a publicação de *Cantos*, pois vários jornais o anunciavam muito antes de sua efetiva publicação. N’*O Guanabara* de fevereiro de 1852, por exemplo, lê-se que:

---

<sup>22</sup> Ambos os poemas fazem parte de *Cantos da Mocidade*, e estão aqui transcritos nas páginas 323 e 326 respectivamente.

Estão a sair à luz as poesias de D. Beatriz, sobrinha de Marília de Dirceu, e de que os nossos leitores já tiveram uma amostra, em confrontação com o Sr. Norberto.

A Sra. D. Beatriz pertence à escola itálica: foram sempre seus grandes modelos os poetas italianos, mormente Guarini e Metastasio.

Algumas de suas composições, que vimos manuscritas, têm o grande valor de revelarem a candura de sua alma num estilo fluente, e sem as escabrosidades e afetações de todos esses imitadores que vivem num monólogo sem fim, e enchem um livro com o monótono 'eu', que, apesar de todos os artifícios de uma modesta calculada não deixam de enfastiar o leitor.

O 'eu' é tolerável nos grandes poetas, porque nesses se colhe uma harmonia em cada gemido, um diamante em cada lágrima; e por que eles nos conduzem por trilhos variados, novos e circulados de melodias.

Também o jornal *Correio Mercantil* anuncia:

#### Cantos da Mocidade

Poesias de D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, acham-se no prelo, em casa de o Sr. Candido Martins Lopes em Niterói.

Constam de três grossos volumes: - 1º Poesias sentimentais em diversos metros; 2º Obras nacionais e várias; 3º traduções de alguns dramas de Metastasio, e outras composições.

As assinaturas são de 6\$000 por toda a obra, e recebem-se em casa dos Srs. Laemmert, Paula Brito, tip. do "Mercantil" e na do editor.

A autora se recomenda à generosidade dos habitantes do

Rio de Janeiro e províncias para ajudarem nesta empresa muito superior as suas posses. (*Correio Mercantil*: dez., 1853)

Juntando-se as três notícias chega-se, finalmente, à compreensão do que, na verdade, sucedeu. Embora houvesse, desde 1852, a intenção de publicar os três volumes de *Cantos*, isso não ocorreu, provavelmente porque, como esclarece a notícia do *Correio Mercantil*, era uma empresa muito superior às posses de Beatriz, ou seja, só a subscrição popular poderia financiar tal empreitada. Assim, a chave para o desaparecimento da obra completa de Beatriz pode estar aí, posto que ela deve tê-la organizado integralmente nesses três volumes, dos quais apenas um foi impresso.

A notícia publicada em “A Semana”, folhetim do *Jornal do Comércio*, corrobora o que se suspeitava. Em 1857, e não em 1856, o primeiro volume de *Cantos da Mocidade* chega, enfim, às mãos do leitor brasileiro. O segundo e o terceiro jamais chegaram, embora muitos dos textos hoje aqui reunidos certamente fizessem parte deles.

Acaba de sair à luz o 1º volume dos *Cantos da Mocidade* da nossa poetisa a Sra. D. Beatriz F. de Assis Brandão.

Apenas tive tempo de correr os olhos sobre as páginas deste livro de poesias, e ainda não estou no caso de lhe fazer a justiça merecida.

O respeito devido ao sexo da autora não dispensa a imparcialidade da crítica, e a própria poetisa se ressentiria se de outro modo eu pensasse.

E louvando desde já a nobre coragem com que uma Senhora se apresenta diante do público expondo os belos frutos de sua inteligência, adio para mais tarde o juízo sobre as suas produções poéticas. (*A Semana*: 1º de nov. de 1857)

Em 1859, duas publicações: as *Cartas de Leandro e Hero*, traduzidas do Francês, e agora reunidas em livro, e a *Saudação à Ilma. e Exma. Sra. D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivr e Vellasco*, não um livro, mas um poema em homenagem à poetisa e amiga, publicado como prefácio a *Algumas Traduções*, de Violante, publicado pela Tipografia B.X.P. de Sousa.

Como dito na introdução, a *Saudação* foi encadernada juntamente com textos esparsos, o que fez com que fosse a última produção de Beatriz encontrada nesta pesquisa, embora Eliane Vasconcellos já a houvesse reproduzido em *Escritoras Brasileiras do século XIX* (MUZART: 1999, 107-09).

Funcionando como propaganda do livro de Violante editado pela Tipografia BXP de Souza, a *Saudação* de Beatriz é precedida pelo pequeno texto do editor que segue, onde se pode observar a intenção de destacar a posição não apenas de Violante, mas de Beatriz, na sociedade e nos meios literários.

Anunciando a publicação das traduções da Ilma. e Exma. Sra. D. Violante de Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, a quem a literatura brasileira já deve tão esmerados escritos, tanto originais como vertidos de diferentes línguas, a cujo estudo tem consagrado muitos dos mais belos dias da sua preciosa existência, nós não iremos pedir à prosa humilde do mais humilde dos editores, a solene apresentação, perante o público da obra de que se trata.não; será uma pena também ilustre, uma Senhora também distinta, quem hoje, generosa e nobremente, desempenhe as funções do nosso cargo. Ouçamos, portanto, a Ilma. e Exma. Sra. D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, autora da seguinte [Saudação]. (VELLASCO: 1859, prefácio)

*Catão*, sua segunda tradução, foi feita com base em original italiano, de Metastasio, e publicada também pela editora BXP de Sousa, em 1860. A obra é dedicada, em versos, à Princesa D. Januária.

Metastasio, o poeta máximo do arcadismo europeu, foi a grande inspiração dos árcades das Minas, e sua obra em teatro teve especial contribuição nesse sentido. Cláudio Manoel d Costa mesmo traduziu e adaptou duas de suas peças, a *Comédia do mais heróico segredo – Artaxerxe*, e *Demofonte em Trácia*, peças publicadas no VII e no VIII Anuário (s) do Museu da Inconfidência (PROENÇA FILHO: 1996, 29).

Em seu texto *Edições portuguesas do teatro de Pietro de Metastasio (século XIX)*: Distribuição cronológica e significado, José da Costa Miranda, além de citar a tradução de *Catão* feita por Beatriz, destaca a importância das traduções em Língua Portuguesa da obra de Metastasio que, para ele, foram as que melhor captaram a essência do texto metastasiano, bem como tiveram a responsabilidade de manter em circulação por mais tempo sua obra, pois,

Vieram a servir, em Portugal durante o século XIX, a uma leitura serena e respeitosa, descobridora dos méritos do poeta, ainda se traduzido. De aí que tais versões se fossem revestindo de uma flagrante roupagem de apurados exercícios literários, muito cuidadosa na linguagem, qual requintado pasto erudito, oferecido a gente culta. Espelhos de uma devoção que se dilui, esses textos impressos em Língua Portuguesa teriam sido, aliás, os únicos que, em Portugal, como no Brasil, lograriam alcançar a segunda metade do século XIX. (MIRANDA: p. 159. Acesso em 20/08/2009)

O fato de Beatriz ter acesso aos textos de Metastasio e de escolher traduzi-los demonstra não só seu conhecimento acerca das tendências literárias brasileiras e européias, como também o exercício de alteridade contido no próprio ato de traduzir, como a ratificar a personalidade da mulher que dedicara à vida à conquista de espaços que abrissem não só os próprios caminhos, mas também o das outras mulheres.

Embora *Cartas de Leandro e Hero* e *Catão* tenham sido as duas únicas traduções de Beatriz encontradas durante este trabalho, sabe-se que ela fez muitas outras. Ainda assim, bastam as duas para dar a dimensão da formação sólida da autora, além do que, pela escolha dos temas sobre os quais versam, talvez denunciem, certo traço autobiográfico, uma vez que ambas tratam de relações amorosas profundas e repletas de um sofrimento sem medida, posto que proibidas, o que guarda inegável relação com a própria história de amor de Beatriz e Vicente, seu marido.

*Saudação à estátua eqüestre do S.M.I o Senhor Dom Pedro Primeiro* é o último texto de que se tem notícia de autoria da poetisa. Trata-se de composição poética em duas páginas, que integra uma coletânea de trinta e oito versos sobre o mesmo tema, todos, exceto o dela, de autoria masculina, dedicada ao Imperador pelo Frei Teotônio de Santa Humiliana, e publicada em 1862 pela Tipografia de Paula Brito, o proprietário do *Marmota*.

O fato de Beatriz ser a única mulher a integrar um rol de escritores tão caros ao cânone certamente reforça o reconhecimento dela nos meios literários. São eles Domingos Gonçalves de Magalhães, Manoel de Araújo Porto alegre, Dr. Joaquim Manoel de Macedo, José Bonifácio de Andrade e Silva, Joaquim Norberto, Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, Conselheiro A. Felix Martins, A. J. Victorino de Barros (Antônio José Victorino de Barros), Achilles Varejão, (Antonio Achilles de Miranda Varejão), Dr. Hamvultando (Joaquim Antônio Hamvultando de Oliveira), Dr. Luiz

Vicente de Simoni, Manoel Jesuíno Ferreira, José Albano Cordeiro, Antônio José dos Santos Neves, Joaquim Jacome de Oliveira Campos Filho (de S. João da Barra), Padre José do Canto Coutinho pau-brasil (de S. J. da Barra), J.M. Gomes de Sousa, Manoel Agostinho da Cruz e Mello, Januário Vaz de Carvalho, C.T. (Carlos Testa), T. (Taunay, Alfredo de Escaragnole de), J.A., Belmiro José Ferreira, J. Barbosa Rodrigues, José Ferreira de Mattos, e ainda um texto em grego e, ao lado, tradução em Português. Assinado "tradução de um amigo", 25/3/1862. A publicação, como se vê, reuniu grandes nomes em torno de um evento significativo para o contexto, o que reforça, uma vez mais, o reconhecimento de Beatriz como escritora.

A obra de Beatriz Brandão encontrada ao longo destes anos de pesquisa está aqui digitada de forma a obedecer à configuração dos originais, sobretudo quanto à organização das páginas. Convém esclarecer também que são pouquíssimos os textos em prosa da autora, razão pela qual figuram juntamente com os poéticos, da mesma forma em que foram localizadas. Alguns casos há, ainda, em que textos de outros autores se relacionam diretamente com os da poetisa, o que acabou por levar à escolha de posicioná-los, aqui, junto aos dela.

A opção por uma edição fidedigna resulta da intenção de oferecer ao leitor a possibilidade de uma leitura prazerosa dos poemas de Beatriz, poupando-o de um esforço permanente e contínuo sobre fatos lingüísticos, o que lhe seria indispensável se, por exemplo, tal edição fosse fiel. Eis o que há de mais importante na concepção de fidedignidade: a atualização ortográfica de textos de forma a permitir, ao leitor, uma perfeita comunicação com o autor de outrora.

A atualização adotada seguiu as orientações propostas pela Edótica, sobretudo nas proposições feitas por Antônio Houaiss para a edição crítica de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e obedeceu aos critérios de manter a

grafia original, esclarecida em nota, sempre que sua atualização prejudicar a métrica dos poemas; as expressões em itálico, como “*Tejo undoso...*”; a pontuação original e a assinatura da autora, como grafada no original. E as modificações procuraram atualizar a ortografia de acordo com as normas vigentes; os nomes próprios segundo a forma mais recorrente; a colocação do pronome oblíquo para depois do verbo quando não houve nada que justificasse o uso de próclise. Procurou-se, também, apresentar as notas de autoria de D. Beatriz no corpo do texto, antecedidas pela abreviação “N.A.” (nota da autora) e atualizar os textos de outros autores contemporâneos de Beatriz, quando aqui transcritos, com base nos mesmos critérios.

Cabe ressaltar que alguns dos poemas aqui recolhidos foram publicados mais de uma vez, em diferentes veículos, razão pela qual é possível encontrar o mesmo texto aqui mais de uma vez, entretanto, Beatriz jamais repetiu um poema seu sem fazer alguma alteração, o que explicita um exercício comum a ela e a muitos autores, de fazer novas leituras de seus próprios textos, e isso acontece, em parte, por razões que ela mesma explica, posto que a autora afirma que escreveu muitos de seus textos na juventude, sobretudo os que integram seu livro *Cantos da Mocidade*, em cujo prefácio ela afirma que os escritos ali impressos são “delírios da juventude” (BRANDÃO: 1856, prefácio), e que as traduções que ali estão, especialmente, não são melhores dado o seu limitado conhecimento de italiano, que ela não se atreve a votar ao silêncio porque são “o fruto da vigílias de minha adolescência (BRANDÃO; 1856, prefácio)”.

Assinalam-se, a seguir, os poemas repetidos; as alterações que sofreram entre uma impressão e outra, serão matéria para comentários em nota de rodapé. Dos dez poemas publicados no *Parnaso Brasileiro* do Cônego Januário da Cunha Barbosa, um se repete em *Marmota Fluminense*, o Epigrama endereçado à Ulina, que tem por início o verso “A sábia Ulina se aflige”; e cinco se repetem em *Cantos da Mocidade*.

São eles: “De longo suspirar atenuados”; “De violentos contrastes embatido”; “Meu coração palpita acelerado”; “Fulgente estrela influiu; “Tu que tens meu coração?” e “Solta embora, ó fortuna, áurea madeixa”.

Comparando-se os poemas de *Marmota Fluminense* e de *Cantos da Mocidade*, encontram-se três repetições: “Essa beleza que imortalizara”, o poema dedicado à Marília de Dirceu, “Abra as asas, arcanjo glorioso” e “Como a flor matutina que se expande”. De todos os poemas repetidos, apenas o epigrama “A sábia Ulna se aflige” não sofreu modificações; todos os outros foram modificados pela autora ou pelo editor, e tais modificações estão aqui assinaladas em nota de rodapé na segunda obra em que aparecem.

## 1. Textos em *Abelha do Itacolomi*

*In: Abelha do Itacolomi.* Ouro Preto: Tipografia: Patrícia Barbosa e Cia, 1825.p.39.

### Hino

O Deus que na destra  
O raio sustenta,  
As glórias ostenta  
Do rico Brasil.  
De Pedro o valor  
Impávido o torna,  
De graças o adorna  
Augusta gentil.

Coro  
Glórias que o tempo  
Jamais consome,  
Vê o seu nome  
Séculos mil.

Desde o pólo adusto  
Ao pólo gelado  
Será respeitado  
Teu nome ó Brasil  
Um César invicto  
O Trono te exalta,  
De flores o esmalta  
Augusta gentil.

Coro

Os Deuses no Olimpo,  
Na terra os mortais  
Teus faustos anais  
Decantam, Brasil.  
Esforço que em Pedro  
Falanges confunde,  
Co'os<sup>23</sup> olhos o infunde  
Augusta gentil.

Coro

---

<sup>23</sup> Não se atualizou a grafia, aqui, para “com os”, a fim preservar a métrica.

Mavórcio<sup>24</sup> Imperante  
Que as rédeas sustenta;  
Teus brios aumenta  
Altivo Brasil.  
Heróicos penhores  
De glória, e ventura  
Benigna assegura  
Augusta gentil.

Coro

---

<sup>24</sup>, A grafia utilizada no original era *mavorcio* e designava, como ainda hoje, adjetivo referente a “da guerra; de Marte; guerreiro; bélico; militar”. Cf. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado da Língua Portuguesa* (s.d.: 800),

## 2. Textos em *O Mentor das Brasileiras* (1830,1831,1832)

*In: O Mentor das Brasileiras.* S. João Del Rei (MG): Astro de Minas, 1829-1832.

### Índice<sup>25</sup>

Ergue o colo, ó Pátria amada.....	158
Pensamento que foi comunicado pela senhora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão.....	161
Hino Patriótico Mineiro oferecido à Nação pela senhora D.B.F. de A.B, natural de Ouro Preto.....	162
Desponta a aurora enfim, brilhante aurora.....	164
Discurso número 1.....	166
Prólogo à tragédia de Catão .....	167

---

<sup>25</sup> O índice foi elaborado neste trabalho e considera como título, sempre que não o havia sido dado pela autora, o primeiro verso de cada poema.

**Ergue o colo, ó Pátria amada.**

6ª feira, 5/3/1830, jornal nº 14.

Ergue o colo, ó Pátria amada,  
Teu triunfo livre canta,  
De servil, férrea cadeia  
Os braços livres levanta.

Raiou o dia supremo  
Da tua felicidade  
Baixou do celeste Empíreo  
O dia de Liberdade.

Dia eterno! Dia imenso!  
Que meu estro só compara  
Àquele dia em que o Mundo  
Das mãos do Eterno assomara!

Longo tempo o jugo infame  
Da escravidão arrojaste;  
Mas já da razão armada,  
O jugo infame quebraste.

Sustenta da Natureza  
Leis que dela recebeste,  
Prossegue constante a marcha  
Que afeita e livre empreendeste.

Não mais temor, ou fraqueza  
Dobrar a cerviz te faça;  
Assaz de amargosos males  
Esgotaste a negra taça.

Feroz despotismo insano  
A substância te extorquia;  
Capricho, ambição, orgulho,  
Eis a lei que te re.

Dum Trono em nuvens ereto,  
De turba vil incensado,  
Inacessível aos gritos  
Do Brasil escravizado.

Baixavam leis fulminantes,  
Ímpios Decretos baixavam;  
Que sempre novo desastre  
Ao triste Povo intimavam.

Ao nome de Inconfidência...  
(Pressuposto injusto, e falso!)  
Banhavam ondas de sangue  
Os degraus do cadafalso.

Piedosa, excelsa Maria!  
Glória de Lísia, e do Trono!  
A quantas iniquidades  
Teu nome serviu de abono!

Tu prodigas o perdão  
À falaz suposta ofensa;  
Mas teu Ministério infando  
O muda em letal sentença.

Memória sanguinolenta!  
Memória sempre execrável!  
De vingança, e de fraqueza  
Monumento detestável.

No reinado glorioso  
Da mais completa Heroína  
Pode o insano despotismo  
Traçar do Brasil a ruína?

Ah! Se em torno ao solio teu  
Fiéis Ministros velassem,  
Se os ditames de um congresso  
Teus Decretos regulassem,

Nunca ouviras, de mistura  
C'os vivos da adulação,  
Murmurando em surdas vozes  
As pragas, a maldição.  
Tristes Mães, filhos, Esposas,  
Por tão desastrosa sorte,  
Entregues à vil penúria,  
À infâmia pior que a morte,

Varões, que o rigor vencestes (1)  
Da lei iníqua, e pesada  
Vede ainda em vossos dias  
Nossa Pátria libertada.

Esses, que os ossos deram  
À ardente Africana areia,  
Entoarão nos Elíseos  
Vivas à Augusta Assembléia.

Pela Senhora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão

(N.A.): (1) Ainda viviam alguns dos degredados reconduzidos à Pátria quando se fizeram estas quadras.

**Pensamento que nos foi comunicado pela Senhora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão.**

6ª feira, 12/03/1830, - jornal nº 15.

O belo sexo

Quando se apelida o nosso sexo, não se alude esta beleza à regularidade das nossas feições, ou às graças da figura. Nós não devemos este epíteto se não à brandura, ingenuidade e modéstia, que são, ou devem ser o ornamento do nosso caráter. A beleza física dura bem pouco, e os seus triunfos são tão caducos como ela mesma. Uma senhora que empregou os seus primeiros anos em fazer-se adorar pelos seus encantos, que se esqueceu de cultivar o seu espírito, de colher alguma instrução, e sobre tudo de adquirir o gosto da leitura, e do trabalho, que prazer poderá encontrar em uma sociedade onde já o seu semblante não atrai admiradores? Que será desta triste vítima da vaidade, quando o seu espelho a convencer amargamente, de que está acabado o tempo de agradar? Pelo contrário, aquela que sacrificou algumas horas da sua Toaleta a um estudo sólido e ocupações razoáveis, que pensa, combina, e trata polidamente as pessoas, não será, em certo tempo, objeto de suspiros; mas obterá a estimação e conceito das gentes sensatas, e terá prazeres para, todos os períodos da sua idade. Portanto, amadas patricias, trabalhai para que as vossas filhas saibam conhecer o verdadeiro mérito: dai-lhes bons livros; fazei-as ler, e até decorar aquele capítulo, em que *Fenelon*.faz falar Telêmaco sobre as qualidades de Antíope, e, se todas beberem esta sabia lição, será realmente *belo* o nosso sexo.

**Hino Patriótico Mineiro, oferecido à Nação pela senhora D.B.F. de A.B., natural de Ouro Preto<sup>26</sup>**

26 de março de 1830, nº 17.

Honra, Lei, Patriotismo  
As prisões nos têm quebrado,  
Reina Pedro tem findado  
Despotismo escravidão.

Leis estranhas, Leis severas  
Não recebe o Brasil nobre,  
Cai o véu que a fraude encobre,  
Dissipou-se a ilusão.

Abram-se as portas de Jano,  
Sol da guerra o fragor;  
O ferro só causa horror  
Fabricado em vil grilhão.

Ao estridor de cadeias  
Estremecem livres almas,  
Lanças, sabres, loiro, palmas...  
Morte embora ferros não.

Vive augusto, Vive, Impera;  
O Brasil, a Pátria nossa  
Possa livre, e sempre possa  
Dar ao mundo esta lição.

Sobe ao Trono, que te oferta  
Grato um Povo liberal;  
Cinge o Louro Imperial,  
Salva a gloria da Nação.

A liberdade triunfe,  
Pela Pátria o sangue corra,  
Em liberdade se morra,  
Nunca mais escravidão.

---

<sup>26</sup> O poema acima veio precedido do seguinte texto: Srs. Redatores do Mentor, Como vi no seu Periódico algumas produções da nossa ilustre patrícia a Senhora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, lembrei-me de enviar-lhe este hino produção da mesma senhora na época da nossa Independência, eu o julgo digno de ser lido e apreciado pelas nossas patrícias Brasileiras; queira por tanto dar hum lugar na sua folha, com que obrigará a Uma sua assinante.

Nossa causa é causa Tua,  
Filho, Irmão, Monarca, Amigo,  
É comum nosso perigo  
E da Pátria a defesa.

Coro.

Ocupa, Adorna  
O Solo Augusto,  
Ó Grande, Ó Justo  
PEDRO sem par.

## Desponta a aurora enfim, brilhante aurora.

15 de maio de 1831, nº 74.

### Elogio<sup>27</sup>

Desponta a aurora enfim, brilhante aurora  
Em que o gênio da Pátria, levantando  
O temeroso véu de ímpia cabala,  
Denegridos projetos patenteia.  
Soava em torno a nós trovão medonho  
Sob o malho gemia horrenda incude:  
Negro fumo toldava os Horizontes;  
Raios vibrava a altiva Prepotência.  
Tudo, tudo ao Brasil anunciava  
Dos males o maior, o cativoiro!  
Esse fumo, esse estrondo subterrâneo  
Indicavam as forjas de Tenaro,  
Onde os fatais grilhões se fabricavam  
Para os pés, para os pulsos Brasileiros:  
Com forte oposição sustendo o impulso  
Da procela iminente, e destrutora,  
Heróicos campeões, filhos de Palas,  
Nas asas dos seus gênios tutelares  
Colhem as penas, com que os ares varrem:

Foge a tormenta, as nuvens se dissipam:  
Existe o mal com tudo; mais patente,  
Difundidas as luzes, já não resta  
Receio aterrador: todos se juntam  
A defender a Pátria, e liberdade,  
Ou sucumbiu, ou perecer com elas.  
Filho de Marte, Ah! Sim, vossas espadas  
Iam cortar o pedestal ingente  
Desse horrendo *Colosso*, o Despotismo:  
Mas, sem a luz, que as trevas aclarasse,  
Como trilhar podíeis a vereda  
Do pavoroso alcançar, onde ocultos

---

<sup>27</sup> Ao elogio acima antecedeu o seguinte comentário: Notícias sobre festejo do 03/05: A data foi festejada com muita pompa: Missa solene na Capela dos terceiros do Carmo e Te Deum, Oração feita pelo Rem. Sr. Manoel Rodrigues Jardim. À noite, houve teatro, com a peça "Triunfo da Natureza" e um jovem da cidade recitou elogio composto pela nossa digna patricia a Ilma. Senhora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, além de outras poesias mais apólogas ao objeto da função (...).

Traçavam-se os planos detestados  
Da nossa escravidão? Lautas promessas,  
Perpétua defesa; voto aparente  
De uma Pátria adaptada, e não aceita,  
Não podia iludir-vos? Pode um erro  
Conhecer-se que o é, sem debater-se?  
Ilustres Campeões, filhos de Palas,  
Que afoitos arrostastes a alta empresa,  
A perigo, de vidas, e fazenda:  
E vós, invictos filhos de Mavorte  
Que desprezar soubestes os prestígios  
D'astuta sedução, vinde triunfantes  
Receber das Matronas Brasileiras  
Os louros merecidos: puros votos  
De eterna gratidão aceita hoje  
Por vos seremos Mais, Filhas, esposas,  
Ainda mais, por vos termos Pátria,  
Este objeto sublime, idolatrado,  
Que roubado nos foi por tantos anos!  
Amor da Pátria! Sentimento Augusto,  
Que o nobre sacrifício merecera  
Desses grandes Varões de eterna fama,  
Os Régulos, Catões, Brutus, e Fábios

Ó Filhos do Brasil, uni-vos todos:  
Um só voto, uma Lei, uma só alma  
Nos anime, nos reja. Pela Pátria  
Devemos o sangue, a vida...sim morramos;  
Mas viva a Liberdade, a Pátria viva.

## Discurso Número 1 <sup>28</sup>

1º de julho de 1831, nº 81.

D. Beatriz Francisca de Assis Brandão

Ilustre e Benigno Auditório. Tendo a honra de apresentar-vos hoje o resultado dos meus trabalhos, Pode ser que ele vos pareça limitado, em consequência das esperanças, que havíeis concebido, mas posso assegurar que tenho empregado todo desvelo em aproveitar as felizes disposições das minhas caras Alunas para satisfazer a Lei, e a pública expectação.

Glorio-me de não ter entre elas, prescindido da diferença de talento, uma só, que não seja dócil, e bem inclinada, quase todas têm mais ou menos conhecimento das importantes doutrinas em que as instruo, e o seu amor à Pátria, e às sagradas instituições se manifestam nos seus pueris entretimentos: Tenho-as aplicado à costura, a fazer flores, e outros objetos próprios do nosso sexo, em que não podem aqui ser examinadas: mas o serão se se proporcionarem meios para um tal exame. Devo também lembrar-vos que algumas destas meninas entraram há pouco tempo, e por isso não vos admire que apresentem pouco adiantamento: a diferença que vai de talento a talento faz também que umas muito mais novas que outras tenham subido à classe superior. Supostas todas estas razões, só me resta pedir-vos a indulgência que merecem umas crianças que vão pela primeira vez falar ao público.

---

<sup>28</sup> Este discurso foi proferido pela autora em 14/06/1831, na Câmara Municipal de Ouro Preto (então Casa da Câmara Municipal), por ocasião do exame público de suas alunas. A notícia que o antecede afirma que houve, na ocasião, concurso numeroso de espectadores, dentre os quais autoridades da Província e locais. A escola contava com 27 alunas, das quais 19 foram então examinadas.

## Prólogo à Tragédia de Catão.<sup>29</sup>

Oferecido à Sociedade Promotora da Instrução Pública, por sua Autora B.F.A.B.

1º de junho de 1832

Salve, ó dia de gosto, e de esperança!  
Para os votos da Pátria o mais augusto!  
Em que reunidos em sublime Cúria  
Mais de um Catão teremos, que sustente  
Os sagrados pendões da liberdade.  
E, se um só suster pode o vôo altivo  
Das revoltosas Águias Cesarianas,  
Se os rotos muros d'Utica poderão.<sup>30</sup>  
Pela voz dum só homem fazer frente  
A Legiões imensas triunfadoras  
Em toda a terra. Padres Brasileiros,  
Que alta esperança não concebe a Pátria  
Quando vê seus destinos confiados  
A tantos dum só voto. A Liberdade.  
Ó filhos do Brasil, família ilustre!  
Traços de fogo imprimam em nossa alma  
A Cena atroz, sanguinolenta, e grande  
Que vamos presenciar. Roma convulsa  
Cede à força da intriga, e da cobiça:  
O Tirano a subjuga, mas. Oh que pena!  
Que suplício é dizê-lo! Roma cede,  
Porque filhos ingratos se esqueceram  
De ser Romanos: porque opostos votos  
Se chocaram: porque uma só vontade  
Não dominava os peitos, já tocados  
De ignomiosa, vil rivalidade.  
Os cargos, as riquezas prometidas  
Por comprados satélites de infâmia,  
Fascinavam as almas, já descidas  
Dessa virtude austera, que adornara  
Os Scipiões, os Fábios. Se pudesse  
O espírito de Catão reproduzir se,  
Se pudessem Romanos doutras eras,  
Das cinzas frias da vetusta Roma  
Ressurgirem, debalde serviria

---

<sup>29</sup> Interessante que este prólogo não conste do livro *Catão*, que Beatriz traduziu de Metastasio, e que é dedicado não à Sociedade Promotora da Instrução pública, mas à Princesa D. Januária. Este prólogo, publicado no jornal vinte e sete anos antes da publicação do livro, indica que a autora ou já pretendia traduzir o texto de Metastasio ou, talvez, já o tivesse feito.

<sup>30</sup>Supõe-se que o correto seja “puderam”.

Fortuna instável o feliz Tirano  
Que a Pátria escravizou.  
Co'os próprios braços  
Oh sorte desastrosa! Que ameaça  
A todo o estado em que uma lei constante  
Não é centro comum dos homens todos.  
Em que a ambição de empregos, a vaidade,  
O egoísmo, a vingança, o ódio, a inveja,  
Co'os destinos da Pátria contrapesam!  
Ah! Salvemos, salvemos destes males  
Nossa querida Pátria. De mãos dadas  
Busquemos aplanar os escabrosos  
Tropeços em que pode ser detida  
A marcha gloriosa de seus fados.  
Respeito às Leis, respeito à autoridade  
Daqueles que o depósito vigiam  
Da nossa independência, e segurança.  
União fraternal, igual int'resse  
No bem geral; esquecimento nobre  
Do cômodo pessoal a bem do público,  
Eis as bases, Patrícios, eis as bases  
Em que deve firmar-se a liberdade.  
Liberdade legal, à Lei sujeita,  
E só então legítima. Se o freio  
Soltais ao turbilhão de paixões vagas  
Se o vosso preferir ao bem da Pátria  
Nem vós, nem vossos netos sereis livres.  
Um ou outro tirano coadjuvado  
Da interna oscilação, há de esmagar-nos  
Veremos suceder males a males,  
E irá longe de nós a paz benéfica.  
A paz...celeste dádiva do Eterno!  
O Brasílico solo há de gozar-te;  
Nossas fadigas não serão baldadas  
Tu o fruto serás do heróico esforço  
De tantos e tão bravos defensores  
Que zelam incessantes o Paládio  
Das nossas liberdades. Sim Patrícios,  
Nesta doce esperança embriagados  
Este dia de Glória celebremos.  
Gozemos o prazer de ver reunidos  
Nossos Representantes. Tudo à causa  
A sacrossanta causa que constantes  
Defendemos, triunfa das Cabalas,  
E descoberta rebelião. Avante,  
Avante Brasileiros. Nunca os fados  
Do Brasil exigiram tanto esforço  
De nossos pensamentos, peito, e braço.  
Unidos sustentemos esta crise,  
Ela decide do Brasil a sorte.

União fraternal, igual int'resse  
Só nos pode salvar, salvar a Pátria.  
Cedamos o direito ao nosso emulo  
Se mais apto que nós, pode prestar-nos  
Pronto socorro, longe, longe fujam  
A detração, a inveja, o egoísmo.  
Demos à Pátria tudo: a paz profícua  
Será nossa partilha. O bem do todo.  
Há de comunicar-se às partes dele.  
Sacrifício não há que seja grande,  
Quando do bem geral se torna o preço,  
E a glória de viver, e morrer livre  
Não é só dos Catões, também nos cabe.

### 3. Textos em *Parnaso Brasileiro do Cônego Januário da Cunha Barbosa*

In: BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso brasileiro ou coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas*. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1831, v.2, cad. 5º, p.27-38.

#### Índice<sup>31</sup>

Breve notícia sobre a Senhora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, por Januário da Cunha Barbosa.

Estas, que o meu Amor vos oferece .  
*Às suas Patrícias, por D. B. F. A. Brandão tendo de idade 18 anos.*

Voa, suspiro meu, vai diligente.

Que tens, meu coração? Por que ansioso.

De longo suspirar atenuados.

De violentos contrastes embatido.

Solta embora, ó Fortuna, áurea madeixa.

Meu coração palpita acelerado.

A sábia Ulina se aflige.

Por mão da bela Ulina desenha . (Epigrama) *A um quadro muito mal copiado.*

Vem surgindo a rubra aurora (Quadras )

---

<sup>31</sup> O presente índice não consta do original; foi elaborado neste trabalho e apresenta como título o primeiro verso de cada poema.

## **Breve notícia sobre a Senhora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão.**

Os Amantes da Literatura acharão nas seguintes Poesias de uma Brasileira, da Província de Minas Gerais, uma prova de que também o belo sexo, entre nós, é capaz de sentir e de expressar as belezas que acendem o estro, e pungem a imaginação, ainda quando obstáculos, até hoje poderosos, pareciam reduzi-lo aos cuidados internos da família. A Senhora *D. Beatriz Francisca de Assis Brandão*, anuindo aos desejos, que lhe havíamos manifestado, de publicar algumas das suas excelentes produções, faz ver por isso mesmo quanto anela concorrer para a glória da Pátria, chamando pelo seu exemplo as nossas patrícias à celebridade da carreira Literária, que lhes não é vedada, e em que muitas se teriam feito honrosamente conhecidas, se uma modéstia mal entendida as não acanhasse na publicação de seus escritos. Se nos fosse dado oferecer à luz pública algumas cartas, em que esta erudita Brasileira nos descobre o patriótico ardor, com que deseja ver florentes as Belas Artes, que tanto se casam com o nosso gênio, e especialmente nesta época, em que a Independência, e a Liberdade desencilhem as suas asas, à vista de objetos, que devem ser cantados por Vates, que já respiram um ar mais saudável que o dos anos antecedentes, veriam os nossos leitores quanto pode o amor das Letras unido a um talento com o da Senhora *D. Beatriz*, de quem podemos dizer, que aprendeu por si mesma, no silêncio de seu gabinete, as regras de poetizar, e de escrever com gosto, e depurada crítica, sobre matérias, que pareciam vedadas à delicadeza de seu sexo. O *Parnaso Brasileiro* enriquecendo-se cada vez mais com as Poesias que nos têm remetido de várias Províncias é uma prova de que o gosto das belas Letras por elas se propaga; e quando lhe acrescentamos as produções de uma Senhora em que brilham estro, natureza, e filosofia, regozijamo-nos de que a sua glória se comunique a muitas Senhoras Brasileiras, que reconhecemos dotadas de tão belas qualidades. A Província de Minas Gerais, tão abundante sempre desses gênios, que aformoseiam a nossa Literatura, deve vangloriar-se de possuir no belo sexo talentos tão dignos da estimação pública, como os da Senhora *D. Beatriz*. Sabemos que eles se cultivam hoje em honra, e proveito Nacional; e que as luzes colhidas há pouco, com grande trabalho no retiro do gabinete, começam a difundir-se pela mocidade de ambos os sexos, com incrível aproveitamento. E para que as pessoas Literatas se empenhem em fazê-las profícuas em glória sua, e dos nossos patrícios, sabemos e declaramos que a Senhora *D. Beatriz*, na Capital da sua Província, rege um Colégio de educação de Meninas Brasileiras, que sem dúvida muito se adiantavam em conhecimentos, e virtudes domésticas, por isso mesmo que o mérito da sua ilustre Diretora não se limita às brilhantes produções do seu espírito, que agora oferecemos aos nossos Leitores.

Januário da Cunha Barbosa  
(BARBOSA: 1831, v.2, cad. 5º, p.25)

**Estas, que o meu Amor vos oferece**

SONETO.

Às suas Patrícias,<sup>32</sup>

por D. B. F. A. Brandão, tendo de idade 18 anos<sup>33</sup>.

Estas, que o meu Amor vos oferece,  
São tardas produções de fraco engenho,  
Amadas Nacionais, sirvam de empenho  
A talentos que o vulgo desconhece.

Um exemplo talvez vos aparece,  
Em que brilheis nos traços, que desenho:  
De excessivo louvor glória não tenho,  
E se algum merecer de vós comece.

Raros dotes talvez vivem ocultos,  
Que o receio de expor faz ignorados;  
Sirvam de guia meus humildes cultos.

Mandei ao Pinho os vãos elevados,  
E tantos sejam vossos versos cultos,  
Que os meus nas trevas fiquem sepultados.



---

<sup>32</sup> Vê-se que já aos dezoito anos Beatriz intentava ver suas contemporâneas adentrando o universo de produção literária, então restrito aos homens.

<sup>33</sup> Trata-se da única poesia em que é possível precisar com que idade a autora a escreveu.

## **Voa, suspiro meu, vai diligente**

SONETO.

Voa, suspiro meu, vai diligente,  
Busca os Lares ditosos onde mora  
O terno objeto, que minha alma adora,  
Por quem tanta aflição meu peito sente.

Ao meu bem te avizinha docemente;  
Não perturbes seu sono: nesta hora,  
Em que a Amante fiel saudosa chora,  
Durma talvez pacífico e contente.

C'os ares, que respira, te mistura;  
Seu coração penetra; nele inspira  
Sonhos de amor, imagens de ternura.

Apresenta-lhe a Amante, que delira;  
Em seu cândido peito amor procura:  
[.....]<sup>34</sup> também por mim terno suspira.



## **Que tens, meu coração? Por que ansioso**

SONETO

*Da mesma Senhora.*

Que tens, meu coração? Por que ansioso  
Te sinto palpitar continuamente?  
Ora te abrasas em desejo ardente,  
Outrora gelas triste e duvidoso?

Uma vez te balanças valoroso  
A suportar da ausência o mal veemente:  
Mas logo esmorecido, descontente,  
Abandonas o passo perigoso?

---

<sup>34</sup> Trecho ilegível no original.

Meu terno coração, eia, resiste,  
Não desmaies, não tremas; pode um dia  
Inda o Fado mudar o tempo triste.

Suporta da saudade a tirania,  
Qu'inda verás feliz, como já viste,  
Raiar a linda face da alegria.



### **De longo suspirar atenuados**

#### SONETO

De longo suspirar atenuados  
Os meus fracos sentidos vacilavam;  
Meus olhos grandemente se cerravam  
De lisonjeiros sonos afagados.

Em refulgente nuvem colocados  
Vi Fortuna e Amor, que me buscavam,  
E entre os raios de luz, que dardejavam,  
Ela mostra a riqueza, ele os agrados.

No áureo cofre seu a Deusa errante  
Os mais raros tesouros me of'recia  
Por que anela a gente delirante:

Amor entre as mãos ambas suspendia  
Um terno coração, puro, e constante  
Esta jóia aceitei, que Amor trazia.



## De violentos contrastes embatidos

SONETO.

De violentos contrastes embatido  
Meu terno coração já mal resiste:  
Triste o dia amanhece, e a noite triste,  
Inda mais negra faz meu mal crescido.

Trago à memória o tempo decorrido,  
Memória, que em minh'alma sempre existe,  
Doce, terna lembrança, que persiste  
Para maior pesar em meu sentido.

Recordo, caro bem, os claros dias,  
Em que amantes, unidos, e contentes,  
Eu os teus, tu meus votos recebias,

Tudo o tempo mudou: tristes e ausentes,  
Sujeitos a violentas leis ímpias,  
Zombam de nós os Fados inclementes.



## Solta embora, ó Fortuna, áurea madeixa

SONETO.

Solta embora, ó Fortuna, áurea madeixa:  
Não me enlevam teus dotes singulares;  
Trovejem contra mim nuvens de azares,  
Não alcanças de mim glória nem queixa.

Benigna abre o teu cofre, avara o fecha,  
Não me inspiras prazeres nem pesares;  
Prodigue incensos sobre teus altares  
Baixa caterva, que ambição enfeixa.

Inabalável é minha alma amante,  
Não te adora, nem teme: um nobre instinto  
Desprezar sabe teu favor volante.

Meu peito sente afeto mais distinto;  
Um instante de amor, um doce instante.  
Vale mais que os tesouros de Corinto,



### **Meu coração palpita acelerado**

SONETO.

Meu coração palpita acelerado,  
Exulta de prazer, de amor delira,  
Novo alento meu peito já respira,  
É mil vezes feliz o meu cuidado.

O meu Tirce de mim vive lembrado,  
Saudoso, como eu, por mim suspira;  
Que seleta prazer a est'alma inspira  
A amorosa expressão do bem amado,

Doce prenda dos meus ternos amores,  
Amada, suavíssima escritura,  
Que em meu peito desterras vãos temores.

Em ígneos caracteres n'alma pura  
Grava, Amor, c'os farpões abrasadores  
Estes doces penhores da ternura.



## A sábia Ulina se aflige

EPIGRAMA.

A sábia Ulina se aflige  
De me ver metrificar;  
Teme que possa eu chegar  
Por Poeta a enlouquecer;  
E eu temo que ela enlouqueça  
Com os desejos de o ser.



## Por mão da bela Ulina desenha

OUTRO.

*A um quadro muito mal copiado.*

Por mão da bela Ulina desenha  
Vê-se a prole gentil de Cassiopéia,  
Não já na prima forma delicada  
Mas em *mona* infernal, hirsuta, e feia.  
O jovem semideus, o herói prestante  
(Ó vil metamorfose, ingrata idéia!)  
Transformado em *Lagarto* petulante, (1)  
Sobre um *Cabrito* (2) *alado* um porco caça,  
E com agudo espeto (3) o ameaça.  
Contudo, errar Ulina eu nunca crera;  
O que julgo daqui é que Perseu  
C'a maldita cabeça, que trouxera,  
Em vez de converter em rocha a fera,  
*Monstrificou-se*, e a tudo o que era seu.

---

N.A.(1): A armadura pareciam escamas.

N.A.(2): O Pégasus.

N.A.(3): Perseu devia petrificar a fera, e vencer o resto à espada; mas, no quadro, a pintora teve a habilidade de apresentar a fera como um porco; e espada como um espeto.

## Fulgente estrela influiu

Quadras da mesma Senhora.

Fulgente estrela influiu  
No instante de meu ser,  
Apolo, e o Coro Aôneo  
Presidiram meu nascer.

Na mais tenra puerícia  
Com as Musas m'entretinha,  
Muitas vezes de meus brincos  
Erato apartar-me vinha.

Em pequena ebúrnea lira  
Débeis dedos ensaiando,  
Paixões, que não conhecia  
Inocente ia cantando.

Minha propensão foi crime  
Aos olhos, que me observavam,  
E para dela apartar-me  
Ler Poetas me vedavam.

Novo e Velho Testamento  
Me faziam estudar,  
E o tremendo *Flos Sanctorum*  
Cheguei mesmo a decorar.

Eu soube os milagres todos  
Dos heróis da Santidade,  
Revelações, Penitências,  
Martírios d'antigüidade.

Em tanto *Camões, Bernardes,*  
Que com cautela guardava,  
Nas horas do meu repouso  
Ansiosa meditava.

Adoçou-se o cativoiro,  
Obtive mais liberdades,  
Estendeu meu gênio as asas  
Nos anos da puberdade.

Alçou-se então contra mim  
Da inveja a língua ferina;  
Meu astro reputado  
Por fruto d'ímpia doutrina.

Nunca frívola vaidade  
Em meus versos influía,  
Nem torpe maledicência  
Da minha pena saía.

À face do Universo  
Administrando a natureza,  
Um Ente Eterno venero,  
Que a criou e a embeleza.

Este princípio em minh'alma  
Jamais apagar puderam  
As razões aparentosas  
Dos gênios, que o combateram.

Adoro um Deus infinito,  
Um Deus em bondade imenso;  
Mas acreditar não posso  
Que seja a paixões propenso.

Suas Leis Ele me há dado,  
Dentro de minha alma as tenho;  
Amando-o em meus semelhantes  
Seus preceitos desempenho.

A jejuns e disciplinas,  
Ah! Não posso acomodar-me;  
Deus me dá força e saúde,  
Assim devo conservar-me.

É ir contra seus preceitos  
Suas obras alterar?  
Pra outros fins certamente  
Ele me quis animar.

Se só cardos e cebolas  
Deve ser o meu sustento,  
Se de pão e água da fonte  
Que me nutra é seu intento:

Logo por ociosidade  
Criou tantos animais,  
Tantos frutos esquisitos,  
Tantas Vinhas e Olivais.

Por que nos deu os sentidos  
Se nos é o uso vedado?  
Pode acaso um Deus benigno  
Ter-nos esse laço armado?

Acaso os bens, que criou  
São para os irracionais?  
Esses limitam-se a um ponto;  
Nós somos universais.

Só o ente, que discorre  
É capaz dos seus louvores;  
E se aos brutos o igualamos,  
Para quem fez Deus as flores?

Os brutos não apreciam  
Delícias da vista e olfato;  
Colher, cheirar uma flor  
Eu nunca vi cão nem gato.

Meu Deus, meu Pai, eu sou grata,  
Os teus bens conheço e prezo:  
Sei que o ente, que ilustraste  
Não merece o teu desprezo.

Podem sim minhas paixões  
Da tua lei apartar-me;  
Porém dentro de minh'alma  
Tua voz sinto chamar-me

Adorar-te, ser sensível,  
Partir c' o pobre o meu pão,  
Confessar os benefícios,  
Estes teus preceitos são.

Nesta base estão firmadas  
Minha crença, e minha fé;  
No Livro da Natureza  
Tuas Leis minha alma lê.



## Vem surgindo a rubra aurora

Quadras da mesma Senhora.

Vem surgindo a rubra aurora  
Nos braços da madrugada;  
De seu pranto horrificada  
Vejo a planta, vejo a flor.

Aligeiro bando entoa  
Doces hinos inocentes,  
E em seus gorjeios cadentes  
Respiram prazer e amor.

Suave murmura a fonte  
Os brandos ramos se movem,  
Ao longe as vozes se ouvem  
Da Serrana e do Pastor.

Abre a rosa matutina  
O virgíneo rubro seio,  
Do Zéfiro doce enleio  
Meiga negaça de Amor.

Doce perfume exala  
A açucena pudibunda,  
E co'a Angélica jocunda  
Compete em cheiro e candor.

Ternas rolas, fidas aves,  
E recíprocos carinhos,  
U [...] <sup>35</sup> rosados biquinhos,  
Participam mútuo ardor.

Ah! Só eu beijar não posso  
O meu bem, o ídolo meu?  
Amor fiéis nos prendeu;  
E é crime em nós amor.

Que lei dura assim condena  
A mais justa das paixões?  
Ah! Quem pode aos corações  
tão austeras leis impor?

---

<sup>35</sup> Ilegível no original.

Justo Deus, quando criaste  
A sensível raça humana,  
Uma sorte tão tirana  
Destinou-lhe teu amor?  
Quando no Éden misterioso  
Os nossos pais colocaste,  
Quando o pomo lhes vedaste,  
Vedaste também o amor?

A maior das tuas obras,  
O Senhor da natureza,  
Símbolo da tua grandeza:  
Objeto do teu rancor!

Como combinar posso  
Tão fera contradição  
Se é crime a doce paixão,  
Não és deste crime o autor?

Tu os sentidos nos deste,  
Tu nos fizeste sensíveis:  
E de paixões invencíveis  
Nos entregaste ao furor?

Ah! Perdoa, eu me confundo:  
Tu queres nossa ventura;  
Tu prescreveste ternura  
Laço de virtude e amor.

Leis humanas atropelam  
Tuas santas leis augustas:  
Formalidades injustas  
Nos regem a seu sabor.

Ambição, vil interesse,  
Caprichos, preocupações,  
Escravizam corações,  
Que nasceram para amor.

Sem união de vontades  
Eterna união persiste,  
E onde amor não existe  
Manda a lei, serve o temor.

Tirce, ó Tirce, por que teimas?  
Decidida é nossa sorte;  
Desatar só pode a morte  
Os laços do nosso amor

Embora à nossa união  
Se oponha bruta avareza:  
É mais forte a natureza,  
É mais poderoso o amor.

Mão cruel, mão vigorosa  
O separa dos meus braços;  
Mas não quebra nossos laços,  
Mas não vence nosso amor.



## Carta de Leandro a Hero

*In: BARBOSA, Januário da Cunha. Parnaso Brasileiro ou Coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional. Caderno 7. p 7-21.*

CARTA

DE

LEANDRO a HERO

Traduzida do Francês, e dedicada à Senhora D. Delfina Benigna da Cunha, por D. Beatriz Franciscade Assis Brandão.

DEDICATÓRIA.

Vê, Lucília, no quadro lastimoso  
Que à tu'alma sensível apresento,  
De amor o fruto amargo, e a pena injusta  
Contra tristes amantes fulminada.  
E haverá coração duro, insensível  
Que a ouvir-lhe o eco não s'egote em sangue?  
Leandro já do mar despojo infausto  
Sobre as queridas margens arrojado,  
Seus desgraçados votos vê cumpridos!  
Tiranos Céus! Se nisto os escutastes?  
Hero infeliz o vê, e o reconhece,  
E no extremo da dor que alma lhe ocupa  
Um ai, um só suspiro não lhe escapa.  
Perdido o acordo, e a razão perdida,  
Dessa torre fatal se precipita,  
E cingindo a seu peito o caro amante,  
Quanto um resto de vida lhe permite,  
O primeiro suspiro, o último exala.  
A Natureza geme, Amor soluça!  
Ó copia desditosa! Exemplo triste  
Da mais viva paixão, que o mundo vira!  
Ao pintar de seu fado o duro extremo,  
Quantas vezes no peito intercadente  
Senti faltar-me o alento... Assim tremendo  
Cai a pena da mão, que enxuga o pranto  
Almas sensíveis, que o prazer e a magoa  
De Amor sabeis qual é, chorai comigo.

Dessa copia fiel a sorte amarga  
Vos arranque hum gemido doloroso!  
Chora também, Lucília, chorai troncos,  
Rochas de Abido, e vós praias de Sesto  
Onde repousam, num só ponto, as cinzas,  
Que Amor talvez ainda aquece, e anima.

### CARTA.

Do teu fiel recebe um terno adeus.  
A ventura de ver-te, de abraçar-te  
Faria o seu prazer; mas agitado  
O mar tempestuoso não consente  
Que ele possa passar de Abido a Sesto.  
Se as Deidades piedosas s'interessam  
A favor de um afeto verdadeiro,  
Tu sensível serás aos desprazeres,  
Que turbam meu repouso, e pesarosa  
Lerás protestos de um amor constante,  
Que tão doce te fora o escutá-los!  
Mas que digo? Insensato! Os mesmos Deuses  
Que reclamo, contrários se declaram  
À minha pura chama; pois não sofrem,  
Turbando o mar, que eu possa para ver-te  
Empregar a destreza dos meus braços.  
Bem vês o Céu de nuvens carregado,  
Pronto a brotar horríssimas borrascas.  
Com medonho estampido os rijos ventos  
Se arrojam sobre as ondas inquietas  
Onde os Navios mal seguros jogam.  
Um Piloto somente,  
(e esse mesmo de temerário e louco é argüido,)  
Os furores de Boreais desprezando  
O Porto deixa, e é por este meio  
Que posso a minha dor participar-te  
Eu lhe entrego esta Carta, ah! Praza aos Deuses  
Que pudesse ir eu mesmo segurar-te  
O meu<sup>36</sup> amante extremo; mas correndo  
A embaçar-me, contando em pouco o risco  
Eu vi que toda a gente me observava  
Nesta partida; como eu ousaria

---

<sup>36</sup> Embora pareça erro tipográfico, pois o correto parece ser “seu”, nas duas versões, nesta e na do livro *Cartas de Leandro e Hero*, consta “meu”.

Impelido do meu ardor veemente  
Manifestar a chama, que me abrasa?  
Os meus, a meu pesar, descobririam,  
Se me vissem partir, o doce trato  
Do nosso oculto amor; e escaparia  
O segredo que tende a conservá-lo.  
Eu te escrevo por tanto, o beijo, e invejo  
Esta Carta feliz, que brevemente  
Irá gozar o bem, de que me privo.  
Depois de ser por tuas mãos tocada  
Julgo vê-la tão docemente unida  
Aos lábios teus, que os olhos cobiçosos  
Farão que os dentes logo o selo arranquem.  
Mas por que invejo o bem, que ceder devo?  
Privar-me de te ver é mal sem cura,  
E devo do meu bárbaro destino  
Sofrer a dura Lei: por tanto, ó cara,  
Por minha voz a minha mão te fala.  
Ah! Porque não pode ela neste instante,  
Em lugar de traçar minhas idéias  
Vencer nadando os alterosos mares,  
E abrir-me um caminho para Sesto,  
Onde por tantas vezes me tem feito  
Voar o terno amor? Bem que estas letras  
Possam provar-te o meu ardor intenso,  
Que intérprete fiel de meus extremos  
Seja esta mão, mais útil me é seu uso  
Quando fendendo as ondas me avizinha  
Do meu único bem, dos meus amores.  
Há sete noites, noites tormentosas!  
Que o mar apenas franco aos navegantes  
Furioso espuma, e faz mugir as vagas.  
Ah! Se em todo este tempo algum repouso  
Meu assustado amor tem conseguido,  
Possa tanto durar a tempestade  
Quanto por meu tormento tem durado.  
Sentado em um rochedo ao mar vizinho,  
Abatida a minha alma de tristeza,  
Lanço, gemendo, as vistas para Sesto,  
E adorando um lugar, que me é tão caro  
Mando meu terno coração saudoso  
Onde desejo conduzir meu corpo.  
Na Torre onde te dignas esperar-me  
O lume vejo, que me guia e chama  
Ou já de meus desejos iludido  
No ardor de buscá-lo julgo vê-lo  
Neste tormento, a dor que me transporta  
Me tem feito três vezes resoluto  
Minhas vestes deixar sobr' esta margem;  
E três vezes entregue ao mar em fúria,

Os meios procurar do meu repouso.  
Mas consegui-lo, em vão tenho tentado:  
As vagas a engolir-me sempre prontas,  
Contra a minha afoiteza embravecidas  
Têm-me à praia arrojado por três vezes,  
Tu dos ventos o mais desapiedado  
Que os ares estrugindo, furiosas  
As ondas tornas, implacável Boreais;  
Que te fiz eu? Por que com rigor fero  
O mar volvendo, o coração me arrancas?  
O sopro impetuoso que despedes  
Mais do que as ondas meus prazeres turba  
Ah! Que farias tu de mais tirano,  
Contra um mísero amante, se em teu peito  
Nunca Amor dominasse? Se hoje cobrem  
Os gelos tuas faces, ah! Recorda  
Que houve tempo, em que foste já de fogo,  
E que dum lindo objeto surpreendido  
Seus amáveis encantos já fizeram  
Tua razão ceder a teus sentidos.  
Na paixão vivamente ressentida,  
Que a roubar Orithia te obrigara,  
Que desesperação seria a tua  
Se te fossem os ares interditos?  
Por piedade condói-te de um amante,  
Que t'implora favor; suspende a fúria;  
Assim Eolo, de seu poder altivo,  
Jamais severas ordens ouse impor-te.  
Mas em vão com meus ais busco mover-te,  
Pois aumentas teu hórrido murmúrio,  
E as águas agitadas, implacáveis  
Mugem, branqueiam difundindo horrores.  
Ah! Por que de meus males compassivo  
Não me presta, ai de mim, Dédalo as asas?  
Estes mares, que de Ícaro conservam  
O renome da sua fatal queda  
Em vão minha razão avisariam,  
De seu fado o espetáculo tremendo  
Desmaiar não faria a minha audácia,  
Se eu pudesse alcançar, que de meu corpo  
Vencendo o peso, aos ares me elevassem.  
Ah! Que em vez dos prazeres excessivos,  
De que há tanto me priva a tempestade,  
Eu procuro acalmar a viva angústia  
De meu peito agitado, memorando.  
Os primeiros momentos preciosos  
Da minha sem igual felicidade.  
A noite... Oh! Quanto é doce esta lembrança  
Em suas gratas sombras preparava  
O troféu mais sublime à minha glória;

Quando inflamado no maior transporte  
Eu me ausentei de Abido e fui a Sesto!  
Ali, sem que o perigo balançasse  
O meu valor, já prestes a arrojá-me  
Às salsas ondas, entendendo os braços  
Corri afoito a úmida planície.  
Nesta marcha arriscada, e inconstante,  
Seus doces raios me emprestava a Lua,  
Como que condoída protegesse  
Quem por amor à morte se arriscava  
Em meu transporte erguendo a ela os olhos  
Ó Deusa encantadora, lhe dizia,  
Concede o teu socorro a um terno amante.  
Ah! Lembre-te esse tempo, em que buscavas  
Nos rochedos de Latmo o Pastor belo,  
Que acendera em tua alma a doce chama.  
Favorável te mostra a este extremo,  
Que a tão estranhos riscos me abandona.  
Para guiar-me sobre mim derrama  
Os teus raios benignos. Quando amante  
Tu deixavas o Céu, e demandavas  
Meigos encantos de um amor tão terno,  
Era um mortal que te obrigava a tanto.  
No lindo objeto, que minh'alma enleia  
Eu nada busco menos, que uma Deusa...  
De tão alto elogio não te ofendas.  
O ciúme é forçado a confessá-lo.  
Que Te direi dos sentimentos nobres  
Que regem de su'alma os movimentos?  
Que do sangue dos Deuses seja digna  
Sua excelsa beleza é testemunha,  
E de mil graças o gentil composto  
Bem deixa ver que só uma Deidade  
Tantos encantos possuir podia.  
Exceto tu, e Vênus, não se encontra  
Outra imortal, que vendo a minha amada  
A vantagem de bela ostentar possa.  
Se não crês a expressão de quem a adora,  
Ah! Digna-te de vê-la um só momento.  
Bem como tu em plena luz ofuscas  
O esplendor dos Astros, que te cercam,  
Tanto a sua beleza, os seus encantos  
Fazem ceder a todas as beldades;  
Se da minha verdade inda duvidas,  
Talvez zelosa este louvor te ofenda;  
Ou, temendo que a ti ouse igualá-la,  
Convencida em segredo, dissimulada.  
É assim que vogando sobre as ondas  
A espera fadiga eu consolava,  
E avançando-me a essa feliz margem,

Que meu sensível coração prendendo,  
Meus desejos, meus votos atraía.  
Da Lua a bela imagem refletida  
Sobre a água em torno, a branqueava toda,  
Tal era o resplendor, que o mesmo dia  
Reproduzindo, as sombras desterrava.  
Sem ouvir mais rumor, que o brando ruído,  
Com que as ondas fendiam os meus braços,  
Envia o mar em uma paz profunda,  
E o vento respeitando o seu repouso  
De algum sopro importuno o não turbava,  
Só da triste Alcione a voz saudosa  
O seu par Ceix chamar se ouvia.  
Quando já fatigado do trabalho  
Senti faltar-me a força, suspenso  
Sobre as ondas, busquei algum repouso.  
Foi então que de longe apercebendo  
O farol, que o caminho que traçava,  
E que de meus trabalhos era a meta,  
É lá, disse eu, é nessa cara Torre  
Que me espera a Beleza; qu' idolatro!  
De tão grata lembrança afervorado  
Em meus braços sentia um vigor novo,  
E as ondas, que vencer já mal podia,  
A atravessar me pareciam doces.  
Sua extrema frieza bem pudera  
A outrem gelar; mas eu levava um fogo,  
Que a podia aquecer, nem era crível  
Que penetrar pudesse o ardor veemente  
De um coração, que Amor por glória habita.  
Mais eu me aproximava à feliz margem  
Onde do meu amor ia oferecer-te  
O primeiro penhor, mais impaciente  
Minha ardente paixão me dava esforço  
Para avançar. Oh! Quanto a minha audácia  
Se aumentou, quando tendo-te observado  
Eu pensei que podias também ver-me!  
Se de meus braços desconfiar pudesse,  
Tua presença forças lhes daria.  
Foi então que dobrando os meus desvelos  
Procurei agradar à minha amada,  
E buscando-a com ar vitorioso  
Parecia ostentar-lhe o meu triunfo.  
Ah! Que doçura experimentou minh'alma  
Quando te vi solícita, extremosa,  
Vir ao mar receber tua conquista,  
E a meus braços correndo a grandes passos,  
Eu conheci, meu bem, que não fingias!  
Trabalha então Deamira por deter-te;  
Tu vens satisfazer os teus transportes,

E, vencendo este obstáculo vão e fraco,  
Para estender-me a mão n'água te metes.  
De teus braços então toda a doçura  
Faz-me ver quanto em minha feliz sorte  
Teu coração amante se interessa.  
Por gozar tanto bem, Deuses Supremos,  
Que ondas atravessar eu recusara?...  
O teu véu desatando cuidadosa,  
Com ele contra o frio me socorres;  
E tuas belas mãos, que transportado  
Eu pude então tocar, de meus cabelos  
Extraem o falso humor, eu calo o resto;  
Os êxtases suaves, os transportes,  
Que empresa os nossos corações amantes  
Por mil ternos cuidados Amor liga...  
Ó noite! Ó Torre! Vós, que testemunhas  
Fostes desta recíproca ventura,  
Atestai vós, que o Céu, e a Natureza,  
Por nossos firmes votos respondiam.  
Tu me juraste fé: eu igualmente  
Minha fé te jurei; fora mais fácil  
As áreas contar do vasto Oceano,  
Que todas as doçuras, que gozávamos.  
Menos tempo nós tínhamos de ver-nos,  
De explicar nosso amor, nossa ternura;  
Antes, meu Bem, quiséramos que todo  
Se empregasse no gozo dos prazeres.  
Eis raia enfim nos longos horizontes  
D'Alva o clarão, e nossos doces risos,  
Nossas ternuras dão lugar às mágoas.  
Então ternos abraços repetindo,  
Céus! Exclamamos nós, quanto são breves  
Dos amantes as noites e os prazeres!  
Eu me detinha sempre, e sempre, oh Deuses!  
Minha alma enfeitiçada em teus agrados  
Procurava alongar estes momentos,  
Quando Deamira enfim vem advertir-nos,  
E de teus ternos braços arrancar-me.  
Tristes suspiros tendo demonstrado  
A nossa mútua dor, em deixo a Torre,  
E engolfado nas ondas busco ao menos  
Ver-te, enquanto o permite a vizinhança  
Eu deixei lentamente essa ribeira,  
E quanto de mim mesmo então mudado!  
Eu nadei para ti cheio de gosto,  
E agora mil temores me aterravam  
Temendo naufragar; quando contente  
Intentei abordar à margem tua,  
Parecia que o mar livre passagem  
Por si mesmo me abria; mas no instante

De deixar-te, meu Bem, só vi de entorno  
Uma montanha pronta á submergir-me

Por mais poder que sobre nós conserve  
A lembrança da Pátria, amortecido  
Vi no meu coração o amor da Pátria.  
Eu a busquei com pena: ah! Praza aos Deuses  
Que os ventos irritados não tornassem  
Inúteis meus desejos ansiosos!  
Céus! E como é forçoso que ligados  
Por Amor, inda essa água nos aparte?  
E que animados de uma só vontade  
Tão diversos lugares dêem motivo  
Á ternas ânsias, a suspiros tristes?  
Ah! Deixa que em seus muros para sempre  
Sesto me encerre, ou faze, doce amada,  
Que co'a minha se troque a Pátria tua:  
Abido, que por mim tanto interessa  
Em tua estima, menos agradável  
Não te há de ser, que Sesto ao teu amante.

Quanto eu sou desgraçado! Justos Deuses!  
A menor tempestade me horroriza.  
Se se agitam as ondas, agitado  
Sinto o meu coração! Não sopra o vento  
Que minh'alma assustada não suspire!  
Não é nada esse sopro, e ele me perde!

Os Delfins, que vagueiam sobre as ondas  
Meus desejos conhecem, tantas vezes  
Já me viram sulcar essa passagem,  
Que seguem junto a mim no mesmo giro;  
Jamais alguns dos mares transitado  
Tantas vezes têm sido: já traçada  
É a rota, que sigo, sobre as águas,  
Como se vêem impressas sobre a terra  
Esses sulcos, que as rodas têm formado.  
Ah! Quanto eu tenho me doído sempre  
De não ter outros meios de buscar-te!  
E é para meu amor duro tormento  
Que inda esse mesmo a meus desejos falte.  
Todo o Helesponto branquejando freme  
Seus silvos bravamente retinindo  
Abrir fazem voragens tragadoras  
Que até no porto os nautas ameaçam.  
Quando sobre este mar, *Hebe* perdida  
Deu-lhe por seu desastre o nome infausto,  
Tais, sem dúvida, os ventos furibundos  
Revolviam o mar encapelado.  
Ah! Que já este sítio memorável

Assaz é por seu fado lastimoso,  
Sem que o meu inda o faça mais funesto.  
Mas inda que por ti meus dias poupe,  
É sempre infausto o nome, que conserva.

Quanto a sorte de Phrixo invejar devo?  
Uma injusta Madraستا desumana  
Sua inocente vida perseguia;  
Ele foge, e sobr' estas mesmas ondas  
Um carneiro em seus ombros o sustenta.  
Mas ah! Por ver o Bem, que terno aspiro,  
Eu não quero um carneiro, ou um navio,  
Nem me verão jamais para reger-me  
Fitar meus olhos numa, ou noutra Ursa.  
Astros comuns, que á todos têm servido  
Seriam para mim fraco socorro.  
Que outro qualquer, se a precisão o ordena,  
Ansioso busque a *C'roa de Ariadne*:  
Que *Andrômeda* procure cuidadoso,  
E o Pólo gelado de *Calisto*;  
*Calisto*, o Pólo, *Ariadne*, *Andrômeda*  
Cedem à tua luz: e seu brilhante,  
A tantos Passageiros necessário,  
De guia não me serve sobre as águas.  
Há uma luz mais viva, mais segura,  
Que não me deixa errar: nas mesmas trevas  
Meu amor esclarece, nem precisa  
Para mim é a luz dum fulgor vago.  
Contanto que eu a veja, irei seguro  
E cheio de valor, té onde estende  
Esse Scitico mar as margens frias,  
E passarei sem susto, onde o famoso  
Herói de *Colchos*, doutros escoltado  
No áureo velo a conquista perpetrara.  
Em vão *Palemon* sobre o mar se adestra;  
Desta estrela guiado hei de excedê-lo,  
E farei que me ceda aquele mesmo  
Que um suco misterioso em Deus tornara.  
Se acaso já da lida e do cansaço  
Meus braços desfalecem, e recusam  
A meu ardor o esforço, que precisa,  
Eu para os animar nesta fadiga  
Tão rude, tão penosa, lhes presento  
Qual é de seu trabalho o doce prêmio,  
E que um feliz destino os recompensa,  
Dando-lhes a apertar teu níveo seio.  
Logo desta esperança reanimados  
Renovam seu vigor, recobram forças,  
E essas margens demandam mais ligeiros  
Que o vencedor no jogo da carreira.

Tu és a minha luz, meu Norte, e guia,  
Ó Beleza incantável, que te aprazes  
Para mim só luzir: inda na terra  
Digna de incensos, e de altares digna,  
E de sentar-te a par das Divindades.  
O Céu, donde derivam tantos dotes,  
É só o digno assento, que te cumpre;  
Mas não te apresses, não, a abandonar-me,  
Ou contigo, meu Bem, sofre que eu suba.  
Ah! Que os Deuses na terra te conservam;  
E olhos, sem ser os meus, te vêem, te gozam!  
Tal é dos males meus o duro extremo,  
Que apenas me concede Amor tirano,  
Um momento de ver-te entre mil riscos!  
Ah! Que vale ser pouca essa distância  
Que opõe ao nosso amor fatal barreira,  
Se mostra a meus desejos ansiosos  
Igual obstáculo a mais longínqua plaga?  
Quantas vezes as ondas empoladas  
Frustrando os gostos meus, cheio de fúria,  
Me fazem desejar que os dois extremos  
Do Universo, ou dos mares nos apartem!  
Este obstáculo invencível, moderando  
O ardor de te ver, não agitara  
De uma esperança inútil a minha alma.  
Mas vizinho de ti, sempre inflamado  
Sinto crescer o ardor de meus desejos,  
A esperança me mata, e não se extingue:  
Tão vizinhos, meu Bem, tão perto estamos.  
Que da minha ribeira a tua avisto,  
A pequena distância lisonjeia  
Meus ávidos desejos, e isto mesmo  
Redobra a minha dor e o meu tormento.  
Que tem de mais cruel a pena infanda  
De *Tântalo* infeliz? Águas, que fogem  
Dos lábios à avidez, não representam  
De meu prazer a privação serena.  
Quê? Não poderei ver-te, ó minha amada,  
Senão quando tranqüilo o mar consinta  
Que possam os meus braços transitá-lo?  
E enquanto irado os votos meus assusta,  
É forçoso que eu viva desgraçado?  
Nada sendo mais vário que a ventura,  
Que me funda nos ventos, e nas ondas,  
Sou condenado a ver freqüentemente  
Pender meu bem das ondas e dos ventos?  
Tremendo escuto o seu murmúrio horrendo,  
E se hoje seus debates me desolam,  
Como não tremerei nos cruéis tempos,  
Em que o mar é sujeito a astros chuvosos?

Ah! Que o meu coração não soube nunca,  
Antes de amar, quanto um amor sincero  
Faz empreender pelo querido objeto!  
Arrasado em desejos, e ansioso  
Por gozar teus encantos, não há risco  
Que eu não queira afrontar por consegui-lo  
Não julgues, não, amada, que fingido  
Seja o valor, que ostento, ou que iludindo  
Deixe para mais longe o seu efeito.  
Eu saberei mostrar-te prontamente  
Que faltar nunca soube ao que prometo.  
Poucas noites que dure a tempestade,  
A afrontar o perigo já se apresta  
Minha ardente paixão, e o vento em fúria  
O mar bramindo, e as nuvens inflamadas,  
Não poderão sustar os meus esforços.  
Ou c'roe um fim ditoso a minha audácia,  
Único bem por que minh'alma anela,  
Ou a Parca inflexível corte o fio  
Desta vida, e termine os meus martírios  
Tudo o que ousa pedir neste naufrágio,  
É que as ondas piedosas me conduzam  
A essa praia feliz, onde abraçado  
Seja meu corpo frio por aquela,  
Que faz doces os dias, que respiro;  
Pois tu, meu Bem, nesse momento extremo  
Não poderás calar a mágoa tua.  
Tu patente farás o misterioso  
Segredo de um amor tão desgraçado.  
Mas a este passo estremecer te vejo:  
Tu não podes sofrer que um vão presságio  
Do caro amante a perda te apresente;  
Esperemos melhor do Céu piedoso:  
Eu o aprovo, meu Bem, por teu respeito;  
Mas ah! Que me aplaque o mar os seus furores,  
Procura por teus votos, doce amada,  
O que em vão lhe suplico: eu não pretendo  
Que de todo serene a tempestade;  
Basta só que uma calma me permita  
Ganhar nadando essa feliz ribeira.  
Quando a tiver tocado, aos bravos ventos  
Sejam empresa às ondas agitadas:  
Para o mar revolver, toda a violência  
Empreguem de seus sopros bramidores.  
Esse feliz lugar aos meus desejos  
Fora o mais belo, o mais seguro porto  
Que para demorar-me o infesto Boreal  
Faça ao mar uma guerra duradora.  
Então tímido, e frouxo, em face ao risco,  
Eu mesmo farei glória de assustar-me.

Não me hão de ver jamais triste, e ansioso,  
As ondas acusar de inexoráveis;  
E verei suceder a noite ao dia.  
Sem temor que a tormenta me detenha...  
Mas é pouco que o vento embravecido  
Me suspenda: procura tu deter-me  
Por mais doces prisões: sejam teus braços,  
Teus agrados, meu Bem, rêmoras sejam,  
Que o meu regresso privem para sempre.  
Tão depressa suspenda o vento irado  
Os furores do mar, me verás pronto  
Tudo arriscar por ti, por teus encantos.  
Toma tu só cuidado, ó minha amada,  
De acender esse lume benfazejo,  
Que a teus braços fiéis deve guiar-me.

Por acalmar com tudo os teus cuidados,  
Minha carta por mim vai explicar-te  
O meu ardente amor; e praza aos Deuses  
Conceder-me, apesar do cruel fado,  
Que perturba, e combate os meus desejos,  
Que eu a siga, e te veja brevemente.



## Carta de Hero a Leandro

*In: BARBOSA, Januário da Cunha. Parnaso Brasileiro ou Coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional. Caderno 7. p 22-27*

### CARTA DE HERO A LEANDRO *Pela mesma Senhora D. B. F. De A. Brandão.*

Tantas noites sem ver-te têm corrido!  
Ah! Querido Leandro! Torna, torna  
A calma a meus sentido desolados!  
Que novo obstáculo te suspende agora?  
Tudo me assusta... Eu tremo! Ah! Quanto é fraca,  
Quanto digna de lástima uma Amante!  
Tu podes por mil jogos diferentes  
Variar teu prazer; e desterrando  
A tristeza, enganar o longo tempo.  
Tu podes, sem ouvir os meus suspiros,  
No ardor que te arrebatava, sobre a arena  
Conduzir, e fazer voar um carro;  
Ou armado de dardos passadores,  
Qual Endemion errar pelas florestas.  
Mas eu de longo tempo a amor sujeito,  
A esse Deus consagrei a minha vida;  
Suas chamas crepitam em meu peito:  
Eu não sei, eu não quero, eu não desejo,  
Eu não posso, meu bem, senão amar-te.  
Apenas luz o dia, est'alma cheia  
Da tua bela imagem, fujo ao sono,  
E voando à ribeira com transporte  
Vistas ferozes sobre os mares lanço  
E os ventos acusando, e os mesmos Deuses,  
Eu tremo, e julgo ver em meu delírio  
Cada onda, que se eleva submergir-te  
Mas logo que uma calma sobre as águas  
Eu vejo renascer, grito gemendo,  
Através de suspiros, e soluços:  
Por que não vem? Que faz? Quem o suspende?  
Talvez espera que a feroz borrasca  
De novo agite o mar? Céus! Que tormento!  
Onde existe, cruel, aquele tempo  
Em que o teu coração terno, amoroso,  
Parecia nos riscos acender-se  
De novo ardor? Ah! Quantas vezes, quantas

Mesmo apesar das ondas irritadas,  
A despeito dos sustos de uma Amante,  
Sob um Céu coruscante, e irados ventos,  
Eu te vi temerário, audacioso  
Desafiar as hórridas tormentas,  
E correr a meus braços triunfantes?  
Acaso teme amor algum perigo?  
Não tem os seus Heróis como Mavorte?  
Ah! Que amor te guiava nesse tempo!  
Que funesta mudança? Tu receias  
Té no seio da calma vãos perigos,  
E às queixas de um' Amante és duro, és surdo.  
Nesta praia onde sei que não existes,  
Eu procuro os vestígios dos teus passos;  
Se acaso chega alguém dessa ribeira  
Em vão busca fugir à minha instância,  
Já não vê, não encontra, não escuta,  
Senão a mim, desse universo inteiro  
Eu quisera inquirir notícias tuas.  
Inda é pouco: os teus hábitos que guardo,  
Quando o dia te chama a oposta margem,  
De um caro Amante véus encantadores,  
Cingindo-os a meu seio, transportada,  
Eu os cubro de lágrimas, e beijos...  
Desculpa o meu transporte, ele te pinta  
Minha viva ternura, e amor não sabe  
Nunca desta ternura, e amor não sabe  
Nunca desta franqueza envergonhar-se.  
Mas se a noite á meus fogos favorável  
Estende o manto seu sobre o Horizonte,  
Minha fiel Deamira a mim chamando,  
Com ela subo à Torre; tremebunda  
Acendendo o farol, Deus das Ondas  
Te imploro lacrimosa; e contemplando,  
A medonha, profunda escuridade  
Que tolda o vasto mar, eu quereria  
Qu'esse Deus cujos ferros arrastamos  
Um astro novo para ti criasse.  
Ó tu, de meus pesares confidente,  
Companheira querida, fala, torna  
A esperança à minh'alma esmorecida.  
Virá ele? Tu pensas que partido  
Ele terá, talvez? Céus! Enganado  
Ter-se-á meu coração? Não, não me engano;  
Eu o ouço, eu o vejo, ele já chega:  
Eu vou ver, e abraçar o bem que adoro.  
Entrai em vossos cárceres sombrios,  
Ó negros aquilões, é Amor, é um Nume,  
Que vedes transitar o Pego undoso.  
Neste momento, aplico atento, o ouvido,

E sempre minhas vistas estão firmes  
Sobre as praias: o ruído mais distante,  
O mais leve rumor me sobressalta,  
Me agita, me anuncia o Amante caro.  
Se enfim sucumbo ao sono, que me abate,  
Um sonho a meus desejos te figura;  
Creio abraçar-te, e não és já culpado.  
Ornada a frente de viçosas canas,  
Ver-te sair das Ondas me parece  
E a meus braços voar em um momento.  
Fugir prestígios vãos que o susto, seguem;  
As ilusões de amor não têm encantos  
Sobre os sentidos meus: gostos, prazeres,  
Que tu não gozas, eu gozar não quero;  
Eu só creio a ventura quando unidos,  
Sobre meu coração, palpitar sinto  
Teu terno coração... Que então os ventos  
Com hórrido estampido as ondas volvam:  
Que o raio crepitante a terra abale:  
Que o universo inteiro se confunda,  
E o mar lançando-se à Celeste esfera,  
Por eternas barreiras, impossível  
Torne tua partida: os seus furores  
Eu desprezara plácida e tranqüila:  
Fora teu seio meu seguro asilo.  
Que digo? Separada do Universo,  
Pensando em ti somente, poderia  
Essa horrível desordem inquietar-me?  
Por que me deixas pois triste, ansiosa  
Desfalecer distante de teus olhos?  
Vem acalmar desejos de um Amante,  
De um coração por ti sempre agitado.  
Tantas noites, meu bem, correr deviam  
Em lágrimas, e dor? Fala, responde,  
Quem te detém? Que queres que eu presuma?  
Temes por teu regresso? Eis-me aqui pronta:  
Eu irei, caro bem, lançar-me às ondas;  
Não duvides, Amor há de ensinar-me  
A atravessar os mares, desprezando  
Perigos que o meu sexo tanto teme.  
Para voar a ti, meus débeis braços  
Um caminho hão de abrir: e a meu encontro  
Temerás tu voar? Os bravos mares,  
Os ventos poderão inda turbar-te?  
Eu me unirei a ti no centro frio  
Do líquido elemento, e Amor piedoso  
As ondas inflamando a nós d'entorno  
Com seu brilhante véu, aos invejosos  
Ocultos tornará nossos prazeres  
Desgraçada! Que digo? O amor infausto

Deve de gosto embriagar-se tanto?  
Um coração em presa ao sentimento  
De Imagens de prazer deve ocupar-se?  
Ah! Que da tua ausência eu vejo a causa.  
Uma rival se opõe à minha dita,  
E teus culpáveis votos Inconstantes  
Aterram-te mais que as ondas, e que os ventos.  
Te traído me tens... Céus eu deliro!  
Eu não o posso crer: à tua glória  
Esta afronta não faz minha ternura...  
Por prêmio de um amor tão excessivo  
Quererias traçar a minha morte?  
Vítima desgraçada Hero seria  
Da tua ingratidão? Tu me tens dito  
Que é um crime a inconstância: os teus discursos  
Recorda, e esses momentos preciosos,  
Em que o mesmo prazer, teus juramentos  
Têm ditado: são esses, que tremendo  
Hoje reclamo, sim, sobre tu'alma  
Meus atrativos têm justos direitos.  
Se ostentá-los eu ousou, permitido  
Me é este orgulho, eu só de ti os tenho  
Tu és quem me embeleza; semelhante  
A essa flor, que parece inda sensível  
Ao astro que a colore; assim meus olhos  
Sobre ti fitos, desses teus recebem  
O esplendor, e as graças: tu penetras  
A minh'alma, e qual astro me alumias;  
És o Nume que adoro, a luz que sigo.  
Que agradável desordem! Que harmonia  
Encantadora! Uma secreta calma  
Torna ao meu coração! Já despojada  
A feia noite de seus véus sombrios,  
Estende o manto azul, e o ouro brilha,  
Das estrelas: Morfeu tem suspenso  
Os males do Universo: Como, oh Deuses  
Uma calma, um prazer voluptuoso  
Sobre os ares se espalha! Estes carvalhos,  
Que tão freqüentemente se agitavam,  
Aos Céus elevam sua sombra imóvel!  
A terra exala ao longe um doce aroma:  
O hálito do zéfiro os perfumes  
Das flores, este mar, tão sossegado,  
Esta calma profunda, este silêncio,  
Esta noite mais bela mais brilhante  
Que um belo dia, tudo aos meus amores  
Anuncia o prazer: caro Leandro!  
Eu aceito por ti tão grato agouro:  
É tua vizinhança que embelece  
A Natureza; vem, voa a meus braços,

Meu doce bem... Mas que funesto ruído  
Tem o silêncio e a noite perturbado!  
Um dia ameaçador rasga nas trevas.  
Esta nuvem opaca, que impelida  
Do Tirano do Norte, furibunda  
Dos inflamados flancos raios vibra  
Traz-me talvez a morte! Os elementos  
Se têm reunido para confundir-me!  
Ó tu, que o cetro impunhas do Oceano,  
Que ódio funesto contra vós te anima?  
A Laumedonte foi Leandro conjunto,  
Ou nas fraudes de Ulisses teve parte?  
Donde vem teu rancor? Tu, que amor punes  
Acaso nunca amaste? Ou por que causa  
O crime poupas? A ambição altiva,  
O interesse; os projetos do Tiranos,  
Cujas leis tuas ondas têm calcado,  
Contr'estas arma o mar, o vento, o raio;  
Mas ah! Salva um mortal cheio de encantos,  
Salva o meu bem, e a minha dor respeita.  
Teme ultrajar Amor, e sobretudo  
Pensa que o mesmo Amor, pode vingar-se;  
Ah! Guarda-te, Leandro, Hero te roga:  
Minha esperança às ondas não confies:  
Fica, eu to ordeno; e tu, Filha das águas,  
Do prazer produzida, por encanto  
Do Universo, tu qu'entre o horror da guerra  
Do Tirano de Trácia o furor domas:  
Tu, que em teu coração o ardor sentiste  
Das chamas de teu filho, e ao belo Adônis  
Cedeste de tu'alma o livre império,  
Condói-te de meu bárbaro tormento.  
É comum nossa causa! Ambas ardemos  
No mesmo fogo: o meu amor protege  
Contra Eolo, e Netuno: destes Numes  
Tão altivos, as fúrias já domaste;  
Manda, ó Deusa, e serás obedecida.  
Mas se Leandro... Ó Deuses! Iludido  
De uma pérfida calma... Se animoso  
As ondas se arrojou... Que dia horrível!  
Se o raio... Ó Céus! Que luz sangüínea, obscura  
Rasga a nuvem espessa, que me cerca!  
Eu ouço, ou penso ouvir, sobre a ribeira  
Os tristes ecos de uma voz em pranto...  
De que horror meus sentidos estão cheios!  
Quem me chama? É Leandro? Eu já te sigo  
Ah! Neste mesmo instante submergido  
Ele expira, e é meu crime a morte sua!  
Túmulo do meu bem, jazigo horrendo!  
Restitui-me o meu bem qual o roubaste:

Os meus beijos ardentes, meus afagos  
Hão-lhe de restituir da vida os germes,  
Ou ligados num doce, e eterno abraço  
Expirar, e segui-lo ao fundo abismo  
Onde estou? Eu sucumbo à imagem triste...  
Foge o Céu... A ribeira... O mar não vejo...  
Leandro, eu morro... As forças me abandonam,  
E da trêmula mão... Me foge a pena.

#### 4- Textos em *O Guanabara*

*In: O Guanabara.* Revista Mensal artística, científica e literária. Redigida por uma Associação de Literatos e dirigida por Manoel de Araújo Porto Alegre, Antônio Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo. Tomo I. Rio de Janeiro: Tipografia Guanabarenses de L.A.F. de Menezes, 1850.

*O Guanabara*, nº. 05, página 355.

#### **Não se calou a lira**

Ao Ilmo. Sr. J. Norberto de S.S.<sup>37</sup>

O Santo amor da pátria e liberdade,  
E outro amor infeliz, no lento e cego  
Foram da minha lira único emprego.  
(Da autora)

Não se calou a lira  
Antes com fiel memória,  
Cantou da pátria a glória,  
Os males seus chorou:  
No cimo da montanha,  
Na densa selva escura  
Gemidos de amargura  
Misérrima soltou.  
Fraterno sangue esparso  
Nos campos to terror,  
Horrissono fragor  
De truculenta guerra,  
Imagens furibundas  
De estragos, sangue, morte  
Em rabido transporte  
Estremecendo a Terra...

E apenas o sulfúreo  
Vapor dissipa o vento,  
E o campo inda sangrento  
Se esmalta de verdura,

---

Com este poema, a autora responde a Joaquim Norberto, em texto poético que ele lhe dedica na página 353 do mesmo número de *O Guanabara*.

Surge fatal contagio  
E bafos pestilentes  
Milhares de viventes  
Arroja à sepultura.

Oh como ao som funesto  
De tubas e canhões  
Trinar doces canções  
A lira poderia?  
As cordas estalaram;  
No peito a voz morreu,  
E pávida pendeu  
A mão trêmula e fria!

Meu coração ferido  
Convulso, soluçante,  
Na dor agonizante,  
Gemeu, carpiu, tremeu!  
Da pátria desolada  
Os males me aterraram,  
E as fibras estiraram  
Do aflito peito meu.

Contempla, ó vate exímio,  
O quadro aterrador,  
Que em meio a tanto horror  
Minha alma se contristou;  
À tão funesta imagem  
Inda suspiro e gemo;  
Inda convulsa tremeo,  
Inda ferida estou.

Em meio de gemidos,  
De preces, de clamores,  
Redobram-se os horrores,  
Perece a humanidade!  
Esposas desoladas,  
Parentes consternados,  
Órfãos desamparados...  
Deus! Que fatalidade.

E tu, Pai sempiterno,  
As tuas criaturas  
Verias em torturas  
Co' a morte em vão lutar  
Sem que piedade suma  
Teu atributo imenso...  
Meu Deus!...Como é propenso  
O astulto a blasfemar!

Quem pode compreender  
Altos mistérios teus?  
São só claros aos céus  
Os juízos do Senhor.  
Ousei interrogar-te  
Erro! Ó ilusão!  
Não pode a criação  
Julgar o criador.

Mas teus acentos meigos  
Meu coração tocaram,  
E a lira despertaram  
Do sonho em que jazia:  
Um astro novo doura  
Minha existência escura;  
Já penso na ventura  
E em sonhos de alegria.

Já nova inspiração  
Na mente me acendeste;  
Ao empíreo me arrebatou:  
Por ti subo vaidosa  
Ao templo da memória  
E em gozos de alta glória  
Minh'alma se dilata.

Aceita, pois, ó vate,  
Fiel dedicação  
De um puro coração  
De um coração sem véu;  
E, se da lira os ecos  
Protegem céus beninos,  
Nas asas de meus hinos  
Hei de levar-te ao céu!

Outubro, 13 de 1850.



## 5- Textos em *Marmota Fluminense* (1852 a 1857)

*In: Marmota Fluminense: jornal de modas e variedades.* Rio de Janeiro: Editora e tipografia de Paula Brito, de maio de 1852 a junho de 1857. Nº 258-860.

### Índice <sup>38</sup>

Abra as asas, Arcanjo glorioso

De ouro, prata, bronze e ferro

Navegar em mar turbado

Torno a ver, cara Elisa, estas montanhas

Marília de Dirceu

Essa beleza, que imortalizara

Como a flor matutina, que se expande

Já cintila no horizonte

É tão grande o meu prazer

Arder, morrer, padecer,

Que triste vida, meu bem,

Volte embora o tempo à roda

Pensei que me livraria,

Minha bela encantadora,

Julguei que era a liberdade

Rasgou amor o meu peito

Densos, tristes arvoredos,

---

<sup>38</sup> O presente índice foi elaborado neste trabalho e está organizado de forma a considerar como título o primeiro verso de cada poema, exceto nos casos em que a própria autora já o tenha atribuído.

O vós, que isentos  
As cadeias que me prendem  
Ausente dos meus amores  
Ó lua, que tão serena  
Desde o dia desgraçado  
Escuta, meu bem amado,  
Mancebo, que pressuroso  
Já cintila no horizonte  
Nasceste, Amélia formosa,  
Já perante as sacras aras  
De resplandores cingida  
Batendo as asas fulgentes  
Maria, mais branca  
Assoma a aurora risonha  
Brilhou no horizonte  
A sábia Ulina se aflige  
Brilha, botão precioso  
Delfina Benigna,  
Saudade! Emblema precioso  
Briosos Baianos, que o jugo nefando  
Torna a raiar, ó Dia luminoso!

## Abras as asas, Arcanjo glorioso

39Soneto

Oferecido a Ilma. e Exma. Sra<sup>40</sup>.

Viscondessa de Olinda

Por ocasião da sentidíssima morte de seu filho

Abra as asas, Arcanjo glorioso,  
Sobre as asas celestes te suspende;  
Demanda a sacra estância onde resplande  
De Jeová o trono luminoso.

Dos serafins no<sup>41</sup> coro harmonioso  
Com transportes de amor a voz desprende,  
E ao Ser eterno em holocausto rende  
Dos pais aflitos, pranto doloroso.

Hóstia propiciatória, se os clamores  
Se escutam dos mortais na eternidade,  
Impetra um lenitivo a tantas dores!

Um raio de esperança, e de piedade  
Sustente os peitos seus contra os rigores  
De tão atroz, e perenal saudade!

B.F. de Assis Brandão



---

<sup>39</sup> Este poema está impresso em moldura bordada com ilustração de uma mulher sentada e pensativa. Considerando informações de biógrafos que afirmam que D. Beatriz era desenhista, é possível que seja ela a autora também de tal ilustração

<sup>40</sup> Soneto repetido em *Marmota Fluminense* de oito de junho de 1852, p.3, onde aparece oferecido não ao Marquês de Olinda, mas à Viscondessa de Olinda. As diferenças entre os versos são pequenas. Primeira estrofe: no segundo verso, onde lê-se “asas celestes”, em *Marmota* lê-se “auras celestes”; no terceiro, aqui se lê “resplande” e lá, “resplende”. Segunda estrofe: terceiro verso, aqui “ser”, lá “Ser”; quarto verso, aqui “Dos pais”, lá, “De pais”

<sup>41</sup> No original aparece “em o”, gr.afia aqui atualizada para “no”, sobretudo por manter a métrica do poema - sustentada por versos decassílabos -, que estava sendo prejudicada por tal expressão, visto que na época em que fora escrito, a contração em+o ainda não era aceita.

## De ouro, prata, bronze e ferro

Mote  
Da terra caí no chão

Glosa

De ouro, prata, bronze e ferro<sup>42</sup>  
Meu composto foi formado,  
E sobre barro firmado  
Por mistério, não por erro.  
Sobre os pés em vão me aferro;  
Pois baqueio ao repelão  
De pesada ignota mão,  
Que invisível me faz guerra,  
E como a base era terra,  
Da terra caí no chão!

B. F. A. B.



---

<sup>42</sup> Considere-se aqui o fato de Vila Rica, terra natal da autora, ser, no século XVIII e ainda em parte do XIX, local de extração de ouro, prata, bronze e ferro, elementos que constituem, segundo Beatriz, a sua própria formação.

Note-se ainda a ironia e firmeza com que a escritora enfatiza o fato de ser a mulher (aqui representada por ela mesma, Beatriz) firmada sobre o barro não por erro, mas por mistério (Divino); numa alusão à Bíblia Sagrada.

## Navegar em mar turbado

Mote.

*Os tormentos da incerteza.*

Glosa

Navegar em mar turbado,  
Em treva que rasgam lampos;  
Sucumbir em márcios<sup>43</sup> campos  
Em fumo,<sup>44</sup> em sangue alagado;  
Ser dum<sup>45</sup> antro<sup>46</sup> devorado  
De horrendo tigre a fereza ;  
De infame algoz à crueza  
O colo<sup>47</sup> inerme oferecer,<sup>48</sup>  
Antes isso que sofrer<sup>49</sup>  
*Os tormentos da incerteza.*

B.F.A Brandão



---

<sup>43</sup> O adjetivo “márcios” significa marciais, bélicos. No original, estava grafado sem acento pelo fato de as palavras paroxítonas terminadas em ditongo oral não serem, até o século XIX, acentuadas.

<sup>44</sup> O vocábulo “fumo” (FONSECA: s/d), no século XIX, tinha, além de outras acepções, a seguinte, que parece melhor corresponder ao sentido presente no verso: vapor denso que lançam os corpos em combustão.

<sup>45</sup> No original, grafou-se “d’um”.

<sup>46</sup> Antro, neste verso, parece significar “cova”, acepção dicionarizada no início do século XIX.

<sup>47</sup> No original, grafou-se “cólo”.

<sup>48</sup> A atualização ortográfica do verbo “oferecer”, prejudica a métrica da décima, pois que o verso em que se insere passa a ter oito sílabas, desarmonizando-se, portanto, de todos os demais, que possuem sete sílabas; entretanto, no original, para evitar tal desarmonia rítmica, a poetisa grafou “off’recer”, /o-fre-cer/, preservando, assim, o uso das redondilhas maiores em todos os versos do poema.

<sup>49</sup> Grafado, no original, com dois efes: soffrer.

## Torno a ver, cara Elisa

Epístola a Elisa

Torno a ver, cara Elisa, estas montanhas  
Estes vales floridos, estas matas,  
Este rio tão puro, tão saudoso,  
Que me recordam a risonha imagem  
Da minha doce e tão ditosa infância!

Foi aqui que aprendi, com a natureza,  
A pensar, a existir! Minha cabeça  
Senti arder aqui de um fogo ignoto!  
Um delírio, um prazer, uma demência  
Parecia absorver meu ser ignaro,  
De todas as paixões; mas já sensível  
Ao belo, e ao sublime. Desvairada,  
Em rimar, e medir gastava o tempo;  
E mal sabendo manejar a pena,  
Confiava ao papel meus pensamentos  
Que, como um crime, a todos ocultava!  
Tu os leste, ó Elisa, e caridosa  
O riso sustiveste; eram tão simples,  
Tão cheios de infantil ingenuidade,  
Que assaz bem demonstravam a inocência,  
A ignorância, e a vaidade da Poetisa!

Eu julgava que o Tejo, que o Mondego,  
Por certo privilégio pertenciam  
Aos poetas de todos os países,  
E nesta persuasão, o *Tejo undoso*  
Era sempre em meus versos decantado!

Eu tinha conseguido a grande dita  
De encontrar um Camões, e um Bernardes (1)  
Que em um cesto jaziam esquecidos  
Entre velhos, e inúteis alfarrábios,  
Pude escondê-los, e em segredo os lia.  
Que ilustração! Que fonte de ciência!  
Li, reli, decorei, compus idílios!  
Era Tejo, Mondego, Douro, Lima,  
Faias, vinhas, colméias, olivais;  
Já versos pastoris, já piscatórios,  
Com Tritões, Claucos, Tagides, Nereides  
Ia sempre mesclando os meus conceitos;  
Tudo amoldava, tudo me servia;

Quando obtinha licença, ou a tomava,  
Iludindo do guia a vigilância,  
Deixava o domicílio em leves saltos,  
E apartando dos olhos as madeixas,  
Que à discrição dos ventos ondulavam,  
Sem resguardar das sarças os vestidos,

Calcando lamaçais, pisando espinhos,  
Com a minha violinha sobraçada,  
Corria a solidão, e lá, bem longe,  
Sobre a mais alta rocha que encontrava,  
Figurando esse monte bi-partido,  
Como em trono Apolíneo me assentava,  
E cheia de ignorância, e entusiasmo,  
Julgando inspiração meu devaneio,  
Discordes improvisos modulava;  
Mas cheios de candura, e sentimento;  
E por estes tão simples tirocínios  
Eu me formava música, e poetisa! (2)

Em frente a um horizonte interminável  
A vista deleitosa esparecendo,  
O sol, as nuvens, a campina, o bosque,  
Meu tosco metro estavam influindo!

Ó Elisa, é nos campos, e nos montes  
Que os dons da natureza se apreciam!  
Sob tetos pintados, e entre vidros  
A mente vive presa e subjugada.  
Ver despontar o dia, a roxa aurora  
De aljofar esmaltar serras e prados;  
Ver a purpúrea matutina rosa  
Exalando perfumes, ostentar-se  
Entre virentes repicadas palmas,  
De brincadoura brisa balouçada;  
Ouvir dos passarinhos prazenteiro  
O hino repetido, e sempre novo,  
O rio murmurando entre floridas  
E verdejantes margens; a torrente  
Que com horrível som se precipita  
Das fundas grotas, e em seu curso arrasta  
Troncos, rochedos, selvas, e piteiras;  
As palmeiras sonoras agitando  
< As folhas, dos heróis tão cobiçadas;>  
O enxame sussurrante, o leve bando  
De ledas, matizadas borboletas,  
Que, como vivas flores, se suspendem  
Em variada aérea contradança;  
Insetos curuscantes, multicores,  
Que aos matutinos raios espanejam  
As asas, onde brilham, a esmeralda,  
A ametista, a grisolita, o topázio,  
A safira, e o rubi, mesclados de ouro,  
De pérolas, corais e diamantes:  
O' minha Elisa, é mágica esta cena!  
Nada pode imitá-la!... Mas que importa?  
Acaso esta alma minha é inda a mesma?  
Não viu meu coração agonizante  
Nas torturas da dor esvaecidos

A ventura, o prazer e a esperança?  
Torno a ver, é verdade, estas montanhas,  
E todos os objetos portentosos  
Que tanto meu espírito exaltaram.  
A cena é inda a mesma; mas que importa,  
Se já meu coração desenganado  
O mesmo não é mais? Paixões, cuidados,  
Rigores do destino, amor infausto,  
De doces sensações o despojaram...  
Uma dor, d'outra dor sempre seguida,  
Distenderam as fibras do meu peito.  
Vi quebrarem-se os laços mais queridos,  
Mais necessários à existência minha;  
Perdi meus pais, meus pais eu que tanto amava,  
E inda esmagada de tão feros golpes,  
Por cúmulo de dor perdi Tirséa!  
    Tu me restas, Elisa; mas tão longe,  
Que em meus males não podes tomar parte.  
Envia-me, sequer, uma lembrança,  
Um suspiro, uma lágrima, que junta  
Às que derramo nesta soledade,  
Outra fonte produzam da saudade.

Maio, de 1835

B.F. de Assis Brandão



N.A.(1) Eis os meus mestres primitivos.

N.A.(2) Eu já nesse tempo aprendia música.

N.A. Antecipo a publicação desta Epístola, porque nela se vê que não segui outra lição poética senão a portuguesa, e brasileira, no que fui constante; nenhuma, ou limitadíssima glória resulta disto às duas nações; mas esse mesmo quase nada pertence-lhes, é delas.

## Marília de Dirceu

Terça-feira, 15 de março de 1853, n 348.p. 01-02

### “Marília de Dirceu”

D. Maria Dorothea de Seixas Mairink foi filha de D. Maria Dorothea de Seixas Ferrão, e do capitão de cavalaria Balthazar João Mayrink, e neta do tenente-geral Bernardo da Silva Ferrão, e sua mulher D. Francisca de Seixas da Fonseca Borges. Teve mais quatro irmãos, que a precederam na sepultura, ainda que mais moços. José Carlos Mairink, senador do império, Francisco de Paula Mairink, tenente-coronel de cavalaria, pai de José Carlos Mairink, negociante bem conhecido nesta Praça. D. Anna Ricarda de Seixas Mairink, casada com o capitão de cavalaria Valeriano Manso da Costa Reis, de quem são parentes próximos os Srs. Sayão Lobato, e Emerenciana Evangelista de Seixas Mairink, casada com o coronel de cavalaria Carlos José de Mello. A que é objeto da presente memória, esteve sempre ao abrigo de nossas tias e tio o marechal João Carlos Xavier da Silva Ferrão, que a deixou por sua herdeira. Prescindindo dos arroubos de um amante poeta, Maria Dorotéia gozava os foros de uma completa beleza. Era de estatura mais que mediana, esbelta e sem ser magra, alva de neve, faces de rosa, olhos negros e grandes, boca pequena e graciosa ornada de belos dentes; madeixas de ébano que se enrolavam naturalmente em lustrosos anéis sobre uma fonte de branco esmalte.

Meus louvores devem ser suspeitos à vista dos laços de sangue que tão de perto nos prendiam, pois somos filhas de duas irmãs; mas, ainda que poetisa, sou verdadeira, e posso afirmar, por minha fé, que o retrato que dela fez Gonzaga é tão exato, que nada deixa a dizer; quanto ao físico, só acrescentarei que Maria Dorotéia<sup>50</sup> era dotada de espírito vivo, e elegância natural; tinha bons ditos, respostas prontas e adequadas; lembranças felizes, que faziam apreciável sua conversação, sempre adubada desse sal ático, que também a fazia muitas vezes temível, quando propendia para o sarcasmo, que praticava com a maior graça e firmeza.

Depois da morte de nosso tio, começou a viver isolada, e algumas pessoas, que desejavam conhecê-la, eram obrigadas a procurar pretextos, e mesmo estratégias, e nem todos conseguiam o fim.

Assim passou Maria Dorotéia os últimos anos da sua longa vida em práticas de devoção e caridade, doce recurso de nosso sexo, quando fogem as ilusões da mocidade; contudo ela tinha sido sempre religiosa.

É quanto posso dizer de minha falecida Prima; pois não fui ainda instruída das circunstâncias da sua morte, que devem ser as ordinárias em uma pessoa da sua idade.

Vós outros, apaixonados de Gonzaga, que tanto vos tendes interessado, e enternecido pela catástrofe de seus desafortunados amores, recebei esta notícia fiel da sua Marília, e doai-lhe essa lágrima de saudosa recordação, que tanto merecem os desgraçados amantes!

---

<sup>50</sup> No original, “Dorothea”.

## Essa beleza, que imortalizara

À MORTE <sup>51</sup>  
de D. Maria Dorotéia de  
Seixas Mayrink

Essa beleza, que imortalizara  
Do mais terno amador a acorde lira;  
Essa Marília de Dirceu querida,  
Cessou de respirar! ... Já não existe!<sup>52</sup>  
Cerraram-se esses olhos poderosos,  
Que inspiraram tão doces pensamentos  
Ao Vate<sup>53</sup> delicado, e inda nas sombras  
Da esqualida masmorra, iluminavam  
O coração e a mente atribulados  
Da vítima infeliz da prepotência;  
Onde instruído de amorosa indústria<sup>54</sup>  
Tinta e pena formou de espécie nova,  
Para escrever à sua bem amada,  
E com traços de fogo pintar-lhe<sup>55</sup>  
De seu infausto amor toda a veemência.

---

<sup>51</sup> Este poema é, talvez, o mais conhecido pelos leitores, pois que trata de Maria Dorothea, prima de Beatriz a quem cabe a pecha de Marília de Dirceu, noiva e por muitos considerada a musa do inconfidente Tomás Antônio Gonzaga. Publicado, posteriormente, no primeiro livro da autora, *Cantos da Mocidade* (1856), o poema sofreu algumas alterações que evidenciam a preocupação de Beatriz em aperfeiçoá-lo. Tais alterações estarão expressas nas notas seguintes.

<sup>52</sup> Visando, provavelmente, diminuir a intensidade do tom exclamativo, Beatriz, em *Cantos da Mocidade*, alterou este verso para: “Cessou de respirar, já não existe!”.

<sup>53</sup> Em *Cantos*, Beatriz escreve com inicial maiúscula a palavra “vate” apenas quando esta exerce função de pronome definido, ou seja, quando se refere ao próprio Gonzaga. Nos outros versos em que aparece como indefinido, diferentemente do que acontece aqui em A Marmota, grafa-se com inicial minúscula. É possível que tais alterações retratem muito mais que simples atualizações ortográficas. Talvez as tenha motivado uma mudança nas concepções da autora em relação ao termo vate/poeta: quando identificado, canonizado, definido, escreve-se com maiúscula; quando desconhecido, indeterminado, com minúscula.

<sup>54</sup> Na obra acima citada, a autora inclui uma nota a fim de explicar o procedimento de que trata este verso, que se refere ao método utilizado por Tomás Antônio Gonzaga para, preso, escrever à Maria Dorothea. Eis a nota: “Sabe-se como ele queimava o pauzinho da laranja na luz da candeia, e com esta espécie de graxa escrevia.”

Wagner Ribeiro, em sua *Antologia luso-brasileira* (1964:27-28), ao transcrever este poema, reescreve a nota acima, como se fosse de sua autoria, da seguinte maneira: “Sabe-se que ele queimava um graveto de laranja à luz da candeia, e com esta espécie de fuligem escrevia.” Da mesma forma, e nas mesmas obra e páginas, tal escritor inclui como outra nota - esta sim, de sua autoria - a que se refere ao verbo haver, empregado no original de *Cantos*, verso 43, como houverem: “Que enquanto houverem corações sensíveis”. A nota de Wagner é a seguinte: “Hoje em dia, deve-se empregar o verbo no singular: se houver corações sensíveis.”

<sup>55</sup> Ainda em Wagner Ribeiro, em vez de “pintar-lhe”, neste verso aparece “lantar-lhe”, termo não dicionarizado que, provavelmente, decorre de erro de transcrição.

Foste amada, Marília, e se o teu nome<sup>56</sup>  
A par de Laura,<sup>57</sup>e Beatriz ressoa  
No orbe literário; se interessa  
Teu destino aos mortais, a amor o deves!<sup>58</sup>  
O amor de um Vate dá posteridade,  
E inda mais,<sup>59</sup> se as desgraças o selaram!...  
Dirceu o tinha dito, inda no tempo  
De suas mais suaves esperanças,  
Nesta lira tão simples, tão sincera,  
Tão cheia de conceito, e de verdade<sup>60</sup>!

“Minha Marília,<sup>61</sup>  
Se tens beleza,  
Da natureza  
É um favor;  
Mas se aos vindouros  
Teu nome passa,  
É só por graça  
Do Deus de amor,  
Que terno inflama  
A mente e o peito  
Do teu Pastor!”

Foste linda, Marília, foste amável;  
Possuías<sup>62</sup> mil dotes agradáveis;  
Mas o tempo teria mergulhado  
Nos abismos do eterno esquecimento,  
Todos esses encantos, se os suspiros  
De um Vate apaixonado, modulados  
Ao patético som da branda<sup>63</sup> lira,  
Não tivessem teu nome eternizado!

---

<sup>56</sup> Todos os parágrafos aqui marcados foram suprimidos em *Cantos da Mocidade*.

<sup>57</sup> Não há, em *Cantos*, tal vírgula.

<sup>58</sup> Em *Cantos*, no lugar desta exclamação, há ponto-e-vírgula, o que exclui do verso seu caráter interjetivo, atribuindo-lhe, em contraposição, a feição enumerativa, sugerida pelo ponto-e-vírgula.

<sup>59</sup> Não há, em *Cantos*, tal vírgula.

<sup>60</sup> Em *Cantos*, em vez de “verdade”, encontra-se “verdades”. Interessante perceber que a escritora, ao pluralizar o mencionado termo, teve por objetivo, provavelmente, sugerir a ampliação do conceito de verdade. A lira de Gonzaga não continha, pois, apenas uma verdade, mas várias.

<sup>61</sup> Tem-se, aqui, a certeza de que Beatriz lera, ao menos, esta obra do inconfidente Gonzaga.

<sup>62</sup> Em *Cantos*, Beatriz passa o verbo possuir, aqui no pretérito imperfeito do indicativo, para o pretérito perfeito do mesmo modo, a fim de, ao que parece, adequá-lo ao tempo que já empregara no verso anterior, com o verbo ser: “Foste linda, Marília, foste amável”.

<sup>63</sup> O adjetivo que caracteriza a lira, em *Cantos da Mocidade*, não é “branda”, mas “acorde”. Segundo o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado da Língua Portuguesa*, do século XIX, (s/d: 29), “acorde” é a união de vários sons ouvidos ao mesmo tempo e formando harmonia. Já o termo “brando”, refere-se a suave, doce, sereno, tranquilo. Vê-se, então, a intenção da autora de qualificar a lira de Gonzaga não como um instrumento doce e suave, mas afinado, harmonioso. Não seria de todo absurdo relacionar a troca de tais adjetivos ao papel do escritor no movimento da Inconfidência Mineira, posto que, neste poema, Beatriz parte das palavras do inconfidente na mencionada lira, para reafirmar o papel da poesia como elemento capaz de eternizar as pessoas.

A desventura aviva-lhe a memória:<sup>64</sup>  
As desgraças de amor são mais tocantes:<sup>65</sup>  
Abailard,<sup>66</sup>e Heloise, serão sempre <sup>67</sup>  
Objetos de piedosa simpatia;<sup>68</sup>  
Assim do teu cantor o acerbo fado  
Se nos antolha, quando contemplamos  
Nesse véu mortuário, que te envolve,  
Na mudez dessa lousa, que te esconde<sup>69</sup>  
Aos olhos dos mortais, não à memória<sup>70</sup>;  
Que enquanto houverem<sup>71</sup> corações sensíveis,  
Amor,<sup>72</sup> e Poesia, os gratos nomes  
De - Marília e Dirceu -<sup>73</sup> serão lembrados,  
Seu amor e desgraça memorados!<sup>74</sup>...

Beatriz Francisca de Assis Brandão



---

<sup>64</sup> Em Cantos, em lugar de dois-pontos, tem-se uma vírgula.

<sup>65</sup> Na mesma obra citada, vê-se, em vez de dois-pontos, ponto-e-vírgula.

<sup>66</sup> A vírgula aqui empregada separa os sujeitos Abailard e Heloísa, dando a impressão de que Abailard está em primeiro plano, secundado por Heloísa. Impressão que Beatriz desfaz em *Cantos*, ao suprimir tal vírgula.

<sup>67</sup> Abailardo e Heloisa são os nomes que figuram em Cantos e que Wagner Ribeiro (op.cit) atualizou para Abelardo e Heloísa.

Pierre Abelard ou Abailard (1079-1142), teólogo e filósofo francês, tornou-se célebre por sua paixão pela também francesa Heloísa, com quem se casara secretamente, atitude pela qual foi castrado por ordem do cônego Fulbert, tio de Heloísa.

<sup>68</sup> Ponto, em vez de ponto-e-vírgula: é o que figura em *Cantos*.

<sup>69</sup> Mais uma vez Beatriz faz uma correção semântica em *Cantos* ao trocar o verbo “esconder” – que, conforme o dicionário do séc. XIX já citado (p.522), significa ocultar; pôr em lugar que não possam descobrir - por “encobrir”, cujo sentido (op.cit. p.495) refere-se a ocultar, dissimular, disfarçar. É provável que tal alteração fundamente-se em uma tentativa da autora de buscar uma certa assonância entre os vocábulos “envolve” (v. 43) e “encobre” (v.44).

<sup>70</sup> Ainda em *Cantos*, a autora troca o vocábulo “memória” por “lembrança”

<sup>71</sup> De acordo com a norma padrão vigente, o verbo haver, no sentido de existir, é impessoal, conjugando-se, pois, apenas no infinitivo (houver), como já alertara Wagner Morais (cf. nota 11). A grafia, aqui, entretanto, não foi atualizada para não alterar a métrica do poema, composto de versos decassílabos. A configurar-se tal atualização, este verso passaria a eneassílabo, prejudicando a harmonia do conjunto poético.

<sup>72</sup> Como visto na nota 23, a vírgula entre os sujeitos, aqui presente, foi suprimida em Cantos, deixando permanecer uma idéia de coordenação entre os dois termos, e não de supremacia de um, detrimento do outro.

<sup>73</sup> Não há travessões entre os nomes, em *Cantos*. Corrigido, portanto, o excesso de sinais, completamente desnecessários, pela própria escritora.

<sup>74</sup> O verso final do poema, em *Cantos da Mocidade*, apresenta-se da seguinte forma: “Seu amor e desgraças lamentados”. A pluralização do vocábulo “desgraça” parece referir-se ao fato de que, na verdade, são abordadas aqui a desgraça de Marília e de Dirceu; já em relação à troca de “memorados” por “lamentados”, talvez se deva ao fato de a poetisa perceber que já utilizara, no verso 44, a palavra “memória”. Estranho é, entretanto, que Beatriz também opte, em *Cantos*, por grafar “lembrança”, ao invés de “memória” ( no mesmo verso 44), parecendo não observar que no verso 47 já existe a palavra “lembrados”.

**Como a flor matutina, que se expande**

À Prematura Morte

Da Ilma. Sra. D. Maria Izabel da Costa Barros Velloso Brandão,  
Esposa do meu consternado e desditoso sobrinho o Dr. Lúcio José da Silva Brandão,  
Falecida no 8º dia do seu casamento

Como a flor matutina, que se expande  
Ao rocio da Aurora, cristalino;  
Mas por fero Aquilão despedaçada  
Deixa cair as pétalas mimosas,  
E o despojado tronco só presenta  
Triste imagem da dor, estrago e ruína:

Assim, Maria gentil,  
Na mais bela flor d'Abril,  
Curvaste a fronte infantil  
Da crua morte ao furor:

Arfante Nave formosa  
Fende as ondas, majestosa;  
Mas parece desditosa  
Em medonho sorvedor;  
Assim teus dias tão belos,  
Cheios de amor e desvelos,  
Que ténue flor entre gelos,  
Murcharam em seu albor!

Cândida Pomba, que o primeiro arrulho,  
Ao primeiro reclamo respondias  
Do consorte fiel, que em terno arroubo  
Suspiros por suspiros demandava,  
Com delírios da morte respondeste  
Aos de amor suavíssimos delírios!

Virtude, graça, beleza,  
Te doara a natureza;  
Quanta candura e pureza  
Ornavam teu casto amor!  
Teu coração inocente  
Apenas a chama ardente  
Sentiu da paixão veemente  
Das palpitações de amor!

A ventura te sorria,  
Do Esposos na idolatria,  
Mas a dura sorte ímpia,  
Recusou-te o seu favor!

A vida transitória abandonaste,  
Outra vida buscando mais segura,  
Mas num lago de penas emergiste  
Pais, Esposo e Parentes consternados;  
Lágrimas, preces te enviamos todos,  
E nossos corações de dor desfeitos.

Maria!...Ó alma querida,  
Se para nós és perdida,  
És no céu esclarecida  
Junto ao trono do Senhor;  
És brilhante e pura estrela  
Envolta em negra procela  
Mas no Empíreo clara e bela  
Radiante de esplendor!  
Lá na celeste mansão  
Exalta a nossa Oração,  
Que o Deus que manda a aflição  
É também consolador!

Beatriz Francisca de Assis Brandão



**Já cintila no horizonte**

Aos Anos

Do meu mais amante e prezadíssimo sobrinho Ignácio da Veiga Cabral de Moraes  
Mesquita Pimentel  
Em 28 de outubro de 1854

Já cintila no horizonte  
O risonho fausto dia,  
Que entre gozos de alegria  
Almo, brilhante e formoso,  
Viu do tronco generoso  
Puro gérmen assomar.

Vem, Elmano, a cara Pátria  
Carinhosa te abre os braços;  
Vem trilhar, seguir os passos  
De teus ilustres maiores;  
Seja objeto a teus amores  
A ventura do Brasil.

Não tenho jóia preciosa  
Para teus anos brindar,  
Só te posso avisos dar;  
Não os desprezes, que são  
Profícua, e boa lição  
Pra o estado que seguires.

Na carreira militar  
Se alcança fama e louvor;  
Porém das facções no horror  
Que gloria te dá a espada?  
Que foi em campo banhada  
No sangue de teus irmãos?

Esse louro ensangüentado,  
Ganho no estrago fraterno,  
Será um rancor eterno  
Em mil corações que tremem  
Pelos que choram, e gemem  
No degredo, ou na prisão.  
Segue estado mais ameno;  
Foge de ser fraticida:  
O comércio te convida,  
E também honesto emprego,

Onde gozes em sossego  
Doce paz, e quietação.

Mas se estranhos atacarem  
Nossa Pátria tão amada,  
Valoroso empunha a espada,  
Vai constante defendê-la;  
Sangue e vida dar por ela,  
Que é dever do Cidadão.

A fortuna é variável,  
Pouco estável o prazer;  
Porém cumpre o teu dever,  
Que inda mesmo na desgraça,  
Do remorso a negra taça  
Infeliz não libarás.

Segue constante a virtude,  
Como teu norte, e teu guia;  
E' ela a única via  
Do prazer, e da ventura;  
Com ela estará segura  
A paz do teu coração.

Foge do vício hediondo,  
Da amizade fraudulenta,  
Da política violenta,  
E do engano sedutor  
De quem, com fingido amor  
Te conduz à perdição.  
E' esta a prenda singela  
Que te oferece a amizade:  
Honra, pudor, lealdade  
Caracterizam o justo,  
Que pode arrostar sem susto  
Os desaires da fortuna.

Beatriz Francisca de Assis Brandão



### **É tão grande o meu prazer**

Ao Público

A Sra. D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, poetisa já conhecida dos nossos leitores, pelos belíssimos versos que de sua pena temos publicado, tenciona dar à luz um volume de suas apreciáveis composições. As que agora principiamos a dar à luz (e que irão sempre com o seu nome) foram sentenciadas a não fazer parte da coleção; por estas, que ela julgou inferiores, avalie o público o merecimento das outras!

Mote

Muitos amam com loucura,  
Eu de amor tenho razão;  
Que tem mil razões amáveis  
A minha amante paixão

Viola de Lerenó

É tão grande o meu prazer  
Em adorar-te, meu bem,  
Que o mundo glória não tem  
Que eu possa já pretender.  
Bem sei que amor chega a Ter  
Muitos lances de amargura;  
Porém desta desventura  
Amor não tem culpa, não;  
É porque sem reflexão  
Muitos amam com loucura

Amor é do nosso peito  
O mais necessário afeto;  
Mas amar indigno objeto  
Torna o amor imperfeito.  
Eu te amo, e no meu conceito  
Mereces minha afeição,  
E se dei meu coração  
A quem o sabe prezar,  
Não me posso retratar;  
Eu de amar tenho razão.

Choro, suspiro, esmoreço,  
Privada de teus agrados;  
Mas dou por bem empregados  
Os tormentos que padeço;  
Em teus dotes tenho o preço  
Destes meus ais incansáveis;  
Nem serão jamais mudáveis  
Meus amantes pensamentos  
Sobre aqueles sentimentos  
Que têm mil razões amáveis.

Sim, meu bem, não pode a sorte  
Fazer que eu deva esquecer-te  
E antes, do que ofender-te,  
Me verás correr à morte;  
No amoroso transporte  
De tão suave emoção,  
Que agita meu coração,  
Que meus sentidos cativa,  
Verás sempre mais ativa  
A minha amante paixão.

D. Beatriz



## Arder, morrer, padecer

### Mote

*Os dias que passo triste,  
Sem ver a minha querida,  
Esses não entram na conta  
Dos dias da minha vida*

### Glosa

Arder, morrer, padecer,  
Suspirar por quem não vem,  
Viver longe do meu bem,  
Que desgraçado viver!  
Se alguém no mundo disser  
Que à saudade se resiste,  
Se esse fenômeno existe  
Duro bronze, ou rocha bruta,  
Venha ver a dor que enluta  
*Os dias que passo triste.*

Se não quiser conhecer  
Do meu tormento o rigor,  
Se patente a minha dor  
O não puder convencer,  
Meu peito lhe farei ver,  
Onde a selta desabrida  
Sangra a recente ferida  
No coração palpitante,  
Gemendo de instante a instante  
*Sem ver a prenda querida.*

Dias de horror e tormentos,  
Escusos, funestos dias!  
Cobertos de sombras frias,  
Medonhos, tristes e lentos!  
São séculos seus momentos  
Que o dedo da morte aponta,  
Em vão a aurora desponta  
Seu longo e funesto giro,  
Que dos dias que respiro  
*Esses não entram na conta.*

São presas da morte dura,  
Filhos da noite sombria,  
Só o caos imitaria  
Dias de tanta amargura!  
São dias de desventura  
Onde padeço envolvida,  
Onde em mágoas absolvida  
Estou sempre a cogitar  
Se devem na soma entrar  
*Dos dias de minha vida.*

D. Beatriz



3ª feira, 27 de fevereiro de 1855, nº. 556, p. 03.

### **Que triste vida, meu bem**

#### **Mote**

*A vida é melhor que a morte,  
Ligada à vida o prazer;  
Porém viver como eu vivo,  
É pior do que morrer!*

#### **Glosa**

Que triste vida, meu bem,  
É viver de ti ausente;  
Solitária, descontente  
Alívio meu mal não tem!  
Só a esperança sustém  
Minh'alma em pena tão forte;  
Se algum dia amiga sorte  
A meus braços te trazer,  
Poderei inda dizer  
*A vida é melhor que a morte*  
A vida é o Dom mais raro  
Da Alta mente Infinita;  
Porém uma vida aflita  
À pena eterna comparo.  
Se do bem, que me é mais caro,

Privada devo viver:  
Como pode nunca haver  
Para mim vida ditosa,  
Se meu coração não goza  
*Ligada à vida o prazer*

Tu és do meu coração  
A doce cara metade,  
A vida é necessidade,  
O meu amor eleição.  
Tu és da minha paixão  
O suspirado motivo;  
Se o suave lenitivo  
De te ver sempre tivesse,  
Se junto de ti vivesse...  
*Porém viver como eu vivo!...*

Quase sempre separada  
Sou condenada a penar,  
A gemer, a suspirar  
Solitária e desgraçada!  
Esta vida amargurada  
Pode acaso vida ser  
Continuamente a sofrer  
Das saudades o rigor?  
Ah! Viver em tanta dor,  
*É pior do que morrer!*

D. Beatriz



### **Volte embora o tempo a roda**

#### **Mote**

*Nem o tempo, nem o fado  
Tem em meu peito poder;  
Contra o tempo e contra o fado  
Hei de amar-te até morrer!*

#### **Glosa**

Volte embora o tempo a roda  
Que a tudo estrago ameaça,  
Destrua, acabe, desfaça,  
Gema a natureza toda;  
Que num peito que acomoda  
Fé, amor, constância, agrado,  
Bem que pene desgraçado,  
Bem que viva a suspirar,  
Não tem poder de o mudar,  
*Nem o tempo nem o fado.*

Pode o tempo retardar  
O alívio de meus ais;  
Que se alongue o tempo mais  
Pode o fado decretar;  
Mas um ou outro acabar  
Em meu peito o bem querer,  
Fazer que eu deixe de ser  
Constante ao bem por quem choro,  
Não, que só o bem que adoro  
*Tem em meu peito poder.*

Em vão à minha ternura  
Se oponham com rigor forte;  
Podem conduzir-me à morte  
Mas não fazer-me perjura.  
Nas aras de amor o jura  
Meu coração inflamado  
Por ti, meu bem adorado,  
Por quem suspiro anelante,  
Amar-te firme e constante  
*Contra o tempo, e contra o fado.*

Quando ao rigor da saudade  
Sinto o peito agonizante,  
Hei de guardar-te expirante  
Eterna fidelidade.  
Mesmo quando à impiedade  
Da dor o alento render,  
Em tal momento há de ver  
Esse, que tudo consome,  
Que balbuciando o teu nome  
*Hei de amar-te até morrer!*

D. Beatriz



3ª feira, 06 de março de 1855, nº 558, p. 03.

### **Pensei que me livraria**

#### **Mote**

*Luiza desde esse instante  
Que teus lindos olhos vi,  
Delirante, e não sei como  
A liberdade perdi.*

#### **Glosa**

Pensei que me livraria,  
Por ser muito acautelado,  
De cortejo detestado  
Da senhora epidemia;  
Mas quando mal o previa,  
Sinto o peito latejante,  
A cabeça vacilante,  
O corpo todo tremendo,  
E mil tormentos sofrendo,  
*Luiza, desde esse instante.*

Pregou-me a febre o carolo,  
Tenho o rosto açafreado,  
O nariz afunilado,  
Os beijos cor de tijolo;  
Impaciente me desolo  
Por me ver junto de ti;  
Mais alívio não senti  
Das saudades no tormento;  
Pois fui teu desde o momento  
*Que teus lindos olhos vi.*

Em beber água de arroz  
Oito dias fui constante,  
Tomei depois um purgante,  
Que me pôs de fora em foz!  
Por alma de meus avós  
Que nada bebo nem como,  
Só tisana e canjas tomo;  
Vê tu, pois, minha Luluca,  
Como passo na Tijuca,  
*Delirante, e não sei como!*

O que digo não são petas;  
Meu estado causa dor;  
A barriga é um tambor,  
As pernas duas vaquetas!  
Nem encostado em muletas  
Poderei sair daqui,  
Coisa tal nunca senti,  
Nunca vi tal sentimento;  
Pois até do pensamento  
*A liberdade perdi!*

D. Beatriz



### Minha bela encantadora

#### Mote.

Luiza, desde esse instante  
Que teus lindos olhos vi,  
Delirante e não sei como  
A liberdade perdi.

#### Glosa

Minha bela encantadora,  
Quando vi teu rosto amado  
Senti meu peito abrasado  
De chama devoradora;  
Essa graça sedutora  
Me fez suspirar amante,  
Puro voto fiz constante  
De adorar-te até morrer  
Pois sem ti não sei viver,  
*Luiza, desde esse instante.*

Do amor que te consagrei  
São garantes inegáveis,  
Tuas virtudes amáveis,  
Os dotes que em ti notei,  
Meu alvedrio te dei  
No momento em que te vi,  
Com extremos te segui,  
E teu escravo me fiz  
Desde o instante feliz  
*Que teus lindos olhos vi.*

Num suave e doce encanto  
Ando como arrebatado  
Não me ocupa outro cuidado,  
A todos motivo espanto.  
Nos castelos que levanto  
Dificuldades não somo,  
Diverso arbítrio tomo  
E de todos me retrato,  
Finalmente ando insensato,  
*Delirante, e não sei como!*

Porém se tua afeição  
Coroar minha ternura:  
Como pode da ventura  
Duvidar meu coração?  
Atende pois á paixão  
Que me devora por ti;  
Os votos que te ofereci  
São cheios de lealdade,  
Pois por gosto e por vontade  
*A liberdade perdi!*

D. Beatriz



Domingo, 18 de março de 1855, nº 563, p. 04.

### **Julguei que era a liberdade**

#### **Mote.**

*Luiza desde esse instante  
Que teus lindos olhos vi;  
Delirante, e não sei como  
A liberdade perdi.*

#### **Glosa**

Julguei que era a liberdade  
Dos bens o mais precioso;  
Mas amor me deu gostoso  
Mais grada felicidade.  
Conheci esta verdade  
Quando vi o teu semblante;  
Por ele jurei constante  
Consagrar-te o amor mais vivo,  
E jurei ser teu cativo,  
*Luiza, desde esse instante.*  
Tão feliz em te adorar  
Meu destino considero  
Que outra ventura não quero  
Que a sorte me possa dar!  
Devo tudo desprezar  
Pois o melhor consegui;  
Ternos votos te ofereci

De amor puro e extremoso,  
Desde o momento ditoso  
*Que teus lindos olhos vi.*  
Tão absorto em sentimentos  
Me traz esta idolatria,  
Que a julgo às vezes mania,  
Ou lição do entendimento!  
Acho gosto no tormento;  
Uns termos por outros tomo;  
E se este furor não domo  
Com teu amante socorro,  
Verás, Luiza, que morro  
*Delirante, e não sei como!*  
Choro às vezes de prazer,  
Rio-me outras de desgosto,  
Em tal estado tem posto  
A paixão todo o meu ser!  
Nada posso compreender  
Do que fui, do que senti;  
Nada mais no mundo vejo,  
Pois por meu próprio desejo  
*A liberdade perdi!*

D. Beatriz



6ª feira, 25 de março de 1855, nº 565, p.04

### **Rasgou amor o meu peito**

Lira.

Rasgou amor o meu peito  
Com desumano destroço;  
Quero fugir-lhe, e não posso  
Os meus ferros desatar;  
Devo sentir em segredo  
Arder o meu coração  
Devo ocultar a paixão  
Que me obriga a suspirar.

Vós emplumados cantores,  
Que a minha dor escutais,  
Esconde os tristes ais  
Que me ouvirdes exalar;  
Preferir não posso o nome

Daquele que me prendeu!  
Fora crime o nome seu  
De meus lábios escapar.

Que silêncio tormentoso!  
Que infortunados amores!  
Saudades, ânsias, temores  
Me vêm a um tempo assaltar;  
Pobre coração tu gemes,  
Tu sucumbes, sim, o vejo;  
Vítima de um vão desejo  
Bem te sinto palpitar.

Aquele beijo furtivo,  
Entre amor, e susto dado  
Todo em ternura abrasado  
Te faz hoje delirar!  
Ah meu triste coração,  
Tem constância, tem valor;  
Inda pode o terno amor  
Outro instante deparar.  
Poderás inda algum dia  
Nos braços do caro objeto  
Teus extremos, teu afeto,  
Tua dor desafogar.

D. Beatriz



Domingo, 25 de março de 1855, nº 566, p. 03.

### **Densos, tristes arvoredos**

Lira

Densos, tristes arvoredos,  
Onde escondo a minha dor;  
Onde ânsias cruéis de amor  
Venho ocultar dos viventes  
Ausente do meu Pastor;  
Hoje mais triste vos vejo;  
Envoltos em negra cor;  
Talvez vos cause terror  
A tristeza que me enluta

Ausente do meu Pastor!  
Já não fende os vossos ramos  
Da lua o doce esplendor;  
Tudo mostra a negra cor,  
Que cobre o meu coração  
Ausente do meu Pastor!  
Só escuto o som funesto  
Do mocho pranteador,  
Que em seus gemidos de dor  
Acompanha estes que exalo  
Ausente do meu Pastor!

D. Beatriz



3ª feira, 27 de março de 1855, nº 567, p.04.

### **O vós, que isentos**

Lira

O vós, que isentos  
Viveis de amor,  
Fugi, livrai-vos  
Do seu furor.  
É um falso nome,  
Um ímpio Deus;  
Tremei, guardai-vos  
Dos mimos seus.  
Seus atrativos  
São sedutores;  
Mas são pungentes  
Seus passadores.  
Prantos, suspiros,  
São doces ecos  
Ais e gemidos,  
A seus ouvidos.  
Rios de sangue  
Lha dão prazer;  
Rubras as asas  
Quer sempre ver.  
Promete tudo,  
Dá só premícias,  
Mudam-se em mágoas  
Suas delícias.

Não vos iluda  
Terna união;  
É sempre infausta  
Esta paixão.  
Sereis amados,  
Tereis prazer;  
Mas amor sabe  
Tudo inverter.  
Sentireis n'alma  
Ígneo ciúme,  
E da saudade  
O férreo gume.  
Iras, caprichos  
Zelos, furor  
São todos filhos  
Do infesto amor.

D. Beatriz



3ª feira, 10 de abril de 1855, nº 571, p. 04.

### **As cadeias que me prendem**

Lira

#### **A minha amante paixão**

As cadeias que me prendem  
Arrasto por eleição;  
Estimo mais do que a vida  
A minha amante paixão.

Ninguém minha dor lamente,  
Nem me dê consolação;  
E' toda a minha delícia  
A minha amante paixão.

O caro bem a quem dei  
O meu terno coração,  
Com igual amor compensa  
A minha amante paixão.

Mais belos que os da fortuna  
De amor os tesouros são;  
Por nada troco na vida  
A minha amante paixão.

O voto que fiz a amor  
Foi voto de coração;  
Jurei sempre conservar  
A minha amante paixão.

Se morrer, ou não amar  
Me derem por eleição;  
Hei de preferir, morrendo,  
A minha amante paixão.

Beatriz



Domingo, 15 de abril de 1855, nº 573, p. 04.

### **Ausente dos meus amores**

Lira

Ausente dos meus amores  
Nesta triste solidão,  
Desmaia meu coração,  
Saudades me vêm matar.

Quantas vezes à lembrança  
Trago seus doces sagrados  
Dou mil gemidos magoados,  
Sinto meu peito estalar.  
Outras tantas me figuram  
Meus desejos agitados,  
Que ao céu de amor transportados,  
Vemos juntos habitar.

No delírio do prazer  
Julgo apertá-lo em meus braços,  
Suaves, ditosos laços  
Com que amor nos quis ligar.

Se um doce ligeiro sono  
Meus sentidos adormece,  
Junto ao meu, ver me parece  
Seu coração palpitar.

Doce ilusão dos sentidos,  
Como foges num momento!  
Ah! Não dobres meu tormento:  
Por que me vens enganar?  
De uma dita imaginaria  
Que vale a posse sonhada,  
Se hei de sentir, acordada,  
Meus pesares aumentar?  
Ah! Deixa-me, ilusão vaga,  
Dos sentidos produzida,  
Que só sabes, fementida,  
Minha dor exacerbar!

Deixe-me todo o rigor  
De meus tormentos sobejos:  
Que valem baldos desejos  
Nest'alma amante atear?  
Se não posso com o meu bem  
Males e bens repartir,  
Deixa-me em vão suspirar.  
Minha dor, minha saudade,  
De meus tormentos o extremo,  
As angústias com que gemo,  
Nada podes suavizar.

D. Beatriz



## Ó lua, que tão serena

### Mote do SR. M.L. no Estrangeiro

*Meus tristes olhos fitai-vos  
Naquela luz prateada, (1)  
Ide outros olhos buscar  
Da cara pátria fitados.*

Ó lua, que tão serena  
Vagas num céu de safiras,  
Quanta ternura me inspiras,  
Como adoças minha pena!  
Nessa perspectiva amena  
Meus cuidados, acalmai-vos,  
Em suspiros exalai-vos  
Mágoa, tormento, amargura,  
E naquela luz tão pura  
*Meus olhos puros fitai-vos*

Se amorosa simpatia,  
Inda em dois mundos distantes,  
Pode ligar os amantes  
No pesar ou n'alegria,  
De agradável fantasia  
Sinto est'alma extasiada,  
E longe da minha amada  
De meiga ilusão surpresa,  
Adora sua beleza  
*Naquela luz prateada.*

Elisa, parte querida  
Do meu terno coração,  
Partilha a doce emoção  
De minh'alma enternecida;  
Nessa flama refletida  
Ide meus olhos vagar,  
Ide venturas sonhar;  
E no fulgor peregrino  
Daquele espelho argentino  
*Ide outros olhos buscar.*  
Nos momentos silenciosos  
Desta noite sossegada  
A minha Elisa adorada

Me envia seus ais saudosos;  
Talvez seus olhos formosos  
De terno amor animados,  
Lacrimosos, deslumbrados  
Na vasta amplidão dos céus,  
Estão procurando os meus,  
*Da cara pátria fitados.*

N.A. (1) Lua

D. Beatriz



6ª feira, 27 de abril de 1855, nº 577, p. 04.

### **Desde o dia desgraçado**

Lira

Desde o dia desgraçado  
Que de mim te separaste,  
Nesta alma triste deixaste  
Viva dor, crua aflição.

Os momentos preciosos  
Que me prometia amor,  
Foram momentos de dor,  
De saudade e agitação!

Cruel, assim abusaste  
De quem te sabe adorar?  
Assim pudeste enganar  
Um sincero coração!

Se pretendias deixar-me,  
Se esta ausência meditavas:  
Porque, pérfido, a ocultavas  
À minha terna aflição?

É lei de livre vontade  
De amor o laço benino;  
Pode ser também destino;  
Porém nunca escravidão.

Tu me juravas ternura,  
Eu era o ídolo teu:  
Quem creria, justo céu,  
Tão infame e vil traição!

Se acaso pude ofender-te...  
Mas ah! Que não podes crê-lo!  
Vês no amor o meu desvelo,  
Conheces meu coração.

Adorar-te é meu destino,  
Serei tua até a morte;  
Não pode o tempo ou a sorte  
Roubar-te minha afeição.

Logo, cruel: por que causa  
Me ocultaste a tua ausência?  
Se foi por obediência,  
Eu quero dar-te razão.

Dize ao menos quanto tempo  
Tem de correr o meu pranto;  
Responde, meu doce encanto,  
Dá-me esta consolação.

D. Beatriz



3ª feira, 01 de maio de 1855, nº 578, p. 04.

### **Escuta, meu bem amado**

Quadras

Escuta, meu bem amado,  
Mágoas que por ti padeço;  
Se a consolar-me não tornas,  
De saudades esmoreço.

Não passa, meu bem, um dia,  
Uma hora, um só momento,  
Em que uma imagem cruel  
Não avive o meu tormento.

Muitas vezes te crimino,  
Chamo-te ingrato, perjuro,  
E inda mesmo enfurecida,  
Amar-te constante juro.

Nas horas que um leve sono  
Meus chorosos olhos cerra,  
Às vezes me afaga amor  
Outras vezes me faz guerra.

Parece-me ver teus olhos  
Sobre os meus enternecidos,  
E unindo os teus aos meus lábios  
Misturar nossos gemidos

Eu te escuto as meigas vozes  
Protestar-me eterno amor;  
Ah, meu bem! Com que ternura  
Te compenso o amante ardor!

Mas quando o nune tirano  
Meus sentidos lisonjeia;  
Quando com mimos e agrados  
Me aperta a tenaz cadeia;

Logo outro sonho me finge  
Ver-te perjuro, infiel,  
E então na minh'alma entorna  
Do ciúme o negro fel.

De uma rival venturosa  
Nos braços julgo te ver;  
A afronta gela-me o sangue  
O ciúme o faz ferver.

Convulsa, trêmula e fria  
Acordo, pedindo ao céu,  
Antes que ver-te mudado  
O termo dos dias meus.

Sim, meu bem, se em ti só vivo  
Se és tu só o meu prazer,  
Como vivo só por ti,  
Por ti só quero morrer.

Vem aclamar minhas penas,  
Consolar quem por ti chora,  
Dar alento, dar conforto  
A um coração que te adora.

Privada de teus agrados  
De aflição, de pena morro;  
Se tardas em consolar-me,  
Será tardo o teu socorro.

Apressa o doce momento  
Da minha felicidade,  
Se não queres que me mate  
Amor, ciúme e saudade.

D. Beatriz



6ª feira, 04 de maio de 1855, nº 579, p. 04.

### **Mancebo, que pressuroso**

No Álbum de um Jovem

Mancebo, que pressuroso  
Trilhar julgas, jubiloso  
O caminho deleitoso  
Do gozar e bom viver  
Desconfia da amizade  
Que ao vício se persuade,  
Não creias na lealdade  
De quem te quer perverter.  
Não te iluda a simpatia,  
É palavra de magia,  
Que encobre de aleivosia  
A hedionda catadura;  
Um ente degenerado,  
De egoísmo saturado,  
O sentimento sagrado  
Não conhece da ternura.  
Com o sorriso nos lábios,  
Estende a rede aos mais sábios;  
Pois não mostram astrolábios  
As dobras do coração.  
Busca-te traidor, e arteiro,  
Ou visando ao teu dinheiro,  
Ou querendo-te parceiro

Em sua devassidão.  
É puro e fiel o amigo  
Que chora, e geme contigo,  
Que te assiste no perigo,  
E vale na adversa sorte;  
Abre a este o peito teu:  
É um presente que o Céu  
Benigno te concedeu,  
Que te doura a vida e a morte.  
Esse amigo é um tesouro;  
Vale mais que prata e ouro;  
Porque zela o teu decoro,  
E repreende os erros teus;  
Liga-te a ele sem medo,  
Confia-lhe o teu segredo,  
E mais firme que o rochedo  
Sê constante aos votos seus.  
Mas de amigo traiçoeiro,  
Que te aplaude lisonjeiro  
Nos prazeres companheiro,  
E na desgraça esquecido,  
Com cautela te defende  
Que iludir-te só pretende,  
E as finezas que te rende  
São vozes de um peito infido  
Nos anos da adolescência  
Há candura há inocência;  
Exercida experiência  
Não os pode inda reger,  
Confia-te em meu aviso,  
Liga-te a homens de siso,  
Despreza meigo sorriso,  
Que é falso, e falso há de ser.  
Queria conhecer-te  
Para melhor descrever-te  
Os males que o mundo verte  
Dos jovens no coração;  
Presentar-se-ia de amor  
Também o funesto ardor,  
E os paroxismos da dor  
Que produz uma traição.  
Mas sobre este sentimento,  
Não tem força o entendimento,  
Só o tempo lento, lento  
Pode seus males curar,  
O peito se entrega em presa  
À sedutora beleza;  
Que só fez a natureza (1)  
O coração para amar,  
Mas, se entre a bela orgulhosa,

E a que for menos formosa,  
For esta mais cautelosa,  
Tiver melhor condição;  
Não vaciles, deixa a bela,  
Ama a sisuda donzela,  
Desvela-te só por ela,  
Dá-lhe a mão, e o coração.

D. Beatriz

N.A. Pensamento gentil de Lerenó na sua vida.

Não se cansa a natureza  
Em criar coisas em vão:  
E se não for, para amar  
De que serve o coração?



3ª feira, 08 de maio de 1855, nº 580, p.04.

### **Já cintila no horizonte**

Aos anos de um jovem

Já cintila no horizonte  
O risonho, fausto dia,  
Qu'entre gozos e alegria,  
Almo, brilhante e formoso,  
Viu de tronco generoso  
Puro gérmen assomar.  
Vem, Elmano, a cara Pátria  
Carinhosa te abre os braços,  
Vem trilhar, seguir os passos  
De seus ilustres Maiores,  
Seja objeto a teus amores  
A ventura do Brasil.  
A fortuna é variável,  
Pouco estável o prazer;  
Porém cumpre o teu dever  
Que inda mesmo na desgraça  
Do remorso a negra taça  
Infeliz não libarás.  
Seja ela teu norte e guia,  
E ela a única via

Do prazer e da virtude;  
Com ela estará segura  
A paz do teu coração.  
Não tenho jóia preciosa,  
Para teus anos brindar;  
Só te posso avisos dar,  
Não os desprezes, pois são  
Profícua, e boa lição  
Na carreira que empreenderes.  
Nas empresas militares  
Ganha-se fama, e louvor;  
Mas, das comoções no horror,  
Que glória te dá a espada,  
Que foi em sangue banhada  
No sangue dos teus irmãos?

Esse louro ensangüentado,  
Ganho no estrago fraterno,  
Será um rancor eterno  
Em mil corações que tremem  
Pelos que choram e gemem  
No degredo, ou na missão.  
Busca estado mais ameno,  
Foge de ser homicida;  
O comércio te convida,  
E também honesto emprego,  
Onde gozes em sossego  
Doce paz, e quietação.  
Mas se estranhos assaltarem  
Nossa Pátria tão amada,  
Valoroso empunha a espada  
Vai constante defendê-la;  
Sangue e vida dá por ela,  
Que é dever do cidadão.

D. Beatriz



### Nasceste, Amélia formosa

Aos anos de uma jovem

Nasceste, Amélia formosa,  
Como pudibunda rosa  
Virginal, pulcra, mimosa,  
Em perfumes embalada,  
E de ternos pais beijada,  
Doce fruto de bênção.  
Cresceste, Amélia fagueira,  
Como vistosa palmeira  
Que se exalta sobranceira  
Em colina verdejante,  
E da brisa sussurrante  
Deixa os bosques agitar.  
Tua vida é um regato  
Cristalino, puro, intacto,  
Que serpeia manso, e grato  
Entre flores e verdura;  
Quanto te cerca é ventura,  
Delícia, prazer, amor.  
Oh! Que sempre a tua estrela  
Luminosa, pura e bela  
Te influa, gentil donzela,  
Virtude, graça e ventura;  
E que nunca de amargura  
Teus olhos devam chorar.  
Teus olhos tão belos, tão cheios de amor  
Jamais se umedeçam com prantos de dor  
Teus lábios ornados de graça e rubor,  
Só abram sorrisos de paz, e de amor.  
Teus anos brilhantes de tanto esplendor  
Se contem como hoje no grêmio de amor.  
De hinos escuta, que em doce fervor  
Descanta aos teus anos a lira de amor.

D. Beatriz



### **Já perante as sacras aras**

A um casamento

Já perante as sacras aras  
Ardem de Himeneu as teias  
Crepita chama ondulante,  
Fumegam gomas sabêas.  
Festivo coro decanta  
Em doces modulações,  
O laço eterno que liga  
Dois amantes corações.  
De brancas flores coroada  
Assoma a virgem pudica;  
Vem pedir a santa bênção  
Que os amores purifica.  
Terno jovem impaciente  
Espera o anelado sim;  
Ao proferi-lo estremecem  
Brandos lábios de carmim.  
Recebe, feliz esposo,  
Nessa mão mimosa e pura,  
Penhor de eterna constância,  
De amor, de paz, de ventura.  
Abençoe o Céu propício  
União tão venturosa;  
Brilhe sempre em grata esfera  
Vossa estrela radiosa.  
No caminho da virtude,  
Unidos em casto amor,  
Gozai dias venturosos  
Com a bênção do Senhor.  
E no grêmio da ventura  
Assome prole gentil;  
Cidadãos da Pátria dignos,  
Defensores do Brasil.  
Aceitai ternos esposos  
Votos de meu coração,  
Neste hino que consagro  
À vossa santa união.  
Longos dias vos auguro  
De paz e prosperidade,  
Na prática das virtudes,  
Na única das vontades.

D. Beatriz

### De resplendores cingida

A uma amiga na chácara do Bom Retiro

De resplendores cingida  
Vem, aurora desejada,  
Traze o dia natalício  
Da minha Marília amada.  
Inocentes passarinhos  
Um hino novo entoai;  
Matizadas borboletas  
Lindas coréas formai.  
Bosques, flores, rios, fontes  
Festejai em vosso giro  
Marília, a ninfa da selva,  
À deusa do Bom Retiro  
Pastoras tecei capelas  
De rosas e Amor perfeito;  
Daquelas cingi-lhe a fronte,  
Com estas ornai-lhe o peito.  
De Perpétua e Sempre-viva  
Uma palma lhe oferecei;  
Ajuntai-lhe esta Saudade,  
Que em meu peito cultivei.  
Aceita, doce Marília,  
Estes votos de ternura,  
Gerados dum coração  
Que te guarda a fé mais pura.

D. Beatriz



**Batendo as asas fulgentes**

Aos anos de um honesto pai de família

Batendo as asas fulgentes  
Da glória o gênio gentil,  
Anuncia a grata aurora  
Belo – dia três de Abril.

Surge a deusa matutina  
Derramando flores mil,  
Saúda o melífluo coro  
Belo – dia três de Abril.

Na campina florejante  
Soa campestre rabil;  
A todos prazer inspira  
Belo – dia três de Abril.

Desperta; desperta, fiéis amigos,  
Saudemos este dia desejado,  
Que traz o aniversário venturoso  
Do amável cidadão, do caro Elmano,  
Aquele, que fiel à Pátria e ao trono,  
E às leis da honra, que respeita austero,  
Vai enchendo a carreira de seus dias  
Na prática feliz de almas virtudes,  
Que o generoso peito lhe guarnece,  
E, só o exemplo, e lição tem procriado.  
Jovem prole, que um dia ilustrar deve  
Seus derradeiros anos; sim, Elmano,  
Nosso afeto te augura longos dias  
No regaço da paz e da ventura,  
Junto à meiga consorte e caros filhos,  
Por teu exemplo, dignos brasileiros.

E vós, jovens ditosos, que os conselhos  
Seguis de um tão bom pai; uni aos votos  
Do filial amor os da amizade;  
Façamos de perpétua e sempre-viva  
Uma capela e a veneranda fronte  
Cinjamus obsequiosos; nossos hinos  
Ao Império subirão qual o perfume  
Do sacro incenso, e junto ao trono eterno  
Do Deus supremo levará as preces  
Do fervoroso amor, terna amizade  
Que ao generoso Elmano consagramos.

D. Beatriz.

### Maria, mais branca

No álbum de uma senhora.

Maria, mais branca  
Que a branca açucena,  
Mais doce e serena  
Que d'alva o candor;  
Os teus belos olhos,  
Teus lindos cabelos  
Enlaçam desvelos,  
Surpreendem amor;  
Teus dentes mais alvos  
Que o alvo marfim;  
Na boca o carmim,  
Na face o rubor;  
O colo nevado,  
Os seios rotundos,  
Os braços jocundos,  
Nas mãos o candor;  
A cinta delgada,  
O pé pequenino;  
O porte divino,  
Que respira amor;  
A voz sonora,  
Que mágoas desterra,  
E um'alma que encerra  
Virtudes e amor:  
As graças, o brio,  
As prendas brilhantes  
E os [ ? ]  
De fé e de amor;  
Te fazem, Maria,  
Credora de afeto;  
Ditoso objeto  
Do teu casto amor!

D. Beatriz



**Assoma a aurora risonha**

A uns anos  
(pedido)

Assoma a aurora risonha  
De lindas flores toucadas,  
Em que doce aura de vida  
Respirou a minha amada.  
Descantam as aves,  
Os campos se esmaltam,  
E às nuvens se exaltam  
Meus hinos de amor  
E ao mágico encontro  
De tanta beleza  
Rebentam flores mil, riem-se as fontes,  
Exulta de prazer a natureza!

Na azul, incendiada esfera  
De seus olhos, reina amor;  
Na boca brilha o rubim,  
Acende a face o rubor.  
Áureas madeixas  
Ondadas pendem,  
Que em laços prendem  
Votos de amor.  
Nelas minh'alma  
Vive enredada!  
Não, mortal não existe tão perfeita,  
Que possa comparar-se à minha amada!

É um tesouro precioso  
O seu terno coração;  
Nele imperam sem partilha  
Ternura, amor, gratidão.  
Pureza de anjo,  
De anjo beleza,  
Da natureza  
Rico primor.  
Em seus sorrisos  
Contemplo os céus.

Em suspiros meu peito se dissolve  
Ao doce fulgor dos olhos seus.

Puros votos de ternura  
Ouve, ó Lisia, neste dia;  
Seja em nós sempre constante  
Amorosa simpatia.  
Os doces laços  
Que nos prenderam,  
Nos céus teceram  
Os serafins  
Anjo querido,  
Parte dest'alma,  
Nos extremos, na fé, na lealdade  
Conquistemos de amor a heróica palma.

D. Beatriz



3ª feira, 19 de junho de 1855, nº 592, p. 3-4.

### **Brilhou no horizonte**

A um casamento

HINO

Brilhou no horizonte  
O dia luminoso,  
Que liga Anália bela  
Ao seu feliz esposo;  
No Céu foram tecidos  
Seus laços venturosos;  
De casto amor se acendem  
Seus peitos virtuosos.  
Junto às augustas Aras  
<Ressoa>  
em nossos cantos  
Do esposo excelsos dotes,  
Da esposa mil encantos.  
Anália, flor mimosa,  
Doce, inocente e pura  
Nutrida à sombra amena  
Da paternal ternura;  
Não temas as cadeias  
Com que te prende amor;  
Teus laços são de flores,

É santo o teu ardor  
E tu, feliz apoio  
Da planta inda crescente;  
Recebe o doce peso,  
Protege essa inocente.

D. Beatriz



3ª feira, 10 de julho de 1855, nº 598, p. 04.

### **A sábia Ulina se aflige**

Epigrama.<sup>75</sup>

A sábia Ulina se aflige  
De me ver metrificar;  
Teme que possa eu chegar  
Por poeta a enlouquecer;  
E eu temo que ela enlouqueça  
Com os desejos de o ser.

D. Beatriz



---

<sup>75</sup> Repetido em Parnaso Brasileiro, p. 31, sem alterações.

### **Brilha, botão precioso**

#### **Mote**

*Que lindo botão de rosa  
Aquele roseira tem!  
Eu debaixo não lhe chego,  
Acima não vai ninguém.*

#### **Glosa**

Brilha, botão precioso  
Nessa esfera de verdura;  
Oh! Quem gozará a doçura  
Do teu perfume oloroso!  
Mas nesse tronco viçoso  
Te abrigas em paz ditosa;  
Só meiga brisa amorosa  
Te afaga o hastil delicado,  
E eu só digo arrebatado:  
*Que lindo botão de rosa!*  
Aspirá-lo, dar-lhe um beijo,  
Seria minha ventura;  
Mas sinto com amargura  
Contrariado o meu desejo.  
De consegui-lo um ensejo  
Quem pode mostrar-me, quem?  
Vendo, como vejo bem,  
Em minha empresa baldada,  
Que altura desmesurada  
*Aquele roseira tem.*

Triunfa, lindo botão,  
Do meu empenho frustrado;  
Objeto tão desejado,  
E tão suspirado em vão!  
Causa-me dor e aflição  
A fadiga a que me entrego;  
Porque perco o meu sossego,  
Se o não devo possuir;  
Acima não posso ir,  
*Eu debaixo não lhe chego.*  
Há de o tempo despiedado

Das pétalas despojá-lo:  
Ninguém poderá salvá-lo  
Nesse trono levantado?  
Cairá despedaçado  
Sem o socorro de alguém,  
Pois é inútil também,  
Também frustrada a esperança;  
Debaixo ninguém o alcança,  
*Acima não vai ninguém.*

D. Beatriz.



6ª feira, 15 de maio de 1857, nº 847, p.03.

### **Delfina Benigna**

À Morte  
Da ilustre poetisa  
D. Delfina Benigna da Cunha

Delfina Benigna,  
A sorte tirana  
Privou-te da luz;

Mas a Arte ilustrada,  
À grata memória,  
Concede-te o juz.

Cingiu-te a coroa  
De acerbos espinhos  
Do Mártir da cruz;

Mas hoje em seu trono,  
Ditosa e brilhante,  
Te acolhe Jesus.

Beatriz Francisca d'Assis Brandão



### Saudade! Emblema precioso

#### Mote a pedido

*Vem cá, minha companheira,  
Vem, triste e mimosa flor,  
Se tens de saudade o nome,  
De saudade eu tenho a dor.*

#### Glosa

Saudade! Emblema precioso  
Do mais terno sentimento,  
De prazer, e de tormento,  
Doce-amargo deleitoso!  
Em meu coração saudoso  
Vem pousar triste, e fagueira;  
De uma esperança lisonjeira  
Acalma minha ansiedade;  
Vem a meu peito, saudade,  
*Vem cá minha companheira.*

Quis a sábia natureza  
Tingir-te de roxa a face,  
Para que em ti se espalhasse  
A imagem da tristeza.  
Tua modesta beleza  
Ornada de santa dor,  
Entre suspiros de amor  
Me faz suave o sentir-te;  
Vem pois a meu peito unir-te,  
*Vem, triste e mimosa flor!*

No paroxismo da dor,  
Quando mais me punges alma,  
Alcanço a virente palma  
Da constância, e do valor.  
Por ti, ó querida flor,  
Todo o mal ao peito assome,  
Que na dor que me consome,  
Na veemência do delírio,  
Tomarei o de martírio,  
*Se tens de saudade o nome.*

Tu és, flor misteriosa,  
Formada de tantas flores,  
Quantos suspiros e dores  
Geras nest'alma ansiosa.  
Tu és a filha mimosa  
Da solidão, e do amor,  
Toda a doçura e amargor  
Possuis da minha amizade,  
Tens minha vida, ó saudade!  
*De saudade eu tenho a dor!*

N.A. Sr. Paula Brito

Depois da Saudade do Sr. Garrett (Camões) nada ficou de novo a dizer-se sobre este assunto; mas a pessoa que me pediu para glosar este mote, recomendou-me muito que falasse sempre com a flor, e sobre isto, julgo que desempenhei. Foi-me permitido publicá-lo, e aí o envio, se o achar digno de aparecer.

Beatriz Francisca de Assis Brandão



3ª feira, 14 de julho de 1857, nº 864, p.1.

**Briosos Baianos, que o jugo nefando**

HINO

OFERECIDO AOS SRS. BAIANOS.

Dia 2 de julho de 1857

POR B.F.A. BRANDÃO

Briosos Baianos, que o jugo nefando  
Do vil despotismo invicto quebrastes,  
Triunfou a bandeira que livres jurastes,  
De louros e palmas a Pátria adornando.

Ao brado sinistro de turbada guerra  
A tuba ressoa, ribomba o canhão,  
E o eco reboando, qual ígneo trovão,  
O brado repete por mar e por terra.

A luta se trava medonha terrível,  
O sangue brasílico em rios correu;  
O déspota infame bramindo cedeu  
Do ferro baiano à força invencível,

Em tanto lá correm socorros prestantes,  
Audazes guerreiros, valentes louçãos;  
Os braços abri-lhes, são vossos irmãos,  
Que ao grito da Pátria acodem constantes.

Salve, ilustres filhos  
Da heróica Bahia,  
Que tal galhardia  
Pudestes mostrar.

Da Pátria querida  
Á independência  
Votais a existência  
Sem mágoa ou pesar.

Aqueles que o sangue  
Poe ela verteram,  
E a vida perderam  
Por vê-la triunfar;

Seus nomes gravados  
Em lâminas de ouro,  
Cingidos de louro  
Se verão brilhar.

As lousas sagradas  
Que cobrem seus ossos,  
Os deveres nossos  
Nos vêm intimar.

Sigamos a senda  
Que egrégios abriram,  
Pois lá sucumbiram  
Para nos salvar.

Neste grande dia,  
Brilhante, e jucundo,  
A PEDRO SEGUNDO  
Vos ouvi brindar.

Oh! Sim, acatemos  
O Monarca Augusto,  
Sábio, pio, e justo  
Digno de reinar.

Su'alma ilustrada  
De virtudes mil  
Afiança ao Brasil  
Venturas sem par.

Aos bravos, à Pátria,  
Ergamos troféus,  
E graças aos céus



**Torna a raiar, ó dia luminoso**

Saudação  
Ao dia 7 de Setembro de 1857  
Oferecida à  
SOCIEDADE IPIRANGA  
PELA EXMA. SRA. D. BEATRIZ FRANCISCA  
DE ASSIS BRANDÃO

Un Dio largiva a l'uom vita, e un nido:  
Vita non é la servitú de schiavo:  
Nido non há chinon há Patria al mondo:  
Patria non há chi a giogo strano há il cello.  
Pepole - La bataghia de Faenza

Torna a raiar, ó Dia luminoso!  
Vem recordar nas plagas brasileiras  
Essa época brilhante e gloriosa  
Em que truncados vimos, e dispersos  
Do despotismo os ferros detestados!

Salva, ó Brasil, o Dia memorando  
Pela grata efusão, pelo denodo  
Desse herói que dois mundos ilustrara,  
Que um patriótico ardor entusiasmado,  
Magnânimo exalou dos seios d'alma  
O grito ingente INDEPENDÊNCIA OU MORTE!  
E fez surgir à face do universo  
O Império da Cruz! Salve, memória  
Sempre sagrada a peitos brasileiros!  
Memória criadora de altos feitos,  
Que inspira sentimentos tão sublimes  
Em almas bem nascidas; que inflamadas  
Em fraternal amor, o bem promovem  
Daqueles, cuja sorte miseranda  
Mais que muito compunge a humanidade.

Ó vós, raça infeliz, a quem, protervos,  
Filha da maldição chamar se atrevem,  
Por encobrir da força a prepotência  
Vossos ferros não podem mais quebrar-se;  
Sofrei; resignai-vos ao Destino;  
Mas pelo tempo e esforços generosos  
De almas eleitas, que a missão abraçam  
Das leis reivindicar da Natureza,

Ireis vendo libertos vossos filhos,  
E o título assumir de brasileiros.  
Cidadãos, vão servir à Pátria e ao Trono,  
Não já vítimas vis do flagício.

Ei-la, Sócios ilustres da Ipiranga,  
Que tão heróica empresa concebestes  
Da triste escravidão quebrar os ferros  
Em memória da nossa liberdade!...  
Divina inspiração, feito grandioso  
Que a vossos nomes ergue um monumento  
Mais nobre, mais formoso, e duradouro  
Que pirâmides arcos, e obeliscos  
Que a vaidade fanática eregira  
A esses que deram ferros às Nações  
E o sangue impunemente derramaram!  
Mas falta inda um triunfo à nossa glória:  
Falta mandar aos séculos vindouros  
De fiel gratidão um testemunho.

Estátuas, e até cultos se votaram  
Aos Neros, aos Tibérios, aos Calígulas,  
E a outros monstros, que infernal memória  
Mais e mais sua infâmia perpetuaram  
E inda estátuas não tem Pedro Primeiro (1)  
E os ilustres heróis, que o grande Império  
Fundaram do Brasil! Inda nas margens  
Do Ipiranga não brada essa Legenda  
Que deve eternizar o Nome egrégio  
Do grande herói, que os ferros nos quebrara  
E desses beneméritos da Pátria  
Que em tão heróico feito coadjuvaram,  
A memória de empresa tão notável  
Em bronze e em mármore não mostra ainda  
Ao estrangeiro, o sublime monumento  
Da nossa Liberdade, e Independência.

É tempo ainda: – coroe-se a virtude:  
Aos que Pátria nos deram, honre a Pátria;  
Seus bustos respeitáveis nos recordem  
Essa época gloriosa, em que libertos  
De estranho jugo, a glória proclamamos  
Do Império da Cruz, da Pátria amada!

N.A.(1) Dirão que se está cuidando nisso, mas podia ter-se já cuidado.



## 6. Cantos da Mocidade (1856)

BRANDÃO, Beatriz Francisca de Asses. *Cantos da mocidade*. Rio de Janeiro. Tipografia Dois de dezembro, vol. 1, 1856. 232p

Índice.....	252
Meus benévolos leitores.....	254
Aos meus concidadãos.....	255
À Pátria ( <i>Ergue o colo, ó Pátria amada</i> ).....	256
Nesta triste e forçosa soledade.....	258
Fui ao Templo de Guido.....	258
Torna a mim, torna sonora.....	260
Se amor não se explica.....	261
Vai-te, amor, deixa-me em paz.....	262
Caras letras, tesouro inestimável.....	263
O meu terno coração.....	264
Bate, Cupido, as asas.....	265
Voa suspiro meu, vai diligente.....	266
Tu bem podes em segredo. ....	266
Instantes afortunados .....	268
Penosos cuidados.....	269
Ouvi, serranos.....	270
Da terra caí no chão.....	271
De longo suspirar atenuado.....	272
Porque meu peito.....	272
Neste fresco umbroso vale.....	273
Solta teu manto escuro, ó noite amiga.....	275
Cansados suspiros... ..	277
Ah, meu bem, como é doce, como é belo. ....	278
Ninguém nos vê, meu bem.....	278
Amor, perdoa a confiança.....	279
Dizem que amor tem doçura.. ..	280
De violentos contrastes embatido... ..	282
Ternos ais em sangue tintos... ..	282
Suspiros do coração... ..	284
Já na celeste abobada cintilam... ..	285
Meu coração palpita acelerado... ..	286
Corre, corre, fonte clara... ..	287
Meu bem, escuta... ..	288
Numa tarde fresca e bela.. ..	289
Vem surgindo a rubra aurora... ..	290
Que fará o meu bem, o meu amado... ..	293
Derrama já, ó Phebe.....	294
Tirse, teus lindos olhos feiticeiros... ..	295
Instantes afortunados.....	296
Vivo, sem: mas como vivo? .....	297
De atrás nuvens os céus turbados vejo.....	298
Amor, ai! Basta amor.....	299

Fulgente estrela influiu.....	300
Que fazes neste retiro.....	304
Vinte vezes a esfera tem dourado.....	305
Penas, cuidados tormentos.....	305
Tu que tens, meu coração? .....	307
Amada solidão! .....	308
Loiro nume, eu te cedo o dom funesto.....	310
Dos meigos olhos teus na azul esfera.....	311
Já rompe a aurora.....	311
Oh noite! Dos mortais consoladora.....	312
Num vergel florido.....	315
Em gruta sombria.....	316
Eulália, caro objeto.....	317
Que o primeiro sorrir de nívea aurora.....	321
A inocência, a beleza, a simpatia.....	321
A noite se avizinha.....	325
Por que a tua lira.....	327
Não se calou a lira.....	329
No instante em que nasci.....	332
Músico dos bosques.....	333
Sonhei que via uma estrela.....	335
Tudo dorme, ai de mim! Tudo ressentido.....	336
Oh ninfa do loiro Tejo! .....	336
Grande Deus! Por que motivo.....	337
Raça infernal de Calvino.....	339
Se consiste o ateísmo.....	340
Com que fina habilidade.....	341
Recebi, terno Belmiro.....	342
Doce lembrança de um amor ausente.....	344
Elmira, a tua censura.....	345
Ora vamos, minha Elmira.....	348
Erguei-vos, portas eternas.....	350
Natureza, não sou contigo ingrata.....	351
Oh sono agradável.....	352
Solta embora, ó Fortuna! Áurea madeixa. ....	353
Já começa a raiar a roxa aurora.....	354
Agora que em silêncio a natureza.....	357
Lousa da morte, que em teu seio encerras.....	358
Essa beleza, que imortalizara.....	360
Crepes sudários, tochas funerárias.....	362
Como o cravo nacarado.....	363
Como a flor matutina, que se expande (á morte de D. M. I. de V. Brandão).....	364
Abre as asas, Arcanjo glorioso (à morte do prezado filho do Exmo. Sr. Marquês de Olinda).....	366
Amor é um prazer.....	367

## MEUS BENÉVOLOS LEITORES.

Oferecendo-vos minhas insignificantes produções, tenho direitos à vossa indulgência. Vós a deveis a uma patricia que, privada de instrução, e guiada só pela força de sua inclinação, venceu mil tropeços, e dificuldades, mais fáceis de conceber-se do que de explicar-se, para brindar-vos com a exposição dos sentimentos mais íntimos de sua alma. Eu teria, contudo, aproveitado mais alguma coisa de meus estudos solitários, se trabalhos e perseguições inauditos não tivessem perturbado os melhores anos da minha existência; não posso por tanto apresentar-vos uma oferenda mais digna das vossas luzes e das do século; aceitai esta. Não ostentarei o ridículo orgulho de fingir-me indiferente à opinião dos meus leitores: Oh! Que bem desejaria merecê-la favorável, ao menos pela perseverança em um trabalho, que vexações de toda a natureza procuraram empecer. Se merecer a meus concidadãos uma favorável aceitação, muito agradecida lhes ficarei, e talvez possa ainda brindá-los com alguma composição mais cordata que esses delírios da juventude. É quanto tenho a dizer-vos, exceto sobre minhas traduções; vão imperfeitíssimas até na escolha dos assuntos. Os meus poucos anos, e o limitado conhecimento que eu tinha do italiano, não permitiram que fossem melhores; mas a isso digo com Alfíere, e com muita razão que elas são o fruto das vigílias de minha adolescência, e não me atrevo a votá-las ao silêncio.

Lêde-as, portanto, e julgai-as com equidade.

B. F. A. Brandão.

## AOS MEUS CONCIDADÃOS

De mesquinha instrução fruto mesquinho  
Em meus cantos singelos vos ofereço,  
Caros concidadãos; e a vós, mais bela,  
Mais amável porção da humanidade;  
Delícia dos mortais, e seu tormento;  
Sensíveis, carinhosas Brasileiras.  
Do estro meu premissas amorosas  
Do intimo do peito vos dedico;  
São delírios de inábil juventude,  
Extremos da paixão que a tantos mata,  
Alegria, e verdugo da existência,  
Onde a sorte despótica franqueia  
Momentos de prazer, anos de mágoa;  
E o ente apaixonado, e delirante,  
Exultando uma vez, muitas gemendo,  
Vê deslizar o tempo entre os balanços  
De esperança falaz, e certos males!

Meu fiel coração vêde em meus versos:  
Lêde, concidadãos; julgai propícios  
Os cantos juvenis de uma patrícia,  
Que sem prévia lição, sem norte ou guia  
Meditou solitária, e sem socorro  
De amiga mão, que os erros lhe emendasse.  
E que mais de uma vez viu consumidos  
Por carvões devorantes os folhetos  
Onde de seus estudos e vigílias  
Os frutos tão queridos conservava!  
Por um prejuízo vão, mas arraigado,  
Negava-se instrução ao sexo amável,  
Como se, conhecendo-se o perigo,  
Não se está mais ao alcance de evitá-lo!  
Perseguição sofri tão aturada,  
Que só do gênio a obstinada força  
Vencer podia obstáculo tão fero!  
Corajosa lutei, e se o triunfo  
Não consegui completo, ao menos tive  
A glória da firmeza nos desgostos,  
Nas privações, nas mil contrariedades  
Com que atalhar quiseram a carreira  
A que um violento impulso me impelia.  
Eis, da minha constância vos ofereço  
O contestado fruto; pouco vale,  
Mas valor lhe dará vossa indulgência,  
E serão bem aceitos como ofrenda  
De uma patrícia, de uma Brasileira.



## À PÁTRIA.

Ergue o colo, ó Pátria amada,  
Teu triunfo alegre canta;  
Da tenaz servil cadeia  
Os livres braços levanta.

Raiou o dia supremo  
Da tua felicidade;  
Baixou do celeste Empíreo  
O dia de liberdade.

Dia eterno, dia imenso,  
Que meu estro só compara  
Àquele dia em que o mundo  
Das mãos do Eterno assomara!

Longo tempo o jugo infame  
Da escravidão suportaste;  
Mas já da razão armada,  
O jugo infame quebraste.

Sustenta da natureza  
Leis que dela recebeste;  
Prossegue constante a marcha  
Que afoita e livre empreendeste.

Não mais temor, ou lisonja  
Dobrar o colo te faça;  
Assaz de amargosos males  
Esgotaste a negra taça.

Feroz despotismo insano  
A substância te extorquia;  
Capricho, ambição, orgulho  
Era a lei que te regia!

De um trono em nuvens ereto,  
De turba vil incensado,  
Inacessível aos gritos  
Do Brasil escravizado.

Baixavam leis fulminantes,  
Ímpios decretos baixavam,  
Que sempre um novo desastre  
Ao triste povo intimavam.

Ao nome de inconfidência,  
Pressuposto iníquo, e falso,

Banhavam ondas de sangue  
Os degraus do cadafalso!

Piedosa, excelsa Maria!  
Glória de Lísea, e do trono!  
A quantas iniquidades  
Teu nome serviu de abono!

Tu querias perdoar  
A falaz, suposta ofensa;  
Mas teu ministério infando  
Fulmina letal sentença!

Memória sanguinolenta!  
Memória sempre execrável!  
De vingança, e de fraqueza  
Monumento detestável!

No reinado glorioso  
Da mais completa heroína  
Pôde o insano despotismo  
Traçar do Brasil a ruína!

Ah! Se em torno ao solio teu  
Fiéis ministros velassem,  
Se os ditames de um congresso  
Teus decretos regulassem;

Nunca ouviras, de mistura  
Co'os vivos da adulação,  
Murmurando surdas vozes  
As pragas, e a maldição.

Ternas, míseras esposas,  
Filhos, por tão dura sorte  
Entregues à vil penúria,  
À infâmia pior que a morte!

Varões, que o jugo sofrestes  
Da lei iníqua, e pesada,  
Vede ainda em vossos dias  
Nossa Pátria libertada. \*

E esses que os ossos deram  
À adusta arêa sabéa,  
Entoarão nos Elíseos  
Vivas à augusta Assembléia.

N.A. \*Alguns que voltaram do degredo.



## SONETO.

Nesta triste, e forçosa soledade,  
Ausente do meu bem, dos meus amores,  
Exalo em vão suspiros e clamores,  
Busco em vão suavizar minha saudade.

Na clara luz, na feia escuridade  
Cercam meu coração negros terrores;  
Vejo turvos do sol os resplendores,  
Não distingo do dia a claridade.

Assim vivo, assim sofro, e desfaleço;  
Assim se vão meus dias consumindo  
Aos golpes da saudade que padeço.

Meu bem, a morte já me está ferindo;  
Vem, enquanto de todo não pereço,  
Minha alma suspender, que vai fugindo!



## MOTE.

Fui ao templo de Gnido  
Protestar escravidão;  
O meu protesto foi este:  
Morrer sim, deixar-te não,

## GLOSA.

Longo tempo eu resistia  
De amor à doce prisão,  
Temia o férreo grilhão  
As setas fatais temia.  
Amor, que de mim se ria,  
Armou-me laço escondido;  
Com simulado sentido  
Os meus passos foi guiando,  
Até que rindo, e brincando  
*Fui ao templo de Guido.*

Parei no pórtico quando  
O primeiro passo dava;  
Meu coração palpitava,  
Meu peito estava arquejando!  
Com túbio pé, vacilando

Quis fugir; amor então  
Vibrando agudo farpão,  
Meu peito a golpes desfez,  
E entre suspiros, me fez  
*Protestar escravidão.*

Lançando tristes gemidos  
À pira fatal cegava;  
Minh'alma se rebelava  
Contra os laços desabridos.  
A meus turbados sentidos  
Tudo de horror se reveste;  
Então, Tirse, me ofrecestes  
Do teu peito o terno ardor...  
Por ti jurei sem temor,  
*O meu protesto foi este.*

Prometo, protesto e juro  
A ti, que de amor me inflamas,  
Conservar as doces chamas  
Que acendem meu peito duro,  
Jamais te será perjuro,  
Oh Tirse, o meu coração!  
E aos numes de amor, que são  
Vingadores da mentira,  
Juro, pondo a mão na pira,  
*Morrer sem, deixar-te não.*

(N.A.) Todos os motes são alheios; tenho glosas mais conceituosas; porém dou só algumas destas, por indicar minhas primeiras impressões. (nota da autora, cf. original)



## MINHA LIRA.

Me non sdegne il biondo Dio,  
Me com Fili unisca Amore,  
E poi sfoghi il suo rigore  
Fato rio, nemico ciel.

*(Metastaseo L'Estade).*

Torna a mim, torna sonora  
Minha lira, meu tesouro;  
Pregoeira da ternura  
Cara prenda do deus louro!

Não de gregos, ou romanos  
Quero os fastos recontar,  
Nem de Gália turbulenta  
Os triunfos memorar;

Não, amada, tu não foste  
Aos furores consagrada;  
Tu de assunto sanguinário  
Não foste inda profanada.

Nas abóbadas de Jano  
Os teus sons nunca se ouviram;  
Tu não deste culto à Marte,  
Nem àqueles que o seguiram.

Tu só sabes de amor puro  
Doces versos inspirar,  
Brandos ais, ternos suspiros  
Sabes só acompanhar.

Quando no meu coração  
Mais a dor império tem,  
Tu me alentas, tu me animas  
Co'as lembranças de meu bem.

Quando de fero receio  
Sento meu peito agitar,  
Tu me lembras seu afeto,  
E me fazes sossegar.

Cara lira, dom precioso  
Ao meu amor consagrada!  
Minha constante ternura  
Será por ti decantada.

Não segue sinistra mão  
As áureas cordas ferir;  
Só cantando meus amores  
Teus acordes se hão de ouvir.

Dos verdes mirtos de Paphos  
Duas lauréolas faço;  
Uma consagro ao meu bem;  
Com outra a frente te enlaço.

O meu bem, a minha lira  
Conservai-me, ó justos céus!  
Não há outro, vós sabeis,  
Objeto dos votos meus.



#### LIRA.

Se amor não se explica  
Na dor, no queixume,  
Se é crime o ciúme,  
Onde existe amor?  
Se devo em meu peito  
A dor sufocar,  
Se devo estalar...  
Quanto é duro amor!

Amar desta sorte,  
Que lei tão cruel!  
A um peito fiel  
Que conhece amor!  
Ah! Quebrem-se os laços,  
Os laços fatais!  
Minh'alma jamais  
Suspire de amor.  
Apague-se a chama  
Qu' est' alma devora;  
Já desde esta hora  
Renuncio amor.  
Esqueça o afeto,  
Esqueça a ternura,  
Já que fé tão pura  
Não compensa amor.

Já livre respiro,  
Oh céus, que ventura!  
Voou a amargura  
Nas asas de amor!  
Fugiu de meu peito  
O deus fraudulento,  
Cessou meu tormento,  
Já não sento amor.

Já posso indiferente  
Ver em novos laços...  
Oh céus! Noutros braços  
O meu doce amor?  
Ah! Torna a meu peito,  
Perdoa os meus zelos,  
Meus caros desvelos,  
Meu único amor.



#### MOTE.

Vai-te, Amor, deixa-me em paz;  
Vai outro sítio habitar;  
Vai ao teu cruel domínio  
Outros peitos sujeitar.

#### GLOSA.

Que queres, Amor cruel?  
Que mais pretendes de mim?  
Por que maltratas assim  
O meu coração fiel?  
Do teu rancor todo o fel  
Comigo esgotando estás,  
Contra um peito que não faz  
Resistência ao teu furor:  
Para que é tanto rigor?  
*Vai-te, Amor, deixa-me em paz.*

Vai empregar teu farpão  
Contra peitos rebelados,  
Que resistem denodados  
A teu pesado grilhão;  
Deixa um triste coração  
Que já soubeste domar;  
Não receies que quebrar  
Possa as cadeias que adora;  
Não, não temas; vai-te embora,  
*Vai outro sítio habitar.*

Em tuas aras cruentas  
Minha vida consagrei,  
A liberdade te dei:  
Fero Amor, que mais intentas?  
Deixa est'alma que atormentas,  
Que cede a teu furor ígneo;  
Vai preencher teu desígnio  
De outros triunfos e glórias;  
Ajuntar novas vitórias  
*Vai ao teu cruel domínio.*

Que triunfo, que vanglória  
Alcanças em abater-me?  
Contra um fraco peito inerme  
Pode resultar-te glória?  
Ah! Pondera, que vitória  
Não é rendido domar;  
Que um vencido atropelar  
É fraqueza, é vitupério;  
Vai, Amor, ao teu império  
*Outros peitos sujeitar.*



#### SONETO.

Caras letras! Tesouro inestimável,  
Escritas pela mão do bem que adoro,  
Recebei estas lágrimas que choro,  
Produções da saudade inconsolável.

Em vós contemplo a expressão amável  
De um coração onde vaidosa moro!  
Com meus ávidos beijos vos devoro,  
Caras letras, tesouro inestimável!

A meu peito agitado vos aperto,  
Relíquias de um objeto idolatrado,  
Oh! Quem o vira, como vós, tão perto!

Mas enquanto de mim vive apartado,  
Em vós derramo de meu peito aberto  
Um coração, de amor todo abrasado.

MOTE.

*O meu terno coração.*

GLOSA.

Uma doce simpatia,  
Que não tem definição,  
Ao teu coração ligou  
*O meu terno coração.*

Sem conhecermos ainda  
Amorosa propensão,  
Já vivia ao teu ligado,  
*O meu terno coração.*

Ao mesmo tempo abraçamos  
O amor, e a razão,  
E, em troca do teu, te dei  
*O meu terno coração.*

Desde então fomos ligados  
Em áureo, tenaz grilhão;  
Nunca mais quis liberdade  
*O meu terno coração.*

Ou férreas leis nos oprimam,  
Ou dura separação,  
Está sempre ao teu unido,  
*O meu terno coração.*

Laço de livre vontade  
É de amor a união;  
Do teu não quer separar-se  
*O meu terno coração.*

Longo tempo, longa ausência  
Não destroem terna afeição,  
Eu o sinto, e bem o sente  
*O meu terno coração.*

Ah, meu bem! Se no teu peito  
É tão firme esta paixão:  
Que mais pode desejar  
*O meu terno coração!*

Não temo da Parca o corte  
Alce contra mim a mão,  
Como junto ao teu expire  
*O meu terno coração.*

Então nos mesmos Elíseos,  
Em perenal efusão,  
Irá respirar co' o teu  
*O meu terno coração.*



MOTE.

*Bate, Cupido, as asas  
Orvalhadas do meu pranto.*

GLOSA.

Sobre o coração que abrasas,  
Que em viva paixão infamas,  
Agita as vorazes chamas,  
*Bate, Cupido, as asas.*  
Tu, que em áurea taça vasas  
Agro fel e doce encanto,  
Que co' os ecos do meu canto,  
Do meu bem a dor serenas,  
Vai mostrar-lhe as níveas penas  
*Orvalhadas do meu pranto.*



## SONETO.

Voa, suspiro meu, vai diligente,  
Busca os lares ditosos onde mora  
O terno objeto que minh'alma adora,  
Por quem tanta aflição meu peito sente.

Ao meu bem te avizinha docemente,  
Não perturbes seu sono, nesta hora,  
Em que a amante fiel soluça e chora,  
Talvez durma pacifico e contente.

Co'as auras que respira te mistura;  
Seu coração penetra, e nele inspira  
Sonhos de amor, imagens de ternura.

Representa-lhe a amante que delira;  
Em seu cândido peito amor procura,  
Vê se também por mim terno suspira!



## MOTE.

Tu bem podes em segredo  
Livrar-me desta aflição;  
Dá-me um pouco de veneno,  
Mata-me, por compaixão.

## GLOSA.

Caro Tirse, se em teu peito  
Cabe negra ingratidão,  
Se mais o teu coração  
Não palpita a meu respeito,  
Evita o funesto efeito  
Do meu mal, em quanto é cedo;  
Mata-me, não tenhas medo  
Que te culpem de homicida,  
Porque privar-me da vida  
*Tu bem podes em segredo.*

Se não cega o teu valor  
Para traspassar-me o peito,  
Se te horroriza o efeito

Deste impulso de furor;  
Outro meio tens melhor  
De ferir-me o coração,  
Que evitando a compaixão  
Anexa a humanidade;  
Podes mesmo, por piedade,  
*Livrar-me desta aflição.*

De um punhal o braço armado  
Te faria criminoso,  
E não vale o teu repouso  
O meu sangue derramado.  
Não seja dele regado  
Trágico infausto terreno;  
Um esforço mais pequeno  
Te insinua o meu amor;  
Não é preciso valor,  
*Dá-me um pouco de veneno.*

Da tua mão adorada,  
Qual a celeste ambrosia,  
Satisfeita beberia  
Essa morte desejada.  
Sem, meu bem, tão suspirada  
Só foi do meu coração  
Do teu a doce união;  
Mas se essa se dificulta,  
Prepara-me morte oculta,  
*Mata-me, por compaixão.*



QUADRAS.

MOTE.

*Instantes afortunados.*

Duram momentos de dor  
Mais que dias espaçados;  
Voam mais leves que o vento  
*Instantes afortunados.*

Bem como etéreos vapores  
Sobre os zéfiros alados,  
Assim se elevam, e fogem  
*Instantes afortunados.*

Eu vi instantes de gosto,  
Mas tão depressa passados,  
Que apenas soube que foram  
*Instantes afortunados.*

Cheguei de perto a tocar  
Esses instantes prezados,  
Que amor bafeja, e que chama  
*Instantes afortunados.*

Mas amor, que não concede  
Longo tempo os seus agrados,  
Voou, e levou consigo  
*Instantes afortunados.*

D'áureo carcaz rutilante  
Duros farpões aguçados,  
Tem o lugar, que tiveram  
*Instantes afortunados.*

Não espero mais conforto  
A meus gemidos magoados;  
Para mim são já perdidos  
*Instantes afortunados.*

Jurou amor maltratar-me,  
O mesmo juram os fados!  
Cumpra-se a lei, de mim fujam  
*Instantes afortunados!*



## LIRA.

Penosos cuidados  
Cessai de afligir-me;  
Por que repetir-me  
Que é Tirse traidor?  
Um fado tirano  
Me obriga a adorá-lo;  
Não posso odiá-lo,  
Assim, quer o amor.

Há dias que penso  
Adoro um ingrato;  
Me aflijo, me mato,  
Mas cega-me amor;  
Seus falsos protestos  
De fé, de ternura  
À minha loucura  
Dão novo vigor.

Se jura, se chora  
Na minha presença,  
Esquece-me a ofensa  
Do traído amor.  
Querer arrancá-lo  
Do meu coração,  
É lutar em vão,  
Não o sobre amor.

Detesto os meus ferros,  
Quisera quebrá-los,  
Mas logo a beijá-los  
Me constrange amor.  
Não posso em meu peito  
A chama extinguir,  
Não posso fugir  
De Tirse, e de amor.

Disputo, e convenço  
A minha razão;  
Mas meu coração  
É presa de amor.  
Conheço que é falso,  
Cruel, inconstante;  
Mas eu sou amante,  
Mas rege-me amor.

Eternas cadeias  
Me ligam, me prendem,  
O peito me acendem

Incêndios de amor.  
Bem vejo, bem sinto  
Que sou infeliz;  
Meu fado assim quis,  
Assim quis amor.



#### RETRATO.

*Ouvi, serranos,  
Ouvi pastores,  
Ouvi os dotes  
Dos meus amores.*

Amo em segredo  
Gentil pastor,  
Que é linda imagem  
Do deus de amor.  
*Ouvi, serranos, ouvi pastores, ouvi os dotes, dos meus amores<sup>76</sup>.*

Em seu sisudo  
Belo semblante,  
Vê-se da aurora  
A cor brilhante.  
*Ouvi, serranos, ouvi pastores, ouvi os dotes, dos meus amores.*

Os brancos lírios,  
As rubras rosas,  
Não são tão puros,  
Nem tão mimosas.  
*Ouvi, serranos, ouvi pastores, ouvi os dotes, dos meus amores.*

Na azul esfera  
Dos olhos seus  
Ardem, desmaiam,  
Morrem os meus.  
*Ouvi, serranos, ouvi pastores, ouvi os dotes, dos meus amores.*

Da nívea testa  
Ondados pendem,  
Áureas madeixas,  
Qu'est'alma prendem.  
*Ouvi, serranos, ouvi pastores, ouvi os dotes, dos meus amores.*  
Na rubra boca

---

<sup>76</sup> No original, grafou-se “Ouvi seranos, etc.”

As meigas graças,  
De rico aljôfar  
Fazem negaças.  
*Ouvi, serranos, ouvi pastores, ouvi os dotes, dos meus amores.*

Seu gênio é doce;  
A fé segura,  
Alma mais pura  
Não pode haver.  
*Ouvi, serranos, ouvi pastores, ouvi os dotes, dos meus amores.*

Sua voz meiga,  
Sonora, e terna,  
Move nas almas  
Paixão interna.  
*Ouvi, serranos, ouvi pastores, ouvi os dotes, dos meus amores.*

Se à doce lira  
Aplica os dedos,  
De amor explica  
Ternos segredos.  
*Ouvi, serranos, ouvi pastores, ouvi os dotes, dos meus amores.*

Tem porte esbelto,  
Trato agradável,  
Tem mil encantos,  
É todo amável.  
*Ouvi, serranos, ouvi pastores, ouvi os dotes, dos meus amores.*



#### MOTE.

*Da terra caí no chão.*

#### GLOSA.

De ouro, prata, bronze, e ferro  
Meu composto foi formado,  
E sobre barro formado,  
Por mistério, não por erro.  
Sobre os pés em vão me aferro;  
Pois baqueio ao repelão  
De pesada, ignota mão,  
Que invisível me fez guerra,  
E como a base era terra,  
*Da terra caí no chão.*



## SONETO.<sup>77</sup>

De longo suspirar atenuados  
Meus cansados sentidos vacilavam,<sup>78</sup>  
E os<sup>79</sup> olhos brandamente se cerravam  
De lisonjeiros sonos afagados.

Em refulgente nuvem colocados  
Vi Fortuna e Amor, que me buscavam,  
E entre raios de luz, que dardejavam,  
Mostram-me uma a riqueza, outro os agrados<sup>80</sup>.

No áureo cofre seu a deusa errante  
Os mais raros tesouros me ofrecia,  
Por que anela a gente delirante.

Amor entre as mãos ambas escondia  
Um nobre coração terno, e constante<sup>81</sup>;  
Esta jóia aceitei, que amor trazia.



## LIRA.

Por que meu peito  
Assim maltratas,  
Porque me matas,  
Tirano Amor?  
Se do meu nune  
Cruel me privas  
Para que avivas  
Meu terno ardor?

Se em outros braços  
Vive enlaçado,  
E deslembrado  
Do meu amor,  
A chama extingue  
Que me devora,  
Vai-te em má hora,  
Nume traidor.

---

<sup>77</sup> Soneto repetido em *Parnaso Brasileiro* p.28.

<sup>78</sup> Em *Parnaso*: “Os meus fracos..”.

<sup>79</sup> Em *Parnaso*, “E os...”.

<sup>80</sup> Em *Parnaso*, “Mostram-me uma a riqueza, outro os agrados.”

<sup>81</sup> Em *Parnaso*, “Um nobre coração terno, e constante”.

Mas, céus! Que digo?  
Tirse perjuro!  
Funesto auguro,  
Mortal temor!  
Deixa meu peito,  
Que a dor desola,  
Tu me consola  
Ó meigo amor!

Quebrar seus votos  
Não é possível;  
Tirse é sensível  
À minha dor.  
Sua alma terna  
Por mim se inflama  
E a viva chama  
Nutre de amor.

Tirse adorado  
Torna a meu peito,  
Por ti desfeito  
De acerba dor.  
Sei que és constante  
A meu desejo;  
Mas não te vejo,  
Meu doce amor.

  
ENDEIXAS.

Neste fresco umbroso vale  
De boninas matizado,  
Venho ocultar dos viventes  
Saudades do bem amado.

Aqui, só, nele pensando  
Passarei os tristes dias,  
Até que sua presença  
Traga minhas alegrias.

De contínuo memorando  
De seu amor os agradados,  
Exalarei do meu peito  
Mil suspiros magoados.

Ao som da lira, confuso  
Co'o rude estridor dos ventos,  
Ajuntarei de meu canto  
Os fracos, roucos acentos.

Segue-me, lira chorosa,  
Terna lira, tu me inspiras;  
Eu gemo, geme comigo;  
Eu suspiro, tu suspiras.

Faze patente o segredo  
Do meu fiel coração  
Só aos simples habitantes  
Desta muda solidão.

Avezinhas inocentes,  
Que o meu tormento escutais;  
Condoei-vos do meu pranto,  
Só de vós fio meus ais.

Se algum dia separadas  
Vivestes do par querido,  
Comparai minha saudade  
Com a que tendes sentido.

Dizei-me, se há dor mais fera,  
Para um coração amante,  
Do que ver-se dividido  
Do bem que adora constante?

Avezinhas inocentes,  
Suspendei vossos agrados,  
Acompanhai um momento  
Meus gemidos magoados.

A vossa terna união  
Exacerba a minha dor;  
Vós viveis de amor contentes,  
Eu morro triste de amor.

Ausente do bem que adoro,  
Cenas tristes só desejo;  
Não vos mostreis satisfeitas,  
Que o vosso prazer invejo.

Ajuntai a vossos cantos  
Mágoas do meu coração,  
Cantai, mas seja somente  
Esta saudosa canção:

-Lília, do seu bem ausente  
Não vê o rosto à alegria;  
Lília vive suspirando  
Triste a noite, triste o dia!



NOITE PRIMEIRA.

Stendea la muta notte 'l fresco amanto,  
É piuvea 'l sóporifero papavero  
Cé le miserie de mortali addorna.  
(*Pepoli, l' Eremo*).

Solta teu manto escuro, ó noite amiga,  
Sobre a face da terra;  
Essa luz, que é dos tristes inimiga  
De meus olhos desterra!  
Em tuas negras asas me recebe,  
Em tua doce escuridão me encerra!

II.

Os olhos do prazer feia te chamam;  
Mas porque não conhecem  
Os suaves encantos que derramam  
Nos peitos que padecem,  
Teus eflúvios benignos, quando partem,  
Quando, a bem dos mortais, ao mundo descem.

III.

Por ti, mimo dos céus, por ti anela  
Uma alma constrangida  
Em teu seio derrama sem cautela  
A torrente retida  
Das lágrimas, que um bárbaro decoro  
Manda ocultar da luz aborrecida.

IV.

Em ti só vêem os olhos refletidos  
Importunos objetos,  
Não afetam a vista e os sentidos  
Pensamentos seletos  
Que o tumulto do dia desconcerta,  
Em ti fecundam cândidos afetos.

V.

Em teu silêncio grave não se escuta  
Mais que a voz da ternura;  
Nem se confundem em penosa luta  
Co'os prantos da amargura  
Risos forçados, que o dever exige  
Cruel dever, que o sofrimento apura!

VI.

Em teu amplo regaço se repousa  
A mísera fadiga!  
Em tua longa cauda majestosa  
A tristeza se abriga;  
Cândida prole tua, em ti nutrida,  
E das almas sensíveis doce amiga.

VII.

Tu és, ó noite opaca, e taciturna  
Dos tristes a ventura!  
Em tua ara de chumbo, ara noturna  
Sacrifica a ternura  
Tu recebes seus votos em segredo,  
Tu a eximes da bárbara censura.

VIII.

Mas quão rápida passas, noite cara,  
A meu terno desejo!  
Quem dos encantos teus sempre gozara  
O tímido bocejo!  
Mas tão depressa corres, e me deixas,  
Quanto o dia enfadonho me é sobejo!



LIRA.

*Os suspiros.*

Cansados suspiros  
De amor desafogo;  
Ocultai o fogo  
Que vos fez nascer,  
Antes que a saber  
Venham meu penar.

Calai-vos, suspiros,  
Guardai-me segredo,  
Que até tenho medo  
Que algum passarinho  
Naquele raminho  
Me esteja a escutar.

Tornai, meus suspiros,  
A entrar no peito;  
Evitai o efeito  
Da maledicência,  
Tende paciência,  
Com tanto penar.

Queixosos suspiros,  
Por que repugnais?  
Vos lançam de dentro?  
Buscai vosso centro  
Tornai a entrar.

Ó tristes suspiros!  
Relíquias de amor!  
Correios da dor!  
Por que, imprudentes  
Meus males veementes  
Quereis publicar?

Calai, meus suspiros;  
Não mais demonstreis  
Os males cruéis,  
Que assim delirantes,  
Vos faz \* incessantes  
Do peito brotar.

(N.A) \* Fazem, devia ser.



## SONETO.

Ah, meu bem! Como é doce, como é belo  
Arder de um puro amor na viva chama!  
Que prazer em minh'alma amor derrama!  
Quanto, quanto é ditoso o meu desvelo!

Uma saudade, um delicado zelo  
Aviva da ternura a doce flama;  
É tormento, sim é, para quem ama,  
Mas anda a pena e o gosto em paralelo.

Este mesmo transporte, esta agonia,  
Que distante de ti fere meu peito  
Gera certo prazer na fantasia.

Eu gosto de penar por teu respeito;  
Até morrer por ti me agradaria:  
Tanto é meu alvedrio a ti sujeito!



## LIRA.

*Ninguém nos vê, meu bem,  
Podemos conversar.*

Escura corre a noite  
A vista inútil é;  
Um astro não se vê  
Na esfera cintilar.  
*Ninguém nos vê, meu bem, podemos conversar.*<sup>82</sup>

Os rápidos momentos  
Agora por nós chamam;  
Aqueles que não amam  
Já foram descansar.  
*Ninguém nos vê, meu bem, podemos conversar.*

O campo escuro e ermo,  
Os densos arvoredos  
De amor ternos segredos  
Só devem escutar.  
*Ninguém nos vê, meu bem, podemos conversar.*

---

<sup>82</sup> No original, "Ninguém nos vê, meu bem, etc."

Um zéfiro suave,  
Que as pandas asas move,  
As vozes que nos ouve  
Às grutas vai levar.  
*Ninguém nos vê, meu bem, podemos conversar.*

A fonte cristalina  
Que baixo aqui murmura  
Momentos de ventura  
Não pode perturbar.  
*Ninguém nos vê, meu bem, podemos conversar.*

Meu bem, aproveitemos  
Os rápidos instantes;  
De amor votos constantes  
Ao céu vamos jurar.  
*Ninguém nos vê, meu bem, podemos conversar.*



#### UMA MENSAGEM.

Amor, perdoa a confiança;  
De ti um serviço espero:  
Não mo recuses; eu quero  
Que o meu bem vás procurar.

Ninguém como tu conhece  
As penas que sofro ausente,  
A dor que este peito sente  
Só tu a podes pintar.

Vai mostrar ao meu amado  
As setas inda fumantes,  
Que de meu peito estilantes  
Acabaste de arrancar.

Pinta-lhe as duras prisões  
Que arrasto cativa e presa;  
E a viva chama acesa  
Em que me vês abrasar.

E se és piedoso aos tormentos,  
Que sofro nestes retiros,  
Pinta também meus suspiros,  
E meu continuo penar.

Pinta-lhe as lágrimas tristes  
De que vês banhar meu rosto,  
Meus pesares, meu desgosto  
Vê se podes retratar.

Dize-lhe que nesta ausência  
Choro sem consolação;  
Mostra-lhe minha aflição,  
E quanto o sei adorar.

Mas se ingrato aos meus suspiros,  
Não vem logo consolar-me,  
O cuidado de vingar-me  
Só a ti deve tocar.

Crava-lhe farpões pungentes,  
Lacera-lhe o coração;  
Não te faça compaixão  
Quem me quer tiranizar.

Mas não, amor, não maltrates  
Meu bem com tanto rigor;  
Mostra-lhe só minha dor,  
E que a pode terminar.



#### QUADRAS.

*Dizem que amor tem doçura,  
Para mim foi sempre azedo.*

Sigam amor por seu gosto  
Os mimos da ventura,  
Que, sem conhecer-lhe os danos  
*Dizem que amor tem doçura.*

O seu veneno mortal  
Por meu mal, o provei cedo;  
Esse deus tão meigo e doce  
*Para mim foi sempre azedo.*

Conservei sempre em meu peito  
Puro amor, viva ternura;  
Outros, que nunca sentiram,  
*Dizem que amor tem doçura.*

São suspeitos seus agrados,  
E já deles tenho medo;  
Não o creio, que o seu mel  
*Para mim foi sempre azedo.*

Tenho nos laços de amor  
Provado tanta amargura,  
Que não ouço os que insensatos  
*Dizem que amor tem doçura.*

Em amor tudo é amargo,  
Tudo é dor, sustos e enredo;  
Amor, mesmo em seus agrados,  
*Para mim foi sempre azedo.*

Lindos e fagueiros olhos  
Cheios de amor, e ternura,  
Não os creio quando meigos  
*Dizem que amor tem doçura.*

O meu coração no peito  
Palpita, e geme em segredo;  
Teme amor; pois seu prazer  
*Para mim foi sempre azedo.*

Mas apesar de temê-lo,  
Sinto amor, sinto ternura,  
E sigo os mesmos, que errados,  
*Dizem que amor tem doçura.*

Conheço o erro em que vivo;  
Mas a seus encantos cedo;  
Não é doce? Não o estranho;  
*Para mim foi sempre azedo.*



### SONETO<sup>83</sup>.

De violentos contrastes embatido  
Meu terno coração já mal resiste!  
Triste o dia amanhece, e a noite triste  
Inda mais negro<sup>84</sup> faz meu mal crescido!

Traga<sup>85</sup> à memória o tempo decorrido  
Imagem, que em minh'alma sempr'existe;  
Doce, terna lembrança que persiste  
Para maior tormento<sup>86</sup> em meu sentido.

Recordo, caro bem, os doces dias  
Em que amantes, ditosos<sup>87</sup>, e contentes  
Eu os teus, tu meus votos recebias!

Tudo o tempo mudou! Agora<sup>88</sup>, ausentes,  
Sujeitos a violentas leis ímpias,  
Zombam de nós os fados inclementes!



### MOTE.

*Ternos ais em sangue tintos  
Ao alto dos céus erguer,  
E achar de bronze os Numes,  
Ah meu bem, isto é morrer!*

### GLOSA.

Negra dor minh'alma enluta,  
Sinto-me desfalecer;  
Já meus dias vem prender  
Ímpia morte resoluta.  
Em funesta, crua luta  
Os alentos quase extintos,  
Mudos suspiros sucintos

---

<sup>83</sup> Soneto repetido em *Parnaso Brasileiro*, p. 29.

<sup>84</sup> Em *Parnaso*, “negra”.

<sup>85</sup> Em *Parnaso*, “Trago”.

<sup>86</sup> Em *Parnaso*, “pesar”.

<sup>87</sup> Em *Parnaso*, “unidos”.

<sup>88</sup> Em *Parnaso*, “tristes, e ausentes”.

Demonstram a dor que calo,  
E em segredo triste exalo  
*Termos ais em sangue tintos.*

Em vão meus ais lacrimosos  
Ao etéreo assento voam,  
Em vão minha dor pregoam  
Meus suspiros dolorosos;  
Meus tristes prantos queixosos  
Meu contínuo padecer,  
Alívio não podem ter;  
Tristes funestos amores!  
Que vale inúteis clamores  
*Ao alto dos céus erguer?*

Dize-me, amor, que delito  
Cometeu meu coração?  
Porque, com tanta aflição  
Continuamente palpito?  
Que combate, que conflito!  
Sentir n'alma férreos gumes;  
Erguer ao céu frouxos lumes,  
Morrer de dor, e saudade,  
Pedir aos numes piedade,  
*E achar de bronze os Numes!*

Tirse ingrato, do meu mal  
Adorado causador,  
Vem ouvir da minha dor  
Este gemido final;  
Neste momento fatal  
Os meus ais vem receber,  
Vem minh'alma recolher,  
Em teus lábios, caro amante,  
Pois viver de ti distante...  
*Ah meu bem, isto é morrer!*



## QUADRAS.

### *Suspiros do coração.*

Escuta, meu bem, um pouco,  
Um pouco dá-me atenção;  
Verás como te procuram  
*Suspiros do coração.*

Inda que longe vivemos  
Em cruel separação,  
Em meu lugar vão buscar-te  
*Suspiros do coração.*

Não posso viver contigo  
Em doce e grata união;  
Mas de perto te acompanham  
*Suspiros do coração.*

Oculto os extremos meus,  
Sufoco a terna paixão,  
Porém exalo em segredo  
*Suspiros do coração.*

Se, girando a ti d'em torno  
Sentes leve viração,  
É sussurro que produzem  
*Suspiros do coração.*

Do roto, ferido peito  
Em fervente borbotão  
Espilram, e se atropelam  
*Suspiros do coração.*



NOITE.

Spirti, cé avete dolorose menti,  
E intelletto d'amor, spirti bennate.  
Qui venite, venite, è vostro porto;  
É porte de delizie; un'alma chiostra  
Cé v`a dicendo a l'anima - sóspira! -  
(*Pepoli. Il Eremo*)

Já na celeste abóbada cintilam  
As nítidas estrelas,  
E da noite sombria,  
O taciturno horror  
Desterra a branca lua  
Co'o tremulante pálido esplendor.

Com brando murmúrio além ressoa  
A plácida corrente,  
A um zéfiro suave  
As árvores meneiam,  
E com sussurro brando  
O tácito silêncio lisonjeiam.

Apenas lá nas grutas cavernosas,  
Se escuta a triste queixa  
Do temerário amante  
Que o seu pesar esconde,  
E, do limoso lago  
A malfadada ninfa lhe responde.\*

Ao longo da espessura se divisam  
Informes, negras sombras,  
Dos tortuosos troncos,  
Que no horror soturno  
Se alongam, e estendem  
Ao tardo giro do fulgor noturno.

A natureza dorme... Amor só vela!  
Amor não tem repouso!  
Os plácidos encantos  
Que a opaca noite enfeitam,  
São feitos para o amor;  
Se os amantes neles se deleitam.

N.A.\* *Metamorfose*, original de Bocage.

Minh'alma apaixonada se recreia  
Em doces reflexões;  
Mil ternos pensamentos  
Me levam ao meu bem;  
Em meu pastor só penso:  
Mas meu caro pastor por que não vem?

Vem, ó Tirse gentil, vem consolar-me,  
À sombra deste pinho,  
Na margem desta fonte,  
Vem, caro meu pastor,  
Comigo aqui te assenta  
A conversar, a suspirar de amor.

Mais doce me há de ser, mais agradável  
Dos astros a beleza,  
Se unindo rosto a rosto,  
Cerrando-te em meus braços,  
Eu puder contemplar  
Esse céu, que formou os nossos laços!



SONETO. <sup>89</sup>

Meu coração palpita acelerado,  
Exulta de prazer, de amor delira!  
Novo alento meu peito já respira,  
É mil vezes ditoso<sup>90</sup> o meu cuidado!

O meu Tirse, de mim vive lembrado,  
Saudoso como eu, por mim suspira!  
Que seleta prazer a est'alma inspira  
A amorosa expressão do bem amado!

Cara prenda fiel dos meus amores, <sup>91</sup>  
Amada, suavíssima escritura,  
Que em meu peito desterra vãos temores!

Com ígneos caracteres n'alma pura  
Grava, Amor, com teus áureos passadores<sup>92</sup>  
Estes doces penhores de ternura!



---

<sup>89</sup> Soneto repetido em *Parnaso Brasileiro*, p.30.

<sup>90</sup> Em *Parnaso*, “feliz”

<sup>91</sup> Em *Parnaso*, “Doce prenda dos meus ternos amores”.

<sup>92</sup> Em *Parnaso*, “Grava, Amor, c’os farpões abrasadores”.

MOTE.

CANTIGA DAS LAVADEIRAS DO GAMBÁ,  
GLOSADO À MARGEM DO MESMO RIO.

*Corre, corre fonte clara,  
Corre, corre, fonte pura;  
Leva em tua companhia  
Minha triste desventura.*

GLOSA.

Límpida fonte, que um dia  
Me viste alegre e ditosa,  
Quando a prisão amorosa  
Em meu peito não sentia;  
Hoje da melancolia  
Vês em mim a cópia rara!  
Ah! Foge da pena amara  
Com que turbo tuas águas,  
Foge de ouvir minhas mágoas  
*Corre, corre, fonte clara.*

Apressa tua corrente,  
Foge do meu mal à idéia,  
Antes que te seque a veia  
De meu peito o fogo ardente.  
Mas não fujas, não, que a enchente  
Do meu pranto te assegura  
Em dois rios de ternura  
O aumento a teus cristais,  
Mais vagarosa a meus ais  
*Corre, corre, fonte pura.*

Com murmúrio mais manso,  
Límpida fonte, murmura;  
Minha cruel amargura  
Contempla em cada remanso;  
Como tu, o meu descanso  
Fugiu e a minha alegria;  
A negra melancolia  
Só resta em meu coração:  
Ah! Também minha aflição  
*Leva em tua companhia.*

Leva meus ais descontentes,  
Os meus tormentos atrozes,  
Serão talvez mais velozes,  
Tuas nativas correntes.  
Leva os suspiros ardentes  
Que exala minha ternura,

Leva a cruel amargura  
De meu peito, e minhas mágoas  
Leva enfim em tuas águas  
*Minha triste desventura.*



## A SAUDADE

*Meu bem, escuta  
Meus tristes ais.*

Ímpia saudade  
Meu peito rala;  
Minh'alma estala,  
Não posso mais.  
*Meu bem, escuta, meus tristes ais.*

Passa-se o dia,  
A noite cega,  
Qu'esta alma entrega  
A ânsias mortais.  
*Meu bem, escuta, meus tristes ais.*

Se um leve sono  
Meus olhos cerra,  
Fazem-me guerra  
Sonhos fatais.  
*Meu bem, escuta, meus tristes ais.*

Cuido já ver-te  
Em novos laços,  
E que outros braços  
Te prendem mais.  
*Meu bem, escuta, meus tristes ais.*

Tremendo acordo,  
Pedindo aos céus  
Que os sonhos teus  
Não sejam tais.  
*Meu bem, escuta, meus tristes ais.*

Vê como é fino  
O meu extremo;  
Por ti só tremo,  
Por mim jamais.  
*Meu bem, escuta, meus tristes ais.*

Basta que sinta  
Meu peito amante,  
A cada instante  
Dores mortais.  
*Meu bem, escuta, meus tristes ais.*



### À TARDE.

Numa tarde fresca e bela,  
Quando o sol em seus desmaios  
Despedia frouxos raios,  
Já a esfera transmutando,  
Meus pesares disfarçando  
N'uma selva fui chorar.

*Amor condoído.  
De ver meu desgosto;  
Imagens de gosto  
Me veio pintar.*

De mim perto serpejava  
Uma fonte cristalina,  
Que errando pela campina  
Lindos remansos formava,  
E buliçosa agitava  
Os verdes juncos no ar.

Uma brisa lisonjeira  
Os densos ramos movia;  
Uma flor ali caía,  
Outra incerta, voltejando,  
Ia sobre a água vogando,  
Ou na relva ia pousar.

De brilhantes borboletas  
Ledo bando revoava;  
Uma o mel da flor sugava,  
A mesma flor imitando,  
Outra incerta voltejando,  
Seu recinto ia buscar.

O emplumado cantor  
Dando a salva derradeira  
A travessa companheira  
Impaciente convidava,  
E com carinhos a instava  
O seu ninho a procurar.

Os balantes cordeirinhos  
Junto às mães iam saltando,  
Silenciosa ia ficando  
A solitária espessura,  
E por entre a sombra escura  
Se via a luz desmaiar.

Quando junto de uma rocha  
Coberta de selva brava,  
Terna rola lamentava  
Seu destino ao meu igual:  
Terna rola, que o seu mal  
Junto a mim veio chorar.

*Amor impaciente  
De ver meu desgosto,  
As cenas de gosto  
Me veio roubar.*

Ah! Cala-te, ave amorosa;  
Eu lhe disse suspirando  
Que essa dor que estás chorando  
É também a minha dor!  
Comigo aprende valor;  
Eu sei morrer, e calar.

Eu também como tu vivo,  
Como tu também eu choro,  
Ausente do bem que adoro  
Sofro penas infinitas:  
Palpito como palpitas,  
Como tu vivo a penar.

Tu és menos desgraçada;  
Tua dor tem desafogo;  
Eu devo ocultar o fogo  
Que abrasa o meu coração:  
Devo a dor, e aflição  
Em meu peito concentrar.



## QUADRAS.

Vem surgindo a rubra aurora  
Nos braços da madrugada;  
De seu pranto rociada  
Vejo a planta, vejo a flor.

Aligeiro bando entoa  
Doces hinos inocentes,  
E em seus gorjeios cadentes  
Respiram prazer e amor.

Suave murmura a fonte,  
Os brandos ramos se movem,  
Ao longe as vozes se ouvem  
Da serrana, e do pastor.

Abre a rosa matutina  
O virgíneo rubro seio,  
De zéfiro doce enleio,  
Meiga negaça de amor.

Doces perfumes exala  
A açucena pudibunda,  
E co'a angélica jucunda  
Compete em cheiro e candor.

Ternas rolas, fidas aves,  
Em recíprocos carinhos  
Unem rosados biquinhos,  
Participam mútuo ardor.

Ah! Só eu beijar não posso  
O meu bem, o id'lo meu!  
Amor fiéis nos prendeu,  
E é crime em nós o amor!

Que lei dura assim condena  
A mais justa das paixões?  
Ah! quem pôde aos corações  
Tão austeras leis impor?

Justo Deus, quando criaste  
A mísera raça humana,  
Uma sorte tão tirana  
Destinou-lhe teu amor?

Quando no Éden portentoso  
Os nossos pais colocaste,  
Quando o pomo lhes vedaste,  
Vedaste também o amor?

A maior de tuas obras,  
O senhor da natureza,  
Sím'b'lo da tua grandeza  
Objeto do teu furor!

Como, ó Deus, combinar posso  
Tão fera contradição?  
Se é crime a doce paixão,  
Não és desse crime autor?

Tu os sentidos nos deste,  
Tu nos fizeste sensíveis,  
E de paixões invencíveis  
Nos entregas ao furor?

Ah! Perdoa, eu me confundo;  
Tu queres nossa ventura;  
Tu prescreveste à ternura  
Laço de virtude, e amor.

Leis tiranas atropelam  
Tuas santas leis augustas;  
Formalidades injustas  
Nos regem a seu sabor.

Ambição, vil interesse,  
Caprichos, preocupações  
Escravizam corações  
Que nasceram para amor.  
Sem união de vontades  
Eterna união persiste;  
E, onde amor não existe,  
Manda a lei, serve o temor!

Tirse, ó Tirse! Por que tremes?  
Decidida é nossa sorte;  
Desatar só pode a morte  
Os laços do nosso amor.

Mão cruel, mão vigorosa  
Te separa de meus braços;  
Mas não quebra nossos laços,  
Mas não vence nosso amor.

Embora à nossa união  
Se oponha bruta avareza;  
É mais forte a natureza,  
É mais poderoso o amor.



SONETO.

Que fará o meu bem, o meu amado,  
De tua terna amante dividido?  
Talvez vive em prazeres envolvido,  
Ou exp'rimenta ao meu igual cuidado?

Da minha pura fé vive lembrado,  
Ou ter-se-á de mim já esquecido?  
Justo céu! Não consintas que cumprido  
Eu veja tão cruel, tão duro fado!

Eu por ele só vivo, só me alento  
Do seu amor, da sua fé constante;  
Seja mútuo o prazer, mútuo o tormento.

Eu padeço, e suspiro a cada instante:  
Se o animar diverso sentimento,  
As leis não calcará de um firme amante?



NOITE.

Io vorrei la mia vita eternamente  
Trarre in aperto, e sempre in notte amica,  
Se ogni ora a ghi occhi miei fosse lucente  
Cinzia pudica.

*(Pepoli la luna).*

Derrama já, ó Phebe,  
Teu úmido esplendor;  
Propicia ao meu amor  
Os cultos meus recebe.  
Ó tu, que agora imperas  
O giro das esferas,  
Nua te mostra, e bela, como um dia  
O teu pastor em Latmo te via.

Dissipe o opaco horror  
O rosto teu sublime;  
Ó como amor exprime  
Teu plácido fulgor!  
Não já do louro nume  
Imploro o sacro lume;  
A ti, Délia gentil, bela irmã sua,  
O teu auspicio busco, ó grata lua!

Se amante foste um dia,  
Se em vivo fogo ardeste,  
Se à terra já desceste  
Por ver quem te prendia;  
Os votos meus atende,  
Amor também me acende;  
Incêndio mais voraz meu peito inflama,  
É mais viva que a tua a minha chama.

O idalio, ó cego nume,  
Na chaga que goteja  
Solícito volteja,  
Da selta o férreo gume,  
Ausente, triste choro  
Um doce bem que adoro!  
Amor não se entenece de meus ais;  
Seus golpes cada vez me ferem mais!

Recebe, ó Délia pura,  
Meus cândidos suspiros,  
Que a ti em brandos giros  
Conduz minha ternura;  
São puros como os teus,  
Os ternos votos meus;  
Merece o meu pastor minha paixão,  
Nem mais grato te fora Endimião.

Em quanto a ti d'em torno  
Celeste hierarquia,  
De estrelas à porfia  
Te of'rece grato adorno;  
Lá, nesse assento etéreo,  
De teu sublime império,  
Meu estro reger, o estro meu escusa,  
Que terna te consagra minha musa.



#### SONETO.

Tirse, teus lindos olhos feiticeiros,  
Teu olhar meigo, o teu terno sorriso,  
Teus dotes juvenis, teu claro juízo,  
Tantos, tantos encantos lisonjeiros;

Se a estes predicados verdadeiros  
Unes um'alma pura, um peito liso;  
Se é constante a paixão, que em ti diviso,  
Se teus votos não são votos ligeiros:

Se és amante fiel, quanto és amável,  
Se sentes quanto expressas, quanto juras,  
E esse extremo de amor é perdurável...

Se estas frases tão doces são seguras...  
Ah Tirse! Meu receio é desculpável;  
São para um só mortal muitas venturas!



MOTE.

*Instantes afortunados.*

GLOSA.

Amor me manda pintar  
De viva cor animados,  
Entre momentos de dor  
*Instantes afortunados.*

Doces, supremos instantes  
Dest'alma tão desejados,  
De tornar, meu bem, a ver-te  
*Instantes afortunados!*

É suave ao navegante  
Ver os lares desejados;  
Mas inda há mais do que estes  
*Instantes afortunados.*

Ver e beijar o seu bem,  
Estremecer abraçados,  
Estes, mortais, estes são  
*Instantes afortunados.*

Mutuamente suspirar,  
Repetir votos jurados,  
Quem não provou, não conhece  
*Instantes afortunados.*

Só aos amantes ditosos  
Em firmes laços ligados  
Amor escasso franqueia  
*Instantes afortunados.*

Mas como amor é tirano!  
Mil dias amargurados  
Dá em troco desses poucos  
*Instantes afortunados!*



MOTE.

*Vivo sem: mas como vivo?  
Sem ti, sem os teus agrados,  
Os meus dias venturosos  
Se tornaram desgraçados.*

GLOSA PELA EVASIVA.

Musa, minha musa amada,  
Onde te ocultas de mim?  
Por que foges, porque assim?  
Me deixas abandonada?  
Torna a mim, ó musa alada;  
Vem, ateia o fogo ativo  
Do meu estro; alto motivo  
Me obriga a chamar-te agora,  
E sem ti viver um' hora...  
*Vivo sem: mas como vivo?*

Tu só me fazes gozar  
Da natureza os encantos;  
Tu só melífluos cantos  
Me ensinas a modular;  
Se em belas cenas tornar  
Pude os montes escarpados,  
Se estes vales assombrados  
Pude ornar, tu me instruístes;  
Mas hoje que farei, triste,  
*Sem ti, sem os teus agrados?*

Tu a pintar me ensinavas  
Da aurora a face risonha,  
E a mesma noite medonha  
De mil encantos ornavas,  
Quando meu estro animavas  
Com teus favores mimosos  
De verdes loiros viçosos  
A leda fronte eu cingia,  
E de mil graças enchia  
*Os meus dias venturosos.*

Hoje, porém, da amargura  
Só vejo o triste semblante;  
Não me eleva o céu brilhante,  
Nem a bordada espessura!  
Correr vejo a fonte pura,  
Ouço os cantores alados,

Vejo os campos matizados...  
Oh céus! São-me indiferentes!  
Tanto os meus dias contentes  
*Se tornaram desgraçados.*



## CANTATA.

De atrás nuvens os céus turbados vejo;  
Escurece-se o ar, tudo ameaça  
    Meu saudoso desejo;  
Tudo meu gosto estorva e embaraça!  
Fuzilou o relâmpago fatal...  
As águas cairão para meu mal!  
    Já na baça atmosfera  
    Se dissolve o frio humor  
    Foge o triste agricultor  
        De terror,  
        E confusão.  
    Ai de mim! Já não espera  
    Meu saudoso e terno amor,  
    Ver o amado causador,  
        Desta dor.  
        Desta aflição.

Suspendei-vos, ó céus! Deixai piedosas  
Que a esta selva torne o meu pastor;  
    Consenti que as saudosas  
Tristes agitações de um terno amor,  
Um momento sequer, um só momento  
Sejam trocadas em contentamento.  
    Mas em vão meus tristes ais  
    Dão ao ar ternos clamores  
    Bravos ventos rugidores  
        Vejo as flores  
        Destroçar.  
    Já de líquidos cristais  
    Vejo rios bramidores,  
    E os meus únicos amores  
    Seus rigores contrastar.



AIS.

*Amor, ai, basta amor,  
Não me atormentes mais;  
Vê como está meu peito;  
Comovam-te meus ais.*

Almas enamoradas  
Que aflitas suspirais,  
Acompanhai um pouco  
Os meus cansados ais.

*Amor, ai, basta amor,<sup>93</sup>  
Não me atormentes mais;  
Vê como está meu peito;  
Comovam-te meus ais.*

Se amor vos tem ferido  
Co'os ferros seus mortais,  
Ouvi compadecidas  
Meus abrasados ais.

*Amor, ai, basta amor,  
Não me atormentes mais;  
Vê como está meu peito;  
Comovam-te meus ais.*

Por seus cruentos golpes  
Sentimos parciais;  
Uni às vossas queixas  
Meus tristes roucos ais.

*Amor, ai, basta amor,  
Não me atormentes mais;  
Vê como está meu peito;  
Comovam-te meus ais.*

Amor cruel, suspende  
Os tiros teus mortais,  
A compaixão te movam  
Os meus aflitos ais.

*Amor, ai, basta amor,  
Não me atormentes mais;  
Vê como está meu peito;  
Comovam-te meus ais.*

---

<sup>93</sup> No original, em todas as estrofes aparece o mote abreviado: *Amor, ai, basta amor, etc.*

Já basta de rigores,  
Amor cruel, não mais;  
Esmorecer me sento  
À força de dar ais.

*Amor, ai, basta amor,  
Não me atormentes mais;  
Vê como está meu peito;  
Comovam-te meus ais.*

Amor, tu não me atendes?  
De mim fugindo vais?  
Almas enamoradas,  
Ouvi meus tristes ais.

*Amor, ai, basta amor,  
Não me atormentes mais;  
Vê como está meu peito;  
Comovam-te meus ais.*



#### QUADRAS<sup>94</sup>.

Fulgente estrela influiu  
No instante em que tive o ser<sup>95</sup>;  
Apolo e o coro Aôneo  
Presidiam meu nascer.

Na mais tenra puerícia  
Com as musas me entretinha;  
Muitas vezes de meus brincos  
Erato apartar-me vinha.

Em pequena ebúrnea lira  
Débeis dedos ensaiando,  
Paixões, que não conhecia,  
Inocente ia cantando.

Minha propensão foi crime  
Aos olhos que me observavam,  
E para dela apartar-me  
Ler poesias me vedavam.

---

<sup>94</sup> Quadras repetidas em Parnaso Brasileiro, p. 32.

<sup>95</sup> Em Parnaso, “No instante de meu ser,”

Velho, e novo Testamento<sup>96</sup>  
Me faziam estudar,  
E o tremendo *Flos-Sanctorum*  
Cheguei quase<sup>97</sup> a decorar!

Eu soube os milagres todos  
Dos heróis da santidade;  
Revelações, penitências,  
Martírios da antigüidade.

Em tanto, Camões, Bernardes  
Que com cautela ocultava<sup>98</sup>,  
Nas horas do meu repouso  
Solitária<sup>99</sup> meditava.

Adoçou-se o cativoiro,  
Obtive enfim liberdade<sup>100</sup>;  
Estendeu meu gênio as asas  
Nos anos da puberdade.

Alçou-se então contra mim  
Da inveja a língua ferina;  
Meu estro foi reputado  
Por fruto de ímpia doutrina.

Nunca frívola vaidade  
Em meus versos influiu<sup>101</sup>,  
Nem torpe maledicência  
Da minha pena saiu<sup>102</sup>.

À face do universo  
Admirando<sup>103</sup> a natureza,  
Um ente eterno<sup>104</sup> venero,  
Que a criou, e a embeleza.

Adoro um Deus infinito,<sup>105</sup>  
Poderoso, eterno, imenso,  
E não posso acreditar  
Que seja a paixões propenso.

---

<sup>96</sup> Em Parnaso, “Novo e Velho Testamento”.

<sup>97</sup> Em Parnaso, “mesmo”.

<sup>98</sup> Em Parnaso, “guardava”.

<sup>99</sup> Em Parnaso, “ansiosa”.

<sup>100</sup> Em Parnaso, “mais liberdades”.

<sup>101</sup> Em Parnaso, “influía”.

<sup>102</sup> Em Parnaso, “saía”.

<sup>103</sup> Em Parnaso, “administrando”.

<sup>104</sup> Em Parnaso, “Ente Eterno”.

<sup>105</sup> Aqui, esta é a 12ª. Estrofe; em Parnaso, a 13ª.

Sua lei Ele me há dado,<sup>106</sup>  
Dentro de minh'alma a tenho,  
Amando-o em meus semelhantes,  
Meus deveres desempenho.

Os mesmos dez mandamentos<sup>107</sup>  
Em dois só são encerrados,  
Amando a Deus e ao próximo  
São fielmente guardados.

Este princípio em minh'alma<sup>108</sup>  
Jamais apagar puderam,  
As razões aparatosas  
Daqueles que o combateram.

A jejuns, a disciplinas,<sup>109</sup>  
Oh! Não posso acomodar-me;  
Deu-me Deus saúde e força,  
Assim devo conservar-me.

É ir contra os seus preceitos<sup>110</sup>  
Suas obras alterar;  
Pra outros fins certamente  
Ele me quis animar.

Se só pão e água, da fonte<sup>111</sup>  
Devem ser meu alimento,  
Se de cardos e cebolas  
Que me nutra é seu intento;

Logo por ociosidade  
Criou tantos amimais,  
Tantos frutos esquisitos,  
Tantas vinhas, e olivais!

Por que nos deu os sentidos,  
Se nos é o uso vedado?  
Pode acaso um Deus benigno  
Ter-nos esse laço armado?

---

<sup>106</sup> Aqui, esta é a 13ª estrofe, em Parnaso, a 14ª. Lá, “Suas Leis Ele me há dado”.

<sup>107</sup> Esta estrofe não consta em Parnaso.

<sup>108</sup> Aqui, esta é a 15ª estrofe, em Parnaso, é a 12ª estrofe.

<sup>109</sup> Aqui, 16ª., em Parnaso, 15ª. Estrofe.

<sup>110</sup> Aqui, 17ª., em Parnaso, 16ª. Estrofe.

<sup>111</sup> Em Parnaso, é a 17ª. Estrofe e aparece bastante modificada: “Se só cardos e cebolas/Deve ser o meu sustento,/Se de pão e água da fonte/Que me nutra é seu intento:”

Acaso os bens que criou  
São para os irracionais?  
Esses limitam-se a um ponto;  
Nós somos universais.

Só o ente que discorre  
É capaz de seus louvores,  
E, se aos brutos é igual<sup>112</sup>:  
Para quem fez Deus as flores?

Os brutos não apreciam  
Delícias da vista e olfato;  
Colher, cheirar uma flor  
Eu nunca vi cão, nem gato.

Meu Deus! Meu Pai! Eu sou grata  
De teus dons<sup>113</sup> conheço o prezo;  
Sei que o ente que ilustraste  
Não merece o teu desprezo.

Podem sim minhas paixões  
Do teu preceito apartar-me;<sup>114</sup>  
Porém dentro de minh'alma  
Tua voz sinto chamar-me.

Adorar-te, ser sensível,  
Partir co'o pobre o meu pão,  
Confessar os benefícios,  
Teus preceitos estes são<sup>115</sup>.

Nesta base estão formadas  
Minha crença, minha fé;  
No livro da natureza  
Tuas leis minh'alma lê.



---

<sup>112</sup> Em Parnaso: “E se aos brutos o igualamos.”

<sup>113</sup> EM Parnaso, “bens”.

<sup>114</sup> Em Parnaso, “Da tua lei apartar-me”.

<sup>115</sup> Em Parnaso, “Estes teus preceitos são.”

A ROLA E O PASSAGEIRO.  
(Traduzido do francês o mais resumido).

PASSAGEIRO.

Que fazes neste retiro  
Triste rola descontente?

ROLA.

Choro a perda desgraçada  
De um amor puro e inocente.

PASSAGEIRO.

Não temes perder a vida  
Ao tiro do caçador?

ROLA.

Se não for sua impiedade  
Será minha mesma dor.

PASSAGEIRO.

Por que soltas, rola,  
Tão triste clamor?

ROLA.

A perda lamento  
Do meu doce amor.

PASSAGEIRO.

Não temes te mate  
Feroz caçador?

ROLA.

Se não for seu retiro  
Será minha dor.

PASSAGEIRO.

Que choras? rola  
Com tanta dor?

ROLA.

Lamento a perda  
Do meu amor.

PASSAGEIRO.

Não temes a arma  
Do caçador?

ROLA.

Matar-me-á antes  
A minha dor.

SONETO.

Vinte vezes a esfera tem doirado,  
Do loiro Phebo o facho luminoso  
E outras tantas o manto tenebroso  
A noite sobre a terra desdobrado;

Tantas mil, caro bem, dilacerado  
Meu terno coração triste e saudoso,  
O tempo chora, o tempo precioso,  
Que ditosa passei junto a teu lado!

Dias de glória, dias de ternura!  
Fiados de ouro, por amor tecidos,  
Bafejados das graças e ventura!

Ah! Recordem-te amores meus queridos  
Desses dias a mágica doçura,  
E torna a consolar os meus gemidos!



MOTE.

SEGUNDA VEZ.

*Vivo, sem! Mas como vivo?  
Sem ti, sem os teus agrados,  
Os meus dias venturosos,  
Se tornaram desgraçados.*

GLOSA.

Penas, cuidados, tormentos,  
Combatem meu coração;  
Só vivo para a aflição,  
Bebo a morte a tragos lentos.  
Só existe aos sentimentos,  
Em meu peito o sensitivo,  
E neste mal excessivo,  
Entre morrer, e viver,  
Sem viver, e sem morrer  
*Vivo, sem! Mas como vivo?*  
De uma existência penosa

O fraco alento respiro;  
Choro, padeço, suspiro,  
Aflita, triste e saudosa.  
Nesta ausência rigorosa  
Agitada de cuidados,  
Os sentidos desmaiados  
Já me deixam vacilante,  
Assim passo delirante  
*Sem ti, sem os teus agrados.*

Torna, meu bem, aos meus braços,  
Torna, vem, não tardes mais,  
Que tenho de tantos ais  
O coração em pedaços.  
Momentos doces e escassos,  
Caros momentos ditosos,  
Que em meus braços carinhosos  
Suspirando te apertava!  
Que amiga sorte dourava  
*Os meus dias venturosos.*

Fugiram, ó céus! Fugiram  
Co'a minha felicidade!  
A pena, a dor, a saudade,  
Seu lugar substituíram!  
Só em torno de mim giram  
Aflições, ânsias, cuidados.  
Aqueles dias doirados  
Que teus mimos possuí,  
Depois que fiquei sem ti  
*Se tornaram desgraçados.*



LIRA.

Tu que tens, meu coração  
Que te sinto palpitar?  
Sem alívio, descontente,  
Tristemente  
A suspirar.

Que receias, ou que temes,  
Que com tanto recear  
Te sujeita um desatino  
De contínuo  
A suspirar?

O teu bem vive constante,  
Por ti vive sem mudar,  
No prazer, ou na amargura  
De ternura  
A suspirar.

Tu duvidas, tu vacilas,  
Tu não podes sossegar!  
Ausente do bem amado,  
Desmaiado,  
A suspirar.

Ai de mim! Debalde intento  
Teus transportes moderar;  
Desgraçada! Em vão me canso,  
Sem descanso  
A suspirar.

Do teu doce bem privado  
Tu não podes suportar  
Os preceitos da impiedade,  
De saudade  
A suspirar.

Só pode um poder injusto  
Nossas vistas apartar;  
Mas verá um d'outro ausente  
Mutuamente  
A suspirar.



## O ANTRO DA TRISTEZA.

*Sólitudine amenes! Cubre gradite!  
(Trag. desóstres).*

Amada solidão!  
Doce recreio de minh'alma amante!  
Onde o meu coração  
Respira, e se dilata! O cintilante  
Ígneo fulgor teu centro não conhece;  
De cíntia a luz em ti não resplandece.

De opaca sombra escura  
Fatal decoro guardam-te as esferas  
E, com lúgubre adorno  
Na muda região tácita imperas!  
Aqui estende por guardar-te ileisa  
Majestoso dossel a natureza!

Dos homens ignorada,  
E até aos mesmos brutos formidável  
És somente habitada  
Do negro horror, e do eco lamentável,  
Que espalha em sinuosa cavidade  
O mísero cantor da escuridade!

Quanto horror acrescenta  
Nesta, da noite, horrífica morada  
A bulha surda, e lenta  
Daquela água profunda, e demorada!  
O paludoso lago, que a recebe  
Bem que a veja chegar não o percebe.

De anfíbios asquerosos  
Ruidoso som nos ares difundido  
Aos sopros vagarosos  
De sonolentos zéfiros unido,  
Forma surdo clamor, clamor de espanto,  
Que aos desgraçados desafia o pranto!

A medonha ara é esta  
Da hedionda tácita tristeza;  
Divindade funesta  
A quem dá culto a frágil natureza!  
Neste côncavo seio inacessível  
Encerra quanto tem de mais terrível!

Audaz, insano amor!  
Que a profanar te atreves o sagrado  
Deste templo da dor!  
Tu só obrigas o mortal ousado  
A penetrar os antros formidáveis  
Que escondem estas sombras respeitáveis.

Tu, cruel, só me guias  
Aos braços da mais negra desventura!  
Tu enches os meus dias  
De tristeza, de dor e de amargura.  
Sem ti, sem teu rigor, sem teus enganos  
Correriam doirados os meus anos!  
Mísera condição!  
Deplorável fraqueza! é pois possível  
Meu triste coração,  
Que gemes infeliz porque és sensível?  
Se puderas de amor fugir aos tiros  
Não conheceras prantos nem suspiros.

Mas, ó sensib'idade!  
Tu és o meu tesouro! Venha embora  
Cruel adversidade  
Roubar-me tudo o que minh'alma adora  
Na dor de tanta perda em ti me resta  
Doce consolação, bem que funesta.

Aflito coração!  
Assaz aos males teus tens resistido!  
De indômita paixão  
Muito às ânsias, e à dor tens sucumbido!  
É tempo enfim, que exales teu tormento  
Em suspiros e ais de cento a cento!

Pesares que alimento,  
Assíduas aflições, negra agonia,  
Dos males o aumento  
Em receio cruel, suspeita ímpia,  
Meu terno coração ferem, abrasam,  
Meus olhos em contínuo pranto arrasam.

Mas que? Tu desfaleces  
Ó fraco coração! Valor não sentes  
Nos males que padeces?  
Numa vaga suspeita te desmentes:  
Dos votos de constância que fizeste?  
Dos protestos, da fé que recebeste?

Ah! Venham mais tormentos!  
De firmeza meu peito tenho armado;  
E a par dos sentimentos  
De lacerante dor, e do ímpio fado,  
Será minha constância inabalável,  
Como é minha saudade inconsolável.

Ó solidão sagrada!  
Funesto asilo do amor mais terno,  
De uma amante agitada  
Os ais esconde em teu silêncio eterno!  
Ó numes, deste templo habitadores  
Ocultai meus suspiros, minhas dores.



#### SONETO.

Loiro nume, eu te cedo o dom funesto:  
Recolhe os teus tesouros preciosos,  
Torna meus negros dias mais ditosos,  
E retoma estes dotes que detesto.

Contra a lira fatal ódio protesto,  
Fujo do Pindo aos ecos sonoros,  
E em despojo dos loiros meus viçosos  
Em terra lanço o desgraçado resto.

Ficai em paz, ó ninfas de Hyppocrene:  
De Castália não turbe a linfa pura,  
Meu pesar seu candor não envenene.

Já que me ordena a minha desventura,  
Nos vivos raios dessa luz perene,  
Ódios, perseguições, dor e amargura!



## SONETO.

Dos meigos olhos teus na azul esfera,  
Como de etéreos globos rutilantes,  
Partem, ó Tirse, raios cintilantes,  
Que est'alma abrasam, onde amor impera.

Prisões, doces prisões, que amor tecera  
De teus áureos cabelos ondeantes,  
A nívea fronte, as faces rose jantes,  
Onde os extintos fachos acendera.

A frase pura, o juízo delicado,  
Graças gentis, encantos sedutores,  
Suave acento, canto modulado.

Franqueou-te natura mil favores,  
Que te fazem, ó Tirse afortunado,  
Glória de Lília, e mimo dos amores.



## HINO À MANHÃ.

Já rompe a aurora  
Co'os dedos rosados,  
Os cimos doirados  
Do longo oriente;  
Já raio fulgente,  
Alegra a campina,  
E a luz matutina  
Convida a saudar.

*Minha lira amada,  
Saudemos o dia;  
Minha voz tu guia  
Com doce harpejo.*

Nas plantas e flores,  
Os sutis vapores  
Em exalações;  
E doces canções  
De aligero bando  
Eu ouço trinando  
O dia saudar.

*Minha lira amada,  
Saudemos o dia;  
Minha voz tu guia  
Com doce harpejo.*

Gentil sociedade  
De insetos volantes,  
Em nuvens errantes  
Nos ares se perde;  
Um de ouro e verde  
Vaidoso se veste,  
E da cor celeste  
Vejo outro brilhar.

*Minha lira amada,  
Saudemos o dia;  
Minha voz tu guia  
Com doce harpejo.*

Só meu bem não vejo,  
Onde está meu bem?  
Ah! Por que não vem  
Comigo cantar?  
Vem , Tirse, ajuntar  
Teus hinos aos meus,  
E as graças de um Deus  
Unidos louvar.

*Minha lira amada,  
Saudemos o dia;  
Minha voz tu guia  
Com doce harpejo.*



NOITE.

Ó Noite, dos mortais consoladora,  
Por que tanto te apressas em deixar-me?  
    Amada protetora!  
Em tua escuridão deixa abismar-me!  
    O teu giro suspende;  
Não me deixes tão cedo, ó noite cara!  
Por que de tuas sombras me és avara?  
    Enquanto o mundo rende  
Cultos à luz do dia, eu só te adoro,  
Eu só por ti suspiro, gemo e choro!

Recebe os cultos meus, Noite benigna,  
Em teu seio os recebe compassiva,  
    Antes que a luz maligna  
A separar-nos venha intempestiva.  
    Sofre pois que eu lamente  
Minha cruel saudade, minha mágoa,  
Que meus olhos derramem rios de água;  
    Que o dia não consente  
De uma alma aflita o desafogo justo,  
E de contínuo ao pranto afoga o susto.

Com teu favor, com teu sereno auspício  
Entre ferros descansa o prisioneiro,  
    E co'um sonho propício  
Engana seu tormento verdadeiro.  
    A frágil natureza  
Agitada do peso que a fadiga,  
Em ti acha repouso, em ti se abriga;  
    Tu, da humana fraqueza  
És o conforto, o bálsamo saudável;  
Tu lhe acalmas as penas, Noite amável!

Mas descansar minh'alma não deseja  
Em tuas sombras gratas; em meus lares  
    Há muito não adeja  
Compassivo Morfeu, de meus pesares  
    Em ti, só solícita  
Minha dor desafogo: a liberdade  
De sentir os tormentos da saudade:  
    Minha pena infinita  
Dilatar: de meus males entreter-me  
De gemer, e chorar satisfazer-me!

Consolação não busco a meu tormento  
A meu peito é suave suportá-lo;  
    Mas peço-te um momento

De podê-lo sentir sem publicá-lo  
Tu, ó Noite, me presta  
Este momento, aos rogos meus propicia;  
Não desejo em meu mal outra delícia,  
Que mais dita não resta  
A quem padece os golpes da saudade,  
Que gemer, e chorar em liberdade.

Vês, ó Nise, estes montes escarpados  
Da natureza rústica adornados,  
Sem ordem, sem alinhado, ou simetria,  
Crescendo a fantasia  
O alto cedro, a lúcida palmeira,  
A argentina rubrica aroeira:

Vês esse vale inculto, onde serpeja  
O regato, que límpido volteja  
Precipitado do alto de um rochedo,  
Com murmúrio ledado,  
E, ora em giro brincando, ora em remanso  
Nutre o loiro socó, o enorme ganso?

Vês essa rocha agreste, coroada  
De pontuada piteira, e enastrada  
De verde mar'cujás, de giesta brava,  
E cuja base lava  
Esse ribeiro puro, e preguiçoso,  
<<Que parece não corre de saudoso?>>

Vês essa selva escura, onde não entra  
Do dia a luz, e nela se concentra  
Envolta em pranto, e em negra escuridade  
A mísera saudade;  
Vê, ó Nise, dos tristes a ventura,  
Um amor infeliz ermos procura.

Vê o asilo fiel de um'alma amante,  
Que ferida do golpe penetrante  
De ver-se dividida de quem ama,  
Aqui suspira, e clama  
Os montes, as florestas, os rochedos  
Testemunhas são só de seus segredos.

Vê os tristes prazeres, que saudoso  
Busca o meu coração sempre ansioso!  
A cada planta o meu tormento explico,  
E logo muda fico  
Nestes montes desertos, nestes vales  
Contemplando na causa dos meus males.

Ao doce murmúrio destas águas  
Ora canto, ora choro minhas mágoas;  
Extremos de um amor constante e fino  
    Suspiro de contino;  
Estes antros repetem minhas vozes,  
Meu tormentos cruéis, ânsias atrozes.

E quando ao declinar do claro dia  
Estende o manto seu a noite fria,  
Ao saudoso gorjeio destas aves,  
    Melífluas e suaves,  
Ajunto os meus gemidos, os meus ais,  
Da minha justa dor ternos sinais.

Se insensível não és, Nise querida,  
Se a tua alma se abala enternecida  
Ao clamoroso som de meus lamentos,  
    A meus cruéis tormentos,  
Em teu seio recebe, nele abriga  
Os gemidos da triste, e terna amiga.



#### ANACREÔNTICA.

Num vergel florido  
Aglaia dormia,  
E laços traidores  
Amor lhe tecia.

As irmãs lhe quebram  
A dura prisão,  
Busca Aglaia o ímpio  
Co'um dardo na mão.

As irmãs lhe quebram<sup>116</sup>  
A dura prisão,  
Busca Aglaia o ímpio  
Co'um dardo na mão.

Humilde o encontra,  
Esquece a vingança,  
E diz suspirando:  
Ainda é criança.



---

<sup>116</sup> Esta estrofe aparece repetida. Supõe-se seja erro tipográfico.

## LIRA.

Em gruta sombria  
Que um bosque cercava,  
Cupido entre as mãos  
Seu rosto ocultava.

Lília compassiva,  
Ainda que isenta,  
Indaga o motivo  
Que amor atormenta.

Parece agravar-se  
Sua dor sobeja,  
E a simples pastora  
O afaga, o beija.

Mas logo o travesso  
Vibrando o farpão,  
Traspassa de um golpe  
O seu coração.

E diz, já voando,  
<<O tiro logrei;  
Suspira, tirana,  
Vinguei-me, triunfei.



## A UMA AMIGA AUSENTE.

Eulália, caro objeto  
Do afeto meu veemente,  
Por quem suspiro ausente  
De amor e de saudade;  
Caprichos do destino  
De ti me separaram;  
Mas laços não quebraram  
De fervida amizade.

A doce simpatia,  
Que nossas almas liga,  
Triunfa, doce amiga,  
Da ausência longa e dura.  
Viva reminiscência  
Com doce e brando efeito  
Desperta no meu peito  
Imagens de ventura.

Fiel me pinta a idéia  
Teus negros olhos belos,  
Teus lúcidos cabelos,  
Teus lábios de carmim.  
Do rosto teu sisudo  
A placidez severa,  
Aonde reverbera  
A alma de um serafim.

Essa alma, onde se abriga  
Virtude tão sublime,  
Que tanta fé exprime,  
Tanta ternura inspira!  
Tu, sábia sem orgulho,  
Tu, bela sem vaidade!  
Eflúvios de bondade  
Teu gênio só respira.

Na pena, ou no prazer  
Prudente, moderada,  
E sempre dedicada  
Ao bem, e à piedade.  
Eulália, és um tesouro  
Da provida natura;  
És como os anjos pura,  
Primor da divindade.

Inda infantinas graças  
Teu lindo rosto ornavam,  
Já nele ressumbravam  
Reflexos do saber;  
Calada, pensativa,  
Às vezes meditavas:  
Criança, que pensavas  
No simples teu viver?

Nas horas que ao trabalho  
Seguia-se o repouso,  
Com gênio estudioso  
Aos livros te entregavas.  
Alegres passatempos,  
Próprios da adolescência  
Só por condescendência  
Paciente suportavas.

E não se achava em ti  
Triste misantropia;  
De plácida alegria  
Gozavas o prazer;  
Nos braços d'amizade  
Teus dotes se expandiam,  
E delas refletiam  
As graças e o saber.

Que dias preciosos  
Passei junto de ti!  
Como o prazer fruí  
De amar, e de existir!  
A fonte murmurando,  
Na margem olorosa,  
No campo a flor mimosa,  
As aves a carpir.

Prendiam nossos passos,  
Nossa atenção prendiam,  
E gratos nos sorriam  
Prazeres mil a mil;  
Fugiu veloz o tempo,  
Mudou-se o nosso estado,  
Cobriu nimbo pesado  
O nosso céu de anil!

Fortuna sempre escassa  
Ao mérito subido  
Tem bárbara influído  
Na sorte tua imiga;  
Perdeste tudo, Eulália,

No pai que te adorava,  
E teu desgosto agrava  
A ausência de uma amiga!

Os laços desdenhaste  
De amor e de himeneu:  
Quem sabe se perdeu  
A Pátria em teu projeto?  
Se em meio a uma família  
Por teus ditames pura,  
Não viras da ventura  
Brilhar o meigo aspecto?

Mas não; que ao menor choque,  
À sombra de um desprezo,  
Teu coração surpreso  
Perdera alentos seus.  
Homem que apreciasse  
Teu mérito sob'rano,  
Seria mais que humano,  
Seria quase um Deus.

Espera, doce Eulália;  
Talvez se apresse agora  
A doce feliz hora  
Do terno voto meu  
A Deus manda teus ais  
Na dor que te quebranta,  
Que aos rogos de uma santa  
Nunca foi surdo o céu.



## SONETO

DO SR. FRANCISCO INOCÊNCIO FERREIRA NOBRE<sup>117</sup>  
EM LOUVOR DA INSIGNE CANTORA BRASILEIRA  
A SRA. D. ENRIQUETA CAROLINA DOS SANTOS,  
GLOSADO PELA AUTORA, E OFERECIDO À MESMA SRA.

Que o primeiro sorrir da nívea aurora  
És mais pura, mais leda, mais formosa;  
Mais bela, mais gentil, mais graciosa  
Que por entre rosais a linda Flora.

Que o gorjeio do cisne é mais canora  
A tua meiga voz harmoniosa;  
É qual dos serafins canção mimosa,  
Mais que divina é tua voz sonora!

Se o canto soltas, cheio de ternura,  
Com grato ouvido extasiado abranjo  
Tudo o que o gênio de mais belo apura.

Tu és da melodia o meigo arcanjo;  
Tu és dos numes divinal feitura;  
Mortal não podes ser – tu és um anjo!



## GLOSAS AO SONETO.

I.

A inocência, a beleza, a simpatia,  
Que em teu rosto formoso se admira,  
De tua voz a angélica harmonia  
Que transportes tão vívidos inspira  
Movem em quem teu mérito avalia  
Assomos de adorar-te, e a tanto aspira,  
Notando a graça em ti mais sedutora,  
Que o primeiro sorrir da nívea aurora.

---

<sup>117</sup> Este soneto não é de Beatriz. Ele funciona como mote dos que o seguem, estes sim, da poetisa.

## II.

Não é tão belo na manhã serena  
Ver o róseo botão desabrochar-se;  
Não é tão belo na campina amena  
Ver a relva de flores marchetar-se!  
Do mar, da terra á encantadora cena  
Não pode quem te vê, arrebatarse,  
Pois dessa perspectiva majestosa  
És mais pura, mais leda, és mais formosa!

## III.

Tens nos olhos o amor, e no semblante  
De graças e atrativos um tesouro;  
De teu estilo raro, e voz brilhante,  
Pode inveja sentir o delio coro!  
Da coroa de Orfeu altissonante  
Fez-te rico presente o númen louro;  
Este dote te faz, virgem mimosa,  
Mais bela, mais gentil, mais graciosa.

## IV.

Admirando a beleza do teu canto,  
O coração mais duro se entenece,  
E, se exprimes da dor o terno pranto,  
À inflexão da tua voz, geme, padece!  
Difundem sons mais vivos novo encanto;  
A razão se desperta, a dor esquece:  
És então mais sublime e encantadora,  
Que por entre rosaes a linda Flora!

## V.

Pode de teus acentos a harmonia  
As portas ampliar do triste averno;  
Podes abrir do orco a tetra via,  
E roubar sombras ao tormento eterno!  
De novo o deus tremendo sentiria  
Arrebatarse a um sentimento terno;  
Pois tua linda voz, quando deplora,  
Que o gorjeio do cisne é mais canora!

VI.

Dependendo tesouros de harmonia  
Da tua voz o mágico volume,  
Quando em clausulas fortes anuncia  
Contraste de paixões ardendo em lume...  
Arqueja o peito, a mente desvaria;  
Já não sei se és mulher, se fada, ou nume!  
Vendo quanto se eleva majestosa  
A tua maga voz harmoniosa!

VII.

Em rápida volata aos céus erguida  
Parece que nos foges, e trememos...  
Logo em vago delírio, enternecida,  
Corres por semitons os dois extremos!  
Glória ao teu nome; glória merecida;  
Dotou-te o justo céu de dons supremos;  
Pois tua voz sublime e deleitosa,  
É qual dos serafins canção mimosa.

VIII.

Esse grego sisudo e cauteloso,  
A quem erguera a Grécia aplausos mil,  
Das sereias ao canto perigoso  
Com astúcia sagaz fugiu sutil;  
Mas não fugira já, se descuidoso  
Te escutara, ó Serene do Brasil;  
Pois vira que mais doce, mais canora,  
Mais que divina é tua voz sonora!

IX.

Usar de stratagem, que valera  
A quem teus doces trinos escutasse?  
Dos clarins o clangor se esvaecera,  
E o mágico concento onde chegasse,  
Não já cera; mas bronze derreteria,  
Como em grisól ardente o ouro desfaz-se;  
Pois derramas torrentes de doçura,  
Se o canto soltas cheio de ternura.

X

O mármore se ergueu ao som da lira,  
Robres e cedros se descarregaram!  
Monstros do mar, ao músico que expira,  
Prestam dorsos robustos que o salvaram.

Mas às delícias, que teu canto inspira,  
Todas as maravilhas se eclipsaram;  
Em teu acentos, atributos de anjo,  
Com o grato ouvido extasiado abranjo.

XI.

Hipérbole não há, louvor não vejo  
Que iguale de teu mérito à valia;  
Colocar-te em um trono só desejo;  
Mas um trono de amor e simpatia,  
Onde d'harpa celeste ao doce harpejo  
Unindo teu canto a melodia,  
Difundisse em dilúvios de ternura  
Tudo o que o gênio de mais belo apura.

XII.

Tantos dotes te adornaram, tanta graça,  
Que vacila a razão em contemplá-los;  
Fraco fora o conceito, a voz escassa  
Se a empresa tentasse louvá-los.  
Tudo o que a etérea região abraça  
Imploro em meu favor para admirá-los:  
Ente predestinado, tu és anjo,  
Tu és melodia o meigo arcanjo!

XIII.

Honra da Pátria, que nascer te vira,  
De teus concidadãos orgulho e glória;  
A admiração que em torno de ti gira  
Te exalta ao templo de imortal memória!  
O entusiasmo, os êxtases que inspira,  
Teu talento, seguram-te a vitória;  
Vieste ao mundo para dar ventura,  
Tu és dos numes divinal feitura.

XIV.

Salve, deusa do canto, e da harmonia,  
Que os sublimes mistérios profundaste  
Das regras, da cadência, da eufonia  
Dess'arte divinal em que primaste!  
Admiram-te todos à porfia,  
Mil suaves afetos me inspiraste,  
E contemplando-te, esta idéia abranjo,  
Mortal não podes ser, tu és um anjo!

## NOITE.

A noite se avizinha  
Com grave, tardo passo;  
O vasto longo espaço  
Co'o negro manto cobre;  
De todo lá se encobre  
O verde da espessura;  
Envolto em sombra escura  
    De todo se condensa o ar nublado;  
    É todo negro o campo sossegado!

Como verei agora  
Das rosas o matiz?  
Junquinhos e jasmims  
São todos de uma cor!  
Não se distingue a flor  
Da relva, e em negro manto  
Despidas já de encanto  
    A meus olhos escondem seus primores,  
    Talvez as calço aos pés, míseras flores!

Mimosas habitantes  
Da plácida campina,  
Não lamentais ruína,  
Não padeçais desmaios;  
Os matutinos raios  
Virão ao novo dia  
Tornar-vos a alegria,  
    Levantareis os úmidos cabeços,  
    Da fria noite, e de meus pés opressos.

Deixai que vos procure,  
Mimosas violetas,  
Fragrantes e seletas!  
Na triste noite escura  
Meu gosto vos procura;  
Não pode a sombra fusca  
Privar a quem vos busca  
    Do prazer de encontrar-vos, lindas flores!  
    São os perfumes vossos delatores.

Nevadas açucenas,  
Angélicas cheirosas  
À vista deleitosas,  
No aroma peregrinas;  
Dos vales e campinas  
O ornato sóis de dia,  
E a mesma noite fria

Vos dá a conhecer na sombra escura,  
Na fragrância vos vê quem vos procura.

Mas tu, muda saudade,  
Suspiro delirante,  
A vós é semelhante  
O terno amor perfeito,  
Que dentro do meu peito  
Oculta os seus agrados,  
Lá vivem encerrados,  
    Como em cruel, forçosa escuridade  
    O amor, o suspiro, e a saudade.



MISSIVA  
DO SR.  
JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA  
À AUTORA.

Por que a tua lira  
Sonora e maviosa,  
Outrora tão famosa  
Agora se calou?  
Ilustre poetisa,  
Foi pra ser escutado,  
Que o céu com dom sagrado  
Benigno te prendou.

Que há feito emudecer-te?  
Talvez a desventura,  
Ferrenha, má e dura,  
Que em sorte o gênio tem?  
Custa o martírio a palma:  
Um louro o sangue custa;  
Té a coroa augusta  
Espinhos mil contém.

Mas nunca, nunca a lira  
Fatal ao vate há sido  
Que dela enriquecido  
De tudo a zombar vem.  
Vença o guerreiro embora,  
E ganhe o verde louro,  
Ou mesmo um trono de ouro,  
Que inveja inda lhe tem.

O vate é sobre a terra  
Raio de luz eterna,  
Que brilha alma e superna  
Na frente do Senhor.  
Profeta anunciou-o,  
E nos cantos de glória  
Alçou sua vitória,  
Chorou a sua dor.

Se ele ao céu se eleva  
De luz lá se coroa,  
E ao divo trono voa,  
Que é sua emanção.  
Sua Pátria é o infinito  
Sua vida a eternidade,  
Amor, Deus, liberdade  
A sua inspiração.

Rei pelo pensamento,  
Em inspirações imerso,  
Domina o universo,  
Sua lira é seu poder.  
Porém se a lira abate,  
Se infame vende o canto,  
Então cheio de espanto  
Seu estro vê morrer.

Assim a flor mimosa,  
Tão cheia de frescura,  
Se ousada mão impura  
Lhe as pétalas tocou,  
O vivo esmalte perde,  
E perde o seu perfume,  
E toda se resume  
Na terra que a gerou.

Ah! Quando a luz sublime,  
Egrégia, refulgente,  
Borbulha resplendente  
Na frente da mulher;  
Então se curva o vate,  
E a lira não pulsada,  
E a voz enclausurada,  
Ouvir um anjo quer.

Assim Judith prostrada  
Vê a seus pés a terra,  
Quando depois da guerra  
A voz ergue ao senhor;  
Canta o heróico esforço,  
Proclama a gran vitória,  
Celebra a própria glória  
Seu hino é seu louvor.

Ah! Que eu emudecera  
Somente pra escutar-te,  
E assaz admirar-te,  
Sem, que era meu dever.  
Mas tu?...Oh! Essa lira  
Tão bela, quão sonora,  
Ah! Pulsa-nos agora,  
Ah! Faze-a reviver.

Feliz por escutar-te,  
O vate transportado,  
De gozo tão sagrado.  
Ah! Mais feliz será,  
Que após o triste canto

De peito enrouquecido,  
Não nobre, não erguido  
O teu canto ouvirá.

Na frente a luz brilhante,  
De glória o trilho aberto,  
O teu triunfo certo,  
A lira é teu troféu.  
E então em teus delírios,  
Ah! Voa a imensidade,  
E canta a eternidade  
Que a terra escuta o céu!



#### RESPOSTA DA AUTORA.

Não se calou a lira,  
Antes com fiel memória  
Cantou da Pátria a glória,  
Os males seus chorou.  
No cimo da montanha,  
Na densa selva escura,  
Gemidos de amargura  
Misérrima soltou.

Fraterno sangue esparso  
Nos campos do terror,  
Horríssono fragor  
De truculenta guerra;  
Imagens furibundas,  
De estrago, sangue e morte,  
Em rabido transporte  
Estremecendo a terra...

Oh! Como ao som funesto  
De tubas e canhões,  
Trinar doces canções  
A lira poderia?  
As cordas estalaram,  
No peito a voz morreu;  
E pálida pendeu  
A mão trêmula e fria!

Meu coração ferido,  
Convulso, soluçante,  
Na dor agonizante

Gemeu, carpiu, tremeu;  
Da Pátria desolada  
Os males me aterraram,  
E as fibras estiraram  
Do aflito peito meu.

E apenas o sulfúreo  
Vapor dissipa o vento,  
E o campo inda sangrento  
Se veste de verdura,  
Surge fatal contágio  
E bafos pestilentos  
Milhares de viventes  
Arroja à sepultura.  
E em meio de gemidos,  
De preces, de clamores  
Redobram-se os horrores,  
Perece a humanidade!  
Esposas desoladas,  
Parentes consternados,  
Órfãos desamparados...  
Deus! Que calamidade!

E tu, Pai sempiterno!  
As tuas criaturas,  
Verias em torturas  
Co'a morte em vão lutar;  
Sem que piedade suma  
Teu atributo imenso...  
Meu Deus! Como é propenso  
O estulto a blasfemar!

Quem pode compreender  
Altos mistérios teus?  
São só claros aos céus  
Os juízos do senhor.  
Ousei interrogar-te!  
Oh erro, oh ilusão!  
Não pode a criação  
Julgar o Criador.

Contempla, oh vate exímio,  
O quadro aterrador,  
Que em meio a tanto horror  
Minh'alma contristou.  
À tão funesta imagem  
Inda suspiro e gemo;  
Inda convulsa tremo,  
Inda ferida estou.

Mas teus acentos meigos  
Meu coração tocaram;  
E a lira despertaram  
Do sono em que jazia.  
Um astro novo doira  
Minha existência escura,  
Já penso na ventura  
Em sonhos de alegria.

Já nova inspiração  
Na mente me acendeste;  
De anjos visão celeste  
Me encanta, me arreбата.  
Por ti subo vaidosa  
O alcançar da memória,  
E em gozos de alta glória  
Minh'alma se dilata!

Aceita pois, oh vate,  
Fiel dedicação,  
De um puro coração,  
De um coração sem véu.  
E, se da lira os ecos  
Protegem céus beninos,  
Nas asas dos meus hinos  
Hei de levar-te ao céu!



MOTE  
DE UM ÓRFÃO.

*No instante em que nasci,  
Nesse mesmo infausto dia,  
Veio bafejar-me o berço  
A cruel melancolia.*

GLOSA.

Negras fúrias presidiram  
Meu infausto nascimento;  
Ao clamor de meu lamento  
Aves tristes acudiram.  
Os ecos repercutiram  
O vagido que expeli,  
Sem conhecê-la carpi  
Minha desgraça futura;  
Pois fadou-me a desventura  
*No instante em que nasci.*

Descansando em grêmio alheio,  
Suguei alento mesquinho;  
Não conheci o carinho  
Do materno doce seio.  
Sem amor, ou com receio  
A meus choros se acudia,  
Mercenária simpatia  
Meus sonos acalentava;  
Pois minha mãe espirava  
*Nesse mesmo infausto dia.*

Cruel sorte, iníquo fado!  
Por que não morri com ela?  
Por que quis maligna estrela  
Que vivesse um desgraçado?  
Sem família, sem estado,  
Isolado no universo,  
Sofro do destino adverso  
O rigor sempre crescente,  
Desde que a morte inclemente  
*Veio bafejar-me o berço.*

Doce vítima da dor  
Que tão azenha perdi;  
Por que não chamas a ti  
O fruto do teu amor?  
Observa com que rigor

Me persegue a sorte ímpia;  
Meus tormentos abrevia,  
Chama-me a ti, mãe querida,  
E acabe em mim com a vida  
*A cruel melancolia.*



## O CANÁRIO PRESO.

Sentite, sentite  
Quel caro angelino,  
Ilmio canarino  
M'invita a cantar.  
Ripete, mio caro,  
Que dolci concenteri,  
Cé cessano i venti  
I lor sussurrar.  
*(Arieta antiga).*

Músico dos bosques,  
Canário mimoso,  
Como é deleitoso  
O teu gorjear!

Em tuas volutas,  
Em teus doces trinos,  
Acentos divinos  
Fazes ressoar.

Alegre espanejas  
As asas, cantando,  
E assim vás passando  
Sem outro cuidar.

Implume roubado,  
Por felicidade,  
Doce liberdade  
Não viste raiar.

Não viste dos bosques  
Os ramos frondosos,  
Nem frutos gostosos  
Pudeste incetar!

Não viste dos campos  
As flores brilhantes;  
Auroras radiantes  
Não viste assomar.

Onde existe aquela,  
Que em mimoso abrigo  
Viu junto contigo  
O dia brilhar?

Que sempre a teu lado,  
Com doce carinho,  
Delicado ninho  
Devia formar?

Onde o doce fruto,  
De amor puro e terno,  
Desvelo paterno  
Devia alentar?

No berço cativo,  
Tu ver não pudeste  
Os bens que perdeste,  
Nem podes pensar!

Em cantos de gosto  
Ocupas o dia;  
Mas tua alegria  
Me faz suspirar.

Pobre passarinho!  
Tua sorte ignoras;  
Por isso não choras,  
E podes cantar!

Doce liberdade!  
Prazer sobre-humano,  
Do Ente sob'rano  
Dádiva sem-par!

A quem não é livre,  
Que serve o viver?  
É tudo sofrer,  
Gemer e penar!

Canta, desgraçado,  
Diverte teu dono;  
Adoça-lhe o sono  
Com teu gorjear.

Suaviza os cuidados  
Do teu opressor;  
Do remorso a dor  
Procura aplacar.

Mas em vão; não muda  
Tua infausta sorte;  
Vira só a morte  
Teus laços quebrar.



## SONHO

AOS ANOS DA SRA. D. VIRGÍNIA DE MORAES

Sonhei que via uma estrela,  
Que vivos raios vibrava,  
E dela partia um anjo,  
Que para a terra adejava.

No lindo infantil semblante  
Brilhava doce alegria,  
A sutil, dourada coma  
Nas luzes se refletia.

Trazia nas mãos mimosas  
Um ramo de brancas flores,  
Exalando em seus perfumes  
Da castidade os primores.

Só três flores o formavam:  
A rosa, o lírio, o jasmim;  
O ramo vinha do céu,  
O anjinho era *Bimbim*.\*

Pousou na terra contente;  
Uma virtude buscava,  
Todas achou na bel'alma  
Da cara mãe que o beijava.

Virgínea flor de pureza,  
Recompense teu carinho  
O presente que aos teus anos  
Oferece o teu anjinho.

(NA) \*Nome faceto, que dão ao seu filhinho



SONETO.

Tudo dorme, ai de mim! Tudo ressentido!  
Da natureza o plácido repouso!  
Só o meu triste coração saudoso  
O suave descanso não consente!

Suportando da ausência a dor veemente,  
Em mil suspeitas vaga receoso  
Contempla o amante pérfido, aleivoso  
De outros braços cingido docemente.

Outros olhos nos seus estão fitados;  
Outros lábios nos seus estão libando  
Seus suspiros a outros misturados.

E em quanto outros carinhos desfrutando  
Se esquece de meus cândidos agrados,  
Eu triste, e solitária estou chorando!



AO DIA NATALÍCIO  
DA  
SRA. D. CARLOTA JOAQUINA FERRAZ.

Oh Ninfas do loiro Tejo  
Que a bela Lísea embalastes,  
Renovai neste almo dia  
A oblação que lhe votastes.

Mais amável que Acidalia,  
Lísea, feitiço de amor,  
É deste céu nova estrela,  
Deste jardim nova flor.

Transplantada do Ocidente  
Às serras Ouro-pretanas,  
Faz honra às Tágides belas  
Dá glória às Americanas.

Duas Pátrias enobrece  
Seu espírito sublime;  
Seus encantos almas prendem;  
Seu saber respeito imprime.

Neste dia, em que desponta  
Mais risonha a rubra aurora,  
Festões de jasmims e rosas  
Entrelaça alegre Flora.

Sob seus pés brotam flores,  
Mil cores o campo veste,  
Dos fulgores mais brilhantes  
O mesmo céu se reveste.

Eis o dia mais jucundo,  
Cercado de resplendores,  
Que viram a luz primeira  
Os seus olhos vencedores.

Goza pois, Lísea adorada,  
Doce prazer sem mistura,  
Nos braços do caro esposo,  
No regaço da ventura.



MOTE.<sup>118</sup>

*Grande Deus, por que motivo  
A criação empreendeste?  
Que os homens te ofenderiam  
Acaso não conheceste?*

GLOSA.

Justos céus! Onde se funda  
Esta lei que nos oprime?  
Esta lei, que lei se exprime  
Da eterna mente profunda?  
Se a humana raça fecunda

---

<sup>118</sup> A glosa acima demonstra um questionamento tão surpreendente, que chega mesmo a sugerir, entre sujeito poético e Deus, um discurso entre iguais, o que parece ter levantado a fúria de alguém, que na página seguinte, chama Beatriz de Calvinista, e chega mesmo a desejar sua morte.

Cresce no vício nocivo:  
Por que quiseste, Deus vivo,  
O ente humano criar?  
Por que o deixas propagar,  
*Grande Deus, por que motivo?*

Acaso à tua grandeza  
Servia a sua existência:  
Mas como contra a violência  
Lhe deste tanta fraqueza?  
Talvez erra a natureza  
No dever que lhe impuseste?  
Não, que tu mesmo o fizeste  
O primeiro racional:  
Tu só, a ti mesmo igual,  
*A criação empreendeste.*

Não podias enganar-te,  
Erra a nossa fraca mente;  
Tua lei é lei clemente,  
Nela o erro não tem parte.  
Nós devemos adorar-te;  
As leis da razão nos guiam,  
As paixões não nos deviam  
Destas leis indestrutíveis;  
Nem pensaste, em ser sensíveis,  
*Que os homens te ofenderiam.*

Que idéia do teu poder  
Nos dão as humanas leis!  
Tiranas, ímpias, cruéis  
Que aos mortais fazem gemer!  
Tu, que o mundo, a luz, e o ser  
Em um momento fizeste,  
Que as nossas almas encheste  
Desse amor, que chamam vício:  
Que era em nosso precipício  
*Acaso não conheceste?*

(NA) Eu não deveria produzir aqui os disparates que se seguem, mas julgo necessário dar a razão da minha segunda glosa; além de que não declaro nome<sup>119</sup>



---

<sup>119</sup> Ao que parece, a nota da autora indica que a glosa seguinte foi escrita por alguém, em crítica à Beatriz, que a responde logo depois (p.178). Ressalte-se que Beatriz preferiu manter discrição quanto ao autor que a ofende, mas fez questão de publicar o texto em seu livro.

GLOSAS<sup>120</sup>AO MESMO MOTE.

Raça infernal de Calvino,  
Que se extinga, praza aos céus!  
Lutero, ímpios Ateus  
São filhos do monstro indino.  
Que se ofenda um Deus benino,  
Por fraqueza, é mal passivo;  
Mas que sofras, ó Deus vivo,  
Ultrajar-se a divindade,  
Que sofras tanta maldade  
*Grande Deus, por que motivo?*

Tu, que pronto a castigar  
Foste os Filhos de Élli,  
Tu, que puniste a David,  
Agora hás de afrouxar?  
Tu, que em bruto transformar  
A Nabuco ímpio fizeste;  
Tu, que a lei ao mundo deste  
Gravada de tua mão:  
De homens fiéis por que não  
*A criação empreendeste?*

Porque criaste uma raça  
De homens sem lei, sem razão,  
A quem só um *Alcorão*  
Maometano satisfaça?  
Do libertino o mal passa,  
Que do bem aos mais desviam;  
Raízes os vícios criam,  
Que mal se podem cortar,  
Quem, meu Deus pode pensar,  
*Que os homens te ofenderiam?*

Deus sumo, imensa bondade,  
Grande Deus! Oh ser eterno!  
Que não tema o caos do inferno  
Tão louca e infame maldade!  
Mas como, se a impiedade  
Nega o mesmo que disseste?  
Oh tu, que o mundo fizeste,  
E a tudo o que é criado,  
Dos homens um tal pecado  
*Acaso não conheceste?*

(Nota de Beatriz.) *Eu impugno as leis humanas; ele repreende a Deus.*

---

<sup>120</sup> Como já dito, este poema não é de Beatriz Brandão, mas ela o incluiu em seu livro porque faz-lhe em resposta, embora manetnha em sigilo o nome do autor deste.

O MESMO MOTE EM RESPOSTA.

Se consiste o Ateísmo  
Em negar que existe um Deus,  
Não podem os versos meus  
Procederem desse abismo;  
Se detesto o fanatismo,  
Adoro, e creio um Deus vivo,  
Se em pintá-lo compassivo  
Só se empenha a minha idéia:  
Como posso ser Atéia  
*Grande Deus! Por que motivo?*

Se, com discorde argumento  
Mistérios nega Calvino;  
Se Lutero em desatino  
Fomentou cisma cruento;  
Dos erros do entendimento,  
Que paixões tornam em peste,  
Oh meu Deus! Tu não quiseste  
Formar-nos um precipício;  
Tu, que só por benefício  
*A criação empreendeste.*

A ciência limitada  
Dos mortais não te compreende;  
Todo o argumento se rende  
Do mistério á luz velada.  
Os homens com mente errada  
Um Deus feroz te anunciam  
Os teus raios desafiam...  
Contra quem? Quem pode crer,  
Conhecendo o teu poder  
*Que os homens te ofenderiam?*

O juízo se escurece,  
Extravia-se a razão;  
Mas dentro do coração  
Tua crença prevalece.  
Quem, meu Deus, te desconhece  
Na lei geral que nos deste?  
Tu, que de pó nos fizeste  
Sujeitos a preconceitos:  
Da tua obra os defeitos  
*Acaso não conheceste?*



## QUADRAS.<sup>121</sup>

Com que fina habilidade  
Quatro seitas amassaste,  
E delas fizeste um bolo  
Com que me mimoseaste!

Só nesse bestunto cabe  
Ser um ente maometano;  
Ser ao mesmo tempo Ateu,  
Calvinista e Luterano!!!

E depois desta amalgama  
Esquisita e caprichosa;  
Explicaste em um estilo  
Que não é verso, nem prosa.

Contigo o peão fidalgo\*  
Podia bem aprender,  
Que há uma linguagem neutra  
Em que se pode escrever.

Continua, meu farsola,  
Quem há de argüir-te, quem?  
Os teus versos tem medida,  
Consoantes também tem.

A quadra deu quatro décimas,  
É este o usual efeito;  
Tem de glosa, ou grosa o nome;  
Assim tivesse conceito!

(N.A.)\*Mr. Jordain.



---

<sup>121</sup> Estas quadras, como se vê, parecem dirigidas ao mesmo autor da glosa na página 338. Aqui, mais uma mostra da inteligência e do comportamento requintado de Beatriz: a poetisa, com extrema elegância, preserva o nome do autor que a ofendera, mas, com ironia requintada e esbanjando erudição expõe as fragilidades intelectuais daquele. Ressalte-se que ela faz questão de manter no livro tanto o texto em que o anônimo a critica, quanto os em que ela o responde.

RESPOSTA  
A UMA CARTA EM VERSO.

Recebi, terno Belmiro,  
Tuas saudosas endeixas;  
Penetraram a minh'alma  
Os ecos de tuas queixas.

Quando me pintas o aspecto  
De teu fado triste e incerto,  
A minh'alma te acompanha  
Nesse lúgubre deserto.

Eu te sigo aos ermos vales,  
Às altas serras te sigo;  
Eu participo os rigores  
Do teu destino inimigo.

O teu pranto, os teus suspiros  
São por mim acompanhados,  
Quer na choça te detenhas  
Quer vagues por esses prados.

E se acaso algum descanso  
Põe meus sentidos em calma,  
A imagem da tua dor  
Vem assaltar a minh'alma.

Já cuido ver-te submerso  
Em triste contemplação:  
E esta penosa lembrança  
Me apunhala o coração!

Se pudessem os meus passos  
Meus desejos secundar:  
A teu lado me verias  
Teu desterro acompanhar.

Aos ecos da tua lira,  
Doces canções modulando,  
Talvez pudesse tornar  
O teu destino mais brando.

Eu te cantara, Belmiro,  
As graças da natureza,  
Que nos ermos mais agrestes  
Sabe produzir beleza.

Sobre a margem de um ribeiro,  
À sombra de um bosque ameno,  
Te faria contemplar  
O aspecto do céu sereno.

Sobre a água te mostraria  
Os planetas refletidos,  
E nos ramos suspirando  
Os Sasses enternecidos.

Terno Sabiá saudoso,  
Ouvirias modular,  
E os Melros assobiadores,  
Aos Sainhís desafiar.

Doce Juruti saudosa,  
Arrulando em sua dor,  
Ouvirias lamentar  
Saudades do seu amor.

E quando a aurora mais bela  
Visse no monte luzir,  
Iríamos à floresta,  
Bravos Cervos perseguir.

Enganando o longo tempo,  
Com doce e grata ilusão,  
Eu seria a tua Cíntia,  
Tu o meu Endemião.

Não só cadeias de amor,  
Prendem as almas sensíveis;  
Leis do sangue e d'amizade,  
São laços indestrutíveis.

Eu seria junto a ti  
Uma amiga compassiva,  
Só atenta a suavizar  
De teu peito a dor ativa.

E quando visse em teus olhos  
Raia a doce alegria,  
O fruto dos meus desvelos  
Em teus sorrisos veria.

Aceita, caro Belmiro.  
Votos da minha ternura;  
Não a acharás noutra Tia  
Nem mais viva, nem mais pura.

## SONETO.

Doce lembrança de um amor ausente,  
De tristeza e prazer vaga mistura!  
Que ora meu peito abrasas de ternura,  
Ora o tornas gelado e descontente!

Se contemplo de Tirse o afeto ardente,  
As mútuas aflições, a fé segura,  
Transformam-se meu males em doçura,  
Suave lenitivo o peito sente.

Mas quem sabe se ao passo que eu padeço  
Que suspiro, que choro, e que suporte  
De tão cruel ausência o fero excesso;

Quem sabe se o meu bem...oh céus! Conforto!  
Não me atrevo a dizê-lo! Eu desfaleço!  
Gelo de horror, de pena me transporto!



A ELMIRA  
ALEIVOSA E INGRATA AMIGA.

Elmira, a tua censura\*  
Co'a razão é compatível;  
Porém perdes o teu tempo,  
Porque eu sou incorrigível.

Se me desse na cabeça  
Fazer-me moura algum dia,  
Nem S. Vicente de Paula  
Converter-me poderia.

Vê tu, pois, o gênio senhora  
Com que tens de combater!  
Quando julgo ter razão  
Ninguém me obriga a ceder.

A mulher da tesourinha,  
Comigo em comparação,  
Era uma pomba sem fel,  
Um arminho, um algodão.  
Esse teimoso, que o copo  
Sustentava ser de pau,  
À vista da minha teima  
Era um sórda, um mingau!

Também te devo advertir  
Que sou rebelde a conselhos;  
E quando deles preciso  
Sempre os busco nos mais velhos.

Se eu não me oponho ao teu gosto:  
Porque te hás de opor ao meu?  
Segamos nossa carreira,  
Diversas nos fez o céu.

Nas altas cabalarias  
De Amadys e D. Duardos\*\*  
Faze teu fundo, que eu cá  
Dou a todos quatro dardos.

Antes quero aranhas ver,  
E grilos na minha estante,  
Do que de tal barafunda  
Ocupá-la um só instante.

(N.A.)\* Tinha uma zanga mortal aos meus versos.

(N.A.)\*\* A esses livros, e outros que tais chamava a sua biblioteca.

Teu espírito cultiva  
Em livros tão proveitosos;  
Embasbaca-te, pateta,  
Nesses feitos assombrosos.

Até que, Dona Quixota, (\*)  
De aventuras anelante,  
Montada em bela achánéa  
Te faças Donzela andante.

Cuido já que te estou vendo  
Entre bravos combatentes,  
Ser o preço disputado  
De seus recontros valentes!

Às onze mil virgens peço  
Te livrem de algum gigante;  
É gente mui mal criada,  
Muito altiva e petulante.

Podes dentro de uma ilha,  
Ou num castelo encerrar-te,  
E bem tarde lá iria  
Um Paladino livrar-te.

O céu queira, minha alminha,  
Dar-te boas aventuras,  
E que lá por essas serras  
Não te vejas em tremuras,

Mas tu sabes que há conjuros  
Mesmo soltados ao ar,  
Que vão de um a outro pólo  
Um cavaleiro buscar.

E este logo em continente,  
Numa serpente montado,  
Ou numa nuvem metido  
Vem valer o desgraçado.

(N.A.)\* Toda a minha lição de cavalarias andantes encerrou-se no Ariosto, D. Quixote e Carlos Magno.<sup>122</sup>

---

<sup>122</sup> Aqui, mais uma oportunidade de perceber a Beatriz leitora e crítica literária, para quem as novelas de cavalaria, excetuando D. Quixote e Carlos Magno, eram gênero menor.

Não te esqueças de levar  
O bálsamo peregrino,  
Com que Ferrabraz curava  
Do ferro o golpe malino.

Em Dom Quixote hás de achar  
Essa patente receita;  
A sua composição  
Numa almotolia é feita.

Julgo ser este o segredo  
Ignorado em todo o mundo,  
Que, por glória desta idade  
Deu à luz Dom Segismundo.

Também te deves prover  
De um Escudeiro prestante;  
É traste que não escusa  
Nenhuma Donzela andante.

E pois que deste aparelho  
Não te podes eximir,  
Não tendo emprego, o Venâncio\*  
Talvez te queira servir.

Um anão inda te falta;  
Mas como isto é cousa rara,  
Levando o Pereira\*\* levas,  
A raridade na cara.

Também te aconselharia  
Novas provisões de amor;  
O N. está mui jarreta;  
Busca jovem defensor.

Depois disto, arruma às costas  
Toda a tua virgindade,  
E vai buscar pelo mundo  
Troféus à tua beldade.

(N.A.) \*Louco sisudo: é muito conhecido em Ouro-Preto.

(N.A.)\*\* Pequeno, e horrendo homem desnarigado, a quem chamavam – cara de raridade.

Talvez que então nesse tempo  
Te agrade a minha poesia,  
Quando absorta em teus triunfos  
Tecer tua biografia.

Só poetas eternizam  
Fama, que co' o tempo esquece;  
Angélica não lembrara,  
Se Ariosto a não descrevesse.

Se não gostares da historia,  
Minha jóia, tem paciência;  
Eu também sofro sem gosto  
Tua estúpida demência.



#### A ELMIRA<sup>123</sup>.

Ora vamos, minha Elmira,  
Vai dizendo o teu sermão;  
O exórdio é genuíno,  
Promete bela oração.

Não peças ave-maria,  
Que em sermão leigo não uso,  
E por isso desde aqui  
Desse trabalho te escuso.

Não gostas que eu faça versos?  
E por que, minha querida?  
Não sabes que neles tenho  
Meu alento, minha vida?

---

<sup>123</sup> Um humor ácido e inteligente revela, aqui, outra faceta de Beatriz como escritora. Com ironia e versatilidade impressionantes, a autora revela dois tipos de mulher: uma, frívola, ignorante e invejosa; outra, ela própria, erudita e dotada de talento especial para as artes.

Receias por compaixão<sup>124</sup>  
Ver-me um dia enlouquecer?  
E por que não enlouqueces  
Co'os desejos de os fazer?

Ora, Elmira, quem te mete  
Na cabeça tanta asneira?  
Esperas com teus sarcasmos  
Atalhar minha carreira?

Se Apolo te nega lume,  
Nem quer ouvir o teu nome:  
Deverei pagar as favas  
Da inveja que te consome?

Meu gênio me inclina às artes,  
O teu a não saber nada;  
Da natureza te queixa,  
Que te fez tão desastrada.

Bem patacas despendeu  
Tua mãe, boa simplória,  
Para ver-te enfarinhada  
Em francês, música e história.

Nestas prendas, e outras mais  
Dez mestres tens estafado;  
E eles negam a pés juntos  
Terem-te nunca ensinado.

Todo o mestre tem orgulho  
De apresentar sua aluna;  
Mas os teus, por tua inércia,  
Renegam essa fortuna.

Vê, pois, de quem é a culpa,  
Se não podes prendas ter;  
Da natura, que entupiu-te  
Os caminhos do saber.  
Deixa pois de perseguir-me

---

<sup>124</sup> Esta estrofe aparece assim modificada no MARMOTA de 10 de julho de 1855, p.4: “

A sábia Ulina se aflige  
De me ver metrificar;  
Teme que possa eu chegar  
Por poeta a enlouquecer;  
E eu temo que ela enlouqueça  
Com os desejos de o ser.

Com tão néscias reflexões,  
E procura que te pague,  
Quem te encomenda, os sermões.

E em quanto o Déléfco Nume  
Doces versos me inspirar,  
Hei de cingir-me de louros  
Para fazer-te enraivar.



#### A UM BATIZADO.

Erguei-vos, portas eternas,  
Da sacrossanta Seão,  
Levai, águas do Jordão,  
Vossos triunfos ao mar.

Exultem no céu os anjos,  
Mortais, na terra exultemos;  
A vitória celebremos  
Do estandarte singular.

Salve, fruto desejado,  
De esperanças e de amor;.  
Puros votos não louvor  
Nós te vimos tributar.

Assoma, gérmén mimoso,  
De puro tronco brotado,  
Vem das virtudes ao lado  
Nossos hinos escutar.

Feliz no primeiro instante  
Que pisas a Pátria amiga!  
Meiga proteção te abriga  
De dois Padrinhos sem par.

Descansa nos ternos braços  
De tão generosos guias;  
Do pátrio metal, teus dias  
Brandas Parcas vão fiar.

Excelsos, firmes apoios  
Desta palmeira crescente,  
Possais vê-la florescente  
Té às nuvens remontar.

m tanto, copia amorosa,  
Exemplo de casto ardor,  
Votos de amizade e amor  
Nós te vimos dedicar.

Aceita votos constantes  
De sinceros corações;  
Que só puras expressões  
A amizade sabe dar.



### SONETO.

Natureza, não sou contigo ingrata,  
Conheço que alguns dotes despendeste  
A meu favor, porém no que me deste  
Veio incluída a causa que me mata.

Deste-me, bem o sei, um'alma grata,  
Nela do bem os germes dispuseste;  
Um gênio que não é de todo agreste,  
Uma voz que os ouvidos não maltrata.

Inda tenho outros bens da tua mão,  
Que me ensinas prudente a desprezar,  
Pois pertencem do tempo á possessão:

E como posso altiva blasonar,  
Se me deste tão fraco coração,  
Que foi tudo ao Deus cego consagrar?



LIRA.

Oh sono agradável,  
Imagem da morte!  
Minha cruel sorte  
Faze-me esquecer.  
Dest'alma desterra  
A triste lembrança,  
Daquela esperança  
Que vi fenecer.

Em meus tristes olhos  
Cesse amargo pranto;  
Ceda a teu encanto  
O meu padecer.  
Acalma os transportes  
Do meu coração,  
A minha aflição  
Faze adormecer.

Ao menos dormindo,  
Suspenso o martírio,  
De um doce delírio  
Eu goze o prazer.  
Eu veja sonhando  
A imagem querida,  
Que só me dá vida,  
E me faz morrer.



SONETO<sup>125</sup>.

Solta embora, oh fortuna, áurea madeixa,  
Não me elevam<sup>126</sup> teus dotes singulares;  
Troveja em teu furor nuvens de azares,  
Não obterás de mim glória nem queixa.

Benigna abre teu cofre, avara o fecha.  
Não me inspiras prazeres, nem pesares,  
Não queimarei incenso em teus altares,  
Deusa volúvel, de tentar-me deixa.

Inabalável é minh'alma amante;  
Não te adora, nem teme; um nobre instinto  
Desprezar sabe o teu favor volante.

Meu peito sente afeto mais distinto;  
Um instante de amor, um doce instante  
Vale mais que os tesouros de Corinto!\*

(N.A.) \*Há um tempo em que se pensa assim<sup>127</sup>.



---

<sup>125</sup> Soneto repetido em *Parnaso Brasileiro*, p.29.

<sup>126</sup> Em Parnaso, "enlevam".

<sup>127</sup> Note-se, uma vez mais, a mistura entre vida e obra.

## A AUSÊNCIA.

Já começa a raiar a roxa aurora  
No regaço da terna madrugada;  
Das cristalinas lágrimas que chora,  
Deixando a espessura rociada.  
À sua luz desmaia, e descolora  
A corte das estrelas argentada;  
Desaparece, enfim, que sem desmaios  
Não pode sustentar de Phebo os raios.

Que cena variada, e graciosa!  
Que encantos mil of'rece a natureza!  
Aqui a linda rosa abre mimosa  
Os ocultos tesouros da beleza!  
Além ressoa a fonte sonora,  
Balançando a liana ás margens presa,  
E as aves com suave melodia  
Salvam com doce trino o novo dia.

Mas que novo esplendor, que viva flama  
O horizonte abrasa, e esclarece!  
Toda a etérea abobada se inflama.  
Rasga-se a nuvem, Phebo resplandece!  
Com os trêmulos raios que derrama  
O matutino orvalho desvanece;  
Oh luminar brilhante, e por mil modos  
Segundo criador dos entes todos!

Derrama os raios teus resplandecentes  
Sobre a face da terra umedecida,  
Que não podem teus raios refulgentes  
A minh'alma animar desfalecida!  
Só sabem os meus olhos descontentes  
Lágrimas derramar em triste lida;  
Pois ausente de um bem, que se ama e preza,  
Perde todo o esplendor a natureza!

Tirse, meu doce amor, minha alegria,  
Que tão longe de mim agora existe,  
Pode ser que esquecido da agonia  
Em que envolta deixou minh'alma triste!  
Talvez se esqueça que de noite e dia,  
Somente nele meu cuidado asseste;  
E quem sabe, ai de mim! Se tanto afeto  
Será de ingratição misero objeto!

O meu bem não me escuta, não me entende;  
Seus ouvidos não tocam meus clamores;  
Engolfado em prazeres, não atende  
A veemência cruel de minhas dores!  
Do fero incêndio, que de amor me acende,  
Não devoram seu peito ímpios ardores;  
Vive sem mim contente, e eu padeço  
Porque do seu amor jamais me esqueço.

Escuta, ingrato, os míseros lamentos  
De uma amante fiel que te suspira;  
Que sobre as asas dos ligeiros ventos  
Te envia os ecos da saudosa lira.  
Se ouvires lá os lúgubres acentos  
Nessa plaga onde a sorte te retira,  
Dize: são estes do meu bem os ais;  
Os últimos são já; não vive mais!

Deixa, Tirse cruel, deixa o festejo  
Dessa terra; que tanto surpreende!  
Vem saciar o fervido desejo  
De um coração que só por ti se acende.  
De demorar-te mais, razão não vejo;  
Solta o fero embaraço que te prende,  
Sulca de novo as ondas argentinas,  
E torna, doce bem, à Pátria Minas.

Se em seus campos a vinha não viceja,  
Se a oliveira não borda seus outeiros;  
A loira cana ali néctar goteja,  
Enche messe abundante seus celeiros.  
Se lira alticadente não harpeja,  
Desses cultos cantores prazenteiros,  
Também doces canções amor inspira,  
Também a meiga avena amor respira!

Altas palmeiras, cedros verdejantes  
Exornam nossas plácidas campinas  
Soberbos pinhos, bálsamos fragrantos  
Dão sombras agradáveis e Beni nas.  
D'entre jasmims e lírios alvejantes  
Vêm-se brotar papoulas e boninas:  
Espinhos nestes vales não se pisam;  
Também de lindas flores se matizam.

Gigantescos rochedos são toldados  
De sempre verdes mar'cujás frondosos;  
De frescas, puras águas são regados  
Serpeando entre juncos buliçosos.

Lá mesmo nos sertões mais retirados  
Se encontram diamantes preciosos,  
E onde míngua de Ceres o tesouro,  
Das areias se extrai o metal louro.

Na margem solitária, e balça amena  
Saudoso sabiá terno modula;  
E a rola lamentando a sua pena  
No denso bosque solitária arrula,  
Azul-áureo saahí a doce avena,  
Com seus longos gorjeios estimula:  
Vem, meu bem, vem ouvir como se queixa  
A doce juruti se o par a deixa!

Vem ouvir o canário que gorjeia,  
O alegre patativo em tom subido,  
E o faceto inhámpim, que se recreia  
Arremendando a todos presumido;  
O loquaz papagaio que alardeia  
Frases estranhas, que aprendeu de ouvido;  
Vem ouvir da araponga as marteladas,  
Que ao viandante enganam nas estradas.

Vem ver como, no ar equilibrado,  
Namora o beija-flor a linda rosa  
E co'o bico sutil e delicado  
Imprime beijos mil na flor mimosa;  
Ora se mostra verde, ora doirado,  
Foge, revoa, e torna ao bem que goza:  
Assim, oh Tirse, a tua terna amante  
Queria beijar-te a cada instante!

Se não voltas, oh caro! Se demora  
Inda a sorte cruel tua partida,  
Bem cedo saberás que quem te adora  
De saudade, e de dor perdeu a vida.  
Bem que tarde, talvez que de hora em hora  
Sentas a alma de pena enterneçada,  
E digas - o meu bem morreu constante;  
Eu fui seu assassino, ingrato amante!



À

SEPULTURA DE MEU PAI

Silêncio, escuridão!  
Par solene!  
Augustos filhos da antiga noite!  
(*Yung Noite*).

Agora, que em silêncio a Natureza  
Parece repousar, e tetra sombra  
Envolve o céu e a terra... oh! Como é doce  
A um coração de golpes ulcerado  
Solitário gemer no asilo extremo,  
Daquele que no mundo tanto amara!  
Do sono perenal leito funéreo,  
Habitação da morte, eu te saúdo!  
Dá que eu toque, oh meu Deus! A urna sagrada  
Do meu querido Pai! Guiai meus passos  
Instinto filial, terna saudade!

Já cinjo e beijo a lousa preciosa,  
Que encerra o meu tesouro! Sacro objeto  
De tanto afeto, lágrimas e dores!  
Recebe os tristes ais da triste filha  
Que perdendo-te, em o mundo perdeu tudo!  
Oh! Como é pavoroso este silêncio!  
Nuvens de negra cor o ar toldando,  
Da lua a face pálida sombreiam;  
Uma estrela sequer no céu não brilha  
Para guiar-me em tão medonha treva!

Oh meu Pai! Tu me vês do etéreo acento  
Onde a virtude o justo prêmio alcança!  
Contempla a triste filha, a filha amada,  
Que de tanta ventura enriquecias,  
Quando vaidosa aos braços teus voava,  
E beijando contente a mão paterna,  
Via todos seus votos exaltados!

Oh! Que não tenho lágrimas que bastem  
Para chorar tão lamentável perda!

Nos braços de uma mãe inconsolável,  
Longe de alívio ter, crescem meus males;  
Consterna-a minha dor, mata-me a sua!  
Duplica-se a amargura, a mágoa, o pranto!  
Uma imagem funesta se me antolha.

Oh meu Deus! Esta idéia aterradora  
As forças me aniquila; eu não resisto!  
Dá conforto a meu peito lacerado,  
De esperança e de fé enche a minh'alma,  
Para que possa em tanta desventura  
Os deveres cumprir que a natureza,  
O amor, a gratidão, a humanidade  
Com poderosa voz me estão ditando.



## NÊNIA

### À SEPULTURA DE MINHA MÃE.

Lousa da morte, que em teu seio encerras  
O precioso objeto lastimado  
Da mais pura afeição dest'alma minha,  
As cinzas de uma mãe tanto chorada!  
Roubou-a morte dentre os débeis braços  
Da desolada filha! Aos ais, ao pranto,  
Aos gritos da agonia, cega e surda,  
A vítima empolgou! Oh céus! Perdi-a!  
Inda na flor dos anos vi murchar-se  
A flor de minhas doces esperanças!  
Vi perecer aquela, que extremosa  
Protegeu minha infância, e que mais tarde,  
Com o exemplo e conselhos me mostrava  
A senda das virtudes que exercia.  
Severa alguma vez, nunca iracunda,  
Meus erros infantis eram punidos  
Só co'a séria expressão de seu aspecto,  
Que me era mais sensível que o castigo.  
Abrasada em sublime caridade,

No ente mais abjeto me indicava  
Um próximo, um irmão, santa doutrina,  
E verdadeira lei do Nazareno.  
Quando a luz da razão brilhou mais viva  
À minha inteligência: que cuidados,  
Para apartar de mim fúteis vaidades,  
Perigosas leituras, vãos caprichos!<sup>128</sup>  
Ah! Se todos vingassem seus desvelos,  
Se eu seguisse constante os seus ditames,  
Um compêndio seria de virtudes!  
Santa mãe! Já no empíreo o prêmio gozas,  
Que aos escolhidos seus o Eterno guarda,  
Mas eu perdi-te, eu mísera deploro  
Em total orfandade a falta tua!  
Dois anos, e não mais, sobreviveste  
Entre dores mortais, pranto perene,  
Ao mortal virtuoso, a quem te unira  
Laço eterno de amor santificado,  
Gememos juntas, juntas padecemos.  
Quantas vezes chorando me dizias  
Que só por mim a vida alimentavas!  
Mas pode mais a dor... Oh dor! Oh morte!  
Que em um lago de penas me arrojaste!  
Pais amados! Objetos sempre caros,  
Sempre existentes para recordar-me,  
Dos bens perdidos a memória acerba!  
Junto ao trono do Altíssimo prostrados,  
Socorros implorai da Divindade  
Sobre a órfã infeliz, que lacrimosa  
Os braços vos estende. Oh Deus piedoso!  
Dai esforço e valor à alma minha,  
Para dar cumprimento aos sãos conselhos  
Que deles recebi, quanto possível  
For à mísera frágil natureza.



---

<sup>128</sup> Mais uma vez, Beatriz utiliza-se da poesia para narrar a sua própria vida, o que se vê não apenas neste verso, mas em todos os dois textos feitos em razão da morte de seus pais, que, provavelmente, ela mesma organizou em seqüência no presente livro.

À MORTE<sup>129</sup>  
DE  
D. MARIA DOROTÉIA DE SEIXAS MAIRINK  
(MARÍLIA DE DIRCEU)

Essa beleza, que imortalizara  
Do mais terno amador a acorde lira;  
Essa Marília de Dirceu querida,  
Cessou de respirar, já não existe!  
Cerraram-se esses olhos poderosos  
Que inspiraram tão doces pensamentos  
Ao Vate delicado, e inda nas sombras  
Da esqualida masmorra iluminavam  
O coração e a mente atribulados  
Da vítima infeliz da prepotência,  
Onde instruído de amorosa indústria\*  
Tinta e pena formou de espécie nova,

Para escrever à sua bem amada,  
E com traços de fogo assim pintar-lhe  
De seu infausto amor toda a veemência.  
Foste amada, Marília, e se o teu nome  
A par de Laura e Beatriz ressoa  
No orbe literário; se interessa  
Teu destino aos mortais, a amor o deves;  
O amor de um vate dá posteridade,  
E inda mais se as desgraças o selaram!  
Dirceu o tinha dito, inda no tempo  
De suas mais suaves esperanças,  
Nesta lira tão simples, tão sincera,  
Tão cheia de conceito e de verdades<sup>130</sup>!

Minha Marília,  
Se tens beleza,  
Da natureza  
É um favor;  
Mas se aos vindouros  
Teu nome passa,  
É só por graça  
Do Deus de amor,  
Que terno inflama  
A mente e o peito  
Do teu Pastor.

(N.A.)\*Sabe-se como ele queimava o pauzinho da laranja na luz da candeia, e com esta espécie de graxa escrevia.

---

<sup>129</sup> Poema repetido em *Marmota Fluminense* de 15/03/1853, p.1-2.

<sup>130</sup> Em *Marmota*, “verdades”.

Foste linda, Marília, foste amável  
Possuíste<sup>131</sup> mil dotes agradáveis;  
Mas o tempo teria mergulhado  
Nos abismos do eterno esquecimento  
Todos esses encantos, se os suspiros  
De um vate apaixonado, modulados  
Ao patético som da acorde<sup>132</sup> lira  
Não tivessem teu nome eternizado.  
A desventura aviva-lhe a memória,  
As desgraças de amor são mais tocantes;  
Abailardo e Eloisa<sup>133</sup> serão sempre  
Objetos de piedosa simpatia.  
Assim do teu cantor o acerbo fado  
Se nos antolha, quando contemplamos  
Nesse véu mortuário, que te envolve,  
Na mudez dessa lousa, que te encobre<sup>134</sup>  
Aos olhos dos mortais, não á lembrança,  
Que enquanto houverem corações sensíveis,  
Amor e Poesia, os gratos nomes  
De Marília e Dirceu serão lembrados,  
Seu amor e desgraças lamentados<sup>135</sup>.



---

<sup>131</sup> Em *Marmota*, “possuías”.

<sup>132</sup> Em *Marmota*, “branda”.

<sup>133</sup> Em *Marmota*, “Abailard, e Heloise”.

<sup>134</sup> Em *Marmota*, “esconde”.

<sup>135</sup> Em *Marmota*, “memorados”.

À  
SENTIDA MORTE  
DO SR. LUIZ AFFONSO ESCARAGNOLE  
(OFERECIDA A SEUS AMIGOS).

Olinta está no céu, não jaz na terra.  
(*Bocage, Epicédio*).

Crepes sudários, tochas funerárias!  
Aparato funesto! Oh! Quão terrível  
Te apresentas à mente atribulada  
De chorosos amigos, que envolvidos  
Contemplam nesses véus os caros restos  
D'aquela, que no mundo tanto amaram!  
Digno objeto de tantas simpatias,  
De lágrimas, de dor e de saudade!  
Onde consolações achar-se pode  
À perda de tão gratas esperanças?  
Mocidade, saber, virtudes, prendas,  
Tudo despojo foi da crua morte!  
Ao tempo que dourados sazonavam-se  
Em risonho florir da primavera

Frutos precoces de acurado estudo,  
E a Brasília guerreira juventude  
Que a ciência bebia em suas luzes,  
Almo futuro à Pátria prometia!  
Hoje esmagada de pungentes dores,  
A perda choram de tão digno lente!  
Rodeado de amigos e parentes,  
De mil ternos cuidados assistido.  
Tudo em vão; contra as forças da ciência  
Prevaleceu o mal, triunfou a morte;  
A sentença cumpriu-se do destino.  
Já não vêem esses olhos penetrantes;  
Essa boca eloqüente não prodiga,  
Com suave expressão, lição proffícua  
A seus caros alunos; o compasso  
Já não rege essa mão certa e firme,  
Que nas linhas diversas que traçava  
Os mais árduos problemas resolvia!  
Tanto futuro, tantas esperanças  
Ali dormem em fúnebre jazigo  
Para sempre!..Palavra inconstante  
Nos lábios de um cristão! Luiz não dorme

No silêncio profundo dessa campa;  
A terra só possui seu envoltório,  
Sua alma radiante, sobre os astros  
Remontou-se ao seu Deus, e ali c'roada

De luminosas nítidas estrelas,  
Goza já entre os anjos, e entre os santos  
O digno galardão que aos justos guarda  
Na morada eternal o Ser Supremo.

Ternos amigos enxugai o pranto;  
Luiz está no céu, não jaz na terra!



À MORTE  
DE UMA MENINA.

Como o cravo nacarado,  
Inda no calix fechado,  
De verme infesto picado.  
Desmaia, esmorece e caí;  
Assim ao golpe violento  
Da crua morte ferina,  
Tua existência infantina  
Evaporou-se em um ai!  
Como o canário mimoso,  
No verde ramo frondoso,  
Difunde canto amoroso,  
Descanta as graças do céu,  
Mas cai ao golpe cruento  
Do caçador homicida;  
Assim, na aurora da vida,  
Foste da morte troféu!

Esperança renascente  
Do cultor, que previdente  
Espera o grão recolher;  
Mas vem rajada furiosa,  
Seus trabalhos destruir;  
Assim teu belo porvir  
Se viu em flor perecer!

Marília, flor de pureza,  
Anjo de graça e beleza,  
Quantos dons da natureza  
Benigno o céu te doou!  
Tua cândida meiguice,  
Que os corações atraía,  
Tua inocente alegria,  
Tudo a morte aniquilou!

Mas no grêmio da ventura  
Tu'alma inocente e pura  
Goza já dita segura,  
Que nada pode empecer.  
Roga a Deus, que te chamou.  
Piedade e consolações,  
Para os tristes corações  
Que deixaste a padecer.



À MORTE<sup>136</sup>  
DE  
D. MARIA IZABEL DE VASCONCELLOS  
BRANDÃO.

Como a flor matutina, que se expande  
Ao rocio da aurora cristalino;  
Mas, por fero Aquilão despedaçada  
Deixa cair as pétalas, mimosas,  
E o despojado tronco só presenta  
Triste imagem de<sup>137</sup> dor, estrago e ruína;

Assim, Maria gentil,  
Na mais bela flor de Abril,  
Curvaste a fronte infantil,  
Da crua morte ao furor.

---

<sup>136</sup> Repetido em *Marmota Fluminense* de 10/10/1854, p. 4., com o título “À prematura morte da Ilma. Sra. D. Maria Izabel da Costa Barros Velloso Brandão, esposa do meu consternado e desditoso sobrinho o Dr. Lúcio José da Silva Brandão, falecida no 8º dia do seu casamento”.

<sup>137</sup> Em *Marmota*, “da”.

Arfante Nave formosa  
Fende as ondas majestosa;  
Mas parece desditosa  
Em medonho sorvedor;

Assim teus dias tão belos,  
Cheios de amor e desvelos,  
Qual tênue flor entre gelos  
Murcharam em seu albor.

Cândida Pomba, que o primeiro arrulho  
Ao primeiro reclamo respondias  
Do consorte fiel, que em terno arroubo  
Suspiros por suspiros demandava  
Co'os delírios da morte respondeste  
Aos de amor suavíssimos delírios:

Virtude, graça, beleza  
Te doara a natureza;  
Quanta candura e pureza  
Ornaram<sup>138</sup> teu casto amor!

Teu coração inocente,  
Apenas a chama ardente  
Sentiu da paixão veemente,  
Das palpitações de amor.

A ventura te sorria  
Do esposo na idolatria;  
Mas a dura sorte ímpia<sup>139</sup>  
Recusou-te o seu favor.

A vida transitória abandonaste  
Por buscar outra vida mais segura<sup>140</sup>;  
Mas num lago de penas emergiste  
Pais, Esposo, e parentes consternados  
Lágrimas, preces, votos te enviamos<sup>141</sup>,  
E nossos corações de dor desfeitos.

Maria! oh alma querida!  
Se para nós és perdida,  
És no céu esclarecida  
Junto ao trono do Senhor.

---

<sup>138</sup> Em Marmota, “Ornavam”.

<sup>139</sup> Para não prejudicar a métrica, deve-se ler o segundo “í”, antes não acentuado, como tônico.

<sup>140</sup> Em Marmota, “Outra vida buscando mais segura”.

<sup>141</sup> Em Marmota, “Lágrimas, preces te enviamos todos,”.

És brilhante e pura estrela,  
Que encobre negra procela,  
Mas no Empíreo clara e bela  
Radiante de esplendor.

Lá da celeste mansão  
Exalta a nossa oração,  
Que o Deus que manda a aflição  
É também consolador.



SONETO<sup>142</sup>

OFERECIDO, POR OCASIÃO DA MORTE DE SEU  
FILHO, AO EXM. SR.  
MARQUÊS DE OLINDA.

Abre as asas, arcanjo glorioso,  
Sobre as auras celestes te suspende,  
Demanda a sacra estância onde resplende  
De Jeová o trono luminoso.

Dos serafins em coro harmonioso  
Com transportes de amor a voz desprende;  
Ao ser Eterno em holocausto rende  
De pais aflitos pranto doloroso.

Hóstia propiciatória, se os clamores  
Se escutam dos mortais na eternidade,  
Impetra um lenitivo á tantas dores!

Um raio de esperança e de piedade  
Sustente os peitos seus contra os rigores  
De tão atroz, e perenal saudade!



---

<sup>142</sup> Soneto repetido em *Cantos da Mocidade*.

## QUADRAS.

Amor é um prazer,  
Amor é um tormento,  
Dá vida em um momento,  
Em outro faz morrer.

Seus mimos, seus agrados,  
São cheios de veneno;  
Por um prazer pequeno  
Dá anos de cuidados.

Oh peitos, que inda isentos  
Viveis do seu farpão;  
Fugi da ingratidão  
Aos tiros fraudulentos.

Promessas, prantos, votos,  
São filhos da impostura,  
Vária, falaz ternura  
Os deixa logo rotos.

Já de meu terno pranto  
Foi doce encanto amor;  
Hoje trocado em dor  
O tem de dor desfeito.

Quando do objeto amado,  
Os votos escutava,  
Minh'alma se enlevava  
Num gosto imaginado.

Eu era a sua vida,  
Eu era o ídolo seu;  
Como atestava o céu  
Essa alma fementida!

Depósito inocente  
De dolo e de impostura,  
Que exprimes a ternura  
De um ímpio que a não sente!

Que vezes, transportado  
De gosto e de paixão,  
Meu terno coração  
Teve-te a si unido!

Que beijos, que carícias  
Te prodiguei amante,  
Julgando, delirante  
Em ti minhas delícias!

Na pérfida expressão  
De um'alma sem ternura,  
Cevei minha loucura,  
Nutri minha paixão.

Em cenas de prazer,  
Em grata companhia,  
Se o bárbaro não via,  
Sentia-me morrer.

Num ermo o mais agreste,  
Num cerro desabrido,  
Se o visse a mim unido  
Gozara um bem celeste!

Sim, pérfido, eu te amava  
Mais do que a vida minha  
Prazer em ti só tinha,  
Por ti só respirava.

Mas hoje te detesto;  
Teus votos já não prezo;  
Desprezo, e só desprezo  
Te juro, te protesto.

Foge, infiel, traidor,  
De ingratição exemplo;  
Que indigno te contemplo  
Até do meu rancor.



FIM DO 1º VOLUME.



## 7. Catão

METASTASIO, Pedro. *Catão*. Drama trágico. Tradução de D. Beatriz Francisca de Assis Brandão. Rio de Janeiro: Typografia BXP de Sousa, 1860. 136p.

Drama Trágico

Pelo Abade Pedro Metastásio;

Traduzido do Italiano

POR

D. BEATRIZ FRANCISCA DE ASSIS BRANDÃO.

E POR ELA DEDICADO

A S.A.I. e R. a SENHORA

PRINCESA D. JANUÁRIA.

---

RIO DE JANEIRO.

TIP. E LIVRARIA DE B.X. PINTO DE SOUSA,

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

---

1860

Se grata sensação nas almas livres  
Produzir este opúsculo que exponho  
À crítica severa, e judiciosa  
Dos meus concidadãos, dos que despidos  
De soberbo egoísmo, não desprezam  
Espírito, a aptidão em débil sexo,  
Da aceitação benigna à grata sombra  
Meu gênio empreendedor, ousado, e afoito  
Fará mais vezes renascer na cena  
Estímulos brilhantes, que as veredas  
Ensinem de Catões, dos Viriatos...  
Aceita, pois, Princesa, estes ensaios,  
Não primeiros, talvez; porém mais nobres  
De quantos produziu a minha pena.  
Posto que alheios sejam, minha musa,  
A público os expõe em pátria língua.  
Diz-se que traduzir não é talento;  
Mas frases variar, compasso, estilo,  
Ao gosto nacional torcer o estranho,  
Algum mérito tem; e se contudo,  
Não merecer desculpa o meu arrojo,  
A grandeza do objeto que me inspira  
A minha glória salva. Se, benigna,  
Da humilde musa os cultos te merecem  
Sincera aceitação, meus votos todos  
Serão cumpridos; a virtude eu canto,  
E os cantos meus dedico-os à virtude.

# CATÃO

DRAMA TRÁGICO.

---

## PERSONAGENS.

CATÃO CÉSAR

ARBAGE, príncipe de Numídia.

FÚLVIO, legado do seriado de Roma.

MÁRCIA, Filha de Catão.

EMÍLIA, viúva de Pompeu.

---

N.A. Metastásio, escrevendo este drama para ser cantado, mudou por causa da harmonia, o nome de Cornélia, viúva de Pompeu, no de Emília, assim como o do mago Juba naquele de Arbace. Como tradutora, não me achei com direito de restabelecê-los.

# CATÃO

## DRAMA TRÁGICO

---

O teatro representa uma sala d'armas

### CENA I.

**CATÃO, ARBACE, E MÁRCIA.**

MÁRCIA.

Por que tão triste, ó pai: perdida é Roma  
Se chega a vacilar tua constância:  
Teus ocultos pesares desafoga;  
Fala, ao peito angustiado de uma filha  
Mágoa não há maior que a tua mágoa.

ARBACE.

Nesse silêncio apenas reconheço  
O intrépido Catão! Onde a afoiteza  
Daquela alma severa? Ah! Se em teu peito  
A virtude desmaia, está perdida  
A liberdade; César tem vencido!

CATÃO.

Filha, amigo, não é sempre a tristeza  
Sinal de covardia. O vulgo ignaro  
Co'as vestes do temor cobre a prudência;  
O valor não perdi: se penso e calo  
De calar, e pensar razão me sobra.  
De César o furor tudo atropela;  
A Pharsalia por ele iniquamente  
É de sangue civil tépida ainda:  
O respeito por ele tem perdido  
Roma, e o senado, a cujo aceno um dia  
Tremia o Parta, desmaiava o Seita.  
Vítima sua cai assassinado  
Ante os olhos do déspota do Egito  
O invicto Pompeu, da pátria escudo.

E só de Utica os apertados muros  
Fraco reparo, em tanta angústia, of'recem  
À fugitiva lácia liberdade.  
César se apressa já, que em duro assedio  
Nos oprime; esses poucos defensores  
Nem todos são fieis. Em mim só firma  
Roma a sua esperança vacilante;  
Roma, que geme a braços c'o tirano?  
E me pedes razão se penso e calo?

MÁRCIA.

Mas não vem César hoje procurar-te?

ARBACE.

Se te vem procurar, pazes deseja.

CATÃO.

Enganai-vos: possível não seria  
Que em um momento abandonar quisesse o  
Desejo de mandar, que tanta lida,  
Tanto suor lhe custa!

MÁRCIA.

Mas quem sabe?  
Não é César, senhor, de Roma filho?

CATÃO.

Sim, um filho perjuro, e desumano.  
Que a vem escravizar: um filho ingrato,  
Que para vê-la ao mando seu escrava  
Não sente horror de lacerar-lhe o seio.

ARBACE.

Toda Roma, porém não tem domado  
César ainda; a superar lhe falta  
O estorvo mais forte aos seus projetos.

CATÃO.

E o que lhe resta mais?

ARBACE.

Catão lhe resta.  
Talvez mais temeroso se apresente  
A teus olhos severos, do que o fora  
À Europa, à Ásia, e ao mundo inteiro armados!  
E, se de teus conselhos regulados  
Os meus Numidas forem, fraco auxílio  
Não prestarão: souberam por mais vezes  
Com menor chefe, suspender os vôos  
Dessas águias latinas.

CATÃO.

Reconheço,  
Príncipe, o teu valor; nem me é estranho  
O mais que agora por modéstia calas;  
A alma sublime a que só falta a sorte  
De romana nascer.

ARBACE.

Ah! tu corrige  
Essa culpa não minha! A tua virtude  
De longo tempo já, em Márcia adoro.  
Ajunta novos laços à amizade;  
Sofre que esposo à filha a mão ofereça,  
Não a despreze Márcia, e sou romano.

MÁRCIA.

Que dizes? Quando ameaça o último golpe  
A pátria liberdade, e em nosso dano  
Se abrasa o mundo em bélicos furores,  
Fala Arbace de núpcias, e de amores?

CATÃO.

As núpcias, filha, ao público repouso  
Mais que à privada escolha, servir devem.  
Com tal câmbio de afetos se misturam

Int'resses em comum: qualquer defende  
Parte de si no objeto a que é ligado,  
E deste nó tenaz parte a concórdia  
Que protege as nações, e a paz sustenta.

ARBACE.

Feliz de mim, se a par de ti aprova  
Márcia os afetos meus!

CATÃO.

Márcia é romana,  
E minha filha, duvidar não deves.

MÁRCIA.

Porque romana sou, e tua filha,  
Zelosa guardarei da pátria e sangue  
Os sagrados direitos. Quererias  
Que a tua mesma prole, a que nascera  
De Roma cidadão, e foi nutrida  
As auras triunfais do Capitólio,  
Fosse esposa de um Rei?

ARBACE.

(Que fero orgulho!)

CATÃO.

Como se muda a sorte, assim se mudam  
Os costumes, ó filha. Em todo o tempo  
Esse fato não serve, e nem te é dado  
Examinar de um pai preceitos justos.  
Não temas, Príncipe, entre em pouco Márcia  
Será tua esposa. Em meus paternos braços  
Vem receber do mais constante afeto  
O primeiro penhor; e não te esqueças  
Que de hoje avante é Roma pátria tua,  
E o teu dever, agora que és romano,  
É de salvá-la, ou perecer com ela.

## **CENA II**

### **MÁRCIA, e ARBACE.**

ARBACE.

Tristes afetos meus, se não merecem  
Desse teu coração, Márcia adorada,  
Amor, ou compaixão!

MARCIA.

Amas-me, Arbace?

ARBACE.

Tu mo perguntas? Zombas de meus males!  
E tão pouco se explicam aos meu olhos,  
Que se a boca o não diz, os não compreendas?

MÁRCIA.

Mas desse amor que provas me tens dado?

ARBACE.

Não as pediste.

MÁRCIA.

E se as pedisse? Arbace.

ARBACE.

Exceto o renunciar-te, farei tudo.

MÁRCIA.

Fala, Márcia,

Pelos numes, pela honra te asseguro;  
O juro ainda por teus belos olhos,  
Pela fé, pelo amor, e por ti mesma.  
Que me podes pedir? A vida? O solio?  
Ordena, e cumprirei.

MÁRCIA.

Tanto mais quero.  
Desejo só que neste dia, Arbace,  
De núpcias se não trate: ao teu pedido  
O pai consinta; mas não lhe declares  
Que eu o tenha exigido, e sou contente.

ARBACE.

Por que queres que eu mesmo assim retarde  
Minha ventura?

MÁRCIA.

O mérito desdenha  
Quem procura razão da obediência.

ARBACE.

Ah! Que bem reconheço a causa oculta  
Que a diferir te obriga o meu consórcio!  
A César inda adoras: ele chega  
Hoje aos muros de Utica, e hoje te enoja  
Que de núpcias se trate. A mão de esposa  
Em presença do pai, cruel, me negas.  
E resistes, ingrata e obstinada,  
Ao mando paternal e ao meu afeto!  
E queres que obedeça, e que não fale?

MÁRCIA.

Dissipar poderia essa suspeita;  
Mas não devo inda tanto aos teus extremos.  
Obedece ao meu mando, e te recorda  
De quanto impus, e quanto prometeste.

ARBACE.

Mas depois nesses olhos, que idolatro,  
Acharei compaixão, ou crueldade?

MÁRCIA.

Nem rigor, nem ternura te prometo.  
Dá-me um penhor de fé; em mim te fia;  
Conhecerei se me amas, e premiar-te  
Ao meu cuidado fique. Não me peças  
Algum favor se merecê-lo queres.

### **CENA III.**

ARBACE.

Mísero! Que jurei? A que ignomínia  
Me sujeitou amor! Quem viu amante  
Mais infeliz do que eu? A minha ingrata  
Quase aos meus olhos infiel se ostenta,  
E eu as armas lhe dou com que me mata!  
Triste sorte de uma alma apaixonada,  
De um coração amante, e oprimido,  
Que deve obedecer, sofrer, calando  
Injustas leis de uma cruel que abusa  
Do poder que seus olhos lhe têm dado!  
E se o amante infeliz favor implora,  
Que o não merece, diz, que a amar aprenda!

## CENA IV.

Parte interna dos muros de Utica; a porta da cidade está fechada: há uma ponte, que depois se abaixa.

### CATÃO e depois CÉSAR, e FÚLVIO.

CATÃO.

Venha César<sup>143</sup>. Eu não compreendo a causa  
Que o conduz: é temor? Será perfídia  
Não pode ser; no peito de um romano  
A ambição de reinar não chega a tanto  
Que tão vil pensamento encerrar possa!  
*(Desce a ponte, e passam César e Fúlvio)*

CÉSAR.

Com centos de esquadrões em campo armados  
Em minha guarda, a ti não me apresento.  
Sem escolta, e na tua fé seguro,  
Me balanço entre os muros inimigos.  
Tanto honrar sabe César as virtudes  
Que admira em Catão, êmulo ainda!

CATÃO.

Em fiars-te em mim nada arriscavas  
Nem mais que do dever as leis cumpriste.  
Que podias temer entre estes muros?  
Tu no Egito não estás; aqui se guardam  
Os direitos das gentes; nem se encontram  
Os Ptolomeus onde Catão existe.

---

<sup>143</sup> No original está “Casar”, mas certamente é erro tipográfico. O correto é “César”.

CÉSAR.

Eu te conheço sim, teu grande nome  
Respeitar soube desde os tenros anos.  
E mil vezes ouvi que te aclamavam  
Pai da pátria, e das nossas leis antigas  
Rígido defensor. Foi, pois, a sorte  
Prodiga em seu favor às minhas armas;  
Mas a conquista a que ansioso aspiro  
Pela qual toda outra cederia,  
E só tua amizade: esta te peço.

FÚLVIO.

E o senado também a vós me envia  
Núncio de sua vontade. Já é tempo  
Que privados furores desprezando,  
Tenha repouso a combatida pátria.  
À Itália faltam já habitantes,  
Faltam braços às artes, e à cultura,  
Ferro aos arados: tudo em usos às armas  
O bélico furor tem convertido.  
E em quanto Roma, em tanto horror convulsa,  
Com suas próprias mãos o seio rasga,  
A Ásia inconstante ri, a África exulta.

CATÃO.

Quem quer Catão amigo, facilmente  
O pode ter; a Roma fiel seja.

CÉSAR.

Quem mais fiel do que eu? Verto por Ela  
O sangue, e o suor a longo tempo.  
Não foi César quem sobre o alpestre limo  
Do alto Tauro, onde ao céu é mais vizinho,  
Fez ressoar o nome de Querino  
A vez primeira? O gélido britano  
Por ele, a respeitar não aprendera  
As romanas insígnias? E se agora  
Vem de climas remotos...

CATÃO.

Sei o resto.  
Dessas proezas, e dos teus trabalhos  
Já gozamos o fruto: em toda a Itália  
Penhores do amor teu se manifestam.  
E tão simples me crês, que não perceba  
Cobertos de virtudes os teus desígnios?  
Sei que o desejo de mandar te inflama  
O tirânico gênio, onde infelizes  
Tantos tens feito já...

FÚLVIO.

Catão, que dizes?  
De conciliar afetos, e interesses  
Este o meu não é; eu vim ministro  
De paz, e não de guerra.

CATÃO.

Bem, prossegue. (Que poderá dizer?)

FÚLVIO.

(Tanta virtude o torna assaz severo)  
(*À parte a Cesar*)

CÉSAR.

(Eu o admiro  
Bem que me ofenda.) (*A Fúlvio*)

O mundo dividido  
Pende do aceno meu, do teu aceno.  
Só que as nossas idéias se combinem  
É confirmada a paz. Se te estimula  
O amor da pátria, se poupar desejas  
Tanto sangue latino, os meus discursos  
Plácido escutarás.

## CENA V.

### OS DITOS e EMÍLIA.

EMÍLIA.

Que vejo? Ó Deuses!  
É este pois o asilo que me presta  
Catão? O mesmo sítio vê presentes  
De Pompeu a viúva, e o seu tirano!  
Onde estão as promessas de vingança?  
Assim castigas a traição, o crime?  
Assim de Emília defensor te inculcas?  
Até<sup>144</sup>de pazes se fala, e eu escuto!

FÚLVIO.  
(Em tanta desventura é inda bela)

CÉSAR

Se contra mim tanto ódio inda conservas,  
És muito injusto.

EMÍLIA

Injusta! E tu ignoras  
A causa do meu ódio? O meu esposo  
Não foi vítima tua? Espectadora  
Não fui eu quando da mão em curto barco  
Atraçoado ele desceu ao Nilo?  
Não vi eu mesma, c'os meus próprios olhos, o ferro lampear da mão traidora  
Que o peito lhe rasgou? Não vi no rosto  
Soltar o sangue ao bárbaro assassino?  
Entre os vis homicidas quis lançar-me,  
Mas as ondas opostas, e a piedade  
Estranha mo vedaram. Um amigo  
Não se achou entre tantos que o seguiram  
Que pudesse a Pompeu cerrar os olhos!  
Tanto invejam os Deuses os humanos  
Que os buscam imitar!

---

<sup>144</sup> No original, "té".

FÚLVIO.  
(Me faz piedade!)

CÉSAR.

Mas, Emília, eu não tive parte alguma  
De Ptolomeu na bárbara impiedade;  
E sabe o céu, tu sabes, se o seu fado  
Lamentei; se correram minhas lágrimas  
Sobre a honrada cabeça!

CATÃO.

Mas quem sabe  
Se choraste de dor, ou de alegria?  
Mil vezes o prazer prorrompe em pranto.

CÉSAR.

Pompeu feliz! Quanto o teu fado invejo  
Se te fez alcançar Catão amigo!

EMÍLIA.

Não, de tão nobre inveja, desumano,  
Não és capaz, tu que pudeste as armas  
Contra a pátria voltar.

FÚLVIO.

Senhor, o tempo  
Oportuno não é para tratar-se  
De paz; pede negócio tão conspícuo  
Solitário lugar, mente serena.

CATÃO.

Em minha casa breve hei de atender-vos.  
Tu entretanto, Emília, pensar deves  
Que não se deixa tanto em liberdade  
Toda a mágoa exalar, já que a sorte  
Te concedeu a glória de ostentar-te  
De Scipion filha, e de Pompeu consorte.

## CENA VI.

### CÉSAR, FÚLVIO, e EMÍLIA.

CÉSAR.

Calas-te, Emília? Em teu silêncio vejo  
Um princípio de paz.

EMÍLIA.

Ímpio, te enganas!  
Quando calo, medito na vingança!

FÚLVIO.

E, não se aplacam de teu peito as iras  
À vista de um herói tão generoso?

EMÍLIA.

Aplacar-me? Antes sempre em sua presença,  
Inda que mil esquadras o escoltassem,  
Direi que o odeio, e que o desejo extinto!

CÉSAR.

No valor que te anima o peito ilustre,  
De tantos atrativos se orna a ira,  
Que em minha alma desperta sentimentos  
De compaixão, respeito e maravilha!  
Tu me fazes saber com que firmeza  
Se contrasta da sorte a tirania,  
E que a uma alma romana são ignotos  
Os nomes de temor e covardia.

## CENA VII.

### EMÍLIA, e FÚLVIO.

EMÍLIA.

Quanto de ti diverso hoje te vejo,  
Ó Fúlvio! Quem te fez sequaz de César,  
E inimigo de Emília?

FÚLVIO.

Quando cumpro  
Os decretos de Roma, sirvo à pátria,  
Não a César. A ti não sou contrário;  
Antes nest'alma a bela imagem tua,  
Teus nobres atrativos, tenho impressos,  
E, se menos respeito aos teus desastres  
Eu tivesse, diria que inda Emília  
Meu terno coração agita, e prende:  
Que arde por ela qual ardera outrora;  
Que a minha desventura a outros braços  
A conduziu; e lhe diria ainda  
Que até na dor aos olhos meus é bela!

EMÍLIA.

Porém mal se concordam juntamente  
De César o amigo e o meu amante.  
Serve a César, ou vinga o meu esposo:  
Só a este preço sofrerei que me ames.

FÚLVIO

(que me pede! Iludamo-la.)

EMÍLIA.

Estás absorto?

FÚLVIO.

Pensa que jamais duvidar deves  
Da minha lealdade.

EMÍLIA.

Então te prestas  
A comprazer meu ódio?

FÚLVIO.

Um teu preceito  
Prova fará.

EMÍLIA.

Eu quero extinto Cesar!

FÚLVIO.

Outra mão mais fiel para servir-te  
Não acharás.

EMÍLIA.

Por hora isto me basta.  
Em lugar mais seguro, brevemente  
Nos meios trataremos vingança.

FÚLVIO.

Posso entanto explicar-te os meus afetos?

EMÍLIA.

Inda tempo não é que eu permita  
Entreter-me de amor; cumpre o desígnio,  
Serve ao meu ódio, e menos desgraçada,  
Talvez te atenderei. Ah! Que esperança  
Pode dar-te de amor, em tanta mágoa,  
Uma infeliz envolta em negro manto,  
Entregue a tanta dor, e só nutrindo  
Ódio no coração, nos olhos pranto!

FÚLVIO.

Lacrimosa desponta a bela aurora,  
E com tudo anuncia o sol radiante;  
Tais teus olhos, de pranto umedecidos,  
Animam meu peito de esperanças.

## CENA VIII

EMÍLIA.

Se estes loucos amores sofro, escuto,  
E, depois de perder-te, inda respiro,  
Perdoa, esposo amado; de vingar-te  
Outra via não tenho, outro socorro.  
Meus afetos são teus; foste o primeiro  
O último serás, querido objeto  
De todo o meu amor. Em quanto viva  
Constante te amarei! Se além da morte  
Inda se pode, amar, lá nos Elíseos  
Será minha alma amante unida à tua!  
No seio de uma estrela radiante,  
Ou de Lethes na margem solitária,  
Espera-me, alma bela, eu vou buscar-te...  
Irei, sim, mas espero que preceda  
À sombra minha, a sombra do tirano,  
Que armara contra ti o mundo inteiro.

CENA IX.

*Edifícios arruinados junto à casa de Catão.*

CÉSAR, e FÚLVIO.

CÉSAR.

Pois chegou a tentar tua lealdade?  
Tanto de teu amor espera Emília?!

FÚLVIO.

Sim; mas inda que o peito amor me inflame,<sup>145</sup>  
Eu amo muito mais a minha glória.  
Infel me fingi para salvar-te,  
E poder penetrar os seus desígnios.

---

<sup>145</sup> No original, “Inflamma”.

CÉSAR.

A Fúlvio amigo os dias meus confio.  
Agora, em quanto a observar o campo  
Por algum tempo parto; aqui me espera,  
E busca descobrir os seus projetos.

FÚLVIO.

Tu te ausentas?

CÉSAR.

Eu devo cauteloso  
Prevenir os tumultos e desordens  
Que pode minha ausência ter causado.

FÚLVIO.

E Catão?

CÉSAR.

Torna a ele, e o assegura  
Que antes que chegue a meio curso o dia  
A falar-lhe virei.

FÚLVIO.

Eu vou..mas vejo  
Márcia que chega...

CÉSAR.

Ah! Deixa-me com ela  
Um momento. Até<sup>146</sup> agora em balde tenho  
Procurado encontrá-la; sabes...

FÚLVIO.

---

<sup>146</sup> No original, “té”.

Que a amas,  
E ela igualmente a ti; e sei por prova  
O prazer que experimenta um terno amante  
Que torna a ver o caro objeto que idolatra.

## **CENA X.**

### **CÉSAR e MÁRCIA.**

CÉSAR.

Enfim, torno-te a ver? Márcia adorada!  
Creio apenas meus olhos; e avezado  
A figurar-te sempre à minha idéia,  
Receio que me iluda o pensamento  
Oh! Quantas vezes no furor das armas,  
Entre as árduas empresas em que envolto  
Me trazia a fortuna, em ti pensava!  
E tu, do nosso amor não te lembraste?  
Da nossa fé? Á par da tua beleza  
Cresceu tua ternura, ou esquecida  
Deslembras tanto amor? Dize, que parte  
Tem no afeto de Márcia o meu afecto?

MÁRCIA.

E tu quem és?

CÉSAR.

Quem sou! Céus! Que pergunta!  
É zombaria? É sonho? Tão mudado  
Está teu coração, ou meu semblante,  
Que já não me conheces?

MÁRCIA.

Certamente  
Nunca te vi.

CÉSAR.

A César nunca viste?  
César, a quem amaste, a quem juraste  
A despeito da ausência e do destino  
Constante, eterna fé?

MÁRCIA.

Tu és aquele?  
Não, tu César não és, seu nome usurpas.

Um César adorei, não nego, e era  
A honra do Capitólio, o amor da pátria,  
As delícias de Roma, e glória minha!  
Esse César amei, esse adorava  
Antes que o céu de mim o apartasse.  
Apareça esse César, e o conheço.

CÉSAR.

Eu sempre o mesmo sou; e se aos teus olhos  
O mesmo não pareço, ou te enganava  
Naquele tempo amor, ou te deslumbra  
Hoje o despeito. Às armas, aos horrores  
Da guerra, a meu pesar fui arrastado  
Pela inveja inimiga. Estimulado  
Combati em defesa; a ti devia  
Conservar esta vida; e se pugnando  
Fui depois vencedor de reino em reino,  
Julguei fazer-me assim de ti mais digno.

MÁRCIA.

Na verdade, senhor, muito te devo;  
Perdoa-me, se injusta ofender pude  
Teu generoso coração; te<sup>147</sup> agora  
Inocente, pensei que se faz guerra  
Só aos contrários; nunca entender pude  
Como provas de amor os teus furores;  
Mas de agora em diante o terno afeto  
De um grande herói, que vive enamorado,  
Conhecerei assim. Bárbaro! Ingrato!

CÉSAR.

Que mais posso fazer? Súplice eu mesmo  
Venho pedir-vos paz, quando podia...  
Tu sabes.

MÁRCIA.

Sei, tirano, que com armas  
A pedes.

---

<sup>147</sup> Não atualizado para “até” a fim de preservar a métrica.

CÉSAR.

E devia, só, inerte,  
Expor-me às iras do inimigo?

MÁRCIA.

Ah! Dize  
Que o único embaraço aos teus desígnios  
É meu pai; que desejas vê-lo extinto;  
Que não pode<sup>148</sup> sofrer tua soberba  
Em todo o vasto mundo que venceste;  
Que só Catão subjugar te resta.

CÉSAR.

Ora, ouve, Márcia, a meu amor perdoa  
Um sincero falar: mais que a mim mesmo  
Eu te amo, o juro; mas a formosura,  
As graças e atrativos de teu rosto  
De meu amor não foram incentivos.  
De Catão a virtude em ti adoro;  
Teu nobre coração amo, e admiro  
Como parte do seu. Aqui me trouxe  
Mais o ardor de alcançar sua amizade  
Que o desejo de ver-te, e se... perdoa  
Que eu o diga. Se me impusesse um nome  
De perder um de vós... morrer de pena  
No lance rigoroso eu poderia;  
Mas Catão, e não Márcia salvaria.

MÁRCIA.

Eu meu César, principio agora  
A conhecê-lo em ti; assim me agradas,  
Me enamoraste assim. Ama, não temas,  
Ama Catão; eu não serei zelosa.  
Se co'um rival tão caro se reparte  
Teu coração heróico, e generoso,  
Mais digno és inda do meu terno afeto.

---

<sup>148</sup> No original, encontra-se “podem”, o que caracteriza um erro de concordância verbal que, provavelmente, resultou de erro tipográfico.

CÉSAR.

(Ah! Que é muita vitória! Mal de tanta generosa virtude eu me defendo!)

Tranqüiliza-te, ó cara, eu de ti cuido,  
Teus destinos têm parte em meus projetos,  
E antes que deste dia acabe o giro  
Conhecerás, por prova incontestável,  
Que sou César, e que te adoro.  
Ah! Quem de amor crimina os doces laços,  
Veja, escute o meu bem, e me condene!  
Quando tanta virtude orna a beleza  
Adoram os mortais, amam os numes.

## **CENA XI.**

### **MÁRCIA, depois CATÃO.**

MÁRCIA.

Minhas perdidas, doces esperanças  
Dentro em meu peito renascer sinto.  
Quem sabe! Grande parte deste dia  
Inda resta a passar-se, e se aplacado  
De César à amizade o pai se liga,  
Não me abaterá Arbace.

CATÃO.

Vamos, filha.

MÁRCIA.

Onde? Senhor.

CATÃO.

Ao templo, aos desposórios  
Do príncipe Numida.

MÁRCIA.

Como? (Oh! Deuses!)  
Tão solícito, ó pai?

CATÃO.

Qualquer demora  
Pode ser-nos fatal.

MÁRCIA

(Infel Arbace!)

Talvez, senhor, o príncipe recuse  
Chegar as aras...

CATÃO.

Foi um mensageiro  
Já apressá-lo. Vamos.

MÁRCIA.

(Que tormento!)

## CENA XII.

### OS DITOS e ARBACE.

ARBACE.

Suspende-te, senhor.

MÁRCIA.

(Serás constante?) (*A Arbace.*)

CATÃO.

Vem, ó Príncipe, vinde (*A ambos*) junto às aras  
Cumprir vosso himeneu; mais prontamente  
Não podia preencher minha promessa.

ARBACE.

Para tão grande dom, todo o meu sangue  
Pouco seria; mas, senhor, se queres  
Que mais grato se torne à alma minha,  
Consente se transfira a nova aurora.  
Grandes negócios hoje se discutem  
Co' o inimigo comum, e o novo dia  
Todo aos prazeres consagrar se pode.

CATÃO.

Não; já fumam as aras, e se juntam  
Os ministros. Intempestiva agora  
Toda a espera será.

ARBACE. (*À parte á Márcia.*)

Que ordenas, Márcia,  
Que eu diga?

MÁRCIA. (*À parte a ele.*)

Mo perguntas?

ARBACE.

(Desumana!)

O mais, senhor, concedes, e me negas  
O menos?

CATÃO.

Tanto importa essa demora?

ARBACE.

Ó deuses! Tu não sabes... (Que tormento!)

CATÃO.

Mas que frieza é esta? É talvez Márcia  
Que recusa o himeneu?

MÁRCIA.

Eu? Fale Arbace.

ARBACE.

Não. Sou eu que te peço.

CATÃO. (*Falando consigo.*)

Que segredo  
Aqui se esconde! Ele me pede a filha,  
E depois a recusa! O mesmo dia  
Em que César avança, ele se muda!  
Tão triste, tão turbado... (*Alto.*) Eu temo, Arbace,  
Que te não tenha já tornado à mente  
Que nasceste africano!

ARBACE.

De teus lábios  
Tudo suporte.

CATÃO.

E pois assaz diverso  
Eu te julguei!

ARBACE.

Verás...

CATÃO.

Assaz hei visto,  
E agora nada mais a ver me resta.

## **CENA XIII.**

### **ARBACE e MÁRCIA.**

ARBACE.

Que mais queres, cruel? Tenho cumprido  
Teu bárbaro preceito: eis em suspeitas  
Vacilante teu pai, e a minha honra  
Em dúvida afrontosa! Que mais queres?  
Vês-me infeliz; que falta a contentar-te?

MÁRCIA.

Apenas a servir-me começaste,  
E já aos olhos meus tanto exageras?

ARBACE.

Ah! Cruel!

## **CENA XIV.**

### **OS DITOS e EMÍLIA**

EMÍLIA

Apesar da desventura  
Que meus dias persegue, e atormenta,  
Em vossos regozijos tomo parte,  
Ó felizes esposos! Roma adquire  
Um novo vingador, e vão crescendo  
Generosos contrários ao tirano.

ARBACE.

Reserva a outro tempo o fausto augúrio.  
Suspendeu-se o himeneu.

EMÍLIA.

Como! Que dizes?  
Mudou Márcia talvez ao pensamento?

ARBACE.

Não; Márcia não mudou, Márcia é constante.

EMÍLIA.

Logo, se opõe Catão?

ARBACE.

Também te enganas.

EMÍLIA.

Mas quem o exigiu?

MÁRCIA.

Arbace o pede.

EMÍLIA,

Tu, Príncipe?

ARBACE.

Sim, eu.

Outro só ama a paz, e também se acham

Muitos que à crueldade sacrificam.

Se entre tantos outros desgraçados

Peno eu também, meu mal não escarneças,

Que talvez compaixão eu só mereça.

## **CENA XV.**

### **MÁRCIA e EMÍLIA.**

EMÍLIA.

Se Arbace falta à fé, é César o ímpio  
Que o seduziu.

MÁRCIA.

Suspende essa suspeita.  
É César incapaz de tal baixeza,  
Bem que seja contrário.

EMÍLIA.

Mal conheces  
Sua perversidade! Todo o crime  
Que o ódio lhe franqueie, uma virtude  
Lhe parece.

MÁRCIA.

E, contudo fiéis amigos  
Adoram o seu nome.

EMÍLIA.

É dos malvados  
O número maior. Associados  
Sofrem-se mutuamente o seu despeito,  
E aos bons com seu exemplo, ou seduzidos,  
Ou oprimidos deixa.

MÁRCIA.

Essas idéias  
Depõe, Emília, e entre nós tratemos.  
Dize, não tomou armas teu esposo  
Por ciúmes do mando? E a ti, confessa,  
A idéia de reinar talvez enoja?  
Se César sucumbisse na disputa,

Pompeu não era o injusto? A sorte acusa;  
O golpe é grande, eu bem o vejo, e sinto;  
Mas César não é réu de outro delito  
Do que ser vencedor.

EMÍLIA.

Assim discorres?  
Que mais dizer podias de César  
Amante fosses! Ah! Que bem prevejo  
No teu falar que o amas...

MÁRCIA.

Eu, amá-lo?  
Como o podes pensar de uma inimiga!

EMÍLIA.

Vejo em teus olhos certo movimento  
Que mais amor do que ódio patenteia;  
Mais se é amor, esconde os seus efeitos,  
Que muito criminosa te faria!

## **CENA XXI.**

MÁRCIA.

Ah! Muito disse, e quase tudo! Emília  
Compreendeu de meu peito o oculto afeto!  
Mas quem pode esconder os sentimentos  
De um coração amante e ulcerado!  
Como pode abafar-se um fogo ativo  
Que se exala em suspiro? Uma vista,  
Um rubor improvisado patenteia;  
E se basta tão pouco a descobri-lo,  
Que valem os cuidados de escondê-lo?

## **ATO SEGUNDO.**

**Sala de armas**

### **CENA I.**

**CATÃO com séquito, MÁRCIA, e depois ARBACE.**

CATÃO.

Romanos, se algum dia o vosso chefe  
Reconheceu em vós provas constantes  
De patriótica fé, hoje as reclama,  
Hoje as pede.

MÁRCIA.

Senhor, nos imprevistos  
Petrechos de armas, que apressado ajuntas,  
Sinais de guerra vejo, e não obstante  
Tratava-se de paz...

CATÃO.

Entre inimigos  
Não há cautela que bastante seja.  
Só o aspecto de César nestes sítios  
Seduz os meus fiéis.

ARBACE.

Senhor, chegaram  
As esquadras numidas; esta prova  
Tens já da minha fé.

CATÃO.

Não basta, Arbace,  
Para apagar de todo uma suspeita.

ARBACE.

Ó Deus! Tu crês...

CATÃO.

Sim, creio que vacila  
A fé no peito teu. Por que me ocultas  
A causa ponderosa que te obriga  
A diferir as núpcias? Por que mudas  
Ao ingresso de César nestes muros?

ARBACE.

Ah! Márcia! A minha fé ao pai recorda!  
Vê que injúrias suporta o meu decoro!

MÁRCIA.

E de mim que socorro esperar podes?

ARBACE.

Aconselha-me ao menos.

MÁRCIA.

Que conselho  
Te posso dar? O teu dever preenche,  
E não faltes a fé.

ARBACE.

(que desumana!)

CATÃO.

Já seu conselho ouviste, que resolves?

ARBACE.

Ah! Se de teu afeto já fui digno,  
Esta demora sofre. Eu juro aos deuses  
E a tudo o que tenho de mais caro  
Que te serei fiel. Enfim, pedir-te  
Que o himeneu se transfira a novo dia  
Tão grande culpa te parece?

CATÃO.

Basta.

Na demora consinto, mas enquanto  
De Márcia esposo não te vir, recuso  
A César receber entre estes muros.

MÁRCIA.

(Ó deuses!)

ARBACE.

(Eu respiro!)

MÁRCIA.

E isto que serve  
Aos públicos negócios?

CATÃO.

Deste modo  
Eu de ambos me asseguro. Empenho Arbace  
Em mais estrita obrigação, e a César  
Ao mesmo tempo evito o seduzi-lo.

MÁRCIA.

E por tão leve causa, hão de aprazar-se  
Os negócios da Pátria?

ARBACE.

Márcia, injusta  
É tua oposição, teu pai procura  
O seu, e meu repouso.

MÁRCIA.

E tu consentes  
Que só por teu respeito a uma aviltante  
Cautela se recorra, e não ponderas  
Se fica tão somente por tua causa  
A esperança de tantos iludida?

ARBACE.

Ao dever obedeço, à fé não falto.

CATÃO.

Cala-te, Márcia. Em novo dia, Arbace,  
Será teu himeneu, eu to concedo.  
E a prevenir de César a tornada  
Vou neste passo.

MÁRCIA.

(Que farei, oh deuses!)

## **CENA II.**

### **FÚLVIO e os DITOS.**

FÚLVIO.

Senhor, César já chega.

MÁRCIA.

(Torno à vida!)

CATÃO.

Onde está?

FÚLVIO.

De Utica chega aos muros.

ARBACE.

(Ah! Renasce de novo o meu tormento!)

CATÃO.

Parte, Fúlvio, a seu campo novamente;  
Dize a César que volte. Hoje não quero  
Tratar de paz.

MÁRCIA.

(Ó céus!)

FÚLVIO.

Por que motivo?

CATÃO.

Não uso dar razões aos meus desígnios.

FÚLVIO.

Este comportamento desusado  
Em outro, que não tu, faltar seria  
À fé pública, assim...

CATÃO.

César primeiro  
Faltou; a hora prescrita ao seu ingresso  
Passou já.

FÚLVIO.

Tu contas tão exato  
Os minutos?

CATÃO.

Há inda outros motivos.  
Quais são eles? Duas vezes em um dia  
Vem César procurar-te, e duas vezes  
É iludido! Que desprezo é este?  
Enfim, tão pouco se distingue César  
Do vulgo, que já lícito te seja  
Zombar dele?

CATÃO.

Ó lá, Fúlvio, muito admiro  
Teu grande zelo; mas um bom romano  
Em caso tal se exaltaria menos  
A favor de um tirano.

FÚLVIO.

Um bom romano  
Defende o justo: um bom romano pugna  
Pela pública paz, e vós devíeis  
Ser-me mais gratos; vós, que mais que todos  
Dela necessitais.

CATÃO.

Onde eu existo  
Mais do que paz, e mais que a mesma vida  
Liberdade se quer.

FÚLVIO.

Quem vo-la priva?

CATÃO.

Não mais, deste lugar César se aparte.  
Eu lhe farei saber quando me é dado  
Escutá-lo.

FÚLVIO.

Te enganas, não o espere.

CATÃO.

E que farás?

FÚLVIO.

O meu dever,

CATÃO.

Mas dize,  
Quem és tu?

FÚLVIO.

O Legado sou de Roma.

CATÃO.

Pois de Roma o Legado se retire.

FÚLVIO.

Sim; mas lerás primeiro os sentimentos  
Que encerra este papel, e quem o envia.  
(*Fúlvio dá um papel à Catão.*)

CATÃO. (*Lendo.*)

“ O Senado à Catão. É nossa mente  
“ Tornar a paz ao mundo desolado;  
“ Cônsules, e tribunos, povo, tropa,  
“ O mesmo Ditador, César a pede.  
“ Serve ao público voto, e se remisso  
“ A tão justos desejos te opuseres,  
“ Seu inimigo a Pátria te declara.”

FÚLVIO.

(Que dirá!)

CATÃO.

Por que tanto me ocultavas  
Este papel, ó Fúlvio?

FÚLVIO.

Era respeito.

CATÃO. (*Lendo para si.*)

É nossa mente...o Ditador a pede...  
Seu inimigo a Pátria... E assim escreve  
O Senado à Catão?

FÚLVIO.

Assim,

CATÃO.

Eu devo  
Então mudar-me?

FÚLVIO.

Certamente. Eu creio  
Que improviso te chega um tal decreto.

CATÃO.

É verdade; mas tu, no entanto, parte,  
E a César...

FÚLVIO.

Direi que aqui o esperas?

CATÃO.

Não... Dir-lhe-as que parta; e mais não torne.

FÚLVIO.

Que proferes?

MÁRCIA.

(Ó Céus!)

CATÃO.

Assim me mudo,  
Assim cumpro, infiel, um tal mandado.

FÚLVIO.

O decreto...

CATÃO.

É um decreto indigno, absurdo,  
Que concebeu, que transmitiu em letras  
Não a razão, mas a vileza, a infâmia!

FÚLVIO.

O Senado...

CATÃO.

O Senado não é hoje  
O que já fora! De infieis escravos  
Se tem feito um vilíssimo rebanho.

FÚLVIO.

E Roma!

CATÃO.

Roma agora não se encerra  
Nesses muros infames; Roma existe  
Onde honra e liberdade se respira;  
São Roma os meus fiéis, Roma sou eu.  
Vai, torna ao teu tirano; serve humilde  
Teu senhor; mas não digas que és romano.  
Se esse vil coração não sente pejo  
Do jugo horrendo que a cerviz te abate,  
Pode ser que inda um resto de virtude  
Te faça detestar tanta vergonha.

### **CENA III.**

#### **MÁRCIA, ARBACE, E FÚLVIO.**

FÚLVIO.

E a tão estranho excesso chegar pode  
O orgulho em Catão!

MÁRCIA.

Sua virtude,  
Seu zelo não conheces? Ele pensa...

FÚLVIO.

Ah! Pense o que quiser; em breve tempo  
Conhecerá se o nome de romano  
A seus olhos conservo dignamente,  
E se de César sou amigo, ou servo.

### **CENA IV.**

#### **MÁRCIA e ARBACE.**

ARBACE.

Posso, ó Márcia, esperar de ti piedade!

MÁRCIA.

Aparta-te de mim, não acrescentes  
Com a presença tua os meus tormentos.

ARBACE.

Logo o servir-te, e obedecer-te é crime?  
Zeloso cumpro, e calo um teu preceito,  
E tu...

MÁRCIA.

Mas até quando hei de sofrer-te,  
Importuno, narrar-me esse serviço?  
Eu te torno a promessa, e te desquito  
Do juramento... Em liberdade ficas  
De dizer e fazer quanto quiseres,  
Contanto que me deixes.

ARBACE.

E consentes  
Que eu falar possa?

MÁRCIA.

Tudo te consinto  
Quando a sofrer não tenha tuas queixas.

ARBACE.

Márcia cruel!

MÁRCIA.

Quem a sofrer te obriga  
A minha ingratidão? Por que me buscas?  
Vai empregar em outra os teu afetos;  
Foges de mim. Tens méritos bastantes,  
E mil balas em si África encerra  
Que à porfia contenderão a posse  
Desse teu coração. De mim te esquece;  
Vinga-te assim.

ARBACE.

Justo seria, ingrata!  
Mas quem pode cumprir tudo o que é justo?

## **CENA V.**

### **MÁRCIA, EMÍLIA e depois CÉSAR.**

MÁRCIA.

Que sorte é a minha, ó céus! De pena em pena,  
De temor em temor passo, e não provo  
Um momento de paz.

EMÍLIA.

Enfim ausente  
É já César de nós. Soube que em balde  
Márcia e Fúlvio pugnaram em defesa  
Do seu herói; porém pouco serviram  
As veementes razões de Fúlvio e Márcia.  
Como pode sofrer tão grande injúria?  
Que disse? Que fará? Tu saber deves,  
Que tanto à sua glória é dedicada.

MÁRCIA.

O mesmo César te dirá.

EMÍLIA.

Que vejo!  
César aqui?

CÉSAR.

A tanto excesso chega  
A soberba em Catão? Que lei, que ofertas  
Podem domar tanta ferocidade?  
Ao Senado intitula vil rebanho,  
É César um tirano; ele só Roma!

EMÍLIA.

E verdade falou.

CÉSAR.

Ah! Que isto é muito!  
Ele quer que co'as armas se decida  
A contenda, e da paz os bens despreza?  
Que juiz entre nós seja a fortuna?  
Pois bem, será. Deseja que ao meu campo  
Eu torne? Tornarei, será contente.  
Dizei-lhe que me espere, e se defenda.

MÁRCIA.

Ah! Sossega; a tua ira em parte é justa,  
Eu o vejo também; mas o motivo  
Das suspeitas do pai eu hei de expor-t'as<sup>149</sup>,  
E t'as hei de dizer...

EMÍLIA.

Nunes! Que escuto!

---

<sup>149</sup> Embora tal construção não exista na grafia atual, não foi aqui atualizada porque tal procedimento mudaria a estrutura não apenas deste verso, mas também do seguinte.

## **CENA VI.**

### **OS DITOS e FÚLVIO.**

FÚLVIO.

Consola-te, senhor, digna é de inveja  
Tua fortuna: a escutar-te desce  
Enfim, Catão. Eu, de favor tão alto  
Te trago a feliz nova.

EMÍLIA

(Também este me engana e lisonjeia!)

CÉSAR.

E tão depressa  
Mudou de sentimento?

FÚLVIO.

Antes por glória  
O gênio obstinado ostenta sempre  
Mas o povo em tumulto, os companheiros,  
Os amigos, Utica toda em fúria,  
Desejosos de paz, extraem à força  
Seu consenso; de rogos obrigado,  
Não convencido, com feroz acento  
Asperamente cedeu, como se dele  
Tu dependesses, e o comum destino.

CÉSAR.

Que alma fera! Que indômita constância!

EMÍLIA

(E tanto hei de sofrer!)

MÁRCIA.

Senhor, que pensas?  
Uma privada ofensa, ah! Não seduza  
Teu grande coração. Catão encontra;  
E, amigos, procurai ver conservado  
Tanto sangue latino. Ao mundo inteiro  
Do público repouso és responsável.  
Tu não respondes? Vê, olha o meu pranto!  
Sou eu que rogo!

CÉSAR.

Ah! Márcia!

MÁRCIA.

Sim, é Márcia  
Que mover-te à piedade não consegue

EMÍLIA.

(mais duvidar não posso; ela o adora!)

FÚLVIO.

Ah! Já tempo não é de suspender-nos;  
Não se fale de paz; desafrontar-nos  
Vamos co'as armas. O esperar que serve?

CÉSAR.

Façamos de sua alma a última prova.

FÚLVIO.

Como, senhor!

MÁRCIA

(Respiro!)

EMÍLIA.

Ostenta agora  
Fraco que és, esse valor constante:  
Vai suplicar humilde quem te ofende,  
E finge que respeito é covardia.

CÉSAR.

Quem pode co'uma voz, um só aceno  
Os ultrajes vingar que não é covarde,  
Se em benefício público os esquece.  
Márcia, por contentar-te, cedo ainda;  
A teu pai vou falar; do seu orgulho  
Tudo hei de suportar, em quanto reste  
Uma vaga esperança de vencer-lhe  
O feroz gênio; mas, se inabalável  
Os meios desprezar que vou propor-lhe,  
Não saberei dizer-te a qual excesso  
Chegará meu furor! Sofre do vento  
O mar em calma o seu primeiro insulto;  
Nem turba aos navegantes o caminho;  
Encapela-se o mar, e as esperanças  
Co'as naus afunda do perdido nauta!

## **CENA VII.**

### **OS MESMOS, menos CÉSAR.**

EMÍLIA.

Graças ao céu, a fugitiva esp'rança  
No coração de Márcia a nascer torna!

FÚLVIO.

Vivo prazer nos olhos lhe transpira.

MÁRCIA.

Não o nego, Emília. É louco quem não sente  
Alegria, e prazer, quando aplacado  
O horrífico feroz gênio da guerra,  
Pode esperar sossego o mundo inteiro.

EMÍLIA.

Nobre pensar, se o público repouso  
De todos os teus votos fosse objeto.  
Mas ilustres pretextos são aqueles,  
Onde os próprios afetos acobertas.

MÁRCIA.

Crê tu o que te apraz; eu sempre espero.  
A alma confia, e o seu temor desterra.

EMÍLIA.

Vai, diz que não amas: bem te acusa  
Essa credulidade; é dos amantes  
Este o costume; não, eu não me engano;  
Mas a tua esperança é mentirosa  
E isso que esperas inda está bem longe.

MÁRCIA.

Em que pode ofender-te a minha esp'rança?  
E se não posso odiar, de que me acusas?  
Por que queres roubar-me esta sonhada  
Felicidade? Do amor me deixar a glória,  
Como eu te deixo do ódio a liberdade.

## CENA VIII

### EMÍLIA e FÚLVIO.

FÚLVIO.

Bella Emília, tu vês que culpa minha  
Não é se ainda de paz hoje se falla.

EMÍLIA.

Oh! Sim; assaz conheço quanto empenho  
Empregas em servir-me. Vi contudo  
Com que zelo a Catão deste o decreto,  
E com quanta eloquência peroraste  
A favor do tirano; mas por isto  
Não te creio infiel; a arte conheço  
Que por servir-me usaste. Era tua mente,  
Eu creio, ajuntar fogo aos seus furores  
Não foi isso?

FÚLVIO.

E o duvidas?

EMÍLIA.

(Que perverso!)

FÚLVIO

E agora em que pensas?

EMÍLIA.

Em vingar-me.

FÚLVIO.

Mas como?

EMÍLIA.

Meditei; mas inda incerta  
Estou nos meios.

FÚLVIO.

Tu me prometeste  
A honra do golpe.

EMÍLIA.

E a quem melhor teria  
Podido confiar minha vingança?

FÚLVIO.

Faltar não saberei aos meus protestos.

EMÍLIA.

Eu sei que de meus males te condóis.

FÚLVIO.

(Salvo em herói assim)

EMÍLIA

(Assim o engano.)

Em ti só me confio; ao teu afeto,  
À tua fé entrego o meu destino.  
Leio em teu rosto o zelo de servir-me  
(E de uma alma infiel leio a perfídia!)

## CENA IX

FÚLVIO.

Ó deuses! Toda inteira se confia  
Emília em meus afetos, e eu a engano!  
Ah! Perdoa meu bem ao teu amante  
Esta fraude inocente; ao teu contrário  
Eu muito devo. É em ti virtude o ódio;  
Seria culpa em mim. Por meu tormento,  
Se comprazer quisesse ao teu desejo,  
Trairia a amizade, e a minha honra!  
Meu triste coração amar não deves,  
Si a paixão que te acende só consente  
Em, fazer-te feliz por um delito!  
Perde a esperança, o prêmio renuncia;  
Mas intacta conservas a honra, e glória.

**CENA X.**  
Câmara com cadeiras

**CATÃO, MÁRCIA, E DEPOIS CÉSAR.**

CATÃO.

Querem, a meu pezar, que a Cesar ouça,  
O ouvirei; mas perante homens, e deoses  
Eu protesto que instado, constrangido,  
Sou reduzido a ouvir-o a meu despeito.  
E por não parecer obstinado  
Sou fraco.

MÁRCIA.

Mas de quantas esperanças  
Este dia feliz será garante!  
De dous tão grandes árbitros da terra  
Incerto e duvidoso pende o mundo,  
E de vossos dictames paz, ou guerra  
Ou servidão, ou liberdade espera.

CATÃO.

Cuidado inútil!

MÁRCIA.

Cesar se avizinha. (Olhando para dentro)

CATÃO.

Deixa-me só com elle.

MÁRCIA.

Justos deoses!  
Piedosos escutae os votos meus!

## CENA XI.

### CÉSAR, CATÃO.

CATÃO.

Cesar, os meus momentos são preciosos  
E não posso em ouvir-te desperdiçá-los.  
Resume o teu discurso em poucas frases,  
Ou parte. (*Senta-se!*)

CÉSAR.

Serei breve. (que arrogância!) (*Senta-se.*)  
De todos os meus votos o primeiro  
É fazer-te entender que a tua virtude,  
Teu generoso coração, e essa  
Constancia sem igual...

CATÃO.

Muda de estilo,  
Si queres que te escute. Bem conheço  
Que em ti esse louvor é fementido;  
E mesmo quando fosse verdadeiro,  
Vindo da tua boca o desprezara.

CÉSAR.

(É sempre o mesmo!) A todo custo eu quero  
Contigo paz. Escolhe tu os meios,  
Combina as circunstancias os ajustes,  
Que todos a aceitar por ti me obrigo,  
Como co'o vencedor fora o vencido.

CATÃO.

Tanto prometes?

CÉSAR.

Sim, tanto prometo,  
E tanto cumprirei; pois não receio  
Da tua parte uma proposta injusta.

CATÃO.

Justíssima será. Deixa das armas  
O usurpado comando: o grão excelso  
De Ditador depõe, e como réu  
Num cárcere prontamente.  
Dá à pátria razão dos teus delitos.

CÉSAR.

E eu deveria...

CATÃO.

De ficar opresso  
Não te assuste o receio; Catão mesmo  
Será teu defensor.

CÉSAR.

(E tanto o sofro!)  
Tu não bastas; eu sei quantos contrários  
Co' o sucesso feliz das minhas armas  
Me suscitou a inveja, e então teria  
Os dias meus em vão sacrificado.

CATÃO.

Estimas tanto a vida, és romano!  
Em mais feliz idade aos avós nossos  
Ela não foi tão cara! Cursio observa.  
Recorda Décio a mil legiões em frente;  
Na ponte Horacio, Scevola na pira,  
E nas ondas do Cremera impetuoso  
De sangue, e de suor banhados, tintos  
Trezentos Fábios num só dia extintos.

CÉSAR.

SE foi útil à pátria a morte desses  
A minha a empecerá.

CATÃO.

Por que motivo?

CÉSAR.

E necessário a Roma que um só mande.

CATÃO.

Roma quer que cada um governe, e sirva.

CÉSAR.

E julgas tu seguro o bem do Estado  
Entregue a tantos e contrários juízos,  
Discordes no pensar, nos pareceres?  
A vontade de um só melhor regula  
Outras vontades. Único, entre os deuses,  
Governa Jové a sorte do universo.

CATÃO.

E quem é esse que se iguala a Jové?  
Eu o não vejo, e ainda que existisse  
Tornar-se-ia tirano em um momento.

CÉSAR.

Quem não pode um sofrer não sofre cento.

CATÃO.

Assim fala da pátria um inimigo.  
Muito te tenho ouvido César, basta.

CÉSAR.

Suspende-te, Catão.

CATÃO.

Que mais pretendes,  
Que mais te posso ouvir?

CÉSAR.

Um só momento  
Espera; outras propostas vou fazer-te.

CÉSAR.

(Quanto suporte!) A combatida posse  
Do Império do mundo, o tardo fruto  
Dos meus perigos, dos suores meus,  
Contigo partirei, se a paz aceitas.

CATÃO.

Sim, pra que dividida entre nós ambos  
De tantos crimes a vergonha fique!  
E de tanta vileza tentar ousas  
A Catão? Queres que te escute?

CÉSAR.

(Estou cansado!) Muito te exacerba  
O ódio por mim; melhor reflete. Muito  
Té agora te ofreci, e quero ainda  
Mais ofrecer-te. Para que mais firme  
Entre nós a amizade se estab'leça  
Para sempre, darei a mão de esposo  
A Márcia.

CATÃO.

A minha filha?

CÉSAR.

A tua filha.

CATÃO.

Ah! Primeiro do céu todos os raios.  
Sobre a minha cabeça cair veja,  
Do que ao desígnio bárbaro, aviltante,  
De oprimir Roma, a consentir me empenhe  
Co' o laço odioso! Respeitáveis sombras  
De Bruto, e de Virgínio, oh! Como agora  
Fremiríeis de horror! Que audácia, ó numes!  
E Catão escutou?

CÉSAR.

Soberbo, basta. (*Levantam-se*)  
Minha paciência assaz tens exercido.  
Que mais queres que faça? Por tua causa  
De meus triunfos suspendendo a marcha  
Procuro a paz. O debatido fruto  
De meus nobres trabalhos e conquistas  
Te reparto. A tua filha em dom of' reço  
Esta mão vencedora. Generoso,  
Por mil e mil ofensas recebidas,  
Te dou sinais de amor, e de respeito.  
Que mais queres, ingrato? Se presumes  
Ser obstáculo só aos meus triunfos,  
Te enganas; têm no céu o seu princípio  
Os impérios.

CATÃO.

Nem sempre os céus secundam  
Os infames projetos dos malvados.

CÉSAR.

Com as armas em punhos, em campo aberto  
Veremos qual de nós hoje protege. (*Partindo.*)

## **CENA XII.**

### **OS DITOS E MÁRCIA**

MÁRCIA.

César, aonde...

CÉSAR.

Ao campo.

MÁRCIA.

Ó deus! Suspende!  
É esta a paz? É esta a suspirada  
Harmonia entre vós?

CÉSAR.

O pai recusa;  
Ele quer guerra.

MÁRCIA.

Ah pai!

CATÃO.

Cala, e te aparta.  
Seu nome não profiras.

MÁRCIA.

Cesar...

CÉSAR.

Muito  
Té agora suportei sua soberba.

MÁRCIA.

Os rogos de uma filha... *(A Catão.)*

CATÃO.

Não escuto.

MÁRCIA.

De uma romana o pranto... *(A Cesar.)*

CÉSAR.

Hoje não serve.

MÁRCIA.

Mas algum à piedade se comova!

CÉSAR.

Já por tanta piedade, envilecido  
Me tenho assaz. *(Querendo partir.)*

MÁRCIA.

Ah! Suspende-te! *(detendo-o)*

CATÃO.

Deixa  
Que o odioso aspecto aos olhos meus esconda!

MÁRCIA.

Não, ah! Não, aplacai-vos; muito pranto  
Às esposas latinas têm custado  
Vossa discórdia! Muito sangue custa  
Ao povo de Quirino o vosso ódio!  
Mais não se veja sobre o amigo exangue.  
O irmão do irmão! Não caia ao lado

Do filho que matou, o pai ferido!  
Cesse enfim tanto sangue, e tanto pranto!

CATÃO.

Não basta a ele.

CÉSAR.

A mim não basta? Atende,  
É tempo ainda; esqueço os teus ultrajes:  
As promessas renovo, a ira deponho;  
E à tua escolha deixo paz, ou guerra.  
Guerra, ou paz, te darei.

CATÃO.

Guerra só quero.

CÉSAR.

Queres das armas disputar-me a sorte,  
Vem, eu te espero, e a decisão da guerra  
Findará entre nós toda a contenda.  
Márcia, das tuas lágrimas motivo  
É só teu pai. Meu coração, culpado  
Não é da tua dor.

## CENA XIII.

### MÁRCIA, CATÃO, E DEPOIS EMÍLIA.

MÁRCIA.

Ah! Que fizeste?  
Senhor, eis em perigo a tua vida,  
E a nossa também!

CATÃO.

O meu destino  
Cuidado te não dê. De ti me ocupo.  
Também de terno pai sinto os afetos (*Vendo Emília*)  
Emília, já de pazes não se trata.  
Entre o horror da guerra mal seguras  
Neste sítio estaríeis. Aos navios  
Dirigi-vos, aonde o irmão de Márcia  
É general. Em todo o caso, os meios  
Da fugida tereis.

EMÍLIA

Mas que caminho  
Em tão funesto assédio encontraremos?

CATÃO.

De Iside a fonte, em parte solitária,  
De subterrânea estrada sei o ingresso.  
Coberta está de vimes, e de musgo,  
E de pendentes ramos, a que o tempo  
Fez vegetar o luxo exuberante.  
Serviu às águas já de receptáculo,  
Mas hoje seca, e plana, dá saída  
Da cercada cidade ao mar vizinho.

EMÍLIA

(O sabê-lo me serve.)

MÁRCIA.

E a quem fias  
A nossa segurança? É vacilante  
De Arbace a fé; chegou a recusar-me...

CATÃO.

Mas no momento extremo não receies  
Que possa recusar-te. Desta infâmia  
Não o julguei capaz.

MÁRCIA.

Fará o mesmo.

## CENA XIV.

### OS DITOS E ARBACE.

ARBACE.

Senhor, sei que a momentos se combate,  
O que devo fazer? Impões, ordena.  
Sem esperar a luz da nova aurora,  
E tuas vãs suspeitas dissipando,  
Venho esposo de Márcia, e filho teu.

MÁRCIA.

Terno, Arbace, e ao mesmo tempo admiro  
Do teu gênio a inconstância.

ARBACE. ( A Márcia.)

Da promessa  
Dispensado não fui? Acaso ignoras  
A razão que me assiste?

MÁRCIA.

(Ah! Me descobre!)

ARBACE (A Marcia).

Um penhor de lealdade a teu pai devo  
No eminente risco que nos cerca.

CATÃO.

Dai as mãos.

EMÍLIA.  
(Que fará?)

MÁRCIA  
(Nunes, valei-me!)

ARBACE.

Serás minha...

MÁRCIA.  
(Que angústia!)

CATÃO.

Que se espera?  
Dai as mãos.

ARBACE.

Eis a minha, e dou com ela  
O coração, o amor, a vida, o solio.

MÁRCIA.

Nada te aceito.

ARBACE.

Como?

EMÍLIA.

Que ousadia!

CATÃO.

Por que?

MÁRCIA.

Fingir não serve. Porque nunca  
Arbace me agradou; porque não o amo;  
Ele o pode dizer. Por meu mandado  
Ele pediu que as núpcias se diferissem.  
Esperei que por fim com mais prudência  
Dos direitos de um pai não abusasse  
para sacrificar-me aos seu consórcio;

Mas como satisfeito não está inda  
De afligir-me, e pretende sem piedade  
A um extremo perigo reduzir-me,  
A um extremo remédio eu me reduzo.

CATÃO.

Estou fora de mim! Por que tanto ódio  
Ao Príncipe conservas?

EMÍLIA.

Talvez seja  
O amor de outro objeto.

ARBACE.

Assim não fora!

CATÃO.

E quem será de tão indigna chama  
O objeto nefando?

ARBACE.

Ó Deus!

EMÍLIA.

Quem sabe?

CATÃO.

Falai.

ARBACE.

O meu respeito...

EMÍLIA.

O seu decoro...

MÁRCIA.

Calai-vos, eu direi. César adoro.

CATÃO.

César?

MÁRCIA

Ah! Sim, perdoa, pai amado.  
A ele me votei inda no tempo  
Que a pátria liberdade defendia...  
Tais laços desatar depois não pude!  
Onde se encontra um coração que possa  
Amar, e aborrecer quando lhe agrada?

CATÃO.

Que chego a escutar!

MÁRCIA.

Te aplaca, e pensa  
Que uma culpa de amor...

CATÃO.

Foge, perjura,  
Tira-te dos meus olhos.

MÁRCIA.

Pai... (querendo ajoelhar, ele a repele.)

CATÃO.

Abjuro  
Uma pérfida filha que se esquece  
Do respeito, das leis, da própria honra.

MÁRCIA.

Mas que fiz eu? Talvez das sacras aras  
Roubei os numes, profanei os ritos?  
Com sacrílega me chama o templo augusto  
De Jové incendiei? Qual é meu crime?  
Amo enfim um herói, de quem soberba  
Vai a presente idade. Cuja glória  
A terra, o mar, os Deuses à porfia  
Protegem; e se o amo, ou não é crime  
Ou réu do mesmo crime é o mundo inteiro.

CATÃO.

Temerária! O teu sangue... (*Quer feri-la,*)

ARBACE.

Ah! Não, suspende. (*Antepondo-se.*)  
Não a mates!

CATÃO.

Ah! Príncipe! Ah! Perjura!  
Amar um inimigo, e na presença  
De um esposo, e de um pai extasiar-se  
Em seus louvores! Ah! Que estrela infausta  
Meus dias reservou à tanta afronta!  
Devera aniquilar-te no momento  
Que viste a luz do dia! Quem viu nunca  
Mais desgraça do pai, filha mais ímpia?  
Tenho as iras sofrido do destino,  
De imensos males tolerado os golpes;  
Mas ao ver-te infiel, me abrasa a fúria!  
Cede minha constância à tanta injúria!

## CENA XV.

### MÁRCIA, EMÍLIA, ARBACE.

MÁRCIA.

Eis-vos enfim contentes! Ver-me odiada (*A Arbace*)  
Do pai quiseste? Vê-me desgraçada,  
Perdida, e sem apoio. Desejaste (*à Emília*)  
A guerra, e a vingança, eis-nos em guerra.  
Que mais vos falta?

ARBACE.

Sem razão me acusas.  
Tu da lei do silêncio me isentaste.

EMÍLIA.

Se eu desejo vingar-me, não te ofendes.

MÁRCIA.

Mas por que contra mim vos conjurastes?  
Dizei-me o que vos fiz, almas ingratas!  
Sei que da minha dor estais gozando;  
Mas por perder-me não sereis constantes:  
Chorarei como eu choro. Tu, tirano (*A Arbace.*)  
Minha aversão vencer nunca presumas;  
E tu, cruel (*A Emília*) jamais serás vingada.

## **CENA XVI.**

### **EMÍLIA E ARBACE.**

EMÍLIA.

Ouviste, Arbace? Posso apenas crê-lo!  
E chega a tanto em Márcia a ousadia  
De um temerário amor! Dele se jacta,  
Recusa-te, me insulta, e o pai ofende!

ARBACE.

Daquela que idolatro assim não fales.

EMÍLIA.

E vergonha não tens de tal fraqueza?  
A tanto ultraje resistir te atreves?

ARBACE.

E que posso fazer? É desumana,  
É injusta, bem sei; mas eu a adoro,  
E por fatalidade mais se acende  
Com sua ingratição minha constância!

EMÍLIA.

Ah! Si quebrar não podes os teus ferros,  
Da tua cobardia só te queixa,  
Que adorando o rigor de uma soberba,  
Louco te julgo, Arbace, não constante.

## **CENA XVII.**

ARBACE.

A injustiça, o desprezo, a tirania,  
A crueldade, a ira, sem queixar-me  
Do meu bem sofreria. São tormentos  
Que um amante tolera; mas ouvi-la  
Exaltar de um rival os predicados,  
Saber que o ama, e vê-la gloriar-se  
Do seu afeto na presença minha...  
Oh! Isto é mais que morte, é mais que inferno!

## **ATO TERCEIRO**

**Pátio**

**CENA I.**

**CÉSAR E FÚLVIO.**

CÉSAR.

Tudo, comigo, tentei; algum remorso  
Mais me não resta. Em vão fingi escusas  
À demora, esperando que de Utica  
Os clamores, e as lágrimas da filha  
Abrandassem Catão. Consta-me agora  
Que em vez de se aplacar tenta matá-la,  
Porque em pazes falou, porque de amar-me  
Lhe fez a confissão. Amigo, vamos;  
Muito tenho sofrido, e a minha ira é justa assaz.

FÚLVIO.

Atende-me um momento.  
Corres à morte.

CÉSAR.

Como?

FÚLVIO.

Junto às portas  
Da cidade te esperam assassinos.

CÉSAR.

Quem pensou a traição?

FÚLVIO.

Emília.

CÉSAR.

Emília?

FÚLVIO.

Ela mo disse; ela de mim se fia,  
E no amor meu; tu sabes.

CÉSAR.

Com as armas  
Abriremos caminho.

FÚLVIO.

Não. Suspende  
Esse ardor generoso; outro recurso  
Ofrece a sorte.

CÉSAR.

E qual?

FÚLVIO.

Um que entre as armas  
Milita de Catão, até o campo  
Por ignota vereda vai guiar-te.

CÉSAR.

E quem é este?

FÚLVIO.

Floro se apelida.  
Um dos que foram por Emília eleitos  
Para te assassinar; mas detestando  
Uma ação tão atroz, cheio de zelo  
Vem avisar-te, e conduzir-te ao campo  
Por oculto caminho.

CÉSAR.

Onde está ele?

FÚLVIO.

Junto à fonte de Iside já te espera  
Eu o conheço! Podes confiar-te.  
Em tanto com os meus, da parte externa  
Desse mesmo caminho a ti franqueado  
Esperarei, por tua defesa, armado.

CÉSAR.

E hei de arriscar-me assim?

FÚLVIO.

Vive seguro.  
Os deuses imortais em ti defendem  
A maior de suas obras. Esse louro  
Que orna do vencedor a fronte altiva  
Do raio estrugidor não é tocado.

## **CENA II.**

### **CÉSAR, DEPOIS MÁRCIA.**

CÉSAR.

Quantos aspectos vários a fortuna  
Muda em um dia!

MÁRCIA.

César...

CÉSAR.

Márcia, ó Deuses!

MÁRCIA.

Tu em Utica ainda?

CÉSAR.

Uma perfídia  
Me demora em seus muros.

MÁRCIA.

Por piedade,  
Se me amas, como parte de mim mesma,  
Defende a tua vida. Adeus.

CÉSAR.

Espera.  
Onde corres sem guia?

MÁRCIA.

O irmão procuro.  
O pai irado jura a minha morte.  
Ah! Se viesse aqui... Não me detenhas,  
Só a fuga salvar-me pode agora.

CÉSAR.

Que abandonada e só assim te arrisques,  
Não devo consentir; eu te acompanho.

MÁRCIA.

Não, se me amas não sigas os meus passos.  
Pensa em ti só, de mim te esquece; adeus...  
Mas ouve: lá da guerra entre os horrores  
Se fores vencedor, como costumás,  
De meu infeliz pai conserva o sangue.  
Eu t'ó suplico, adeus.

CÉSAR.

Mais um momento...

MÁRCIA.

Pode ser-me a demora perigosa;  
Poderá vir...eu temo...ah! Não detenhas  
Os meus passos.

CÉSAR.

Assim de mim te apartas? *(Pega-lhe na mão.)*

MÁRCIA.

Cruel, que mais desejas? Inda é pouco  
Quanto tenho sofrido? Exiges ainda  
Que eu mostre toda a dor, toda a agonia  
De uma separação? O prazer triste  
Me roubas de ser forte? Eu esperava  
Sem lágrimas deixar-te, e tu, tirano,  
O meu pranto quiseste! Eis o meu pranto. *(Chora.)*

CÉSAR.

(Ó Deus! A alma vacila, mal resisto!)

MÁRCIA.

Quem sabe se inda a ver-nos tornaremos?  
Se um destino cruel, e inexorável  
Não nos separa hoje para sempre!  
Confusa, esmorecida, e sem alento,  
Queria expressar-te, mas não posso,  
Que foste, que serás... a voz me falta!  
Se de mim te lembrares entre as armas,  
Pensa que sou... tu sabes... os acentos  
Confundem-se, as forças me abandonam,  
Adeus, César, adeus.

### CENA III

#### CÉSAR, depois ARBACE.

CÉSAR.

Ó lance soberbo!  
Que movimento insólito me agita  
Ao separar-me dela? Então à glória,  
Aos estímulos da honra, aos meus triunfos  
Deve amor usurpar alguma parte  
Dos pensamentos meus? (*Fica pensativo.*)

ARBACE. (*Detendo-se ao sair.*)

Que vejo? César!

CÉSAR.

Porém ser grato a um infeliz afeto,  
Não, fraqueza não é. (*Querendo partir.*)

ARBACE.

Suspende, e dize  
Que audácia, que projeto te demora  
Inda neste lugar?

CÉSAR.

(Quem será este?)

ARBACE.

Responde-me.

CÉSAR.

Se quero demorar-me,  
Que te pode importar?

ARBACE.

Mais do que pensas.

CÉSAR.

Essa audácia admiro; mas ignoro  
Se teu valor aos ditos corresponde.

ARBACE.

Se assaltar-te onde estou tão defendido,  
E tu és só, não fosse covardia,  
Em teu dano talvez farias prova.

CÉSAR.

E como com tão nobres sentimentos  
Encerra em si uma perfídia?

ARBACE.

Esse nome de nós é ignorado.

CÉSAR.

E com tudo se tenta com vileza  
Ao sair destes muros assaltar-me!

ARBACE.

Quem seria entre nós tão celerado?<sup>150</sup>

CÉSAR.

Não sei; mas sei que o há.

---

<sup>150</sup> No original, grafa-se “scelerato”, termo não encontrado em dicionários atuais, mas que parece ter o mesmo sentido de celerado, bandido, vilão.

ARBACE.

Se acaso temes  
Da minha fé, ou de Catão, te enganas,  
E te juro que ileso às tuas tendas  
Tornarás; mas ali menos seguro  
Talvez serás.

CÉSAR.

E tu que tanta audácia,  
Tanta virtude ostentas, e tanta ira  
Contra César; quem és?

ARBACE.

Não me conheces?

CÉSAR.

De certo não.

ARBACE.

Sou teu rival nas armas  
E no amor.

CÉSAR.

És o príncipe numida,  
Amigo de Catão, de Márcia esposo?

ARBACE.

Sim, esse mesmo sou.

CÉSAR.

Se a amas, Arbace,  
Vai protegê-la; ela partiu fugindo  
Aos furores do pai, só, desolada...

ARBACE.

Mas onde foi?

CÉSAR.

Às naus, o irmão buscando.

ARBACE.

Mas por onde?

CÉSAR.

Não sei; daqui pouco antes  
Assustada partiu.

ARBACE.

Vou procurá-la.  
Mas não, primeiro ao campo vou guiar-te.  
Vamos, César.

CÉSAR.

Por ora o seu perigo  
É maior do que o meu; parte.

ARBACE.

Mas falta  
Ao meu dever se aqui te deixo.

CÉSAR.

Ah! Pensa  
Em salvar Márcia. O meu perigo é leve.  
De nada vale uma traição sabida.

ARBACE.

Teu grande coração admiro, ó César!  
Do meu bem em socorro tu me apressas  
E em ti não cuidas! Essa que te adora,  
Com desusado, e generoso excesso,  
Rival confias a rival tu mesmo!  
Tu, que me roubas Márcia, tu ma entregas!  
Tão excelsa virtude me confunde,  
E apesar de inimigo te respeito. (*Parte.*)

CÉSAR.

Agora que ao rival Márcia abandono,  
E aos braços de um esposo eu mesmo a entrego,  
Qual interna afeição sinto em minha alma!  
Cala, importuno afeto; entre os cuidados  
Que me ocupam a mente, tu não cabes  
Se a mais nobres desígnios não és apto.  
Pode amor agitar um nobre peito,  
Mas nunca dominá-lo. Como a erva  
Ao orvalho de abril, e a flor mimosa  
Ao raio matutino, assim viceja  
Amor sem ofuscar da glória o lustre.

## **CENA IV.**

**Lugar sombrio, cercado de mato, com a fonte de Iside a um lado, e do outro  
passagem praticável de aquedutos antigos.**

EMÍLIA (*com espada, e gente armada.*)

Este o lugar, amigos, escolhido  
Onde imolar a vítima devemos.  
A porta por meu mando está fechada,  
E meios de escapar nem um lhe resta.  
Nessas brenhas escuras ocultai-vos,  
E as ordens esperai. (\*) Eis o momento  
De mim tão suspirado? Mas de passos  
Rumor escuto; é ele, é o tirano.  
Socorro, ó Deuses, se hoje sou vingada  
Todos os meus desastres vos perdôo! (*Oculto-se.*)

N.A. (\*) A gente se dispersa.

## CENA V.

### CÉSAR, depois EMÍLIA.

CÉSAR.

De Iside é esta a fonte. Os sinais vejo  
Que me indicam a porta. Floro, Floro!  
Não o encontro mais. Té<sup>151</sup> aqui guiar-me  
E apartar-se depois! Fui muito incauto  
Em fiar-me. Ah! Não é esta a primeira  
Feliz temeridade; eu da fortuna  
Fiz em risco maior, prova mais certa.  
*(Ao entrar é cercado por Emília, e sua gente.)*

EMÍLIA.

Mas desta vez o seu favor não serve.

CÉSAR.

Que vejo, Emília?

EMÍLIA.

Sim, chegou o dia  
De vingar-me.

CÉSAR.

E trair-me pôde Fúlvio?

EMÍLIA.

Não, desta empresa toda a glória é minha.  
Eu da sua lealdade a ti jurada  
Contra ti me servi. Eu lhe fiz certo  
O assalto junto às portas da cidade,  
E por sustar o teu regresso ao campo,

---

<sup>151</sup> Não atualizado para “até” para preservar a métrica.

Eu mandei Floro com fingido zelo  
A esta incógnita estrada conduzir-te.  
Do meu furor agora te defende;  
Foge, tirano, ao meu rancor, se podes.

CÉSAR.

Um feminino, e altivo pensamento  
Quanto chega a tentar!

EMÍLIA.

Talvez querias  
Que insensatos os deuses, os teus crimes  
Sofressem sempre? Que a assolada terra  
Gemer devesse em servidão de um ímpio?  
Que de Pompeu traído, a sombra ilustre  
Eternamente invindicada<sup>152</sup> errasse?  
Louco, contra os malvados, bem que tarde,  
O castigo do céu sempre é seguro.

CÉSAR.

Mas que pretendes tu?

EMÍLIA.

Tirar-te a vida.

CÉSAR.

Não é tão leve a empresa.

EMÍLIA.

O provaremos.  
O usurpador, amigos, caia extinto.

CÉSAR.

Primeiro morrereis. (*Tira a espada.*)

---

<sup>152</sup> Termo não dicionarizado. Provavelmente, é sinônimo de “reivindicada”.

## **CENA VI.**

### **OS DITOS e CATÃO.**

CATÃO.

Ó lá! Detende.

EMÍLIA.

Fado adverso!

CATÃO.

Que vejo? Quando busco  
Neste recinto a fugitiva filha,  
Em Utica te encontro e entre as armas?  
Que se quer, que se tenta?

CÉSAR.

A minha morte;  
Mas com vileza.

CATÃO.

Quem do atroz delito  
É réu?  
CÉSAR.

Emília.

CATÃO.

Emília!

EMÍLIA.

Sim, é certo.

Eu fui quem o deteve nestes sítios;  
Veio a este lugar por obra minha:  
Eu quis mesmo ao abrigo destas sombras  
De Pompeu imolar o assassino.  
Não turbes, ó Catão, minha vingança,  
Não te oponhas ao justo meu desígnio.

CATÃO.

És romana, e com honra adotar queres  
A grega insídia, a fraude mauritana?

EMÍLIA.

Para punir um ímpio todo o engano  
Em virtude se torna, e sempre é justo  
Quem livra de um tirano Roma, e o mundo!

CATÃO.

Não mais; parti. (*A' gente de Emilia que parte*).

EMÍLIA.

E tu, Catão, defendes  
Um rebelde, um traidor?

CATÃO.

Por tua causa  
Eu defensor me fiz.  
CÉSAR (*repondo a espada.*)

Ó generoso  
Sublime coração!

EMÍLIA.

Outro momento  
Do que este mais feliz nunca teremos.

CATÃO.

Vai-te, Emília, e te esqueça o pensamento  
De uma traição, de uma vingança ignóbil.

EMÍLIA.

Vejo a queda de Roma em tudo escrita!

## **CENA VII.**

**CÉSAR, e CATÃO.**

CÉSAR.

Deixa que à tua virtude, uma alma grata,  
Os sentimentos seus...

CATÃO.

Nada me deves.  
Vê se algum inimigo inda te resta;  
Se alguma insídia temos.

CÉSAR.

A teu lado  
Nada temo.

CATÃO.

Pois bem, o ferro empunha,  
E de tantos heróis conserve o sangue  
Só o nosso.

CÉSAR.

Que dizes?

CATÃO.

Se receias  
Nova traição, tu mesmo o campo escolhe,  
E entre nós decidamos os destinos  
Do mundo inteiro, e das romanas armas.

CÉSAR.

Que contigo eu me bata? Ah! Não, ser-me-ia  
Menos cruel a morte que a vitória!

CATÃO.

Oh! Não ostentes em presença minha  
Tanto amor, tanto zelo. Eia, briguemos.

CÉSAR.

Em frente a mil esquadras se combata;  
Mas não se veja por qualquer motivo  
De Roma contra o pai armar-se o filho!

CATÃO.

Heróicos sentimentos; mas estranhos  
A ti, de donzelas sedutor infame!  
Mas efeito será de covardia  
Essa cor de virtude.

CÉSAR

E César sofre  
De tal dúvida o ultraje? Ah! Se inda existe  
Algun que possa crê-lo; veja a prova.  
(*Enquanto tiram as espadas, sai Emília apressada.*)

**CENA VIII.**  
**OS DITOS e EMÍLIA.**

EMÍLIA.

Perdidos somos!

CATÃO.

Que é?

EMÍLIA.

Os inimigos  
Nos sitiados muros aparecem;  
Não basta Arbace a sustentar o esforço  
Dos teus soldados. Se um momento tardas  
O seu extremo dia hoje vê Roma!

CATÃO.

De uma privada ofensa agora, ó César,  
Tempo não é.

CÉSAR.

A teu arbítrio deixo  
O partir ou ficar.

EMÍLIA.

Não te demores,  
Toda a nossa esperança em ti se funda.

CATÃO.

Vou ao combate. (*Partindo.*)

CÉSAR.

Eu à vitória corro. (*O mesmo.*)

## **CENA IX.**

EMÍLIA.

Quem no mundo jamais pode chamar-se  
Infeliz como eu? Nasce pra todos  
A tempestade, a calma, a noite, o dia.  
Só eu provo dos astros a constância;  
Sempre é noite pra mim, sempre é borrasca!  
Nasci para a aflição! Sempre contrária  
Provei a sorte e em meu fatal planeta  
Desgraças de desgraças se produzem,  
E a última que vem é mais pungente!

## CENA X.

Grande praça de armas dentro dos muros de Utica em parte derrocados. Campo dos Cesarianos fora da cidade, com pavilhão, tendas e máquinas de guerra. Ao abrir-se a cena vê-se o ataque sobre a muralha, Arbace que tenta repelir Fúlvio já entrado com parte dos Cesarianos. Catão vem em socorro dos cavaleiros romanos; depois César defendendo-se de alguns que o atacam. Os Cesarianos entram enfim na muralha. César, Catão, Fúlvio e Arbace se desviam combatendo. Segue-se grande conflito de armas entre os dois partidos; cai o resto da muralha. Fogem batidos os soldados de Catão. Os Cesarianos os seguem, e fica a cena vazia.

CATÃO (*Sai de novo com a espada quebrada.*)

Venceste, iníquo fado! Eis se aniquilam  
Em um só ponto as penas, os trabalhos  
De tantos séc'los! Tudo enfim se volta  
A favor do tirano! Assim a sorte  
Ao arbítrio de César deixa o mundo?  
E de tanto heróis, Scipions, Metellos,  
E outros muitos que a pátria engrandeceram,  
O sangue não correu senão por ele?  
Té<sup>153</sup> o mesmo Pompeu pugnou por César!  
Mísera liberdade! Pátria infausta!  
Ingratíssimo filho! Outra vantagem  
Não te ficou do sangue herdado,  
Que depois de ganhar tantas conquistas,  
Vir subjugar o Capitólio, e Roma?  
Ah! Não, tu de Catão triunfar não hás de  
E pois viver não devo em cativo,  
Ver-se-á comigo em último conflito  
Perecer a latina liberdade! (*Em ato de ferir-se.*)

---

<sup>153</sup> Não atualizado para “até” a fim de preservar-se a métrica.

## **CENA XI.**

**MÁRCIA, de um lado, e ARBACE, do outro.**

MÁRCIA.

Meu pai...

ARBACE

Senhor...

MÁRCIA E ARBACE.

Suspende!

CATÃO.

À minha vista  
Te atreves inda apresentar-te? Ingrata!

ARBACE.

Uma mísera filha quererias  
Deixar, senhor, em servidão tão dura?

CATÃO.

Ah! Que só esta indigna, mancha a glória  
Dos dias meus.

MÁRCIA.

Piedade, ó pai amado!  
Atende os rogos meus.

CATÃO.

Foge...

MÁRCIA. (*Ajoelha.*)

Perdoa,  
Caro pai, o meu erro; esta que banha com lágrimas teus pés, é tua filha  
Criminosa, porém arrependida.  
Volta a mim os teus olhos; vê meu pranto!  
Olha-me uma só vez, chama-se filha,  
Dá-me a morte depois.

ARBACE.

(*Alma insensível!*)

Aplaca-te, senhor.

CATÃO.

Ouve, se queres (*A Márcia.*)  
Que com menos horror a sombra minha  
Vá aplacada ao seu fatal destino,  
À Arbace jura eterna fé, e jura  
Ao opressor de Roma imortal ódio.

MÁRCIA.

(Morrer me sinto!)

CATÃO.

Que! Pensas, vacilas?  
Vejo o ânimo adverso! Ah! Longe dela  
Parto a morrer. (*Quer partir.*)

MÁRCIA.

Não, caro pai, atende,  
Queres que a Arbace eterna fé conserve,  
O prometo; de César inimiga  
Queres que eu seja? Eu o serei, to afirmo.

CATÃO.

O juras?

MÁRCIA.

Sim; sobre esta mão o juro. (*Beija-lhe a mão.*)

ARBACE.

(Me faz piedade!)

MÁRCIA.

(Ó Deus!)

CATÃO.

Vem a meu peito. (*Abraça-a.*)  
Os últimos abraços meus recebe,  
Filha infeliz de um pai tão desgraçado!  
Meu coração neste momento extremo  
Do sangue aos movimentos se embrandece.  
Nunca pensei em África deixar-te  
Em tão mísera sorte!

MÁRCIA.

Eu não resisto. (Chora.)

CATÃO.

Não seduza esse pranto o valor meu.  
Por dar-vos um penhor do meu afeto  
Um ódio, e um amor quero deixar-vos;  
Porém dignos de vós, e de mim dignos.  
Ao menos seja aos filhos meus propícia  
A fortuna que ao pai foi tão adversa!

**CENA XII.**

**MÁRCIA, ARBACE.**

MÁRCIA.

Sigamos os seus passos.

ARBACE.

Não se deixe  
Ao seu fatal projeto em abandono. (*Parte.*)

MÁRCIA.

Conservai, justos Deuses, os seus dias! (*Parte.*)

## CENA XIII.

Ao som de instrumentos bélicos vem César, em um carro triunfal formado de escudos, e insígnias militares, e puxado por soldados. É precedido do exército vitorioso, dos numidas, e povo.

CORO.

Já te cede o mundo inteiro,  
Ó ditoso vencedor;  
Não há reino nem império  
Que resista ao teu valor.

*Terminando o coro, César desce do carro, o qual, desfazendo-se, cada soldado toma as suas armas, e se põe em ordem com os outros.*

CÉSAR E FÚLVIO.

Vencer, ó companheiros, não se deve  
Só ao valor; também tem parte a sorte  
Nos triunfos, e a mais bela vantagem  
Do vencedor prudente é moderar-se;  
Tratar piedoso o inimigo oprimido  
E gozar a vitória com brandura.  
Temos com muitos mil comum a glória  
Do vencimento; mas o privilégio  
Do perdão, só a nós é permitido.  
Esta, de Roma, peculiar virtude  
Vos lembre a cada um. Dos inimigos  
Poupei a vida, e co' o maior cuidado  
Conservai em Catão o exemplo heróico,  
A Pátria, a mim, a vós e ao universo!

FÚLVIO.

Não receies, senhor, segura é a vida  
De Catão; tua ordem às esquadras  
Foi intimada já.

## CENA XIV.

### OS DITOS, MÁRCIA e EMÍLIA.

MÁRCIA. (*Falando para dentro.*)

Cruéis, deixai-me;  
Quero do infeliz pai seguir a sorte.

FÚLVIO.

Que foi?

CÉSAR.

Que sucedeu?

MÁRCIA. (*Recuando.*)

Deuses! Que objeto!  
Vai cruel, se de sangue inda tens sede  
O infeliz Catão vai ver extinto;  
Goza do teu valor o fruto ingrato,  
De tuas belas obras te gloria!  
Inda te resta mais: o ferro empunha,  
E em presença dos teus, vitorioso  
A desgraçada filha ao pai ajunta.

CÉSAR.

Mas como? Por que mão? O ímpio verdugo  
Se busque, se castigue.

EMÍLIA.

Em vão o buscas.

MÁRCIA.

Voluntário morreu; Catão opresso  
Ficou; mas de si mesmo!

FÚLVIO.

(Que constância!)

CÉSAR.

Ó Roma; quanto perdes!

EMÍLIA.

Roma um dia  
Seu vingador terá; palpita ainda  
A grande alma de Bruto em muitos peitos.

CÉSAR.

Emília, juro aos céus...

EMÍLIA.

Os céus cuidado  
Terão de nos vingar. Talvez não longe  
Esteja o golpe, que por nossa dita  
O acelere a sorte, e a mão que menos  
Julgares infiel, te rasgue o peito. (*Parte.*)

CÉSAR

Lembra-te Márcia, ao menos...

MÁRCIA.

Eu me lembro  
Que de esperança sou por ti privada!  
Órfã, desamparada, e fugitiva  
Lembra-me que a meu pai jurei odiar-te,  
E por maior vergonha, maior pena,  
Que um tirano adorei também me lembro! *(Sai.)*

CÉSAR.

Quantas perdas num dia!

FÚLVIO.

O teu triunfo  
Faz leve toda a perda.

CÉSAR.

Ah! Se este louro  
Os dias de Catão deve custar-me,  
Deuses injustos! Vosso dom rejeito. *(Lança fora o louro.)*

**FIM.**

## 8. Cartas de Leandro e Hero

*Cartas de Leandro e Hero*. Extraídas de uma tradução francesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia e livraria de B.X.P de Souza, 1859. 44p.

À Ilma. e Exma. Senhora

D. VIOLANTE ATABALIPA XIMENES DE  
BIVAR E VELLASCO.

### *DEDICATÓRIA.*

Aos dois Amantes  
De Abido, e Sesto,  
Ardor funesto  
Deu negro fim.  
Foram-lhe algozes  
Os seus extremos;  
Mortais, amemos;  
Mas não assim.  
(Bocage, Cant. de L. e H.)

Sublime Atabalipa, se em teu peito  
Tem dominado amor, se os duros golpes  
Da saudade, da dor, do desespero  
Têm tu'alma sensível ulcerado,

Escuta a narração lúgubre, infausta,  
Do mais atroz, mais doloroso caso,  
Que inda o eco repete em surdas vozes  
Nessas plagas fatais de Abido, e Sesto!

Vê, lutando o infeliz, mísero Amante,  
Co'os furores do mar, e vento infido,  
Buscar desanimado a luz propicia,  
Que seus olhos, já baços, não descubrem!  
Ei-lo jogo das vagas agitadas,  
Expirando, e pedindo ao mar em fúria,  
Que leve seu despojo àquela margem  
Onde os braços da sua bem amada  
Pela última vez possam cingi-lo

Ao terno coração que tanto o amara!  
De todos os seus votos, foi só este  
Que os Deuses despiedosos escutaram!  
De uma calma falaz, Hero iludida,  
Corre a acender o lume benfazejo,  
Que guiar deve o suspirado Amante,  
De tão viva paixão objeto digno.

Turbam-se de repente os elementos:  
Medonhos escarcéus o mar revolvem:  
Berra atormenta, e negro torvelinho  
Encobre o céu, e o mar. Corre agitada  
A extinguir o fanal. Era já tarde:  
Leandro o tinha visto, e se expusera;  
E nesse mesmo instante em que a mesquinha  
Aniquilava a luz, ele espirava!

Pondera agora, ilustre Atabalipa,  
Qual a dor, a aflição, a ânsia, o delírio  
D'essa alma apaixonada, e tão sensível,  
Quando viu sobre a área branquejando  
Do desgraçado Amante o níveo corpo!  
Amor, que os tinha unido, não consente  
Que laços tão sagrados se desatem.  
Hero se precipita, e vem, morrendo,  
Ligar-se em triste amplexo ao doce amigo.  
E unindo os seus aos lábios já sem vida  
Do malfadado moço, co'um suspiro  
Lhe diz: - Morremos juntos - e expirando  
Tornou eternos seus amantes votos!

Vejo sentido pranto, cara amiga,  
Aljofar tua face; sim, observo  
Agitado teu seio, e sufocado  
Teu terno coração, em mil suspiros  
Brotar a dor. Ah! Sim; só brutas feras  
Podem negar piedade ao caso acerbo  
De tão nefasto amor, tão dura sorte!

Suas cinza repousam lá unidas  
Entre algosos penedos: Alcione  
Vem ali lamentar, seus arrulhos  
Ali fazem soar continuamente:  
Os ecos dos contornos os repetem;  
Tudo respira dor, saudade e pranto.

## CARTA DE LEANDRO A HERO

De teu fiel recebe um terno<sup>154</sup> adeus.  
A ventura de ver-te, de abraçar-te  
Faria o seu prazer; mas agitado  
O mar tempestuoso não consente  
Que ele possa passar de Abido a Sesto.  
Se as Deidades piedosas s'interessam  
A favor de um afeto verdadeiro,  
Tu sensível serás aos desprazeres,  
Que turbam meu repouso, e pesarosa  
Lerás protestos de um amor constante.  
Que tão doce te fora o escutá-los!  
Mas que digo? Insensato! Os mesmos Deuses  
Que reclamo, contrários se declaram  
À minha pura chama; pois não sofrem,  
Turbando o mar, que eu possa para ver-te  
Empregar a destreza de meus braços.

Bem vês o céu de nuvens carregado,  
Pronto a brotar horrísonas borrascas.  
Com medonho estampido os rijos ventos  
Se arrojam sobre as ondas inquietas,  
Onde os navios mal seguros jogam.  
Um piloto somente (e esse mesmo  
De temerário e louco é argüido)  
Os furores de Boreais desprezando,  
O porto deixa, e é por este meio  
Que posso a minha dor participar-te.  
Eu lhe entrego esta carta; ah! Praza aos Deuses  
Que pudesse ir eu mesmo segurar-te  
O meu amante extremo; mas correndo  
A embaçar-me, contando em pouco o risco,  
Eu vi que toda a gente me observava  
Nesta partida. Como eu ousaria  
Impelido por meu ardor veemente  
Manifestar a chama que me abrasa?  
Os meus, a meu pesar, descobririam,  
Se me vissem partir, o doce trato  
Do nosso oculto amor; e escaparia  
O segredo que tende a conservá-lo,  
Eu te escrevo, portanto, o beijo e injejo  
Esta carta feliz, que brevemente  
Irá gozar o bem de que me privo,  
Depois de ser por tuas mãos tocada

---

<sup>154</sup> No original, “Tenor”, evidente erro tipográfico.

Julgo vê-la tão docemente unida  
Aos lábios teus, que os olhos cobiçosos  
Farão que o selo quebres com teus dentes.

Mas por que invejo o bem que ceder devo?  
Privar-me de te ver é mal sem cura,  
E devo de meu bárbaro destino  
Sofrer a dura lei; portanto, ó cara,  
Por minha voz a minha mão te fala,  
Ah! Por que não pode ela neste instante,  
Em lugar de traçar minhas idéias,  
Vencer nadando os mares alterosos,  
E abrir-me um caminho para Sesto,  
Onde por tantas vezes me tem feito  
Voar o tenro amor? Bem que estas letras  
Possam provar-te o meu ardor intenso,  
Que intérprete fiel de meus extremos  
Seja esta mão, mais útil me é seu uso  
Quando fendendo as ondas me avizinha  
Do meu único bem, dos meus amores.

Há sete noites, noites tormentosas!  
Que o mar apenas franco aos navegantes  
Furioso espuma, e faz mugir as vagas.  
Ah! Se em todo esse tempo algum repouso  
Meu assustado amor tem conseguido,  
Possa tanto durar a tempestade  
Quanto por meu tormento tem durado.  
Sentado em um rochedo ao mar vizinho,  
Abatida a minh'alma de tristeza,  
Lanço, gemendo, as vistas para Sesto,  
E adorando o lugar que me é tão caro,  
Mando meu terno coração saudoso

Aonde<sup>155</sup> desejo conduzir meu corpo.  
Na torre, onde te dignas esperar-me,  
O lume vejo que me guia e chama;  
Ou já de meus desejos iludido  
No ardor de buscá-lo julgo vê-lo.  
Neste tormento, a dor que me transporta  
Me tem feito três vezes resoluto  
Minhas vestes deixar sobre esta margem,  
E três vezes entregue ao mar em fúria,  
Os meios procurar do meu repouso.  
Mas consegui-lo em vão tenho tentado:  
As vagas a engolir-me sempre prontas,  
Contra a minha afoiteza embravecidas,  
Têm-me à praia arrojado por três vezes.

---

<sup>155</sup> No original, “onde”.

Tu dos ventos o mais desapiedado,  
Que os ares estrugindo, furiosas  
As ondas tornas, implacável Boreais;  
Que te fiz eu? Por que, com rigor fero,  
O mar volvendo, o coração me arrancas?  
O sopro impetuoso que despedes  
Mais do que as ondas meus prazeres turba.  
Ah! Que farias tu de mais tirano,  
Contra um mísero amante, se em teu peito  
Nunca amor dominasse? Se hoje cobrem  
Tua face alguns gelos, ah! Recorda  
Que houve tempo em que fostes já de fogo,  
E que de um lindo objeto surpreendido  
Seus amáveis encantos já fizeram  
Tua razão ceder a teus sentidos.  
Na paixão vivamente ressentida,  
Que a roubar Orithia te obrigara,  
Que desesperação seria a tua,  
Se te fossem os ares interditos?  
Por piedade condói-te de um amante  
Que te implora favor; suspende a fúria;  
Assim Eolo do seu poder altivo,  
Jamais severas ordens ousa impor-te.  
Mas em vão com meus ais busco mover-te,  
Pois aumentas teu horrído murmúrio.  
E as águas agitadas, implacáveis  
Mugem, branquejam difundindo horrores!  
Ah! Por que de meus males compassivo  
Não me presta, ai de mim! Dédalo as asas?  
Estes mares que de Ícaro conservam  
O renome, de sua fatal queda  
Em vão minha razão avisariam:  
De seu fado o espetáculo tremendo  
Desmaiar não faria a minha audácia,  
Se eu pudesse alcançar que de meu corpo  
Vencendo o peso, aos ares me elevassem.

Ah! Que em vez dos prazeres excessivos  
De que há tanto me priva a tempestade,  
Eu procuro acalmar a viva angústia  
De meu peito agitado, memorando  
Os primeiros momentos preciosos  
Da minha sem igual felicidade!  
A noite... Oh! Quanto é doce esta lembrança!  
Em suas gratas sombras preparava  
O troféu mais sublime à minha glória;  
Quando inflamado no maior transporte,  
Eu me ausentei de Abido, e fui a Sesto!  
Então, sem que o perigo balançasse

O meu valor, já prestes a arrojá-me  
Às salsas ondas, estendendo os braços,  
Corri afoito a úmida planície  
Nesta marcha arriscada, e inconstante,  
Seus doces raios me emprestava a lua  
Como que condoída protegesse  
Quem por amor à morte se arriscava.  
Em meu transporte, erguendo a ela os olhos,  
Ó Deusa encantadora, lhe dizia,  
Concede o teu favor a um terno amante.  
Ah! Lembre-te esse tempo, em que buscavas  
Nos rochedos de Latmo o pastor belo,  
Que acendera em tu'alma a doce chama.  
Favorável te mostra a este extremo  
Que a tão estranhos riscos me abandona.  
Para guiar-me, sobre mim derrama  
Os teus raios benignos. Quando amante  
Tu deixavas o céu, e demandavas  
Meigos encantos de um amor tão terno,  
Era um mortal quem te obrigava a tanto.  
No lindo objeto que minh'alma enleia  
Eu nada vejo menos que uma Deusa...  
De tão alto elogio não te ofendas:  
O ciúme é forçado a confessá-lo.  
Que te direi dos sentimentos nobres  
Que regem de su'alma os movimentos?  
Que do sangue dos deuses seja digna  
Sua excelsa beleza o testifica,  
E de mil graças o gentil composto  
Bem deixa ver, que só uma Deidade  
Tantos encantos possuir podia.  
Exceto tu, e Vênus, não se encontra  
Outra imortal, que vendo a minha amada  
A vantagem de bela ostentar possa.  
Se não crês a expressão de quem a adora,  
Ah! Digna-te de vê-la um só momento.  
Bem como tu em plena luz ofuscas  
O esplendor dos astros que te cercam,  
Tanto sua beleza e seus encantos  
Fazem ceder a todas as beldades.  
Se da minha verdade inda duvidas  
Talvez zelosa este louvor te ofenda,  
Ou temendo que a ti ouse igualá-la,  
Convencida em segredo, dissimulas.

É assim que vogando sobre as ondas  
A espera fadiga eu consolava,  
E avançando-me a essa feliz margem  
Que, meu sensível coração prendendo,  
Meus desejos, meus votos atraía.

Da lua a bela imagem refletida  
Sobre a água em torno, a branqueava toda;  
Tal era o resplendor, que, o mesmo dia  
Reproduzindo, as sombras dissipava.  
Sem ouvir mais rumor, que o brando ruído  
Com que as ondas fendiam os meus braços,  
Eu via o mar em uma paz profunda,  
E o vento, respeitando o seu repouso,  
De algum sopro importuno o não turbava.  
Só da triste Alcione a voz saudosa  
O seu caro Ceix chamar se ouvia.

Quando já fatigado do trabalho  
Senti faltar-me a força, suspendido  
Sobre as ondas, busquei algum repouso.  
Foi então que de longe apercebendo  
O farol que o caminho me traçava,  
E que de meus trabalhos era a meta,  
É lá, disse eu, é nessa cara torre,  
Que me espera a beleza que idolatro!  
De tão grata esperança afervorado  
Em meus braços sentia um vigor novo,  
E as ondas que vencer já mal podia,  
A atravessar me pareciam doces.  
Sua extrema frieza bem pudera  
Outrem gelar; mas eu levava um fogo  
Que a podia aquecer; nem era crível  
Que penetrar pudesse o ardor veemente  
De um coração que Amor por glória habita.  
Mais eu me aproximava à feliz margem  
Onde de meu amor ia oferecer-te  
O primeiro penhor, mais impaciente  
Minha ardente paixão me dava esforço  
Para avançar. Oh! Quanto a minha audácia  
Se aumentou, quando, tendo-te observado,  
Eu pensei que podias também ver-me!  
Se de meus braços desconfiar pudesse  
Tua presença forças lhe daria.  
Foi então que dobrando os meus desvelos,  
Procurei agradar à minha amada,  
E buscando-a com ar vitorioso  
Parecia ostentar-lhe o meu triunfo!

Ah! Que doçura exp'rimentou minh'alma  
Quando te vi solícita, extremosa  
Vir ao mar receber tua conquista,  
E, a meus braços correndo a grandes passos,  
Eu conheci, meu bem, que não fingias!

Trabalha em vão Deamira<sup>156</sup> por deter-te;  
Tu vens satisfazer os teus transportes,  
E vencendo esse obstáculo vão e fraco,  
Para estender-me a mão n'água te metes,  
De teus braços então toda a doçura  
Me faz ver quanto em minha feliz sorte  
Teu coração amante se interessa...  
Por gozar tanto bem, Deuses supremos,  
Que ondas atravessar eu recusara?...  
O teu véu desatando cuidadosa,  
Com ele contra o frio me socorres,  
E tuas belas mãos, que transportado  
Eu pude então tocar, de meus cabelos  
Extraem o salso humor; eu calo o resto;  
Os êxtases suaves, os transportes  
Que empresa os nossos corações amantes  
Por mil ternos cuidados Amor liga...  
Ó noite! Ó Torre! Vós que testemunhas  
Fostes desta recíproca ventura,  
Atestai vós, que o céu e a natureza  
Por nossos firmes votos respondiam.  
Tu me juraste fé: eu igualmente  
Minha fé te jurei: fora mais fácil  
As áreas contar do vasto Oceano,  
Que todas as doçuras que gozamos.  
Menos tempo nós tínhamos de ver-nos,  
De explicar nosso amor, nossa ternura,  
E mais, meu bem, quiséramos que todo  
Se empregasse no gozo dos prazeres.

Eis raia enfim nos longos horizontes  
D'alva o clarão, e nossos doces risos,  
Nossas ternuras, dão lugar às mágoas,  
Então ternos abraços repetindo,  
Céus! Exclamamos nós, quanto são breves  
Dos amantes as noites, e os prazeres!  
Eu me detinha sempre, e sempre, oh Deuses!  
Minh'alma enfeitiçada em teus agrados,  
Procurava alongar estes momentos,  
Quando Deamira enfim vem advertir-nos,  
E de teus ternos braços arrancar-me.

Tristes suspiros tendo demonstrado  
A nossa mútua dor, eu deixo a torre,  
E engolfado nas ondas, busco ao menos  
Ver-te, enquanto o permite a vizinhança.  
Eu deixei lentamente essa ribeira,  
E quanto de mim mesmo então mudado!

---

<sup>156</sup> N.A.(Beatriz): Dei este nome à companheira de Hero, por fugir à quase cacofonia de - Tu'Aia.

Eu nadei para ti cheio de gosto,  
E agora mil temores me aterravam,  
Temendo naufragar; quando contente  
Intentei abordar à margem tua,  
Parecia que o mar livre passagem  
Por si mesmo me abria; mas no instante  
De deixar-te, meu bem, só vi d'em torno  
Uma montanha pronta a submergir-me.  
Por mais poder que sobre nós conserve  
A lembrança da pátria, amortecido  
Vi em meu coração o amor da minha.  
Eu a busquei com pena: ah! Praza aos Deuses  
Que os ventos irritados não tornassem  
Inúteis meus desejos ansiosos!  
Céus! E como é forçoso que, ligados  
Por tanto amor, essa água nos aparte!  
E que animados de uma só vontade  
Tão diversos lugares dêem motivo  
A ternas ânsias, a suspiros tristes!  
Ah! Deixa que em seus muros para sempre  
Sesto me encerre, ou faze, doce amada,  
Que co'a minha se troque a pátria tua.  
Abido, que por mim tanto interessa  
Em tua estima, menos agradável  
Não te há de ser, que Sesto ao teu amante.  
Quanto eu sou desgraçado, justos Deuses!  
A menor tempestade me horroriza.  
Se se agitam as ondas, agitado  
Sinto o meu coração! Não sopra o vento  
Que minha alma assustada não suspire!  
Não é nada esse sopro, e ele me perde!  
Os Delfins que vagueiam sobre as ondas  
Meus desejos conhecem; tantas vezes  
Já me viram sulcar esta passagem,  
Que seguem junto a mim no mesmo giro.  
Jamais alguns dos mares transitado  
Tantas vezes tem sido: já traçada  
É a rota que sigo sobre as águas,  
Como se vêem impressas sobre a terra  
Esses sulcos que as rodas têm formado.  
Ah! Quanto eu tenho me doído sempre  
De não ter outros meios de buscar-te!  
E é para o meu amor duro tormento  
Que ainda esse mesmo a meus desejos falte.

Todo o Helesponto branquejando freme:  
Seus silvos bravamente retinindo  
Abrir fazem voragens tragadoras  
Que até no porto os nautas ameaçam.

Quando sobre este mar *Hebe* perdida  
Deu-lhe por seu desastre o nome infausto,  
Tais sem dúvida os ventos furibundos  
Revolviam o mar encapelado.  
Ah! Que já este sítio memorável  
Assaz é por seu fado lastimoso,  
Sem que o meu inda o faça mais funesto.  
Mas inda que por ti meus dias poupe,  
É sempre infausto o nome que conserva.

Quanto à sorte de Phrixo invejar devo!  
Uma injusta Madrasta desumana  
Sua inocente vida perseguia;  
Ele foge, e sobr'estas mesmas ondas  
Um carneiro em seus ombros o sustenta;  
Mas ah! Por ver o bem que terno adoro  
Eu não quero um carneiro ou um navio,  
Nem me verão jamais, para reger-me,  
Fitar meus olhos numa ou noutra Ursa;  
Astros comuns, que a todos têm servido,  
Seriam para mim fraco socorro.  
Que outro qualquer, se a precisão o obriga  
Ansioso busque a c'roa de Ariadne,  
Que Andrômeda procure cuidadoso,  
E o Pólo gelado de Calisto;  
Calisto, o Pólo, *Ariadne*, *Andrômeda*  
Cedem à tua luz; e seu brilhante,  
A tantos passageiros necessário,  
De guia não me serve sobre as águas.  
Há uma luz mais viva, mais segura  
Que não me deixa errar: nas mesmas trevas  
Meu amor esclarece, nem precisa  
É para mim a luz de um fulgor vago:  
Contanto que eu a veja, irei seguro  
E cheio de valor, té onde estende  
Esse Scitico mar as frias margens,  
E passarei sem susto onde o famoso  
Herói de Colchos, doutros escoltado,  
Do áureo velo a conquista perpetrara.  
Em vão *Palemon* sobre o mar se adestre,  
Guiado desta estrela hei de excedê-lo,  
E farei que me ceda aquele mesmo  
Que um suco misterioso em Deus tornara,  
Se acaso já da lida, e do cansaço  
Meus braços desfalecem e recusam  
A meu ardor o esforço que precisa,  
Eu para os animar nesta fadiga,  
Tão rude, tão penosa, lhes presento  
Qual é do seu trabalho o doce prêmio,  
E que um feliz destino os recompensa

Dando-lhes a apertar teu níveo seio.  
Logo desta esperança reanimados  
Renovam seu vigor, recobram forças,  
E essas plagas demandam mais ligeiros  
Que o vencedor no jogo da carreira.  
Tu és a minha luz, meu norte e guia,  
Ó beleza incantável, que te aprazes  
Para mim só luzir: inda na terra  
Digna de incensos, e de altares digna,  
E de sentar-te a par das Divindades.  
O céu, donde derivam tantos dotes  
É só o digno assento que te cumpre;  
Mas não te apresses, não, a abandonar-me,  
Ou contigo meu bem sofre que eu suba.  
Ah! Que os deuses na terra te conservam,  
E olhos, sem ser os meus, te vêem te gozam!  
Tal é dos males meus o duro extremo,  
Que apenas me concede Amor tirano  
Um momento de ver-te entre mil riscos!  
Ah! Que vale ser pouca essa distância  
Que opõe aos nosso amor fatal barreira,  
Se mostra a meus desejos ansiosos  
Igual obstáculo à mais longínqua plaga?  
Quantas vezes as ondas empoladas  
Frustrando os gostos meus, cheios de fúria,  
Me fazem desejar que os dois extremos  
Do universo ou dos mares nos separem!  
Esse obstáculo invencível moderando  
O ardor de te ver, não agitara  
De uma esperança inútil a minh'alma,  
Mas vizinho de ti, sempre inflamado,  
Sinto crescer o ardor de meus desejos,  
A esperança me mata, e não se extingue.  
Tão vizinhos, meu bem, tão perto estamos,  
Que da minha ribeira a tua avisto;  
A pequena distância lisonjeia  
Meus ávidos desejos, e isto mesmo  
Redobra a minha dor, e o meu tormento.  
Que tem de mais cruel a pena infanda  
De *Tântalo* infeliz? A água que foge  
De seus ávidos lábios não apresenta  
De meu prazer a privação severa.  
Quê? Não poderei ver-te, ó minha amada,  
Senão quando tranqüilo o mar consinta  
Que possam os meus braços transitá-lo?  
E enquanto irado os votos meus assusta,  
É forçoso que eu viva desgraçado?  
Nada sendo mais vário que a ventura  
Que se funda nos ventos e nas ondas,  
Sou condenado a ver freqüentemente

Pender meu bem das ondas, e dos ventos?  
Tremendo, escuto seu murmúrio horrendo,  
E se hoje seus debates me desolam;  
Como não tremerei nos cruéis tempos  
Em que o mar é sujeito a astros chuvosos?  
Ah! Que o meu coração não soube nunca,  
Antes de amar, quanto um amor sincero  
Faz empreender pelo querido objeto!  
Abrasado em desejos, e ansioso  
Por gozar teus encantos, não há risco  
Que eu não queira arrostar por consegui-lo  
Não julgues, não, amada, que fingido  
Seja o valor que ostento, ou que iludindo  
Deixe para mais tarde o seu efeito.  
Eu saberei mostrar-te prontamente  
Que faltar nunca soube ao que prometo.  
Poucas noites que dure a tempestade  
A afrontar o perigo já se apresta  
Minha ardente paixão; e o vento em fúria,  
O mar bramindo, e as nuvens inflamadas  
Não poderão sustar os meus esforços.  
Ou c'roe um fim ditoso a minha audácia,  
Único bem por que minh'alma anela,  
Ou a Parca inflexível corte o fio  
Desta vida, e termine os meus martírios,  
Tudo o que eu ousa pedir neste naufrágio  
É que as ondas piedosas me conduzam  
A essa praia feliz, onde abraçado  
Seja meu corpo frio por aquela  
Que faz doces os dias que respiro;  
Pois tu, meu bem, nesse momento extremo  
Não poderás calar a mágoa tua.  
Tu patente farás o misterioso  
Segredo de um amor tão desgraçado.  
Mas a este ponto estremecer te vejo!  
Tu não podes sofrer que um vão presságio  
Do caro amante a perda te apresente;  
Esperamos melhor do céu piedoso:  
Eu o aprovo, meu bem, por teu respeito  
Mas ah! Que aplaque o mar os seus furores  
Procura por teus votos, doce amada,  
O que em vão lhe suplico: eu não pretendo  
Que de todo serene a tempestade;  
Basta só que uma calma me permita  
Ganhar nadando essa feliz ribeira.  
Quando a tiver tocado, aos bravos ventos  
Sejam empresa as ondas agitadas;  
Para o mar revolver, toda a violência  
Empreguem de seus sopros bramidores.  
Esse feliz lugar aos meus desejos

Fora o mais belo, o mais seguro porto;  
Que, para demorar-me, o infesto Boreais  
Faça ao mar uma guerra duradoura.  
Então tímido e frouxo, em face ao risco  
Eu mesmo farei glória de assustar-me.  
Não me verã jamais, triste, ansioso,  
As ondas acusar de inexoráveis;  
E verei suceder a noite ao dia  
Sem temor que a tormenta me detenha...  
Mas é pouco que o vento embravecido  
Me suspenda: procura tu deter-me  
Por mais doces prisões: sejam teus braços,  
Teus agrados, meu bem, rêmoras sejam  
Que meu regresso privem para sempre.  
Tão depressa suspenda o vento irado  
Os furores do mar, me verás pronto  
Tudo arriscar por ti, por teus encantos.  
Toma tu só cuidado, doce amada,  
De acender esse lume benfazejo  
Que a teus braços fiéis devo guiar-me.  
Por acalmar contudo os teus cuidados,  
Minha carta por mim vai explicar-te  
O meu ardente amor; e praza aos Deuses  
Conceder-me, apesar do cruel fado  
Que perturba e combate os meus desejos,  
Que eu a siga, e te veja brevemente.

## CARTA DE HERO A LEANDRO.

Tantas noites sem ver-te têm corrido!  
Ah! Querido Leandro! Torna, torna  
A calma a meus sentidos desolados!  
Que novo obstác'lo te suspende agora?  
Tudo me assusta... eu tremo! Ah! Quanto é fraca,  
Quanto digna de lástima uma amante!  
Tu podes, por mil jogos diferentes,  
Variar teu prazer; e desterrando  
A tristeza enganar o longo tempo.  
Tu podes, sem ouvir os meus suspiros,  
No ardor que te arrebatava, sobre a arena  
Conduzir, e fazer voar um carro;  
Ou armado de dardos passadores,  
Qual Endemion, errar pelas florestas.  
Mas eu de longo tempo a amor sujeita,  
A esse deus consagrei a minha vida;  
Suas chamas crepitam no meu peito:  
Eu não sei, eu não quero, eu não desejo,  
Eu não posso, meu bem, senão amar-te.

Apenas luz o dia, est'alma cheia  
Da tua bela imagem, fujo ao sono,  
E voando à ribeira com transporte  
Vistas ferozes sobre os mares lanço,  
E os ventos acusando, e os mesmos deuses,  
Eu tremo, e julgo ver em meu delírio  
Cada onda, que se eleva, submergir-te.  
Mas logo que uma calma sobre as águas  
Eu vejo renascer, grito gemendo,  
Através de suspiros, e soluços:  
Por que não vem? Que faz? Quem o suspende?  
Talvez espera que a feroz borrasca  
De novo agite o mar? Céus! Que tormento!

Onde existe, cruel, aquele tempo  
Em que o teu coração, terno, amoroso,  
Parecia nos riscos acender-se  
De novo ardor? Oh! Quantas vezes, quantas,  
Mesmo apesar das ondas irritadas,  
A despeito dos sustos de uma amante,  
Sob um céu coruscante, e irados ventos,  
Eu te vi temerário, audacioso  
Desafiar as horridas tormentas,  
E correr a meus braços triunfante?  
Acaso teme amor algum perigo?  
Não tem os seus heróis como Mavorte?

Ah! Que amor te guiava nesse tempo!  
Que funesta mudança! Tu receias  
Té no seio da calma vãos perigos,  
E às queixas de um'amante és duro, és surdo.

Nesta praia, onde sei que não existes,  
Eu procuro os vestígios dos teus passos:  
Se acaso chega alguém dessa ribeira  
Em vão busca fugir à minha instância.  
Já não vê, não encontra, não escuta  
Senão a mim: desse universo inteiro  
Eu quisera inquirir notícias tuas.  
Inda é pouco: os teus hábitos que guardo,  
Quando o dia te chama à oposta margem,  
De um caro amante véus encantadores,  
Cingindo-os a meu seio, transportada,  
Eu os cubro de lágrimas, e beijos...  
Desculpa o meu delírio, ele te pinta  
Minha viva ternura, e amor não sabe  
Nunca desta fraqueza envergonhar-se.

Mas se a noite, a meus fogos favorável,  
Estende o manto seu sobre o horizonte,  
Minha fiel Deamira a mim chamando,  
Com ela subo à torre: tremebunda  
Acendendo o farol, ao deus das ondas  
Te imploro lacrimosa; e contemplando  
A medonha, profunda escuridade  
Que tolda o vasto mar, eu quereria  
Que esse deus, cujos ferros arrastamos,  
Um astro novo para ti criasse.

Ó tu, de meus pesares confidente,  
Companheira querida, fala, torna  
A esperança à minh'alma esmorecida.  
Virá ele? Tu pensas que partido  
Ele terá talvez? Céus! Enganado  
Ter-se-á meu coração? Não, não me engano;  
Eu o ouço, eu o vejo, ele já chega...  
Eu vou ver, e abraçar o bem que adoro.

Entraí em vossos cárceres sombrios,  
Ó negros aquilões; é amor, é um nume,  
Que vedes transitar o pego undoso.

Neste momento aplico atento ouvido,  
E sempre minhas vistas estão firmes  
Sobre as praias; o ruído mais distante,  
O mais leve rumor me sobressalta,  
Me agita, me anuncia o amante caro.

Se enfim sucumbo ao sono que me abate,  
Um sonho a meus desejos te figura;  
Creio abraçar-te, e não és já culpado.  
C'roadada a frente de viçosas canas  
Ver-te sair das ondas me parece,  
E a meus braços voar em um momento.  
Fugi, prestígios vãos, que os sustos seguem;  
As ilusões de amor não têm encantos  
Sobre os sentidos meus: gostos, prazeres,  
Que tu não gozas, eu gozar não quero;  
Eu só creio a ventura, quando unidos,  
Junto ao meu coração palpitar sinto  
Teu terno coração... Que então os ventos  
Com horrído estampido as ondas volvam:  
Que o raio crepitante a terra abale:  
Que o universo inteiro se confunda,  
E o mar lançando-se à celeste esfera,  
Por eternas barreiras, impossível  
Torne tua partida; os seus furores  
Eu desprezara plácida, e tranqüila;  
Fora teu seio meu seguro asilo.  
Que digo? Deslembada do universo,  
Pensando em ti somente, poderia  
Essa horrível desordem inquietar-me?  
Por que me deixas, pois, triste, ansiosa  
Desfalecer distante de teus olhos?  
Vem acalmar desejos de uma amante,  
De um coração por ti sempre agitado.  
Tantas noites, meu bem, correr deviam.  
Em lágrimas e dor? Fala, responde,  
Quem te detém? Que queres que eu presumo?  
Temes por teu regresso? Eis-me aqui pronta,  
Eu irei, caro bem, lançar-me às ondas;  
Não duvides? Amor há de ensinar-me  
A atravessar os mares desprezando  
Perigos que o meu sexo tanto teme.  
Para voar a ti, meu débeis braços  
Um caminho hão de abrir; e a meu encontro  
Temerás tu voar? Os bravos mares,  
Os tufões poderão inda turbar-te?  
Eu me unirei a ti no centro frio  
Do líquido elemento, e amor piedoso  
As ondas inflamando a nós de em torno,  
Com seu brilhante véu, aos invejosos  
Ocultos tornará nossos prazeres.

Desgraçada! Que digo? O amor infausto  
Deve de gosto embriagar-se tanto?  
Um coração empresa a mil tormentos  
De imagens de prazer pode ocupar-se?

Ah! Que da tua ausência eu vejo a causa  
Uma rival se opõe à minha dita,  
E teus culpáveis votos, inconstantes,  
Te aterram mais que as ondas, e que os ventos.  
Tu traído me tens... Céus, eu deliro!  
Eu não o posso crer: à tua glória  
Esta afronta não faz minha ternura...  
Por prêmio de um amor tão excessivo  
Quererias traçar a minha morte?  
Vítima desgraçada Hero seria  
Da tua ingratidão? Tu me tens dito  
Que é um crime a inconstância; os teus discursos  
Recorda, e esses momentos preciosos  
Em que o mesmo prazer teus juramentos  
Têm ditado, são esses que tremendo  
Hoje reclamo; sim, sobre tu'alma  
Meus atrativos têm justos direitos.  
Se ostentá-los eu ousa, permitido  
Me é este orgulho; eu só de ti os tenho.  
Tu és quem me embeleza; semelhante  
A essa flor que parece inda sensível  
Ao astro que a colora, assim meus olhos  
Sobre ti fitos, desses teus recebem  
O esplendor, e as graças. Tu penetras  
A minh'alma, e qual astro me alumias;  
És o nune que adoro, a luz que sigo.

Que agradável desordem! Que harmonia  
Encantadora! Uma secreta calma  
Torna ao meu coração! Já despojada  
A feia noite de seus véus sombrios  
Estende o manto azul, e o ouro brilha  
Das estrelas: Morfeu tem suspenso  
Os males do universo: como, ó deuses,  
Uma calma, um prazer voluptuoso  
Sobre os ares se espalha! Estes carvalhos  
Que com tanta freqüência se agitavam,  
Aos céus elevam sua sombra imóvel!  
A terra exala ao longe um doce aroma:  
O hálito de zéfiro, o perfume  
Das flores, este mar tão sossegado,  
Esta calma profunda, este silêncio,  
Esta noite mais bela, mais brilhante  
Que um belo dia, tudo aos meus amores  
Anuncia o prazer: caro Leandro!

Eu aceito por ti tão grato agouro  
É tua vizinhança que embelece  
A natureza; vem, voa aos meus braços,  
Meu doce bem... Mas que funesto ruído  
Tem o silêncio e a noite perturbado?  
Armado o céu de fúnebres fulgores,  
Um dia ameaçador rasga nas trevas.  
Esta nuvem opaca, que impelida  
Do tirano do Norte, furinbunda  
Dos inflamados flancos raios vibra,  
Me traz talvez a morte! Os elementos  
Se têm reunido para confundir-me!

Ó tu que o espectro empunhas do oceano,  
Que ódio funesto contra nós te anima?  
De Laumedonte foi Leandro cúmplice,  
Ou nas fraudes de Ulisses teve parte?  
Donde vem teu rancor? Tu, que amor punes,  
Acaso nunca amaste? Ou por que causa  
O crime poupas? A ambição altiva,  
O interesse, os projetos dos tiranos,  
Cujas leis teu império tem calcado?  
Contra essa arma o mar, o vento, o raio;  
Mas ah! Salvar um mortal cheio de encantos,  
Salva o meu bem, e a minha dor respeita.  
Teme ultrajar amor, e sobretudo  
Pensa que o mesmo amor pode vingar-se.

Ah! Guarda-te, Leandro, Hero te roga;  
Minha esperança às ondas não confies:  
Fica, eu t'ordeno; e tu, filha das águas,  
Do prazer produzida para encanto  
Do universo, tu, que entre o horror da guerra  
Do tirano de Trácia o furor domas;  
Tu, que em teu coração o ardor sentiste  
Da chama de teu filho, e ao belo Adônis  
Cedeste de tu'alma o livre império,  
Condói-te do meu bárbaro tormento...  
É comum nossa causa: ambas ardemos  
No mesmo fogo: o meu amor protege  
Contra Eolo, e Netuno: destes deuses,  
Tão altivos, a fúria já domaste;  
Manda, ó deusa, e serás obedecida.

Mas se Leandro... Ó deuses! Iludido  
De uma pérfida calma... Se animoso  
Às ondas se arrojou... Que dia horrível!  
Se o raio... Ó céus! Que luz sangüínea e obscura  
Rasga a nuvem espessa que me cerca!  
Eu ouço, ou penso ouvir sobre a ribeira

Os tristes ecos de uma voz queixosa...  
De que horror meus sentidos estão cheios!  
Quem me chama? É Leandro? Eu já te sigo.  
Ah! Neste mesmo instante submergido  
Ele expira, e é meu crime a sua morte!  
Túmulo do meu bem, jazigo horrendo!  
Restitui-mo, cruel, como o hás roubado:  
Os meus beijos ardentes, meus afagos  
Lhe hão de restituir da vida os gérmens,  
Ou ligados em doce e eteno amplexo  
Expirar, e segui-lo ao fundo do abismo.  
Onde estou? Eu sucumbo à imagem triste,  
Foge o céu, a ribeira... o mar não vejo...  
Leandro, eu morro... As forças me abandonam...  
E da trêmula mão... me fuge a pena.

## 9. Saudação à Ilma. e Exma. Sra. D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco.

*In: VELLASCO, D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. Algumas Traduções das línguas Francesa, Italiana e Inglesa. Rio de Janeiro: B.X.P. de Souza, s.d.*

### Saudação

À Ilma. e Exma. Sra.  
D. Violante Atabalipa Ximenes de  
Bivar e Vellasco

Gênio da pátria, soberano impulso,  
Que as idéias sublimes santificas  
De almas votadas ao dever sagrado  
De erigir monumentos imorríveis  
Ao solo amado que nascer as vira!  
O estro meu reanima; um som mais grato  
À minha lira presta. Os dons celestes  
Que adornam de Violante a alma ilustrada  
Em meu hinos ressoem, e proclamem  
Da filha de Cabral a excelsa filha!

Ó tu, que de brilhantes bagatelas  
Não ocupaste a tenra adolescência,  
Que ao estudo votaste os belos dias,  
Que ao frívolo prazer, fúteis caprichos,  
Com raras exceções, tantas se empregam;  
Da tua devoção recolhe o fruto.  
Teus trabalhos sublimes são c'roados  
Não co'as virentes palmas que circundam  
Nosso solo natal; não com os louros  
Do Pindo fabuloso, vão ornatos  
Da vitoria sangrenta e do delírio;  
Mas co'a cívica, clássica oliveira,  
Símbolo do saber, da paz emblema.

Prossegue, pois, Violante; os teus objetos  
Por tu'alma sensível escolhidos,  
Cheios de melancólica doçura,  
Abalam corações que a dor conhecem:  
Que já sentiram de farpadas setas

Pungentes, acerbíssimas feridas.  
Quem pode sem chorar ler Carolina?  
Quem pode contemplar seus sofrimentos  
Em frases tão patéticas narrados,  
Sem sentir-se agitar? Quem o transumpto  
Que vence o original em graça e estilo,  
Não admira estático, e absorto  
Em suave atração! Teus sentimentos  
Retrataste fiel... mas o teu Jacopo?  
Patriota, filósofo, sofista,  
Quantas paixões jogaram naquela alma,  
Té<sup>157</sup> que amor sorveu tudo! Desgraçado!  
De seus sublimes arrebatamentos,  
Seus transportes, seus votos, seus delírios,  
Interprete fiel, no-lo apresentas  
Objeto de terror, e de piedade.

Na correta versão nada perderam  
As flores da eloquência, e da poesia:  
Antes novo perfume adquiriram  
Da tua douta pena. Aí se encontram  
Mimosas descrições, vivas imagens  
De indômitas paixões, erros, virtudes,  
Com nímia exatidão produzidos.

Venceste, ó Violante, um nobre empenho.  
Vulgarizar escritos estrangeiros  
De interesse e lição, é ato digno  
De um patriótico, e gentil caráter.  
Eu te saúdo, ilustre Brasileira,  
E nesta, de minh'alma ingênua ofrenda,  
Por minha voz a pátria te agradece.

---

<sup>157</sup> Não atualizado para “até” em respeito à métrica.

## 10. Saudação à estátua eqüestre do S.M.I o Senhor Dom Pedro

BRANDÃO, Beatriz Francisca de Assis. *Saudação à estátua eqüestre de S.M.I. o Senhor D. Pedro I, fundador do Império do Brasil*. RJ: Tip. de Paula Brito, 1862. 2p.

Saudação

À ESTÁTUA EQÜESTRE  
DE  
S.M.I. O SENHOR D. PEDRO I  
FUNDADOR DO IMPÉRIO DO BRASIL

Do velho e novo mundo herói preclaro,  
Augusto fundador, PEDRO PRIMEIRO,  
Que na vasta amplidão do espaço etéreo  
A mão e o pensamento erguendo aos astros,  
Troar fizeste o brado poderoso,  
Que em terra faz cair pulverizados  
Esses grilhões fatais, essas cadeias  
Que por séculos três nos oprimiram;  
Lá do assento imortal, onde, de glória  
Sublime lauréola te circunda,  
Observa este hemisfério, - onde plantaste  
A constituição, o trono, e a liberdade.

Ó Pedro! Grande Pedro, invicta prole  
Dos heróis domadores de turbante!  
Abençoa este império que fundaste;  
Recebe a oblação pura, sincera  
De um Povo que salvaste e enobreceste.

Que transportes, que gozos, que tormentos  
Se combatem, se chocam, se confundem  
Em nossos corações agradecidos!  
Lágrimas de ternura e de saudade  
Regam o pedestal onde se exalta  
Tua imagem augusta e veneranda!  
Viva recordação, doce e pungente,  
Que a esses tempos de glória nos transporta,  
Quando embotadas as sangrentas garras  
Do feroz despotismo, os livres braços  
Ousamos levantar ao céu superno,  
E juntando a teu nome sempre augusto  
A mágica palavra - Liberdade - ,

Podemos aclamar em santo júbilo  
A nossa gloriosa independência!  
Quantas dádivas, quantos benefícios  
Dessa mão generosa recebemos!  
A pátria, a liberdade, o nome, a glória,  
A honra nacional e a dignidade  
Entre as nações do mundo mais conspícuas,  
Tudo emanou de ti, tudo nos deste.  
E por c'roa de tanta magnitude,  
Do teu paterno amor o caro objeto  
A nossos firmes braços confiaste.

Esse jovem monarca, que tão cedo  
Compulsou valoroso e destemido  
Do diadema e do espectro o peso ilustre;  
E, nos quase infantis, dourados anos,  
Alheio aos passatempos, às delícias  
Que à mocidade ofrece à realeza,  
Tem sabido firmar com mão segura  
Do império da cruz a integridade.  
Sim, monarca glorioso, o teu reinado  
Há de marcar a época grandiosa,  
Que de evo em evo aos posteros aponte  
Os fastos memoráveis, transcendentos,  
Que deram ao monarca americano  
O direito sagrado, imprescritível  
De sancionar a lei, reinar com ela.

E tu, mística flor, palma idumêa,  
Perfumada em essências odorosas,  
Que celestes turíbulos exalam;  
Santuário de amor e de piedade;  
Que de dois puros anjos ladeada,  
Esmaltas de virtudes e de graças  
O solio que partilhas; ó Thereza!  
Benigna mãe da classe deserdada,  
Que acolhes em teu grêmio caridoso  
As lágrimas amargas da miséria,  
E com mão liberal pronta as enxugas;  
Na adoração de um povo agradecido  
Recebe o prêmio que te outorga o mundo;  
E, se as preces do pobre têm valia  
Junto ao trono de um Deus, que remunera  
Os que cumprem exatos seus preceitos,  
Terás do céu a bem-aventurança;  
Aras e templos votar-te-ão os povos,  
E entre os santos por Deus beatificados,  
Serás do império nova padroeira.

Hoje, que tantas glórias, tantas mágoas  
Reúnem junto à efígie majestosa  
Do excelso fundador da monarquia  
Os votos da nação, que exulta e geme  
De tão vários afetos agitada,  
Uma lágrima pura e um memento  
Honrem as cinzas desses, que valentes  
Ao bem da Pátria vidas e fortunas  
Votaram corajosos, almas grandes  
Que com mil sacrifícios e fadigas  
A senda preparastes que devia  
Conduzir-nos ao templo da vitória!

Vós todos que me ouvis sócios, conjuntos,  
Dos grandes vultos, que o Brasil alçaram  
Ao auge da grandeza e da ventura,  
Entoai hinos ao monarca excelso  
Que ora nos rege: à imperial família,  
Predileta do céu. Pedro Segundo,  
O pai, o protetor, o irmão, o amigo;  
O astro benfazejo que ilumina  
As plagas do Brasil; o herói prestante,  
Que em ordem numeral não foi primeiro  
Mas por virtudes mil, mil predicados,  
Será em nossos fastos sem segundo.

## CONCLUSÃO

Ouro Preto, hoje Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, continua a ser cantada por escritores e artistas contemporâneos, mas, assim como o cânone, mantém muitos de seus mitos e mistérios. Quanto às riquezas, ainda há muitas, e embora o ouro descoberto por Duarte Lopes já não mais brote em abundância pelos escassos córregos da cidade, ela brilha imponente a deslumbrar turistas do mundo inteiro com seus casarões bicentenários e suas igrejas monumentais, que guardam as marcas de Aleijadinho, Ataíde e tantos outros artistas que lá viveram. As letras de Gonzaga, Cláudio, Alvarenga, somadas às histórias de amor de Marília e Dirceu, e de Bárbara e Alvarenga ainda remetem os visitantes a um passado idílico, evocado de um amor morno, a desfilar às margens dos ribeirões perto de onde pastam, entre penhas tão duras, as ovelhas que jamais existiram.

Aos pés das minas de cujas entranhas brotava negro e reluzente ouro, na praça que simboliza vida e morte de um sonho de liberdade, nas ladeiras de construções imponentes e umedecidas pelo suor escravo, Beatriz Francisca de Assis Brandão ressurgiu. O berço, rico como o metal louro, apesar de não a ter poupado do preconceito, da rigidez moral, do amor interesseiro, das sevícias e da imposição à pátria doutrina, viu-a crescer talentosa, ousada, determinada. Seus textos queimados, ela reescreveu; à imposição de vetar-lhe a educação, ela respondeu forjando-se leitora às escondidas; ao desejo do marido de domá-la e apossar-se dos seus bens, ela mostrou-se insubmissa. E foi assim que, sozinha, fez-se educadora, poetisa, desenhista, compositora, mulher, e dona de uma produção literária que a conduziu ao grau de uma das mais produtivas escritoras do século XIX.

A rede integrada por Beatriz e suas contemporâneas, como sempre sói acontecer, era impulsionada pelas transformações políticas, sociais e econômicas que fervilhavam no cenário brasileiro oitocentista, como a Independência, o fim da escravidão e a proclamação da República, transformações estas que, por sua vez, advinham das européias, o que, de certa forma, provocou na sociedade um outro olhar sobre a mulher, cuja educação passou a ser vista como uma condição para o progresso da nação. Tal pensamento, embora se refira ao passado, continua atual, ainda que seja evidente que, de lá para cá, muitas foram as conquistas a aproximar a mulher de um lugar muito mais adequado àquele com o qual ela sempre sonhou, e isso vem se dando de maneira distinta, constante e sempre reconfortante, já que a cada nova conquista ilumina-se uma parte da história que parecia definitivamente enterrada, como que a redimir, em cada mulher de hoje, uma que a precedera.

Muitas escritoras, obras e anos depois do empreendedorismo demonstrado pelas mulheres aqui citadas chega-se a um Brasil em que cresce, vertiginosamente, o número de escritoras cujos textos têm revelado inquestionável talento. Na mesma medida, pesquisas nas áreas da História, Letras, Alteridade e Gênero tiram dos escombros um patrimônio literário valiosíssimo, fruto da dedicação incansável dessas mulheres que, no século XIX, e mesmo antes, vislumbraram um horizonte onde gozariam, assim como aos homens, o direito à instrução, à sociabilização, ao respeito, ao reconhecimento, à produção literária e, sobretudo, à autonomia.

O cânone literário ainda exclui muitas mulheres, mas se, por construção ideológica que representa, não é possível mudá-lo, mudou-se, por outro lado, o olhar sobre as Letras, o que se verifica não só pelo número expressivo de escritoras contemporâneas a figurar nos jornais e nas revistas literárias como autoras de livros de sucesso no mercado editorial contemporâneo; mas também pelo crescente aumento do

interesse por obras biográficas e outras relacionadas à história, numa demonstração clara de que a busca pelos caminhos que trouxeram à sociedade brasileira aos patamares em que se encontra hoje é fundamental para a compreensão do que, hoje, se chama Brasil.

Acrescentar, pois, ao quebra-cabeça da história das mulheres no Brasil, a peça referente à Beatriz, é o que se almeja nas linhas aqui traçadas, representantes não de um trabalho terminado, mas de um esforço que vem somar ao de inúmeras pesquisadoras que continuam a orquestração muda de suas antecessoras, fazendo ressurgir, de recônditos arquivos e bibliotecas do país, a voz embargada daquelas que as precederam na antiga, e sempre nova luta por reconhecimento.

Beatriz Francisca de Assis Brandão, a ilustre e desconhecida filha de Ouro Preto, por sua efetiva participação no contexto histórico e literário brasileiros, e, sobretudo, pela inestimável contribuição de sua obra para as Letras nacionais, evidencia, uma vez mais, o quanto ainda se desconhece a participação da mulher na construção da história deste país.

Em trinta e seis anos de produção literária efusiva, quase toda ela feita às escondidas, em uma sociedade em que a mulher nem sequer tinha o direito de estudar, Beatriz trouxe a público um livro com oitenta e seis poemas de sua autoria e dois livros traduzidos, um do italiano e outro do francês, além de cinquenta e oito poemas esparsos publicados em jornais, revistas e coletâneas. Ressalte-se que muitas outras obras se perderam e que, algumas delas, como a própria autora esclarece, foram queimadas por aqueles que não aprovavam, em uma dama, um comportamento tão ousado como o de escrever poesias.

A esperança de encontrar ainda outras informações sobre a vida e a obra de Beatriz moverá a continuação do trabalho aqui apresentado, que seguirá na busca de

informações em arquivos e bibliotecas de Lisboa, e no estudo aprofundado dos textos que aqui estão, inclusive em comparação com as de escritores e escritoras que escreveram no mesmo período.

Assim, convém esperar que a trajetória das mulheres na vida social e cultural do país – e do mundo – seja sucessiva e infinitamente recontada, não só porque elas continuam escrevendo, e muito mais do que antes, mas porque outras tantas se dedicam a recuperar a obra de muitas ainda desconhecidas, trabalho preciosíssimo a contribuir para uma necessária revisão da nossa história literária.

## **ABSTRACT**

This work aims especially to assemble the work of Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868), a poetess from Minas Gerais, in Brazil. Whence such a significant material, the gap which has been created by her exclusion from the national literary canon must be filled. It also aims to discuss the role of this one as well as other of her contemporary writers in the Brazilian society in the 19th century.

Key –words: Beatriz Brandão; Brazilian literature; literary canon; female emancipation.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. DE BEATRIZ BRANDÃO

*Alexandre na Índia* (ópera traduzida).

*Angélica e Medoro* (ópera traduzida)

*As comendas*. Rio de Janeiro, [s.d.]. Poesia.

Carta de Leandro a Hero, traduzido do francês, e dedicada à Senhora D. Delfina Benigna da Cunha, e Carta de Hero a Leandro. In: BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso brasileiro ou collecção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1832, v.2, cad. 7º, p. 7-28.

*Cartas de Leandro e Hero*. Extrahidas de uma traducção franceza. 2.ed. Rio de Janeiro: Typ. de B.X.P. de Sousa, 1859.

*Cantata aos anos da imperatriz Leopoldina*.

*Cantos da mocidade*. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro, 1856, v.1.

*Catão*. Drama trágico pelo abade Pedro Metastasio, traduzido do italiano. Rio de Janeiro: Typ. B.X.P. de Sousa, 1860.

*Diana e Endimião* (ópera traduzida).

*Drama à coroação de D. Pedro I*, posto em música, cantado no teatro.

*Drama ao nascimento de D. Pedro II*, posto em música, cantado no teatro (não foi impresso).

*José no Egito* (ópera traduzida).

*Lágrimas do Brasil*. Poesia em versos hendecassílbos, no mausoléu levantado à memória da excelsa rainha de Portugal, dona Estefânia. Rio de Janeiro, [s.n.] 1860.

Poesias. In: BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso brasileiro ou collecção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1831, v.2, cad. 5º, p. 27-38.

*Romances imitados de Gessner*. Rio de Janeiro: Typ. B.X.P. de Sousa, [s.d.]. Poesia. 32 p.

*Saudação à estátua eqüestre de S.M.I. o senhor D. Pedro I, fundador do império do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Paula Brito, 1862.

“Saudação à Ilma, e Exma. Sra. Dona Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco”. Poesia em versos hendecassílabos. In: VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. *Algumas traduções das línguas francesa, italiana e inglesa*. Rio de Janeiro: B.X.P. de Sousa, 1859.

*Semíramis reconhecida* (ópera traduzida).

*Sonho de Cipião* (ópera traduzida).

Poesias. In: *Marmota Fluminense*; jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro: Editora e Typografia de Paula Brito, de maio de 1852 a junho de 1857 - nº. 258 a 860.

Esparsos. In: *O Mentor das Brasileiras*. São João Del Rey. N.15, 12/03/1830.

## 2. SOBRE BEATRIZ BRANDÃO

BARBOSA, Maria Claret Carneiro. *A participação da mulher na história de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986, p.97.

BRANDÃO, Theobaldo. *Dados genealógicos dos ascendentes e descendentes de Francisco Sanches Brandão e Brigadeiro José da Silva Brandão*. Edição do autor: 1963. p.113.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1883, v.1, p. 387-88.

CELSO, Afonso. Prima de Marília. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1928. v. 158, p.870-873,.

LIMA, Mário de (Org.). *Coletânea de autores mineiros*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1922. vol. 1. p.310.

LIMA, Augusto de. D. Beatriz Francisca de Assis Brandão. *In: Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1810.

LIMA JR., Augusto de. Beatriz Francisca de Assis Brandão, musa da Independência, vida gloriosa e trágica. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. Vol.VIII. Belo Horizonte: IHGMG, 1961. p.63-73.

LIMA JR., Augusto de. Beatriz Francisca de Assis Brandão. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1909. v. 14, p. 425-28.

LIMA JR., Augusto de. D. Beatriz Francisca de Assis Brandão. *Revista da Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte, v.3, p.311, 1929.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p.127.

MORAIS, Christiani; CALSAVARA, Eliane de L. & SILVA, Gisele Elaine da. Leituras ‘corretas’ para mulheres ‘ideais’: Educação moral do ‘bello sexo’ para instrução da família e formação da Pátria no século XIX. *In: WWW. Caminhos do romance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/leituras\_corretas*. Acesso 13/01/2009.

MOTA, Artur. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Nacional, 1930. 2.v.

OLIVEIRA, Américo Lopes de, VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello, 1967. p. 176.

PEIXOTO, Afrânio. *Panorama da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Companhia

Editora Nacional, 1940. p.287.

REZENDE, Arthur. *Genealogia Mineira*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1938. v.2. p.18-36.

RIBEIRO, Wagner. *Antologia luso-brasileira*. São Paulo: Coleção F.T.D., 1964. p.27-8.

RÖBEN de A. XAVIER, W. Beatriz Francisca de Assis Brandão: Iluminismo suíço e poesia. In: *Encontro interdisciplinar do programa de pós-graduação em Letras – Mestrado em Letras Brasileiras da Universidade Federal do Ceará*. Fortaleza: Mestrado em Letras: UFC. 2006. v.1.

SABINO, D. Ignez. *Mulheres illustres do Brazil*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996; Edição fac-similar. p.107-11.

SCHUMACHER, Schuma & VITAL BRAZIL, Érico (Org.). *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 99.

SILVA, Domingos Carvalho da. *Vozes femininas da poesia brasileira*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959. p. 8-9.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867. Tomo oitavo, p. 367.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. D. Beatriz de Assis. Mais algumas páginas para as brasileiras célebres. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, v. 55, II, p. 57-78, 1893.

SILVA, Wlamir. ‘Amáveis patricias’: O Mentor das Brasileiras e a construção da identidade da mulher liberal na província de Minas Gerais (1829-1832). *Revista Brasileira de História*. vol. 28, nº. 55. São Paulo: jan./Jun. 2008. p.1-13.

SOUZA, J. Norberto de. D. Beatriz de Assis: mais algumas páginas para as brasileiras célebres. *Revista Trimensal do Instituto Histórico*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1868. p.59-78.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 1996. p.49-59.

TRINDADE, Cônego Raimundo (Org.). D. Beatriz Francisca de Assis Brandão. In: *Revista do arquivo público mineiro*, Vol. XIV, 1909. p.425-428.

VASCONCELLOS, Eliane. Beatriz Francisca de Assis Brandão. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

VELHO SOBRINHO, J. F. *Dicionário bio-bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940. v.2. p.195-196.

### 3. GERAL

*A Marmota na Corte*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, set. 1849 - abr.1852. (nº 01 a 257).

*A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, jan-abr. 1864. (nº 03 a 15).

*A Marmota*; folha popular. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, jul.1857- dez. 1861(nº 861 a 1328).

ALORNA, Marquesa de. *Obras poéticas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1844-1851.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Vol. 2.

AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1960.

AMOROSO LIMA, Alceu. *Voz de Minas*. Rio de Janeiro: Agir, 1945.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

AQUINO, Rubim Santos Leão de et al. *Sociedade brasileira: Uma história através dos movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Chile: Sociedade Comercial y Editorial Santiago LDA. Publicações Europa América, LDA., 1988.

AZEVEDO, Djalma Alves de. *A imprensa do Brasil nasceu em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Armazém das Idéias, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*; tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BASTIDE, Roger. *Poetas do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1997.

BATISTA, Antônio A. G. & GALVÃO, Ana Maria de O. (Org.) *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BESSA, Raimunda Alvim L. Mulheres na história da literatura brasileira. In: [www.abralic.org.br/enc2007/consultasimposios](http://www.abralic.org.br/enc2007/consultasimposios). Acesso em 15/03/2008.

BOAS, Sérgio Vilas. *Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus editorial, 2002.

- \_\_\_\_\_. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 33.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BRAIT, Beth. (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- BRANCO, Lúcia C. e BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BRANDÃO, Ruth (Org.). *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Estudos de filologia portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1954.
- CAMPOS, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. Rio de Janeiro: Conquista, 1960. p.93.
- CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Terceira leitura; USP, s/d..
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 6.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Ministério da Educação e Saúde, 1951.
- CARVALHO, Feu de. Instrução Pública: primeiras aulas e escolas de Minas Gerais; 1721-1860. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte: APM, s/d.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.
- CESAR, Ana Cristina. *Crítica e tradução*. São Paulo: Ática, 1999.
- COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- COSTA LIMA, Luiz (Coord.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989.

DARNTON, Robert. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*; tradução de Myriam Campello. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*; tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DUARTE, Constância Lima et al (org). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. Nísia Floresta Brasileira Augusta. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

\_\_\_\_\_. Nísia Floresta e a educação feminina no século XIX. In: LÔBO, Yolanda e FARIA, Lia (Org.). *Vozes femininas do Império e da República*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil – século XIX. In: DUARTE, Constância Lima et al (Org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. *Nísia Floresta: vida e obra*. 2.ed. rev. Natal, RN: EDUFRN, Editora da UFRN, 2008.

\_\_\_\_\_. Feminismo e literatura: discurso e história. In: REVISTA O EIXO E A RODA. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003/2004. v.9/10.

\_\_\_\_\_. O discurso autobiográfico de Nísia Floresta. REVISTA LYBRIS: estudos feministas. Jan/junho 2006. Disponível em [www.unb.br/ih/his/gefem/labrys9/libre/constancia1.htm](http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys9/libre/constancia1.htm). Acessado em 12 de agosto de 2009.

FIGUEIREDO, Luciano Raposos de A. & CAMPOS, Maria Verônica (Coord.). *Códice Costa Matoso: coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matosos sendo ouvidor-geral das do Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749*. Belo Horizonte: Fundação João

Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1999. 2 v. Coleção Mineiriana.

FIGUEIREDO, Rubens. Machado na mira dos críticos. *In: Jornal do Brasil*; Caderno Idéias, em 07 de novembro de 1998.

FLORES, Conceição. As aventuras de Teresa Margarida da Silva e Orta em terras de Brasil e Portugal. Natal: Opção Gráfica e Editora, 2006.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (Org.). *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

FURTADO, Joaci Pereira. *Uma república de leitores*. São Paulo: Hucitec, 1997.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 2002.

GOMES, Ângela de C. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOTLIB, Nádia Battela. *Clarice: Uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

GUIA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais, 1993.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967. 2v.

HOUAISS, Antônio. Introdução ao texto crítico das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. *In: Suplemento da Revista do Livro*. Ministério da Educação e Cultura, vol.1. s/d.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. São Paulo: Ed. 34, 1996. Vol.1.

JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor*; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOBIM, José Luiz. *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CRUZ JÚNIOR. A mulher e sua educação. *In: A Marmota na Corte*. nº. 228, p. 02.

KHOTE, Flávio R. *O cânone colonial*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

KOOGAN, Abrahão & HOUAISS, Antônio. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. Rio de Janeiro: Delta, 1994.

LAJOLO, Marisa. *Eça de Queirós e suas leitoras malcomportadas*. NIELM. Internet: HYPERLINK <http://w3.openlink.com.br/nielm/lajolo.htm>. Acesso: Março, 1998.

LE GOFF, Jacques (Dir.). *A história nova*; tradução de Eduardo Brandão. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 1998.

LEITE, Miriam Lifchtz Moreira. História das mulheres. *In: Revista USP*. nº. 23. São Paulo: USP, 1994. p. 5-7.

- LÉON, Vicki. *Mulheres audaciosas da Antigüidade*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- LIMA, Manuel de Oliveira. *O Império Brasileiro: 1822-1889*. Nova edição, Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1986.
- LIMA, Oliveira. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- LOPES, Eliane Marta et.al. *500 anos de educação no Brasil*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARINHO, Maria de Fátima. A concepção da natureza na obra poética da Marquesa de Alorna. *Revista da Faculdade de letras, línguas e literaturas*. Porto, XVI, 1999.p.47-57.
- MATHIAS, Herculano Gomes. *Um recenseamento na capitania de Minas Gerais: Vila Rica: 1804*. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, 1969.
- MELLO e SOUZA, Laura (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Vol. 1.
- MENDES, Jairo Faria. Memória dos jornais mineiros do século XIX: revisão crítica das fontes historiográficas. *In: III Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*. Novo Hamburgo, RS, 2005.
- MEYER, Marlise. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *A leitura de romances no século XIX*. Campinas: Cadernos CEDES. vol.19, n. 45, jul. 1998.
- MOREIRA, Nadilza M. de B. *Da margem para o centro: a autoria feminina e o discurso feminista do século XIX*. *In: [www.amulhernaliteratura.ufsc.br/9nadilzabh.htm](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/9nadilzabh.htm)*. Acessado em 30 de setembro de 2009.
- MOTA, Artur. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Nacional, 1930. v.2
- MUZART, Zahydé Lupinacci. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 1999.
- NEVES, Maria Alciene e RESENDE, Adelaine Laguardia. *O jogo e a identidade em O Mentor das Brasileiras*. *In: [www.abralic.org.br/enc2007/1n1ia/24/1595](http://www.abralic.org.br/enc2007/1n1ia/24/1595)*. Acesso em 08 de julho de 2009.
- OFICINA DO INCONFIDÊNCIA; revista de trabalho. Ouro Preto: Museu da Inconfidência, 1999. Ano 1, nº 0.
- ORTA, Teresa Margarida da Silva. *Aventuras de Diófanes*. Virtualbooks 2002. *In:*

virtualbooks.terra.com.br. Acesso em 15 de julho de 2008.

PERRONE-MOYSÉS, Leila. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.

PINHO, Wanderley. *Salões e damas do segundo reinado*. São Paulo: Martins, 1942.

PINSKY, Carla (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

PRIORE, Mary del. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

PRIORE, Mary del. *Mulheres no Brasil colonial*. São Paulo: Contexto, 2000.

PROENÇA FILHO, Domício. (Org.). *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro, v. 13, p. 520-521, p. 530-531, 1850.

RESENDE, Adelaine Laguardia. *Deosa caprichosa: a mulher, a moda e o discurso nacional em O Mentor das Brasileiras*. In: [www.uesc.br/seminariomulher/anais](http://www.uesc.br/seminariomulher/anais). Acesso em 15 de julho de 2009.

REZENDE e SILVA, Arthur Vieira de. *Genealogia mineira*. s/l. s/e, 1938.

RICOUEUR, Paul. *Temps et récit; Le temps raconté*. Paris: Editions de Seuil, 1985.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.

ROSENFELD, Anatol. *Estrutura e problemas da obra literária*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SACRAMENTO, Sandra. Mulheres emparedadas e seus espaços de memória. In: *Revista de estudos feministas*. Florianópolis: maio-ago 2006. p. 1-5.

SALLES, Cecília de Almeida. *Crítica genética: uma introdução*. São Paulo: Educ, 1994.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SAMUEL, Rogel (Org.). *Manual de teoria literária*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

SANCHÊZ, Alexandre. *Maria Dorothea: a musa revelada*. Edição do autor: 2006.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Delfina Benigna da Cunha. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

- SCHPUN, Mônica R. (Org.). *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOUSA, Eneida Maria de. *Pedro Nava, o risco da memória*. Juiz de Fora: FUNALFA, 2004.
- SOUSA SILVA, Joaquim Norberto de. *Brasileiras célebres*. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, 1997.
- SOUZA, Eneida e MIRANDA, Wander Mello (Org). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- SOUZA, Laura de Mello e (org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. v.1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica; crítica textual*. 2.ed. (ver. atual.). São Paulo: EDUSP, s/d.
- TÔRRES, João Camilo de Oliveira. *História de Minas Gerais*. 3.ed. Brasília: INL, 1980.
- VAINFAS, Ronaldo (Dir.). *Dicionário do Brasil imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946.
- VASCONCELLOS, Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- VASCONCELLOS, Eliane. Rita Joana de Sousa. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 45-19.
- \_\_\_\_\_. Ângela do Amaral Rangel. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.p.50-59.
- \_\_\_\_\_. Bárbara Heliodora. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.p.82-109.
- \_\_\_\_\_. Violante de Bivar e Velasco. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.p.194-207.
- VEIGA, José Pedro Xavier da. *Efemérides mineiras*. Belo Horizonte: Fundação João

Pinheiro, 1998. 4.v.

VELHO SOBRINHO, J. F. *Dicionário bio-bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministérios da Educação e Saúde, 1940, v.2, p. 195-69.

VERISSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901-1910. 6v.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Letras & Letras, 1998.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história*. 3.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

VIANA FILHO, Luiz. *A verdade na biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. *A voz embargada*. São Paulo: EDUSP, 1996.

XAVIER DA VEIGA, José Pedro. *Efemérides mineiras: 1664-1897*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos Culturais. Fundação João Pinheiro, 1998. 4.v.

ZILBERMAN, Regina & MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1998.

ZILBERMAN, Regina. Leitoras de carne e osso: a mulher e as condições de leitura no Brasil do século XIX. *In: Revista de estudos literários*. Belo Horizonte, v.1, n.1, p.31-47, out.1993.

## **MICROFORMAS**

### **JORNAIS** (todos em microfilme)

ABELHA DO ITACULUMY, 24/01/1825.

(Atualizado, no texto, para Abelha do Itacolomi)

A MARMOTA NA CORTE. Rio de Janeiro: Tip. de Paula Brito, set. 1849 - abr. 1852.  
(nº. 01 a 257).

MARMOTA FLUMINENSE; Jornal de Modas e Variedades. Rio de Janeiro: Tip. de Paula Brito, jul.1857- dez. 1861. (nº 861 a 1328).

A MARMOTA; Folha Popular. Rio de Janeiro: Tip. de Paula Brito, jan-abr. 1864. (nº 03 a 15).

O GUANABARA. Rio de Janeiro: Tip. Guanabarenses de L.A.F. De Menezes, (1850-1851; 1854-1855).

O MENTOR DAS BRASILEIRAS. São João del Rey: Tip. Astro de Minas, 1829-1832.

O UNIVERSAL, 18/01/1829; 07/07/1830;18/05/1832; 11/06/1836; 16/12/1836; 05/05/1837; 01/06/1838

## DOCUMENTOS

### Arquivo Público Mineiro - APM

Cartas de leis, decretos e provisões régias, 1828-1830. nº 400.

Leis e decretos, 1829-1833. nº.403.

Registro de cartas imperiais e provisões do governo, 1830-1831. nº 71.

Registro de patentes e provisões do governo, 1830-1831. nº 73.

Registro de patentes e provisões imperiais, 1830-1844. nº77.

Relatório do fiscal da câmara, em 01/07/1830.

Registro de provisões, patentes, cartas de exames, sesmarias e requerimentos, 1801-1830, nº 130. CMOP.130-1801-1830.

Registro geral: CMOP.131/1802-1819.

Receita e despesas: CMOP.132/1802-1819.

Atas de eleição paroquial da freguesia de N. Sra. Do Pilar de Ouro Preto, 1822: CMOP-175/1822.

Lançamento dos eleitores paroquiais das freguesias do distrito de Vila Rica e das atas de eleição dos deputados à Assembléia Constituinte do Brasil: CMOP. 175-A.

Eleição paroquial da freguesia de N.Sra. do Pilar, 1824/1836: CMOP.199.1824-1836.

Atas da eleição paroquial de Ouro Preto, 1829-1856. CMOP.239.1829/1856.

Receita e despesas da Câmara, 1829/1832. CMOP.228.1829/1832.

Registro de ofícios dirigidos à Câmara e respostas a ofícios. CMOP.229.1829/1833.

Receita e despesas da Câmara. CMOP. 314, 315, 316, 317, 318/1837.

Receita e despesas da Câmara. CMOP. 320,321,322,323,324/1838.

Microfilme 055-SC, nº 461 e 462. Sobre a visita de Roque Schuck à Vila Rica.

## **Arquivo da Casa dos Contos (Ouro Preto/MG) - ACC**

### Livros de Tombos

Rolo 20, vol. 298, 1812.

### Documentos referentes à Beatriz Brandão (em microfilme)

Certidão de batismo de Beatriz

Rolo 104-0495-104/0035-0323 (Matriz do Pilar).

Certidão de Casamento de Beatriz e Vicente

Rolo 105, vol. 508.

Protocolos das audiências de divórcio entre Beatriz e Vicente

Rolo 108, volume 1873, p. 06-07.

### Outros

Notícias locais de Vila Rica e Ouro Preto

1740 a 1847

Vol.: 2258-129/0531-0551

Entradas e profissões (Irmandade de N. Sra. Do Pilar)

1724 a 1852

Cód.: 0059-002/0404-0681

Batizados (Matriz do Pilar)

Cód.: 0494-028/0511-0980

### Divórcio

Rolos de 1839 a 1845

Vol. 1798: 051/0684-0736

Rolo 2154

Vol. 2961, rolo 219/0375-0380 (1944)

### Sevícias

Vol. 1918 (1836)

Rolos 057/1005-1032

057/0001-0019

Vol. 1919 (1838)

Rolo 057/0020-0033

Vol. 1920 (1842 a 1844)

Rolo 057/0034-0108

### Escritura

1732 a 1923

Vol. 2160; rolo 067/0743-0517

### Requerimento de agravo

Autor: Vicente Baptista R. de Alvarenga

Ano: 1821, cód. 277, Auto 5751.

### Embargo

Autor: Vicente Baptista Alvarenga

Réu: Francisco Sanches Brandão

Ano: 1820, cód. 281, auto 5899

### Libelo Cível

Autor: Francisco Sanches Brandão

Ano: 1787, cód. 177, auto 2423.

### Justificações

Justificante: Vicente Baptista de Alvarenga

Ano: 1830, cód. 458, auto 9693;

Ano: 1850, cód. 458, auto 9691.

## Execuções

Exeqüente: Vicente Baptista Alvarenga

Ano: 1819, cód. 413, auto 8168;

Exeqüente: Francisco Teobaldo S. Brandão

Ano: 1843, cód. 455, auto 9626;

Exeqüente: Francisco Teobaldo

Ano: 1819, cód. 378, auto 7703;

Ano: 1843, cód. 454, auto 9626

## **Arquivo da Casa Setecentista (Mariana/MG) - ACS**

### Testamentos - 1º Ofício

Francisco da Silva Brandão: Cód. 302, Auto 6167.

Ana Escolástica de Melo: Cód. 291, Auto 5591.

Embargo de inventário

Por Francisco Teobaldo Sanches Brandão

Cód. 284, Auto 5095.

Ana Escolástica de Mello (1858)

Cód. 291, auto 5591.

Francisco da Silva (1858)

Cód. 302, auto 6167.

### 2º Ofício

### Justificações

1) Euzébio Luiz Brandão

Cód. 148, Auto 3180.

2) Propriedade (1815)

Justificante: Vicente Batista Alvarenga

Cód. 165, auto 3925.

3) Felisberto da Silva Brandão (1820)

Cód. 166, auto 3954.

### Notificação

Ana Brandão

Cód. 176, Auto 4344.

### Livros de registro de patentes e provisões

1725-1755: I.2.1/774;

1740-1746: I.2.1/380;

1755-1772: I.2.1/557;

1783-1799: I.2.1/216.

### Termos de juramento e de posses

1773-1851: I.2.2/555

### Lista de alunos de instrução primária

I.5.1/184

### Registro de provisões e ofícios

I.10.4/705

## **Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência – Casa do Pilar - ACP**

### Inventários -1º Ofício

Ano 1806

Inventariado: Francisco Coelho da Silva Brandão

Inventariante: Bárbara de Vasconcelos Parada e Souza

Cód. 51, Auto 624.

Ano 1811

Inventariado: Francisco Sanches Brandão

Inventariante: Isabel Feliciano Narcisa de Seixas

Cód. 141, Auto 1780.

Ano 1811

Inventariado: Francisco Sanches Brandão

Cód. 142, Auto 1786.

Partilha do inventariado supra.

Ano 1829

Inventariado: Mariana Clara de Alvarenga

Inventariante: Vicente Batista Rodrigues

Código 97, Auto 1189.

Ano 1840

Inventariado: Antônio Eulálio da Rocha Brandão

Inventariante: Maria Carlota D'Ávila

Cód. 51, Auto 624.

Ano 1845

Inventariado: Jacinta Perpétua Brandão

Inventariante: Manoel Ferreira de Azevedo

Cód. 119, Auto 1508.

### Outros documentos

Problemas entre Beatriz e o irmão: Cód. 279, Auto 5850.

### **Arquivo da Câmara Municipal de Ouro Preto (Documentos em papel) -ACMOP**

#### Livros de tombos

1) Antônio Dias e Ouro Preto

Nº 719, pág. 05, ano 1872.

2)Vol. 0299

1830 a 1883.

### **Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) - BN**

#### **Seção de Obras Raras**

Ordens da regência para o juiz de paz de Santa Ana para prender o Cel,. Francisco Teobaldo Sanches Brandão. Catálogo do RJ III; Coleção original: Carvalho. Cód.II-35, 05, 019 (em microfilme).

Ofícios relativos à revolta ocorrida em Ouro Preto. Coleção Minas Gerais. Cód.: II, 36, 07, 054 (Ouro Preto/RJ, 03/04/1833-14/09/1833- 08 documentos, em papel).

Ordens do príncipe regente ao comandante José da Silva Brandão. Coleção Independência do Brasil, cód. II-31, 33, 021 nº 008 (Vila de Queluz, 04/1822/ em microfilme).

Termo de fundação do Instituto Histórico de Ouro Preto (em microfilme). Cód. I-48, 5, 7, 29/08/1931.

## Seção de Periódicos (Obras Gerais)

Todos os jornais listados anteriormente (em microfilme).

---

<sup>i</sup> Apesar da afirmação de Jairo, convém ressaltar que mesmo que muitos dos textos do periódico sejam de autoria feminina, não há provas de que o *Mentor* tenha sido escrito exclusivamente por mulheres, posto que se trate de um periódico plurivocal.